

HÉLIO AUGUSTO DE SOUZA ALVES

**Entre a insurreição e o poder:
a construção da imagem pública de Fidel Castro Ruz
(1952-1959)**

ASSIS

2021

HÉLIO AUGUSTO DE SOUZA ALVES

**Entre a insurreição e o poder:
a construção da imagem pública de Fidel Castro Ruz
(1952-1959)**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestre em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade).

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa

Bolsista: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, Processo nº 2018/14475-4).

ASSIS

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

A474e Alves, Hélio Augusto de Souza
Entre a insurreição e o poder: a construção da imagem
pública de Fidel Castro Ruz (1952-1959) / Hélio Augusto de
Souza Alves. Assis, 2021.
194 f. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa

1. Castro, Fidel, 1926-2016. 2. Cuba - História -
Revolução, 1952-1959. 3. Imprensa. 4. Fotografia.
5. Fotojornalismo. I. Título.

CDD 972.91064

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: Entre a insurreição e o poder: a construção da imagem pública de Fidel Castro Ruz (1952-1959)

AUTOR: HÉLIO AUGUSTO DE SOUZA ALVES

ORIENTADOR: CARLOS ALBERTO SAMPAIO BARBOSA

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em HISTÓRIA, área: História e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. CARLOS ALBERTO SAMPAIO BARBOSA (Participação Virtual)
Departamento de História / UNESP/FCL-Assis

Profa. Dra. MARIANA MARTINS VILLAÇA (Participação Virtual)
Departamento de História / UNIFESP/Guarulhos

Prof. Dr. JOSÉ LUIS BENDICHO BEIRED (Participação Virtual)
Departamento de História / UNESP/FCL-Assis

Assis, 26 de julho de 2021

AGRADECIMENTOS

Desenvolver e concluir uma pesquisa em meio a uma pandemia, em um país negacionista conduzido por um governo genocida é uma tarefa árdua. A falta de investimentos e os ataques brutais à ciência e à universidade pública brasileiras, somados ao cenário catastrófico que vive a política nacional, são nocivos à produção de conhecimento em um país que clama por educação e em que pesquisadores lutam para seguir com seus trabalhos.

Mais do que um ato de amor, produzir conhecimento no Brasil é, atualmente, um ato de resistência em defesa da ciência e contra o obscurantismo daqueles que apostam na ignorância como projeto de poder. No trajeto percorrido, por isso, muitas foram as pessoas fundamentais pelo apoio e suporte que me deram para chegar até aqui, às quais devo a minha total gratidão.

Primeiramente, agradeço ao meu orientador e grande amigo, Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa, o querido Beto, pela honestidade intelectual que o guia e por acreditar há vários anos nessa pesquisa e na minha capacidade de desenvolvê-la. Sua amizade tornou a investigação menos solitária e seu amplo conhecimento sobre a América Latina tornou esse trabalho possível. À Dayse, se estende minha sincera gratidão pelas palavras de incentivo.

Ao Prof. Dr. José Luís B. Beired e à Profa. Dra. Mariana Martins Villaça pelos comentários e observações que só fizeram enriquecer os resultados dessa pesquisa. Suas contribuições na Qualificação tiveram valor imenso para nortear os caminhos desse trabalho.

Aos meus amigos, Sergio H. Piccolo Bórnea, Heloísa C. Moreira, Carolina Carricondo Mota, Camila Sanches T. Vicente e Nayara Morais pelo carinho, pela amizade e por serem força em meio ao caos e luz em meio às trevas. Com vocês, conheci novas formas de luta e resistência.

Em Havana, agradeço ao Prof. Dr. Sergio Guerra Vilaboy pelo cuidado e atenção com que supervisionou minha pesquisa em Cuba. Igualmente, registro meu débito e agradecimento com o Prof. Dr. Mario Mencía (*in memoriam*), com a Prof. Dra. Grethel Morell Otero, com Ernesto Fernández Noguerras e com a família Barquet, nas pessoas de Jesús, María Elena e Alejandro. Ainda, agradeço a sempre atenciosa e amiga Dra. Alicia Roberta Alonso Becerra, deputada da Assembleia Nacional do Poder Popular e atual Vice-Ministra de Educação Superior, bem como às contribuições da companheira Prof. Dra. Niubis Lahéra.

Nos EUA, meu mais profundo agradecimento à Prof. Dra. Lillian Guerra pela amizade e pela forma admirável e generosa com que supervisionou minha pesquisa na *University of*

Flórida. Esse trabalho deve muito à sua contribuição. Minha gratidão por me abrir portas, me apresentar novas possibilidades e me reforçar a importância em ser um *peregrino de la verdad*.

Ainda nos EUA, agradeço especialmente à Lisa Krause, Lauren Krebs e Licínio Nunes de Miranda por me introduzirem na academia norte-americana com tanta disposição a ponto de me convencerem a caminhar, agora, nesse meio.

Aos meus amigos Juliano M. Lopes, Monique Mouchrek, Janine L. Lopes, Mirela Silva, Renato Carvalho, Nicholas de Mojana, Luma Neto, Bruna Albuquerque e Rodolfo Pelinson o meu muito obrigado pelos meses compartilhados na Flórida e por terem sido um pedaço do Brasil para mim. Me orgulho dos pesquisadores que são e da amizade que construímos.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, processo 2018/14475-4, agradeço o financiamento da pesquisa, no Brasil e no exterior.

Aos meus pais, Hélio Alves da Silva e Rute Batista de Souza Silva, tudo eu devo por me darem todo o suporte e base necessários para trilhar o caminho que escolhi, sempre me apoiando e me incentivando a ir além. Seu amor e devoção na capacidade de seus quatro filhos são, diariamente, o que me move e me estimula a dar novos e cada vez maiores passos. Com vocês minha dívida é eterna e meu amor é incalculável.

Aos meus irmãos, Camila, Marília e Matheus, minha gratidão por terem estado ao meu lado em todas as decisões que tomei até aqui e pela fé inquebrantável que sempre demonstraram em mim. Que sejamos sempre sinônimo de união, força e luta em torno dos ideais de justiça e igualdade que nos foram transmitidos pelos nossos pais.

À pequena Alice, minha sobrinha, a minha gratidão pela maneira como, através do seu jeito doce, ajudou a esvaziar de mim a tensão e as angústias da pesquisa. Que minha perseverança lhe sirva de inspiração para conquistar o mundo e que seu tão prematuro interesse pela política te mova a lutar como nós fomos ensinados e como, agora, também te ensinamos.

Finalmente, à historiadora, pesquisadora, amiga e mulher que me deu forças quando eu já não tinha, Thaynara Tanganelli de Oliveira, o meu muito obrigado por há uma década acompanhar de perto meus passos, entender a necessidade de tantas viagens e por ser a pessoa que me serve de exemplo no amor à pesquisa e na vida. Carrego a certeza de que cada linha escrita nessa dissertação é também resultado do amor imensurável que sinto e que me inspira, bem como da convicção de que, juntos, podemos ir ao infinito e além.

Soy América Latina, un pueblo sin piernas, pero que camina.

Calle 13

ALVES, Hélio Augusto de Souza. **Entre a insurreição e o poder: a construção da imagem pública de Fidel Castro Ruz (1952-1959)**. 2021. 194 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2021.

RESUMO

O presente trabalho visa discutir a construção da imagem pública de Fidel Castro entre 1952 e 1959, com ênfase no papel e na importância da imprensa no contexto da revolução cubana, demonstrando seus usos e manobras por parte do líder rebelde e futuro líder político do país. Nos debruçamos especialmente sobre órgãos como a revista *Bohemia* e o periódico *Revolución*, embora não deixemos de considerar outras fontes e materiais únicos que puderam ser obtidos através de pesquisas em arquivos e bibliotecas em Cuba e nos Estados Unidos e que sustentam nossa abordagem a respeito da significância que teve, para além da guerra de guerrilhas, também a guerra de informações. Nesse sentido, aproveitamos para debater também a relevância das imagens naquela época, sobretudo as fotográficas, bem como a carga informativa e a estratégia de seu uso em favor dos rebeldes, que a utilizaram para construir uma narrativa favorável à revolução e a Fidel Castro, conquistando a opinião pública e projetando a imagem do líder como herdeiro político do legado independentista e, ao mesmo tempo, como figura messiânica, num claro apelo à devoção popular. Sobremaneira, nosso trabalho demonstra, ainda, a pertinência em se debater os discursos e os embates políticos que encontraram lugar na imprensa, apresentando a linha tênue entre a luta armada e a disputa de narrativas no seio da Cuba revolucionária.

Palavras-chave: Fidel Castro. Revolução Cubana. Imprensa. Fotografia.

ALVES, Hélio Augusto de Souza. **Between insurrection and power: the construction of the public image of Fidel Castro Ruz (1952-1959)**. 2021. 194 p. Dissertation (Master's in History). São Paulo State University (UNESP). School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2021.

ABSTRACT

This work aims to discuss the construction of Fidel Castro's public image between 1952 and 1959, focusing on the role and the importance of the press in the Cuban revolution context, showing its use by the rebel and future political Cuban leader. We pay special attention to press organs like *Bohemia* magazine and the newspaper *Revolución*, however, we have also considered other rare sources and unique materials obtained through research developed into archives and libraries, in Cuba and the US, which supported our analysis regarding the importance of the information warfare, beyond the guerilla warfare. In this sense, we also take the opportunity to debate the relevance of the images at that time, mainly the photos, as well as its informative charge and the strategy in which it had been used in favor of the rebels to construct a narrative pro-revolution and pro-Fidel Castro, conquering the public opinion and constructing the leader's image as if he was the political successor of the independence's legacy and, at the same time, as a messianic figure, in an obvious appeal to people's devotion. In addition, this work shows the importance of clashes and debates that occurred in the press, highlighting the approach between the armed struggle and the narrative struggle on the axis of revolutionary Cuba.

Keywords: Fidel Castro. Cuban revolution. Press. Photograph.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Revista Bohemia. 11 de Julho de 1954	59
Imagem 2 - Revista Bohemia. 27 de Março de 1955	60
Imagem 3 - Revista Bohemia. 22 de Maio de 1955	64
Imagem 4 - Revista Bohemia. 22 de Maio de 1955.	65
Imagem 5 - Revista Bohemia. 10 de Julho de 1955	69
Imagem 6 - Revista Bohemia. 20 de Novembro de 1955.....	73
Imagem 7 - Revista Bohemia. 20 de Novembro de 1955.....	74
Imagem 8 - The Key West Citizen. 09 de Dezembro de 1955.....	76
Imagem 9 - Revista Bohemia. 08 de Janeiro de 1956	78
Imagem 10 - Revista Bohemia. 08 de Janeiro de 1956	79
Imagem 11 - Revista Bohemia. 01 de Abril de 1956	83
Imagem 12 - Revista Bohemia. 01 de Abril de 1956	84
Imagem 13 - Revista Bohemia. 15 de Julho de 1956.....	87
Imagem 14 - Revolución. Segunda quincena de junho, 1957	96
Imagem 15 - Revolución. 1957	97
Imagem 16 - The New York Times. 24 de Fevereiro de 1957	100
Imagem 17 - Diario de La Marina. 28 de Fevereiro de 1957	102
Imagem 18 - Bono del Civismo. Acción Cívica Cubana	107
Imagem 19 - Registros de contabilidade – Acción Cívica Cubana	108
Imagem 20 - Bono de cooperación.....	109
Imagem 21 - Revolución. Segunda quincena de junho, 1957	110
Imagem 22 - Revolución. Segunda quincena de junho, 1957	111
Imagem 23 - Boletín Quincenal del M-26/7. 20 de Maio de 1958.....	120
Imagem 24 - Boletín Quincenal del M-26/7. 20 de Maio de 1958.....	121
Imagem 25 - Layout. Revolución. n. 5, 1957	121
Imagem 26 - Layout. Revolución. n. 9, 1958.....	121
Imagem 27 - Layout. Revolución. n. 12, 1958.....	122
Imagem 28 - Layout. Revolución. n. 22, 1958.....	122
Imagem 29 - Revolución. 17 de Junho de 1958	124
Imagem 30 - Revolución. 26 de Julho de 1958	126
Imagem 31 - Atención para Periódicos y Revistas.....	130
Imagem 32 - Atención para Periódicos y Revistas.....	130
Imagem 33 - Atenciones Especiales para Redactores Políticos de Periódicos de la Capital. 131	
Imagem 34 - Revista Bohemia. 11 de Janeiro de 1959	137
Imagem 35 - Revolución. 08 de Janeiro de 1959	140
Imagem 36 - Revista Bohemia. 11 de Janeiro de 1959	142
Imagem 37 - Revolución. 03 de Fevereiro de 1959	144
Imagem 38 - Revolución. 03 de Março de 1959	145
Imagem 39 - Revolución. 03 de Março de 1959	147
Imagem 40 - Revista Bohemia. 15 de Fevereiro de 1959	149
Imagem 41 - Revista Bohemia. 15 de Fevereiro de 1959	151
Imagem 42 - Revista Bohemia. 15 de Fevereiro de 1959	151
Imagem 43 - Revista Bohemia. 11 de Janeiro de 1959	157

Imagem 44 - Revista Bohemia. 30 de Agosto de 1959	158
Imagem 45 - Revolución. 02 de Janeiro de 1959	164
Imagem 46 - Revolución. 02 de Janeiro de 1959.	164
Imagem 47 - Revolución. 05 de Janeiro de 1959	166
Imagem 48 - Revolución. 05 de Janeiro de 1959.	166
Imagem 49 - Revolución. 06 de Janeiro de 1959	167
Imagem 50 - Revolución. 06 de Janeiro de 1959.	167
Imagem 51 - Revolución. 17 de Abril de 1959	174
Imagem 52 - Revolución. 17 de Abril de 1959.	174
Imagem 53 - Revolución. 17 de Abril de 1959	176
Imagem 54 - Revolución. 18 de Abril de 1959	177

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 - CUBA: PALCO DE TIRANIA, CENÁRIO DE AGITAÇÕES.....	31
1.1. <i>Coup d'État</i> : o poder nas mãos de Batista	34
1.2. Digerindo e resistindo ao golpe: <i>el Moncada y para más allá</i>	39
1.3. Mídias e massas: uma trajetória de mordanças e superações	43
2 - A IMPRENSA COMO ESPAÇO DE LUTA: a guerra de informações no contexto da Revolução Cubana.....	51
2.1. Fidel Castro e a comunicação de massas em Cuba (1952-1955)	55
2.2. Guerra de informações e luta armada: de volta a Cuba, rumo ao poder	80
2.3. <i>Huye Batista</i> : luta e propaganda às vésperas do triunfo revolucionário	113
3 – HONOR Y GLORIA AL HEROE NACIONAL: a apoteose de Fidel Castro.....	133
3.1. Um jovem Deus em Havana: a imagem pública de Fidel Castro no imaginário social	137
3.2. Fotografia, imagem e poder: a construção de uma narrativa	154
3.3. Revolução e <i>Revolución</i> : um binômio de peso no biênio de ouro	163
CONCLUSÃO.....	183
FONTES.....	189
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	189

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a América Latina conheceu a emergência de governos e lideranças que, à esquerda do ponto de vista ideológico, protagonizaram um momento histórico de lutas e conquistas para as classes historicamente exploradas e menos favorecidas do continente.

Durante a última década, muitos países da região, inclusive o Brasil, foram marcados por governos que se destacaram no combate às desigualdades e na diminuição das injustiças sociais acentuadas pela exploração capitalista e intervenções militares patrocinadas, em grande medida, pelo governo norte-americano na segunda metade do século passado. As marcas da ditadura, somadas à efetiva pobreza, ao analfabetismo e ao abismo econômico que divide nossa sociedade encontraram, em diferentes países da América Latina, forças políticas dispostas a barrar o avanço do neoliberalismo e a desafiar a lógica até então vigente que nos impunha a condição de explorados e subservientes ante as potências econômicas e militares do Norte.

A ousadia de lideranças políticas em princípios do século XXI em adotar agendas progressistas na contramão dos interesses imperialistas, entretanto, não foi inédita. Os governos que no presente século se estabeleceram na região encontraram suporte e laços institucionais com Cuba, país que nos idos dos anos 1950 vivenciou a ação revolucionária de jovens insatisfeitos que, em plena Guerra Fria, desafiaram os interesses norte-americanos e triunfaram na empreitada de uma revolução que, a cerca de 150 km dos Estados Unidos, levava ao poder um governo empenhado em realizar profundas reformas políticas, econômicas e sociais e, portanto, notadamente contrário ao projeto de exploração imperialista e hegemonia capitalista que vigorava no continente.

Dos anos 1950 aos 2000, muitos anos se passaram. A América Latina já não é a mesma de meados do século XX nem, tampouco, a mesma do início do próprio século XXI: a geração que realizou a revolução em Cuba dá lugar a novas lideranças no país e os governantes latino-americanos que combateram as desigualdades – muitos dos quais aliando-se a Cuba – dão lugar a novas figuras numa onda conservadora que, com fôlego, volta a tomar conta de diversos países da região.

Cuba, com a revolução que triunfava e levava ao poder em 1959 a figura de Fidel Castro Ruz, passou por intensas transformações até o presente momento. Dissidências no regime, embargo econômico, invasão à Baía dos Porcos, tensões na Guerra Fria, período especial, afastamento de Fidel Castro do governo e tratativas diplomáticas do governo de Barack Obama

com o de Raul Castro são algumas das questões que poderíamos elencar para descrever as diferentes mudanças que a mais extensa ilha do Caribe pôde conhecer.

Ponto alto das mudanças que elencamos está, ainda, em dizer que a mesma maré que trouxe elementos conservadores de volta para os governos na América Latina e mudanças significativas na relação da ilha com o continente, pareceu impor a Cuba também uma indigesta realidade que, como um golpe, tomou de surpresa os mais fervorosos defensores da revolução na madrugada de 26 de novembro de 2016: a morte de Fidel Castro anunciada pelo seu irmão e, até então, presidente Raul Modesto Castro Ruz.

Por outro lado, para além das mudanças e transformações mencionadas, a preocupação, interesse e atenção à revolução cubana significam, passados mais de meio século, ainda uma realidade entre os intelectuais na academia e as pessoas no senso comum. Os olhares e as reflexões sobre a ilha de Cuba passam por conclusões que transitam entre os mais diferentes pontos do espectro político ideológico e, com tantas diferenças, recaem, quase sempre, para o bem ou para o mal, no debate sobre a figura de Fidel Castro, que parece ter se tornado a materialização em vida do conceito de revolução cubana e o mártir-redentor da narrativa de uma luta anti-imperialista na América Latina e no Caribe, sobretudo após sua morte.

Obviamente, considerada a complexidade natural dos processos históricos, nos obrigamos a observar que o tema, em verdade e em essência, se alija de abordagens maniqueístas, merecendo muito mais cuidado do que simplesmente categorizar Fidel e a revolução cubana entre o bem e o mal; entre o positivo e o negativo de forma tão absoluta. Tão em voga, a temática merece um cuidado e um tratamento capazes de ressaltar as nuances e particularidades do tema, de modo a evidenciar, por si só, a face labiríntica da história de Cuba, de sua revolução e de seu comandante em Chefe, em contraposição às visões simplistas e/ou generalizantes que frequentemente se estabelecem sobre o tema.

Sendo assim, o presente trabalho se situa num contexto cujo momento é o de intensos debates e incertezas políticas para o continente, bem como para Cuba. Por esse motivo, se faz urgente a produção de trabalhos no âmbito acadêmico que, por um lado atendam a demanda historiográfica a respeito das preocupações e indagações sobre a temática cubana e, por outro lado, o faça através de uma análise, segundo pretendemos, equidistante dos perigosos sentimentos que pode despertar a temática: a simpatia exacerbada ou a aversão desmedida.

Além disso, soma-se o fato de que tem sido bastante presente no meio acadêmico considerações sobre o impacto das mídias no fazer político do século XXI, seja dando suporte

a alguns líderes ou minando a projeção de outros, o que torna tais considerações relevantes ao nosso trabalho na medida em que pretendemos demonstrar que o protagonismo de Fidel Castro no imaginário social e político latino-americano se viabiliza, em enorme medida, através do papel desempenhado pela imprensa cubana no âmbito do processo revolucionário que se desenvolvia na ilha.

Ademais, o fato de a relativamente recente morte de Fidel Castro continuar a desafiar as mentes dos estudiosos, dentro e fora de Cuba, quanto aos caminhos que deverá assumir o país sem o líder da revolução, faz com que venham à tona, uma vez mais, questionamentos sobre as origens dessa narrativa em torno de Castro.

Vale lembrar, ainda, que parte dos desafios dos pesquisadores sobre Cuba e que justifica a retomada de um olhar atento à ilha passa pelo fato de que o país conta com uma nova Constituição, aprovada após a morte de Fidel Castro, bem como com o primeiro presidente, Miguel Díaz-Canel (eleito e confirmado no início de 2018), nascido após 1959 e sem o sobrenome e sangue do líder rebelde, levantando questionamentos sobre os possíveis caminhos da revolução a partir de agora, além de suscitar comparações e críticas sobre sua postura conservadora ante as demandas de uma população que urge por reformas econômicas aos moldes das que delineava o governo de Raul Castro e por maiores liberdades políticas, ao passo que o que se nota é um posicionamento ambíguo em relação a censura.

Queremos dizer, com o exposto, que os caminhos de Cuba sem Fidel Castro têm forçado os estudiosos da política latino-americana a debater o papel do líder rebelde e refletir sobre o significado e as origens de seu legado. Assim, tratar da temática política cubana, voltando nossa atenção para a figura de Fidel Castro e articulando-a com o uso político que fizera da imprensa nos anos 1950 significa estarmos inseridos nas demandas e discussões nacionais e internacionais sobre a relação imprensa-política, bem como soma nossa discussão a outras tantas que ressurgem a respeito dos estudos sobre Cuba e a figura e legado do falecido líder revolucionário daquele país. Portanto, apresentamos, justificamos e contextualizamos as razões de ser de nossa investigação.

O que aqui se pretende, nesse sentido, é finalmente nos debruçarmos sobre a relação de Fidel Castro com a imprensa cubana no período de 1952 a 1959, abarcando, portanto, tanto o período de luta insurrecional quanto o período inicial do governo revolucionário. Nosso interesse se encontra fundamentalmente em identificar, nessa relação, a construção da imagem

pública de Fidel de forma a torná-lo presente nos corações e mentes do povo cubano num projeto iniciado não a partir do triunfo revolucionário e da tomada do poder, mas muito antes.

Defendemos e trabalhamos em torno da hipótese de que na década de 1950 teria havido um amplo trabalho no sentido da construção da imagem pública de Fidel Castro consolidado por meio de diferentes órgãos de imprensa, haja vista a sempre tão demonstrada e amplamente registrada preocupação do líder rebelde com a opinião das massas mesmo antes de 1959. Nesse contexto, é parte de nossas preocupações olhar para a relação entre Fidel e a imprensa e debater até que ponto sua popularização foi uma consequência natural da propaganda e da defesa que fazia da revolução ou parte de um projeto político paralelo e consciente de construção de sua imagem através da imprensa.

Naturalmente, nossa pesquisa lança olhar também sobre os fatores de interesse de cada órgão nessa mediação de Castro. É dizer, precisamos estar atentos aos posicionamentos políticos e interesses comerciais de cada órgão que será tomado como fonte, afinal nada impede que tenha havido em torno dessa construção uma confluência de fatores e interesses que viabilizou a presença massiva de Fidel Castro em determinados órgãos e um discurso favorável à revolução e à sua figura em si.

Não por outro motivo, as análises que poderão ser observadas têm como eixo tanto a imprensa clandestina, representada majoritariamente por *Revolución* – órgão oficial do Movimento Revolucionário 26 de Julho (M-26/7) – quanto a imprensa legal, representada majoritariamente pela *Revista Bohemia*, órgão de informação de grande circulação em Cuba nos anos 1950. Isso, por outro lado, não exclui que façamos abordagens voltadas a outros veículos de informação que, entendemos, contribuíram incisivamente para com a popularização e construção da imagem do líder rebelde, como foi o caso do que se verificou nas páginas de *La Calle* ou de *El Mundo*.

Como toda pesquisa de fôlego, a que desenvolvemos, inicialmente, encontrou obstáculos para o acesso de uma parcela das fontes que aqui utilizamos, dificuldade tal que nos levou a incorporar ao nosso trabalho uma bibliografia rica em informações e detalhes sobre nossas fontes com reproduções totais ou parciais de matérias e materiais oriundos da imprensa da época. No entanto, tamanha a importância de alguns trabalhos que, mesmo após a obtenção e análise dos materiais originais, muitos deles mantiveram lugar de destaque e serão aqui utilizados para dar suporte a algumas das análises feitas.

Evidentemente, com a imersão em arquivos dentro e fora do Brasil – atividade cada vez mais difícil e custosa para os pesquisadores brasileiros dada a conjuntura política e sanitária em que vivemos –, o contato com os materiais originais pôde ser estabelecido e muitas demandas da pesquisa puderam ser supridas, contudo, além do já mencionado, a importância da bibliografia que tratava das fontes se manteve até mesmo por, em alguns casos, termos podido observar inconsistências entre o que se produziu sobre as fontes e o que elas, de fato, abrigam e apresentam – o que, futuramente, pode viabilizar um trabalho reflexivo sobre parte da historiografia da revolução cubana e o acesso a documentos originais sobre o tema.

Em continuidade, para o desenvolvimento de nosso trabalho, as análises de nossa pesquisa contam com raros impressos clandestinos de *Revolución*, obtidos e digitalizados pelo autor diretamente do acervo da Biblioteca Nacional de Cuba “José Martí” (BNCJM), bem como com todas as edições da revista *Bohemia* da década de 1950, incluídas as especiais, datadas de janeiro de 1959.¹

Além disso, esse trabalho se vale da generosa contribuição das edições de *Revolución* em sua fase legal (a partir de janeiro de 1959), disponíveis no acervo do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP) da Unesp de Assis, bem como de outros materiais que, ao longo das páginas, serão devidamente apresentados.

Por tratar-se de uma investigação que lança o olhar sobre questões políticas atreladas à imprensa, não podemos deixar de contar com considerações sobre o contexto político em que emergiu a figura de Fidel Castro, sobre as agitações sociais da ilha, sobre o histórico das mídias impressas em Cuba e sua profunda relação com os debates políticos de outrora, sobre a conquista dos imaginários sociais e da opinião pública. Portanto, os debates, reflexões e ponderações que aqui poderão ser observados fundamentam-se numa profunda análise desse emaranhado de questões interdependentes.

Ao tratarmos a questão política, essa investigação encontra respaldo bibliográfico em uma série de trabalhos tangentes e também específicos à temática cubana, elencados e discutidos adiante e também ao longo de suas páginas. Através deles, buscamos contextualizar

¹ As edições especiais de *Bohemia*, bem como as edições clandestinas de *Revolución* são parte dos resultados de pesquisa em Cuba, através de uma Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior concedida pela FAPESP em 2017 (processo 2016/25910-8) no âmbito de uma pesquisa de Iniciação Científica financiada também pela FAPESP no Brasil (processo 2016/07527-2). As demais edições de *Bohemia* utilizadas nessa investigação encontram-se na Latin American and Caribbean Collection da University of Florida e resultam de uma segunda Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior concedida pela FAPESP em 2019 (processo 2019/05154-2), no âmbito dessa pesquisa de mestrado financiada pela mesma Fundação (processo 2018/14475-4).

o leitor e dar vida aos alicerces que sustentarão nosso trabalho do ponto de vista das agitações, tensões e disputas políticas da ilha nos anos 1950.

De igual maneira, no que diz respeito a trajetória de Fidel Castro, contamos com um rico material bibliográfico, biográfico e autobiográfico que, com os devidos cuidados e ponderações, devem nos guiar para uma compreensão mais efetiva possível da personalidade, formação e figura de nosso personagem. Ainda que não seja a intenção de nossa investigação traçar um perfil do líder, é de suma importância considerar questões relativas a ele para compreender suas inclinações e atuações no plano político-revolucionário, respectivamente.

Quando a respeito da imprensa cubana que nos serve de fonte nos anos 1950, é preciso demarcar que, pela riqueza de imagens – oriundas de um intenso trabalho fotojornalístico desempenhado à época –, nossa bibliografia contempla trabalhos preocupados com a análise de imagens e seu impacto social.

Assim, a bibliografia fundamental de nossa pesquisa é composta por autores que dão ao presente texto as informações e a solidez necessárias para seu desenvolvimento, os quais, com suas respectivas obras, serão aqui apresentados.

É importante salientar, no entanto, que para além dos trabalhos que serão elencados adiante, outros autores e obras podem ser verificados ao longo de nossos capítulos com informações que julgamos relevantes, sendo, enfim, devidamente referenciados ao final. Assim, afirmamos que sua ausência no rol de nossa bibliografia fundamental não desqualifica ou diminui sua importância para a historiografia do tema.

Dessa maneira, reforçando nossa preocupação em manter a pesquisa em diálogo com as reflexões que mais recentemente tem sido produzidas acerca de Cuba e sua revolução, tomamos como referenciais iniciais autores como Sarah Beaulieu (2013), em *Política Cultural y Periodismo en Cuba: Trayectorias cruzadas de la prensa oficial y de los medios independientes (1956-2013)*; Patricia Calvo González (2014), com *La Sierra Maestra en las rotativas: El papel de la dimensión pública en la etapa insurreccional cubana (1953-1958)*; Barthon Favatto Suzano Jr. (2014), em *Entre o doce e o amargo: memórias de exilados cubanos – Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante*; e Aviva Chomsky (2015), em *História da Revolução Cubana*. Além desses, poderá ser observada a presença de outros trabalhos também publicados recentemente descritos e justificados nos parágrafos seguintes.

Com apoio em Sarah Beaulieu e Patricia Calvo González, nossos olhares sobre a construção da imagem pública de Fidel Castro através dos meios de comunicação se faz viável na medida em que ambas as pesquisadoras, através de suas respectivas teses de doutoramento, colocam em voga temáticas relacionadas à imprensa da Cuba de então. Nessa via, González dá especial atenção à imprensa clandestina e a formação, propriamente dita, de uma atividade propagandística em prol dos revolucionários da *Sierra*, ao passo que Beaulieu, com um recorte temporal mais abrangente que González, se dedica ao estudo da imprensa cubana desde aqueles tempos aos dias mais atuais, sendo contemplado em seu trabalho, inclusive, itens especiais para o debate da figura de Fidel Castro Ruz e a relação do líder para com a imprensa até o século XXI. Recentes, com abordagens e conceitos claros, bem como muito bem estruturados, os trabalhos de ambas as pesquisadoras se apresentam em diálogo com o restante da bibliografia e fornecem informações complementares às nossas atividades e interesses.

Não diferente do exposto, é o que verificamos também no livro de Favatto Jr., produzido a partir de sua investigação de mestrado acerca de dois importantes intelectuais cubanos – Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante – e que, pela sua própria razão de ser, abrange o período que nos interessa, tendo em vista os caminhos cruzados por esses intelectuais com os caminhos da revolução cubana, da imprensa à época e, sobretudo no caso de Franqui, com uma trajetória política e intelectual intrínseca à trajetória do Movimento Revolucionário 26 de Julho.

O trabalho de Aviva Chomsky, por sua vez, tem recebido nossa atenção por, além de um interessante debate a respeito de cultura e relações de poder, ter sido responsável por nos introduzir uma visão vinda de dentro da academia estadunidense, espaço pouco explorado pelos intelectuais brasileiros dadas as barreiras culturais que nos distanciam daquele meio. Nesse trabalho, Chomsky trata, de forma panorâmica, da temática da revolução cubana e lança à luz para os leitores referenciais teóricos norte-americanos sobre a História de Cuba, viabilizando uma aproximação com novas bibliografias.

Entre as obras consideradas já clássicas e/ou obrigatórias na área, não podemos deixar de contar com contribuições como a que vem de Tad Szulc (1987), em *Fidel: um retrato crítico*; Silvia César Miskulin (2003), em *Cultura Ilhada: Imprensa e Revolução Cubana*; Richard Gott (2006), em *Cuba: uma nova história*; e Ignacio Ramonet (2006), em *Fidel Castro: Biografia a dos voces*. Dois trabalhos expressivos são ainda o escrito por Mariana Martins Villaça (2010), *Cinema cubano: revolução e política cultural* e o escrito por Lillian Guerra (2012), *Visions of Power in Cuba: Revolution, Redemption, and Resistance (1959-1971)*.

Através dos trabalhos de autores como Tad Szulc e Ignacio Ramonet temos em mãos amplas possibilidades de pensar e repensar a figura do personagem e do assim chamado líder histórico da Revolução Cubana que foi Fidel Castro. Assim, seu trabalho tem merecido especial atenção por se destacar nas informações que tem sobre a atuação clandestina de Castro e por se mostrar, através de suas informações, em pleno diálogo com o restante da bibliografia, completando e complementando informações de relevância para nossos objetivos. É cabível ressaltar que, enquanto parte constante da bibliografia e pelo seu gênero biográfico, a obra de Szulc deve ser analisada, tal qual as demais biografias de Fidel a serem lidas, sob uma perspectiva cuidadosa, considerando as armadilhas a que as narrativas biográficas podem nos conduzir.

Enquanto o trabalho de Szulc se revela como um verdadeiro guia para a compreensão do Fidel homem, do Fidel revolucionário e do Fidel líder político através das observações e estudos do autor, o trabalho de Ramonet, que consiste numa entrevista com Castro, dá ênfase a versão de diversos fatos sob a perspectiva do próprio Fidel Castro vários anos depois, restando curioso e relevante ter em mãos tal material, ora por ser produzido a partir da memória, ora porque as narrativas dos personagens históricos sobre seus próprios feitos podem conduzir a descobertas – ou descaminhos, a depender do interesse da narrativa – de grande importância, cabendo ao historiador o papel de dimensioná-las e interpretá-las a bem da verdade.

Nos fazendo mergulhar nos meandros de um suplemento cultural do periódico *Revolución* criado já em 1959, Silvia Miskulin se destaca por fazer com que o leitor e, no caso, nossa pesquisa seja dotada da consciência de que Fidel Castro, líder mais que popular no ano de 1959, da mesma maneira que se valeu de *Revolución* para satisfazer uma série de objetivos no passado, se voltaria contra ele, através de *Lunes de Revolución*, olvidando a importância e o peso que tiveram seus dirigentes e idealizadores na popularização da revolução em curso na *Sierra Maestra* durante os anos de enfrentamento contra a ditadura de Batista. Deixa claro, portanto, não só a importância que teve a imprensa e a cultura após o triunfo da revolução, mas também o tratamento dado por Castro a um grupo que lhe estendeu a mão no passado.

Dentre as obras tidas por nós como clássicas, Richard Gott, é o único que apresenta uma análise ampla da História de Cuba, com um trabalho que remonta os anos de colonização e debate os dias mais atuais, se destacando pela sua abrangência no espaço tempo e demonstrando uma atenção fundamental ao período que antecede os anos 1950 – que nos serve de *background* para pensar o golpe de Estado de Fulgencio Batista em 1952.

Já Mariana Martins Villaça, através do que hoje é um dos mais expressivos trabalhos acerca do cinema cubano, é responsável por abrir caminhos para um olhar aprofundado sobre a política cultural em Cuba e os debates que, ainda que em torno do cinema, coincidem com aqueles que se delineavam a respeito da imprensa, atingindo a intelectualidade como um todo e significando o estabelecimento de novos rumos no âmbito da cultura revolucionária. Focado num período posterior ao de nosso recorte, o trabalho de Villaça fornece subsídios para que conheçamos e pensemos a respeito da importância da cultura e da influência dos intelectuais na política da ilha, bem como o posicionamento que assume o governo diante desse grupo nos anos 1960, grupo esse que, em grande medida, atuou de forma favorável aos projetos propagandísticos da revolução durante a década anterior.

Por fim, dentre as leituras mais obrigatórias e já consolidadas na área pela sua relevância, tem destaque o trabalho de Lillian Guerra publicado em 2012, a partir do qual a pesquisadora discorre, dentre muitos debates, a respeito da fé revolucionária e da consequente redenção que se produz em Cuba torno da figura de Fidel Castro, conduzindo a uma reflexão lúcida e clara sobre o conceito de *fidélismo* e seu papel dentro do Estado cubano. O trabalho de Guerra é ainda responsável por apresentar ao leitor a relação que, entre 1959 e 1960, núcleos do governo revolucionário passam a estabelecer para com publicações conservadoras e/ou batistianas do passado, numa clara demonstração de sua preocupação em retaliar e/ou silenciar vozes que se levantaram contra o processo revolucionário, no contexto do que a autora chama de *War of Words* no âmbito da revolução cubana.

Ademais, reconhecemos a necessidade e a importância em trazer para nossos debates trabalhos produzidos por autores de dentro da própria Cuba revolucionária – ou desde a dissidência –, reforçando nosso compromisso para com a pluralidade de ideias e à fim de estarmos inseridos não só nos debates e reflexões sobre Cuba realizados no exterior, como também naqueles realizados dentro do próprio país ou por cubanos no exterior (inclusive os exilados), dando lugar a múltiplas opiniões, dados, visões e abordagens em nossa pesquisa.

Dessa maneira, trabalhos como o de Mario Mencía Cobas (1982), em *Prisão Fecunda*; José Cantón Navarro (2003), em *Storia di Cuba: La Sfida tra il Giogo e la Stella*; Carlos Franqui (1981), em *Retrato de Família com Fidel*; Enrique Oltuski (2002), em *Vida Clandestina: My Life in the Cuban Revolution*; Ana Nuñez Machín (2006), em *Fidel Periodista*; e Katiuska Blanco Castiñeira (2011), em *Fidel Castro Ruz: Guerrillero del Tiempo - Conversaciones con el líder histórico de la Revolución Cubana* (tomo II).

Através do trabalho de Mencía, temos que sua contribuição mais elementar reside na própria razão de ser de seu trabalho, ou seja, no fato de nos permitir ter em mãos aspectos sobre os dias de cárcere de Fidel Castro, além de trechos de cartas, reportagens e documentos de época transcritos em suas formas integrais. Desse modo, o historiador cubano Mario Mencía, ex-integrante do Movimento 26 de Julho, acaba por nos brindar com a complementação das informações constantes em outros trabalhos importantes de nossa bibliografia, como de Katuska Blanco Castiñeira, a ser comentado adiante. Através de Mencía, enfim, nos é possível observar o movimento da imprensa no sentido de atuar a favor da figura de Fidel Castro e dos demais presos políticos nos anos 1950, bem como compreender aspectos sobre a conformação de sua consciência na importância da propaganda para os fins da revolução.

Ainda no rol de autores cubanos, José Cantón Navarro se destaca em nossa bibliografia por ser aqui o representante de uma linha que preza por dar atenção ao papel desempenhado pelo Partido Socialista Popular (PSP) – do qual fora membro – na história de seu país e no processo revolucionário em si. Ainda que com tom notadamente sectário sobre a importância do PSP para o triunfo da revolução, o trabalho de Navarro se une aos demais no sentido de nos permitir visualizar abordagens destoantes umas das outras, além de nos contribuir com ricas informações a respeito da imprensa cubana de então.

Por sua vez, o destacado intelectual e jornalista cubano Carlos Franqui é primordial através de seu já mencionado trabalho, uma vez que a partir de sua memória e experiência como membro ativo do M-26/7 consegue demonstrar as aproximações, tensões e contradições de sua relação com Fidel Castro ao longo dos anos, culminando com seu afastamento total do regime e opção pelo exílio. Franqui, um dos homens mais próximos de Fidel e admirador do líder revolucionário por um longo período, além de informações sobre a revolução cubana em si, é pontual no que fornece a respeito da produção cultural da Cuba pré e pós revolucionária, já que foi fundador e diretor de importantes órgãos de imprensa do M-26/7, tais como *Revolución* e *Radio Rebelde*.

Já Enrique Oltuski chama a nossa atenção em *Vida Clandestina* por, sendo um membro ativo da militância do M-26/7, escrever um livro de memórias tão abrangente e detalhista a respeito daqueles tempos. Sua preocupação em apresentar aos leitores sua trajetória dentro da revolução cubana de maneira contextualizada e articulada às experiências de outros companheiros resulta em um rico material para nossa pesquisa, uma vez que sua atuação dentro do movimento no setor de propaganda nos é de interesse, além, é claro, da importância de seu caminho ter se cruzado com o de figuras chave para a dimensão midiática da revolução cubana,

como Carlos Franqui, por exemplo. Através das memórias de Oltuski, nosso trabalho se encontra com informações que chegam a dar detalhes sobre a logística para a produção de impressos clandestinos do M-26/7, arrecadação de fundos e distribuição do material.

Produzido em Cuba e com um forte apelo *fidelista* em sua abordagem, o trabalho de Ana Nuñez Machín tem seu lugar pela importância da pesquisa que fez a autora em torno das intervenções de Fidel Castro na imprensa cubana durante os anos 1950. *Fidel Periodista* contém um importante mapeamento de reportagens de Fidel Castro na mídia imprensa cubana e internacional, incluídas entrevistas radiais, além de reproduções integrais de muitos de seus artigos em diferentes órgãos, como *Alerta*, *Bohemia* e *La Calle*, por exemplo. Seu trabalho, nos momentos em que o acesso aos originais foi impossível, supriu importantes demandas de nossa investigação, além de ter sido útil no sentido de guiar o caminho percorrido na busca dos materiais originais em arquivos e bibliotecas estrangeiras.

Finalizamos a respeito das produções de cubanos tratando do trabalho de Katiuska Blanco Castiñeira. Nessa obra de dois tomos, da qual nos interessa o segundo, temos em mãos não só uma entrevista, mas também um guia que nos é fornecido por Fidel Castro através de sua longa conversa com a autora, a partir do qual podemos conhecer de maneira detalhada algumas de suas aparições na imprensa, sobretudo em *Bohemia* e *La Calle*, bem como interessa o fato de o líder tratar de elementos fundamentais da construção de sua imagem pública, debatendo sua popularidade, o papel da imprensa na revolução cubana e sua visão sobre alguns importantes acontecimentos de então. Isso nos tem permitido, num debate historiográfico, confrontar e fazer com que dialoguem a versão de Fidel Castro contida no trabalho de Katiuska Blanco e outras produções que nos servem de base para a investigação.

Ainda que parte dos trabalhos anteriormente elencados tenham sido também publicados no hemisfério norte ou se popularizado nessa região das américas, julgamos importante destacar em seção específica parte daquilo que se obteve como resultado de um Estágio de Pesquisa na *University of Florida*, aspecto que nos permitiu olhar para a historiografia da revolução cubana em perspectiva ampliada. Em contato com uma vasta bibliografia que, em geral, tarda chegar à academia no cone-sul, ampliamos nosso rol de referenciais teóricos e abrimos espaço para incluir na presente investigação debates, visões e abordagens sobre Cuba tomadas desde uma perspectiva norte-americana, dada a importância das relações e tensões entre Washington e Havana e seu impacto no meio intelectual.

Embora inicialmente o expoente da abordagem intelectual norte-americana sobre nosso tema residisse nos trabalhos de Aviva Chomsky, *História da Revolução Cubana* e no já clássico *Visions of Power in Cuba*, de Lillian Guerra, a julgar pela relevância e diálogo com a presente pesquisa, somamos ao nosso rol o trabalho mais recente de Lillian Guerra (2018), intitulado *Heroes, Martyrs, and Political Messiahs in Revolutionary Cuba, 1946-1958*, bem como o importante e recente livro de Anna Clayfield (2019), *The Guerrilla Legacy of the Cuban Revolution*. Chamam a atenção, ainda, os trabalhos dos ex-embaixadores americanos em Cuba, Earl E. T. Smith (1962) e Philip W. Bonsal (1971), que publicaram, respectivamente, *The Fourth Floor: An Account of the Castro Communist Revolution* e *Cuba, Castro and the United States*, onde nos viabilizam uma compreensão da visão oficial de Washington acerca dos fatos. Grande contribuição trouxe, enfim, também o novo e exitoso trabalho de Abel Sierra Madero, *Fidel Castro: El Comandante Playboy* (2019).

Dentre os mencionados, merece destaque o livro de Guerra, publicado em 2018, onde a autora nos permite conhecer, para além das questões políticas e conjunturais dos anos 1940 e 1950 em Cuba – que são deveras importantes – o fértil terreno do ativismo e do engajamento popular que contribuíram para o fortalecimento da luta contra Batista, nos interessando, especialmente, as mobilizações populares a favor dos rebeldes e a conformação de um grupo clandestino que, a medida em que se ampliava, contribuía também para o crescimento e difusão de uma narrativa messiânica de Fidel Castro na *Sierra Maestra*. Outro aspecto relevante está no fato de Lillian Guerra ser uma das autoras mais lúcidas quanto ao posicionamento do PSP diante da revolução cubana e do governo Batista; mas o ponto de maior impacto de seu trabalho em nossa pesquisa está no Epílogo de sua obra, onde nos deparamos com o engajamento de jornalistas em prol da promoção da figura de Fidel Castro e com sua popularidade já nos primeiros dias de 1959, ainda que seu rosto não fosse ainda tão popular quanto suas ideias.

A respeito da mobilização das massas e da retórica triunfalista da revolução cubana encabeçada por Fidel Castro, o novo trabalho de Anna Clayfield é contumaz no sentido de apresentar, dentre outras coisas, os artifícios do governo revolucionário e, sobretudo, do próprio líder dos rebeldes em transmitir mensagens capazes de valorizar o papel do povo na revolução cubana, fazendo a população sentir-se não apenas parte, mas condutora daquele processo, ainda que a frente dele estivesse o próprio Fidel Castro. A ideia, para Clayfield (2019, p. 38), era reforçar ao povo que, além de líderes da revolução cubana, eram também responsáveis pela defesa de sua nação em observância ao legado guerrilheiro da *Sierra*, o que os diferenciava dos soldados regulares treinados para a proteção do Estado. Ademais, destaca-se o fato de a autora,

em diálogo com o restante de nossa bibliografia, observar a importância dada por Fidel Castro ao discurso cristão e a imposição da vontade revolucionária em analogia ao conceito de fé cristã, o que produz um efeito expressivo na opinião pública.

Metodologicamente, parte significativa de nosso trabalho sustenta-se na análise de imagens haja vista o fato já comentado da abundância de imagens nas fontes que utilizamos. Paralelamente, nos utilizaremos de trabalhos que norteiam a análise dos imaginários sociais, da imprensa e da opinião pública que compõe já o rol de leituras tidas como obrigatórias para nossa pesquisa.

Por essa razão, se faz indispensável a presença de autores como Boris Kossov (2001), em *Fotografía e História*, trabalho que nos dá a base necessária para o procedimento metodológico de análises iconográfica e iconológica fundamentais para nossa investigação. Ainda nessa via, Lorenzo Vilches (1997) tem papel relevante por ser em *La lectura de la imagen* que nosso trabalho encontrará, além de valioso suporte metodológico para a leitura de imagens em geral, uma sustentação primordial voltada especificamente para a chamada “imagem informativa”, encontrada na fotografia de imprensa.

Ainda a partir da obra de Vilches, nossa pesquisa se desenvolverá valendo-se de recursos metodológicos apresentados pelo autor no que diz respeito à leitura de imagens paralela à leitura de textos nos veículos de informação. Esse aspecto encontra importância justamente pelo fato de, embora serem nossas fontes dotadas de grande quantidade de imagens, não deixam de possuir, pela sua razão de ser, textos escritos que, ao lado das fotografias, transmitem também mensagens para o público-alvo e, sendo assim, nos interessam.

Para além da questão imagética e focando nos meandros da imprensa cubana, se mostrará indiscutível a contribuição de Juan Marrero (1999), com *Dos siglos de periodismo en Cuba*, e de María del Pilar Díaz Castañón (2010), com *Prensa y Revolución Cubana: la magia del cambio* nos dando a segurança e as informações necessárias para um olhar em sentido às trajetórias dos mais importantes órgãos de imprensa do país e contextualiza-los dentro de nosso recorte.

Em meio a tantos trabalhos, merece destaque ainda o de Bronislaw Baczko (2005), *Los imaginarios sociales: memorias y esperanzas colectivas*. A leitura de Baczko, sempre perspicaz em suas análises, como observará o leitor, permite a essa pesquisa não só debater a construção da imagem pública de Fidel Castro e a conseqüente conquista dos imaginários sociais, como também permite que observemos e tracemos paralelos a respeito de outros personagens

históricos que, igual a Castro em nossa hipótese, se valeram da conquista dos imaginários para lograr êxito em seus objetivos políticos, fossem eles quais fossem.

Ante o exposto a respeito da bibliografia e considerando nossa determinação em fazer o trabalho inteligível de maneira linear em relação aos fatos, importa comentar que ele encontra-se dividido de modo a propiciar ao leitor um embasamento completo para a compreensão das reflexões que aqui se desenvolvem.

Dessa maneira, destacamos que o primeiro capítulo é introdutório às nossas reflexões e está estruturado em torno de três tópicos. Após uma apresentação do panorama geral da ilha nos tempos que antecederam a revolução e uma contextualização que viabiliza o entendimento do surgimento de figuras-chave para o momento sobre o qual nos debruçamos, ganha vida o primeiro de nossos tópicos que versa especificamente sobre a realidade dos anos 1950, apresentando o cenário e as razões que dão forma à luta de Fidel Castro. Com uma explanação focada no golpe de Estado de Batista, o leitor poderá se deparar com uma visão sucinta, mas detalhada, sobre o 10 de março de 1952 e seus desdobramentos iniciais.

Finalmente, o segundo tópico desse primeiro capítulo se apresenta com vistas a demonstrar a resistência que se produz em Cuba a partir do golpe de Estado de Fulgencio Batista em 1952 de forma ampla, considerando a movimentação estudantil e popular contra o golpe, bem como a tentativa de assalto ao Quartel Moncada no ano seguinte, onde damos enfoque à prisão dos combatentes e aos caminhos que se abrem para a guerra de informações que se produziu paulatinamente entre o governo e a oposição na ilha.

Ainda, atentos à necessidade de fornecer um histórico da importância da imprensa em Cuba, o capítulo inicial conta com um terceiro ponto de abordagem que versa sobre os antecedentes e os caminhos percorridos pelas mídias impressas na ilha, numa busca por demonstrar que os usos e abusos feitos por Castro no século XX não foram inéditos, mas que tanto a presença ativa das mídias impressas no país quanto o seu uso do ponto de vista político remontam o passado colonial.

O segundo capítulo, quiçá o mais importante e eixo basilar de nosso trabalho, conta com um profundo debate sobre a guerra de informações que se produziu na ilha, demonstrando a consciência de Fidel Castro na importância do uso dos meios de comunicação e da mobilização das massas para atingir os objetivos políticos que possuía sua pretensa revolução.

Desse modo, nos debruçamos primeiramente nos órgãos de informação que dão sustentação a esse embate de ideias entre forças governistas e o grupo rebelde de Castro, apresentando as primeiras e mais importantes análises dos usos que fez o líder rebelde da imprensa em Cuba entre 1952 e 1955, debatendo a intrínseca relação entre Fidel Castro e a imprensa no período compreendido entre o golpe de Estado de Batista e o primeiro ano de exílio de Castro no México com viagem aos Estados Unidos.²

Posteriormente, nesse mesmo capítulo, o leitor poderá se deparar com uma explanação quanto aos usos da imprensa e suas dificuldades no período que se estende de 1956, com os preparativos para o regresso de Fidel do exílio, até dezembro de 1958, abarcando sua publicação desde a prisão no México e com especial atenção às atividades de propaganda na imprensa clandestina a partir do retorno dos rebeldes à ilha. Esse período marca tanto as tensões do preparativo para o retorno a Cuba quanto as tensões da luta armada em si, cuja ocorrência não tirou do foco de Castro a importância da propaganda, que contou com a criação do periódico *Revolución* e a intensa atuação do Movimento Revolucionário 26 de Julho na imprensa internacional a partir de 1957.

Finalmente, um terceiro e último capítulo dará atenção especial ao ano de 1959, o primeiro dos revolucionários no poder. Nesse momento, apresentaremos algumas reflexões a respeito dos caminhos que tomam a propaganda e a questão da imagem de Fidel Castro a partir do triunfo da revolução cubana, dedicados em especial ao debate de *Revolución*, agora na legalidade, e também, agora em menor medida, da revista *Bohemia*. Nesse capítulo, haverá uma especial atenção às projeções icônicas e messiânicas da figura de Fidel Castro em Cuba por meio de reportagens e fotografias, demonstrando uma nova e fundamental fase de sua propaganda vinculada à revolução.

Cabe mencionar que análises de cunho imagético serão intensamente abordadas nos capítulos do presente trabalho, haja vista o fato de serem nossas fontes, bem como praticamente todos os órgãos de imprensa de então, abundantes em imagens e, mais do que isso, detentores de ricas e significativas fotografias de Fidel Castro e da revolução cubana que, por certo, ao público leitor chegava com forte impacto e ares quase que míticos.

² Justificamos essa periodização em virtude de nossas análises nos conduzirem para o entendimento de que entre a prisão e o primeiro ano de exílio houve um esforço no sentido de estabelecer um contato com os meios de comunicação e através deles projetar-se às massas dentro e fora de Cuba – incluindo países como México e Estados Unidos –, sendo a opinião pública fundamental para dar sustentação à revolução na fase seguinte das ações contra o governo, qual seja, a luta armada. Assim, manter-se em evidência era fundamental às pretensões político-revolucionárias de Fidel Castro.

Por fim, a leitura tem seu desfecho com nossas considerações finais a respeito do conjunto de análises apresentadas, momento em que serão feitas as últimas reflexões sobre o tema, a fonte e as relações entre Castro e a imprensa cubana além, naturalmente, de ser retomada a nossa hipótese de pesquisa a fim de demonstrar sua comprovação à luz da investigação desenvolvida.

Considerada a temática de nossa investigação, bem como os caminhos e reflexões aos quais ela nos conduzirá, é determinante que nos dediquemos a expor, definir e articular importantes conceitos que, em caráter introdutório, servirão de sustentação para considerações e análises que faremos.

Assim sendo, temos em destaque o *fidelismo*, termo amplamente utilizado em nosso campo de estudos e que se refere à fé inquebrantável em torno da figura de Fidel Castro como líder e condutor das reformas mais elementares que a revolução poderia produzir. Segundo Tad Szulc (1987, p. 398), a expressão teria aparecido pela primeira vez no ano de 1956 numa das páginas da revista *Bohemia* para referir-se a grandeza e magnitude que assumia a figura de Fidel Castro em Cuba, classificando-o como um fenômeno que, ao agigantar-se, assombrava os demais líderes opositoristas. Em verdade, essa afirmação foi feita em tom deveras crítico no contexto daquela reportagem³, mas com o triunfo da revolução e a unidade popular que se estabeleceu em torno da figura de Fidel Castro o termo faria ainda mais sentido, convertendo-se, de forma mais ampla, àquilo que Lillian Guerra muito acertadamente definiu como uma religião cultural que se constituiu em Cuba tendo Castro como figura redentora e elemento central de uma unidade popular, intensificada, em parte, através do uso da narrativa e da visão cristã tão exploradas pelo líder:

Nonetheless, from 1959 to early 1961, Fidel's reliance on Christian discourse and the promotion of fidelismo as a new cultural religion led the majority of Cubans, including much if not most of the middle class, to endorse ever more radical policies in order to protect national sovereignty and create a unique, morally driven state. Participations in theaters of confrontation with the United States served to build a consensus of unconditional support of Fidel Castro's rule [...] (GUERRA, 2012, p. 17).

Assim, através de Lillian Guerra e de nossos estudos, conforme apresentaremos em detalhes, podemos observar e chegar a duas grandes conclusões: primeiramente, as bases do *fidelismo* se projetam ainda no decorrer do processo revolucionário com a conquista da opinião

³ Numa pesquisa feita diretamente em *Bohemia*, identificamos a publicação a que refere-se Szulc. Trata-se de um artigo de Enrique Barroso Dorta, de 18 de março de 1956, página 53, em que o autor defende a resistência à ditadura de Batista enquanto, ao mesmo tempo, critica a possibilidade de que, ao resistir à Batista, Cuba recaia no que ele chamou de *fidelismo*.

pública através dos usos que faz Castro da imprensa, bem como através do discurso cristão que se confunde, em clara intencionalidade, com a moral e predestinação revolucionárias; em segundo lugar, a partir do derrocamento de Batista e da tomada do poder, a promoção do *fidelismo* intensifica-se, vez que já não há mais as antigas barreiras impostas pela censura ou quaisquer ações por parte do Estado no sentido de desconstruir a imagem do líder.

Pelo contrário, para além da imprensa, o Estado, a partir de 1959, se torna uma estrutura através da qual o *fidelismo* se projeta e se difunde cada vez mais, sendo o promotor de eventos públicos com aparições de Fidel Castro e investidor direto de um órgão abertamente favorável ao líder e responsável pela promoção massiva de sua imagem: *Revolución*.⁴ Com isso, Fidel Castro pôde ser capaz de garantir para si e em torno de si um apoio das massas e uma sustentação popular que lhe legitimaram o poder a partir de 1959, mas que começaram a delinear-se anos antes. Além disso, mais do que legitimar o poder de Fidel Castro, o sentimento *fidelista* que tomava parte da população, quase como uma crença religiosa na figura de Fidel Castro, lhe chancelava também praticamente toda e qualquer medida, conforme já mencionado por Lillian Guerra, de tal modo que, aos poucos e aos olhos do povo, o governo em Cuba convertia-se, cada vez mais, a imagem e a sombra da figura de Castro enquanto o voluntarismo de seu povo lhe dava suporte e sustentação.

Dessa leitura que temos feito dos fatos, surge a importância em posicionar o *fidelismo* como fator fundamental para o tão difundido conceito de *castrismo*.⁵ Assim sendo, temos sido conduzidos à compreensão de que, mesmo sendo o *castrismo* um conceito com múltiplas definições a depender dos autores, a maioria delas converge no fato de que transitam sempre no entorno da questão da estrutura de poder personalista na Cuba pós-revolucionária e das formas de manutenção desse poder por parte de Fidel Castro para a “consagração de sua liderança incontestada” (AZEVEDO, 2014, p. 7). Consequentemente, vemos com clareza que esse nada mais é do que um cenário que somente se torna possível graças a popularização de Fidel Castro e a aceitação de sua figura e liderança como mártir e redentor de um povo que, a partir desse sentimento de fé em Fidel Castro, transformaria uma religião cultural numa ideologia de

⁴ Barthon Favatto Jr. defende que, apesar da discordância de Fidel Castro com o projeto jornalístico de Carlos Franqui após o triunfo revolucionário, o governo garantiu generosos investimentos a *Revolución*, órgão oficial do Movimento Revolucionário 26 de Julho.

Para maiores informações, ver: FAVATTO JÚNIOR Barthon. Entre o doce e o amargo: memórias de exilados cubanos – Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante. São Paulo: Alameda, 2014, p. 112.

⁵ Ainda que nossa investigação não se situe em torno de tal conceito, dada a sua importância e recorrência na bibliografia, é indispensável que apresentemos reflexões que fomos levados a fazer e relações que fomos capazes de estabelecer entre ele e o *fidelismo*.

Estado (CHOMSKY, 2015, p. 162; GUERRA, 2012, p. 74). Assim, temos, de um lado, o *fidelismo* como religião cultural e ideologia de Estado e, do outro, uma estrutura de poder edificada e sustentada com base no *fidelismo*, a que chamamos de *castrismo*.

Nosso trabalho se propõe a demonstrar, em uma de suas frentes, justamente como se produz o cenário favorável ao surgimento desse sentimento de redenção e de fé na figura de Fidel Castro entre o povo cubano durante o processo revolucionário e como seu deu a intensificação disso a partir da tomada do poder através da imprensa e, por conseguinte, da opinião pública. Afinal, não se pode crer que de forma simplesmente meteórica Fidel Castro, a partir de 1959, chegou ao poder e projetou-se a ponto de, em tão pouco tempo, alcançar tamanha expressão nacional e internacional, logrando obter o apoio praticamente incondicional de uma grande parcela de cubanos que endossavam suas medidas radicais e, mais tarde, sua manutenção no poder. Pelo contrário, numa análise do processo histórico da revolução cubana, atendo-nos a elementos constitutivos de uma liderança carismática, podemos visualizar de forma bastante clara que houve uma condução consciente dos acontecimentos nesse sentido e que a imprensa, sobretudo através das imagens, teve papel um central.

Capítulo 1 - CUBA: PALCO DE TIRANIA, CENÁRIO DE AGITAÇÕES

Acometida por problemas desde os tempos de sua colonização pela Espanha, vivenciando crises pelo abandono quase total por parte de sua metrópole – causado, via de regra, pela decadência econômica e política metropolitanas – e com crescentes movimentos insurrecionais pela independência, em 1898 Cuba conquista seu objetivo de independência em relação a Espanha a partir da intervenção norte-americana e com inspiração nas já difundidas ideias de José Martí.

Nesse contexto de apoio norte-americano, visando nada menos do que o controle da região estratégica na qual a ilha caribenha se encontra e almejando concretizar seus esforços imperialistas, utiliza-se como argumento a chamada Doutrina Monroe – que desde a primeira metade do século XIX anunciava os interesses da potência do norte de “policiar” a América contra as colonizações europeias e, agora, era utilizada como pretexto para formalizar e justificar a necessidade da intervenção estadunidense no conflito, forçando sua presença de forma constante nos negócios da ilha. Desse modo, os Estados Unidos estavam a supostamente “proteger” Cuba dos interesses colonialistas na medida em que convertia a nação agora independente, pouco a pouco, em protetorado norte-americano ou, como amplamente defendido por Emir Sader (1985), uma neocolônia com direitos firmados pela Emenda Platt – condição essa aceita sem muita resistência pela sacarocracia cubana⁶, em grande parte, graças ao conhecido *Tratado de Reciprocidad Comercial*, assinado em 1903 (MÁO JUNIOR, 2007, p. 148).

Não por outra razão, Aviva Chomsky defende que:

O resultado das guerras pela independência de Cuba, entre 1868 e 1898, consolidou o que o presidente norte-americano McKinley chamou de “laços de singular intimidade” entre Cuba e Estados Unidos [...] Quando as forças americanas se retiraram em 1902, deixaram no lugar a Emenda Platt, que praticamente transformava a ilha num protetorado dos Estados Unidos (CHOMSKY, 2015, p. 27).

É assim, então, que desde o início do politicamente tortuoso século XX a ilha caribenha passa a ter relações estreitas com os norte-americanos que já exerciam enorme influência no continente e se preparavam para ser potência mundial. E embora Martí não tenha vivenciado a experiência de independência cubana – dada a sua morte antes que isso pudesse ocorrer – sua preocupação de que, com os Estados Unidos, as expectativas de liberdade e soberania de Cuba

⁶ O termo refere-se ao setor da elite agrária do país ligado à produção de açúcar.

se veriam frustradas foi também tomada por líderes revolucionários do século XX (AYERBE, 2004, p. 25).

Para se ter ideia da relação de subserviência que se estabelecia entre Cuba e EUA, dados dão conta de que, em 1905, 60% dos terrenos rurais de Cuba eram propriedade de empresas e/ou de cidadãos norte-americanos, além do fato de esses terem o controle de 90% do comércio de tabaco da ilha (CHOMSKY, 2015, p. 31).

Fato indiscutível é que os significados e desdobramentos desses acontecimentos neocolonialistas só seriam maior e melhor elucidados cerca de meio século depois, quando as fraudes, a corrupção e a perseguição política resultariam na, até então, mais efetiva tentativa insurrecional posta em prática frente à ingerência e às intervenções norte-americanas em 1953 e que serviria de embrião para a consolidação de um movimento que triunfaria em 01 de janeiro de 1959 levando ao poder Fidel Castro Ruz.

Os caminhos que levaram a isso serão, a seguir, elucidados. Contudo, é fundamental tomar como contexto o que até aqui apresentamos, compreendendo que a partir da presença norte-americana nos assuntos políticos da ilha o país supostamente independente viveria décadas pressionado pelos interesses do norte e seu povo subjugado por uma cada vez mais alarmante situação de desigualdade.

Mas nos interessa, entretanto, a história que começa a se delinear a partir dos anos 1930, com os reflexos da crise de 1929 na economia do país e o aparecimento de um dos indivíduos mais importantes da política nacional cubana, determinante para a história que dá vida à presente dissertação e sentido à luta de Fidel Castro Ruz: o então sargento Fulgencio Batista y Zaldivar.

Em 1933, a insatisfação popular com o governo de Gerardo Machado pela repressão violenta e corrupção, somada aos reflexos da crise de 1929 que atingia o país, criou cenário para o aparecimento de protestos e grupos armados que forçariam a queda do presidente. Nesse cenário é que a grande massa de cubanos viria a tomar conhecimento da existência de figuras que passariam, além de Batista, a compor os noticiários políticos do país a partir de então, como Ramón Grau San Martín e Eduardo Chibás.

Para se ter ideia do abalo que sofria Cuba à época, provocado pela crise que quebrou a bolsa de Nova Iorque, registrou-se que:

A Depressão golpeou Cuba com a força de um furacão caribenho. Um só indicador econômico já nos dá medida de como o desastre abalou Cuba. O valor da produção de açúcar da ilha caiu de US\$ 200 milhões em 1929 para pouco mais de US\$ 40 milhões em 1932 (GOTT, 2006, p. 157).

Com a queda de Machado, o governo que assumiria o poder temporariamente seria o de Carlos Manuel de Céspedes y Quesada em agosto de 1933, com forte inclinação pró-Estados Unidos e cuja duração, sobretudo pelo aspecto do alinhamento que possuía, foi curta. Seu fim ocorreu em princípios de setembro seguinte, precisamente no dia 04, partindo de uma movimentação organizada por um pequeno grupo de sargentos, cabos e soldados liderados por Fulgencio Batista. O objetivo da ação não era, naquele momento, assumir o poder – que foi, inclusive, entregue posteriormente a Ramón Grau San Martín – mas, sim, garantir que não ocorresse um contragolpe capitaneado pelos oficiais de Machado, já que Céspedes, enquanto presidente, sequer tinha alterado as estruturas do exército machadista (GOTT, 2006, p. 160-161).

Agora em evidência, o nome de Batista ganharia um capítulo a mais na história de Cuba com sua promoção de sargento para coronel concedida por Grau, pulando vários postos da hierarquia militar. Num dos mais altos postos de comando da estrutura do exército cubano, Batista passara a transitar pelos corredores e bastidores políticos do país com fluidez, chamando atenção também dos americanos que nele passavam a ver, agora, a possibilidade de abreviar o governo Grau – que possuía um forte discurso nacionalista e desagradava Washington. Ponto alto da tensão entre EUA e Cuba estava na recusa de Grau, sob influência de Antonio Guiteras⁷, em pagar dívidas de empréstimos aos Estados Unidos contraídas por Machado, além das nacionalizações de dois engenhos da *Cuban American Sugar Corporation* (GOTT, 2006, p. 164; MÁO JÚNIOR, 2007, p. 193-194).

E fora justamente a partir desse contexto que, percebendo as contradições entre a esquerda representada por Guiteras – o então Ministro de Grau – e uma direita representada por Fulgencio Batista, chefe do exército, os americanos investiram pesado na cooptação do coronel para fazer valer novamente os interesses econômicos estadunidenses na ilha, em via oposta ao “esquerdismo” representado por Antonio Guiteras. Tamanha era a tensão que, segundo José Rodrigues Máo Jr., tornou-se comum a frase “a Marinha é de Guiteras”, cujo intuito era

⁷ Antonio Guiteras foi Ministro de Interior do governo de Ramón Grau San Martín e representava os setores mais à esquerda do plano político cubano da época, com uma história ligada às lutas clandestinas contra Machado, um convicto da luta armada contra a ditadura.

Ver: GOTT, Richard. Cuba: Uma Nova História. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 154-157.

claramente o de contrapor o fato de que o exército estava, por outro lado, nas mãos de Batista (MÁO JÚNIOR, 2007, p. 196).

A luta entre Antonio Guiteras e Fulgencio Batista tornou-se cada vez mais acirrada no interior do governo Grau. No início de janeiro de 1934, Guiteras, ante a possibilidade da queda do Governo, praticamente obrigou Grau San Martín a assinar o decreto em que Batista era destituído do comando do exército e substituído por Pablo Rodríguez. Nessa reunião, Guiteras comunicou sua intenção de fuzilar o coronel Batista. Porém, àquela altura dos acontecimentos, a decisão de destituir Batista revelou-se tardia [...] Em 14 de janeiro, Batista fechou um acordo com Carlos Mendieta no sentido de derrubar o governo Grau. No dia seguinte, 15 de janeiro, liderou um golpe militar, forçando a renúncia de Ramón Grau San Martín (MÁO JÚNIOR, 2007, p. 198).

Não por outra razão é correto considerar que durante os anos 1930 Batista manejou silenciosamente a política nacional cubana, tendo nela se introduzido a partir da onda anti-machadista e chegou ao poder a partir de conchavos e conspirações, afinal é sabido que embora o coronel Mendieta fosse o presidente no cargo, outro coronel – Batista – é quem efetivamente governava. Aviva Chomsky, por esse motivo, considera que fosse direta ou indiretamente, Fulgencio Batista continuaria no controle da ilha até 1959, sendo o período entre 1934 e 1940 o que alguns historiadores consideram como “batistiano sem Batista”⁸ (AYERBE, 2004, p. 27; CHOMSKY, 2015, p. 38).

1.1. *Coup d’État*: o poder nas mãos de Batista

O ano é 1952. Carlos Prío Socarrás, ex-primeiro-ministro (1945-1947) e presidente eleito da República de Cuba (1948-1952), enfrenta sérios problemas em seu governo com a corrupção galopante e a violência exacerbada. Cuba passava pelo seu governo mais antidemocrático da História republicana. Sobre isso, Julia Sweig pontua:

In 1948 elections, the Auténtico candidate, Carlos Prío, won the presidency over Chibás, initiating a period considered among the most polarized, corrupt, violent, and undemocratic in Cuba’s brief, post-Platt amendment, republican history (SWEIG, 2002, p. 5).

O país se organizava para eleições na metade daquele ano. Eduardo Chibás, do *Partido Ortodoxo* – talvez o candidato favorito e com maior credibilidade – havia cometido suicídio em uma de suas transmissões no rádio criticando o governo Prío (*Partido Auténtico*). Restavam Carlos Hevia, candidato dos autênticos; Roberto Agramonte que como substituto de Chibás

⁸ Em 1940, Batista assume, de fato, a presidência do país, governando até 1944.

parecia herdar seus votos; além da conhecida figura do general Fulgencio Batista, candidato pelo *Partido de Acción Unitária*, popular pelos feitos do passado quando articulou a queda de Machado, embora agora não tivesse chances efetivas de vitória – situava-se, ao que indicam os números, por volta do 3º lugar.⁹

Para ridicularizar Batista e o *slogan* de sua campanha àquela época, que levava uma foto sua ao lado da frase *Él es El Hombre*, dados de Lillian Guerra revelam, ironicamente, que:

[...] citizens joked about PAU, Batista's party abbreviation, pronounced *pow* in Spanish: What did the letters P A U really stand for when it came to Batista's method of winning votes? asked the joke. "Por Asalto Unicamente" (By Assault Only), answered the punch line (GUERRA, 2018, p. 77).

Curiosamente ou não, o método adotado por Batista não haveria de ser outro. Diante da situação de incerteza nos ares cubanos às vésperas das eleições, somada à instabilidade política do governo de Prío Socarrás, urge no espectro nacional a possibilidade de um golpe de Estado que se delineava em um setor das fileiras do exército. O nome de Batista, membro do oficialato e bastante conhecido entre as massas, se projeta como alternativa entre os golpistas em seu desejo de abreviar o governo vigente e suprimir as eleições marcadas para aquele ano.

Marifeli Pérez-Stable (1998, p. 97) é precisa ao definir esse setor do exército que se ocupava da conspiração: tratava-se de uma ideia surgida entre a oficialidade mais jovem do exército cubano, que via com bons olhos os feitos do general quando este ocupara a presidência no início dos anos 1940.

É nesse contexto que, segundo Hugh Thomas, três pessoas diferentes teriam visitado Batista em março de 1952 sugerindo sobre a possibilidade de Prío perpetrar um golpe de Estado, haja vista que o presidente, supostamente, não aceitaria uma eventual derrota de seu partido nas urnas (THOMAS, 1974, p. 1006). Improvável. Entretanto, fato é que esse clima de imprevisibilidade sobre o resultado do pleito eleitoral, aliado ao sentimento de repulsa da população com a situação de corrupção e *gangsterismo* que assolavam o governo de Prío, criaria as condições ideais que justificaria, para os golpistas, o levante militar que traria de volta ao poder Fulgencio Batista.

⁹ De acordo com Katuska Blanco Castiñeira (2011, p. 51) a imprensa cubana publicou em dezembro de 1951 uma pesquisa na qual Roberto Agramonte, substituto de Chibás, contava com 29,20% das intenções de voto, sendo seguido por Carlos Hevia com 17,53%. Em terceiro lugar, Fulgencio Batista contava com 14,21% das intenções. No entanto, há de se considerar que na região oriental da ilha (reduto político de Batista) a situação era distinta, já que mostravam um cenário que lhe era mais favorável: Agramonte aparecia com 25,75% das intenções, seguido de Batista com 23,14% e, em último lugar, Carlos Hevia detinha 18,95% das intenções.

Ademais, há de se considerar um importante temor político que se projetava entre os já citados militares batistianos:

En 1952 había una fuerte posibilidad de que los oficiales batistianos del pasado fueran permanentemente excluidos del reparto de los despojos del cargo, bien por una victoria de los auténticos o por un triunfo de los ortodoxos (THOMAS, 1974, p. 1009).

Havia, assim, entre os militares uma profunda tendência a crer que Batista seria capaz de assegurar a estabilidade política do país, controlar as reações públicas e, evidentemente, viabilizar a ascensão de alguns jovens oficiais para o alto escalão governamental. Batista no poder representaria, assim, o atendimento dos anseios de setores médios da sociedade cubana, contudo suas diminutas chances de êxito lançavam à mão dos militares a possibilidade do golpe.

Muitas são as versões que dão conta desse episódio, porém, para Richard Gott apesar de inicialmente hesitar diante da possibilidade de golpear o poder instituído de Prío, Batista tem em conta que a ação dos oficiais não se trata de uma possibilidade, mas de um fato prestes a ocorrer com ou sem o seu apoio e, nesse caso, sua decisão foi pelo golpe militar (GOTT, 2006, p. 169). Versão distinta, mas não desconexa, encontra lugar nas páginas de Lillian Guerra. Para a especialista, a história de que teria sido convidado no último momento e de que o golpe seria inevitável é parte de uma versão do próprio ditador e segue:

As the son of Batista's chauffeur and bodyguard to Batista's second wife Marta Fernández, Alfredo Sadulé reflects that the inevitability of a coup meshed well with the notion that Batista didn't choose power but was chosen for it by circumstance. This is only added to Batista's self-inscribed mystique as a humble man who always put Cuba first. Sadulé summarized the prevailing official view: “[...] The 10th of March would have happened with or without Batista... So true was this that he didn't choose the date, it was chosen by them [the military officers] (GUERRA, 2018, p. 78).

O objetivo, segundo os conspiradores, não era, todavia, tomar de assalto o poder e dele apropriar-se contra a democracia. Mas, pelo contrário, evitar – nas palavras de Batista – o estabelecimento de uma “ditadura selvagem” no plano nacional (supostamente orquestrada pelo então presidente Prío) e garantir, no plano institucional, a manutenção do *status quo* da casta militar da qual faziam parte os partidários de Fulgencio (THOMAS, 1974, p. 1009).

10 de março de 1952. Com apenas dez dias do início do mês, o governo Prío, que já não se sustentava pelo apoio popular, ruiu de vez. Batista dera o golpe nas primeiras horas daquele domingo, 10, rendendo os oficiais superiores do Camp Columbia – quartel militar mais importante de Havana. A sátira com a sigla do partido de Fulgencio Batista tornava-se uma concreta realidade.

Ainda que autores consagrados como Richard Gott tenham já apontado que o golpe foi recebido com passividade e praticamente sem resistência pelo povo, dados apontam para a via contrária, a começar pelo próprio meio militar, em que pôde-se verificar uma relutância ao que acontecia naquela manhã de março. Muitas são as razões que podem justificar esse tipo de conclusão e elas são verdadeiras. Dentre elas há o fato realmente impressionante de ter Fulgencio Batista e seus 16 homens conseguido agir sem disparar sequer um tiro; há também a frustração pública e notória da população da ilha com a situação deixada por Prío ou, ainda, podemos lembrar da forma esperançosa como foi recebido o novo governo pela casta burguesa da ilha (GUERRA, 2018, p. 80; THOMAS, 1974, p. 1025).

Contudo é impossível – e aqui é importante marcarmos nosso posicionamento – afirmar ter havido uma passividade generalizada e uma recepção apática daqueles acontecimentos sem observar com atenção como passaram a se articular setores específicos da sociedade para reagir, já nos primeiros momentos, ao novo governo de Cuba.

[...] **Batista's entrance was far from pacific.** As he and his companions announced their arrival, fifty conspirators blocked access to the base with tanks and another group of young officers imprisoned army chiefs in their homes. In all, the insurrectionaries arrested one thousand officers at Camp Columbia alone, most of whom were subsequently dismissed for refusing to join the coup (GUERRA, 2018, p. 80, grifos nossos).

Para muito além de uma resistência – ao que parece bastante tímida – dos militares (esses, claro, pela própria hierarquia e condições da época eram os que talvez institucionalmente corressem maior risco ao resistir e conspirar), estudantes e trabalhadores viriam, em reação ao golpe, optar pela possibilidade de entregar suas vidas em defesa da Constituição e da ordem democrática. Nesse rol, o golpe de Batista marcava, naquele momento, também a emergência da figura do jovem advogado, filiado ao Partido Ortodoxo e candidato à Assembleia Nacional naquelas eleições, Fidel Castro Ruz – que naturalmente questionaria a ação de Fulgencio Batista na mesma medida em que combateria ferozmente o golpe, fosse pela via legal, através da justiça cubana; fosse pela via revolucionária, através das diferentes frentes de luta que aqui serão debatidas.

É inconteste que ambas as alternativas compuseram o repertório combativo de Castro, ainda que a História já tenha deixado registrado em suas páginas que somente a revolução teria permitido ao então jovem advogado Fidel impor um fim ao governo de Fulgencio Batista iniciado naquele 10 de março de 1952 e iniciar sua trajetória política dentro da estrutura de poder em 1959 – afastando-se apenas em 2006.

Porém, até a tomada do poder, segue uma série de ações e acontecimentos imprescindíveis para determinar os resultados obtidos em janeiro de 1959. As ações contrárias ao golpe de Estado perpetrado por Batista, ao menos entre os universitários e o movimento sindical, encontraram solo fértil na sociedade cubana. Já em 1952 tem-se registro de conspirações contra a ditadura que se instalava naquele mesmo ano.

Se, na concepção de alguns autores, pela camada popular o golpe foi recebido com certa indiferença a considerar a frustração com o antigo governo ou, ainda, a esperança de alguns grupos para com Batista, é inegável que setores políticos do país começavam a articular sua oposição à inconstitucionalidade das ações de Batista e expressavam seu mais efusivo rechaço contra a ditadura.

Em 23 de março, ortodoxos buscaram, em vão, uma solução através da OEA e da ONU (THOMAS, 1974, p. 1024). No dia 24, Fidel Castro ingressava no Tribunal de Apelações de Havana com um recurso de inconstitucionalidade, denunciando o governo de Batista e suas ações, ressaltando a necessidade de sua prisão e de seus colaboradores (CASTIÑEIRA, 2011, p. 73; PÉREZ-STABLE, 1998, p. 98).

A respeito dos crimes nos quais incorria Batista, foram eles: mudança violenta na forma de governo estabelecida; golpe armado contra os poderes constitucionais do Estado; impedimento do exercício das funções do Congresso Nacional, do presidente da República e do Supremo Tribunal de Justiça; impedimento das eleições gerais (marcadas para aquele ano); emissão de decretos revogando leis vigentes; tomada ilegal do comando de tropas e postos militares, bem como a usurpação de função atribuída pela Constituição e outros poderes do Estado. Para todos os crimes, calculava Fidel, a soma da pena ultrapassaria os 100 anos de prisão (SADER, 1985, p. 18).

Enquanto isso, já no dia 27 Batista recebia o reconhecimento oficial do governo norte-americano, enquanto a burguesia dava seu apoio ao novo presidente. Era bastante claro: o ânimo diante das promessas de Batista atendia aos interesses de uma burguesia que encontrava conforto no discurso de Fulgencio em torno do fortalecimento econômico de Cuba mediante investimentos estrangeiros. Não poderia haver cenário melhor para os ditos “homens de negócios”:

Batista estaba lleno de promesas: iba a respetar los acuerdos internacionales, garantizar la seguridad de todas las vidas y propiedades; cumplir los contratos de obras públicas (el nuevo presidente de la comisión de desarrollo, el director azucarero Amadeo López Castro, dijo que todos los proyectos ya iniciados se

terminarían en seis meses). Se fortalecería la economía mediante inversiones extranjeras (...) La burguesía convencional dio su apoyo al nuevo régimen con bastante rapidez (THOMAS, 1974, p. 1025).

Cuba conhecia naquele mês de março de 1952 as agitações que marcariam a década e que começavam a delinear o desfecho revolucionário de janeiro de 1959. A cada ação do novo governo, tornava-se inevitável alguma espécie de radicalização dos setores estudantis, obreiros e intelectuais contra Fulgencio Batista. O embate pelas vias legais já havia se mostrado uma carta fora do baralho desde que Fidel Castro fora ignorado em sua apelação “improcedente” e as comemorações de 1º de maio foram duramente reprimidas. As caras do novo regime começavam a ser mostradas e sua forma assumia claros traços de ditadura, reforçados ano após ano.

1.2. Digerindo e resistindo ao golpe: *el Moncada y para más allá*

Numerosos são os estudos que se ocupam de debruçar-se em torno das conspirações e conformação de um cenário propício às ações revolucionárias capitaneadas por Fidel Castro nos anos seguintes ao golpe de Estado de Fulgencio Batista. Esses trabalhos, muitos dos quais valiosos para o nosso campo de estudo, dão conta de fazer análises bem definidas e bastante completas quanto ao contexto que teria permitido – e, como não, talvez até mesmo exigido pelas demandas do momento – a ação armada de jovens cubanos em 26 de Julho de 1953 no famoso Assalto ao Quartel Moncada.

Assim, em diálogo com essa tradição, nos voltamos aqui a um tipo de debate que abarca e, por conseguinte, transcende esse olhar e interpretação. É dizer, pretendemos nesse instante dar conta de olhar para as reações ao golpe e encontrar nas conspirações elementos ligados a Fidel Castro e seu grupo e, sobretudo, para além dele; ainda que sem desconsiderá-lo. Nosso objetivo, com isso, é tratar de apresentar uma visão o mais panorâmica possível do que era o espectro sócio-político cubano, apesar dos elementos de passividade e euforia de alguns setores diante do golpe de Estado de Fulgencio Batista para, enfim, encontrar e compreender o real papel ocupado por Castro e seus correligionários no contexto do processo revolucionário cubano.

Para a historiadora Aviva Chomsky, o fato de Batista ter deixado o cargo em 1944 após perder nas urnas para os Autênticos e o novo governo ter se mostrado o bastião de uma realidade corrupta e ainda mais desigual para os cubanos, tornou relativamente natural a apatia com a qual, segundo ela, o povo recebeu de volta Fulgencio no poder em 1952, ainda que por meio de

um golpe. Sobre o governo Prío e o golpe de Batista a autora – em diálogo com o que nos trouxe já Julia Sweig – coloca:

“Desvio, suborno, corrupção e malfeitorias do serviço público permeavam todos os setores do governo nacional, provinciano e municipal. A confiança pública se transformou numa caixa registradora privada”, conclui Pérez. Quando Batista liderou um segundo golpe em 1952, houve pouca oposição organizada (CHOMSKY, 2015, p. 39).

No entanto, apesar de aparentemente diminuta, a oposição que se organizou foi decisiva e incisiva em suas ações. Para além da tímida resistência no meio militar já observada por Guerra, a oposição mais feroz e ativa foi majoritariamente verificada no setor estudantil.

A oposição que se delineava contava já imediatamente após o golpe com figuras fundamentais para a constituição de frentes contra o governo, como as lideranças da *Federación Estudiantil Universitaria* (FEU), em Havana, que em resposta ao golpe militar e rompendo com o silêncio dos rádios e da televisão – esses já sob o controle batistiano – organizavam encontros e discursos na famosa *escalinata* da Universidade de Havana para denunciar Batista. José Antonio Echeverría, presidente da FEU, e outros jovens ofereciam suas vidas em defesa da república naquele mesmo 10 de março em frente ao Palácio Presidencial contra o governo de Batista (GUERRA, 2018, p. 80).

O papel que desempenhou o núcleo estudantil da Universidade de Havana foi, de longe, primordial para engrossar o movimento de oposição à ditadura. Naquele meio, detentor de certa liberdade se comparado aos demais espaços da esfera pública cubana de então, surgiram e conspiraram muitos nomes e lideranças que, no futuro, seriam conhecidos de ponta a ponta na ilha:

La Universidad de la Habana gozaba de cierta autonomía y se convirtió en un espacio de la oposición a la dictadura. Allí íbamos los nuevos conspiradores, desde los que aprendían a manejar armas adiestrados por el estudiante Pedro Miret, al grupo de Fidel Castro y otros, mientras la Federación Estudiantil Universitaria preparaba manifestaciones que bajaban de la escalinata y eran disueltas a palos y tiros por la policía (FRANQUI, 2006, p. 158).

É no universo estudantil, portanto, que podemos entender ter sido gestado parte fundamental do que conheceríamos mais tarde como alguns dos principais grupos e lideranças que, em oposição a uma ditadura que viria a cair somente em 1959, viriam a atuar contra o regime dentro e fora de Cuba com ações que transitavam entre a sabotagem, as greves, atentados, propaganda e a tão amplamente conhecida luta armada.

Apenas com o que colocamos até o presente momento seria já possível defender e demonstrar o inegável fato de que a reação mais imediata ao golpe de Estado de Fulgencio Batista não foi, de maneira alguma, o fatídico assalto ao Moncada orquestrado por Fidel Castro e seu grupo, bem como Castro e seus correligionários não foram, sequer, os primeiros e únicos protagonistas de uma resistência inicial à ditadura.

Registros vários e o próprio relato de Fidel Castro dão conta de reconhecer o plano de uma ação armada orquestrada por Rafael García Bárcena, líder fundador do *Movimiento Nacional Revolucionario* (MNR), contra a ditadura de Batista antes de julho de 1953.

Professor universitário, Rafael García Bárcena encontrava impulso e inspiração para seu movimento através da ação do *Movimiento Nacionalista Revolucionario* (MNR) boliviano que em abril de 1952 organizou uma revolução naquele país, derrocando o governo da Junta Militar e levando ao poder Víctor Paz Estenssoro. A própria sigla era a mesma para o movimento cubano.

García Bárcena, que ministrava aulas também em uma escola militar, planejava assaltar o Camp Columbia, em Havana, e vinha já articulando sua ação com alguns militares contrários a Batista e alguns estudantes (CASTIÑEIRA, 2011, p. 134).

Logo, em 11 de abril de 1953 – em pleno domingo de Páscoa – o acadêmico liderou pessoalmente a ação armada no Camp Columbia o que, além de ter falhado miseravelmente, segundo Lillian Guerra (2018, p. 108), lhe rendeu seis meses na “notoriamente insalubre prisão *La Cabaña*”.

Descoberto e preso junto a outros grupos no entorno do quartel *habanero*, o desastre, para Fidel Castro, se deveu ao fato de o acadêmico ter falado sobre sua pretendida ação com umas trinta organizações anti-batistianas e, em poucos dias, toda a cidade, inclusive o governo, já saber de seus planos (RAMONET, 2006, p. 118). Castro, mais tarde, comentou sobre o tema ao referir-se a García Bárcena:

[...] habló con cuantos grupos y jefes había en La Habana, y a pocos días todo el mundo hablaba de la conspiración de García Bárcena. La Habana entera sabía que organizaba un movimiento para tomar Columbia en contacto con no sé quién más. Ventilado públicamente, no tendría otro destino que el seguro fracaso, y nos rehusamos a participar en algo así (CASTIÑEIRA, 2011, p. 135).

Na via oposta dessa exposição a que se prestava o professor Rafael García Bárcena situava-se Fidel Castro com sua cautela em formar e liderar um grupo que de Havana partiria

para iniciar uma pretendida revolução no extremo oposto do país, em Santiago de Cuba, aos moldes do que preconizara no século anterior o apóstolo da independência cubana, José Martí.

Para Lillian Guerra, na realidade, a prisão de Bárcena jogou importante papel no recrutamento e formação dos seguidores que Castro levaria para o frustrado assalto em 26 de Julho de 1953:

[...] the fact that Rafael García Bárcena had been arrested three months before Fidel began his recruitment drive aided his efforts to create the commando team: survivors members of the MNR quickly joined Fidel (GUERRA, 2018, p. 123).

Na capital, o jovem Fidel Castro recrutaria os 159 homens e mulheres que, junto a ele, partiriam para a empreitada mais arriscada de suas vidas até aquele momento sem saber, naturalmente, o desfecho trágico e ao mesmo tempo catalisador de uma série de novas ações que nos anos seguintes dariam fim ao governo Batista (FUENTES, 2004, p. 463; GUERRA, 2018, p. 123).

Testemunha dos resultados daquele trágico 26 de julho, Carlos Franqui escreve em suas páginas que:

Sorprendido como todos con el ataque, [Mario] Ferrer y yo, como periodistas, entramos al Moncada y fotografamos los cadáveres tirados por el pavimento del cuartel de muchísimos jóvenes, algunos de los cuales conocía de las luchas en la Universidad de La Habana. Era un horror. En otra parte del cuartel estaban los féretros de una veintena de soldados muertos, cuyas madres, esposas e hijos gritaban y lloraban. Era una carnicería horrorosa [...] El asesinato y tortura de los prisioneros fueron horribles, a Haydee Santamaría, una de las dos mujeres participantes en el ataque, le trajeron en una bandeja los ojos de su hermano Abel, segundo de Fidel en el ataque, y los testículos de su novio, Boris Santa Coloma (FRANQUI, 2006, p. 159).

Se por um lado, contudo, a ação de 26 de julho de 1953 em si resultou em um fracasso – tendo em vista as mortes em combate, os assassinatos, torturas e prisões que dela derivaram – seus reflexos não desse modo devem ser encarados, afinal foi a partir desse momento que puderam ser verificadas as condições para a formação de uma resistência sólida a nível nacional que, indignada com as ações do governo contra os rebeldes, uniria forças em torno de uma campanha pela anistia dos presos políticos em paralelo às demandas e pautas de cada um dos diversos grupos que compunham a oposição ao governo. Logo, o termo “fracasso” para a ação de 26 de julho merece ressalvas e observações.

Setores estudantis, da imprensa, do campesinato e da classe trabalhadora se levantariam, a uma só voz, pela anistia dos presos políticos que, à época, encontravam-se

reclusos na prisão Modelo da Ilha de Pinos, atual Ilha da Juventude. O nome central, em meio a toda essa polêmica e sobre o qual falava-se de uma ponta a outra da ilha, convenientemente, era o de Fidel Castro Ruz – agora conhecido nacionalmente e mais popular a cada ação da ditadura contra seu direito de expressar-se. E, assim, sempre que cerceado e imposto a condições de incomunicabilidade, sua voz se fazia ouvida pelas vozes de seus simpatizantes ao povo que compreendia, cada vez mais, as razões de sua ação armada e o caráter político de seu encarceramento. Batista alimentava com a prisão dos *moncadistas* um monstro que o devoraria mais tarde: a opinião pública, organizada muito antes da guerra de guerrilhas, passava a desferir ataques contundentes contra o ditador.

Naturalmente, os órgãos de imprensa em Cuba, historicamente presentes e utilizados por um lado ou por outro nos momentos mais decisivos na história da nação, desempenhariam nesse momento tenso e incerto, mais uma vez, o seu papel. Mais do que informar, a imprensa era manobrada e utilizada, de um lado a outro do espectro político, para atingir os fins políticos dos projetos de nação que representavam governistas ou rebeldes. E Fidel Castro, evidentemente, não ficou de fora dessas manobras, bem como soube operá-las em grande medida desde a prisão.

A guerra de informações se instalava em Cuba de forma efetiva e decisiva para o futuro da nação. Castro, que tinha já uma certa trajetória *periodística* (vinha publicando artigos de cunho político na imprensa desde o início de 1952, conforme vamos comentar), não perderia essa oportunidade que, segundo temos entendido, significa uma arma poderosa no jogo político.

1.3. Mídias e massas: uma trajetória de mordanças e superações

A homogeneização das mentalidades em torno da constituição de uma cultura midiática não tem outra finalidade maior do que a criação de uma pretensa cultura nacional. Entendemos, então, ser indispensável considerar aspectos relativos à constituição da mídia nacional cubana para nos viabilizar uma compreensão das origens de tão sólida e presente cultura midiática na sociedade cubana dos anos 1950.

Debruçados em uma temática que coloca em diálogo constante imprensa e política na ilha de Cuba, resta, portanto, imprescindível trazer à luz os caminhos dos veículos de informação naquele país desde as suas origens, buscando apresentar através desse breve

histórico também um panorama do contexto de lutas em que esteve inserida, desde os primeiros tempos, a imprensa cubana.

É amplamente conhecido o fato de que, já na segunda metade do século XIX, a imprensa esteve envolta a assuntos políticos – sobretudo aqueles voltados para a causa das lutas pela independência da ilha. É sabido, ainda, que o principal ator e mártir das lutas pela independência de Cuba, José Martí, fora, dentre outras coisas, jornalista e que chegara a publicar um jornal com romances sobre a causa rebelde independentista – periódico *Patria Libre* –; tendo sido, inclusive, condenado a 6 anos de prisão por essas atividades (GOTT, 2006, p. 104).

Contudo, vale lembrar, a origem da imprensa em Cuba¹⁰ e desse profundo diálogo que manteve entre meados dos séculos XIX e XX com a política estão muito mais embrenhados nas entranhas da história do país do que pode parecer, chegando a remontar ao século XVIII.

O periódico *La Gaceta* – do qual já não se conserva nenhum exemplar atualmente – veio à luz em 1764, sendo, segundo se nota, o primeiro periódico editado em Cuba. Circulando às segundas, se destacou justamente por levar à ilha as disposições que vinham de Riela¹¹ (MARRERO, 1999, p. 9). Mais tarde, em 1782 era fundado outro importante periódico na colônia, *Gazeta de la Havana*¹², que trazia em suas páginas uma reprodução do pensamento oficial do regime colonial, embora teve duração de tão somente 2 anos (BENITEZ, 1989, p. 38).

No entanto é de Bertha Verdura Marino a informação que dá conta da importante atuação política do *Papel Periódico de La Havana*, publicação cubana fundada em 1790 que, pela sua duração e impacto, marcou época e, para efeitos gerais, também o início da imprensa ativa e propriamente dita naquele país:

Suas páginas traziam dados e notícias sobre história, geografia, agricultura, medicina, comércio, educação e outros temas. Além disso, **foram publicados**

¹⁰ A imprensa cubana a que tomamos por referência em nossos apontamentos refere-se àquela localizada na capital, tendo em vista ser o centro econômico e político da ilha desde a era colonial, inclusive pela própria importância do porto de Havana no contexto do antigo Império Espanhol. De igual maneira, os contatos metropolitanos e a própria difusão cultural na região passavam pela referida cidade, espaço em que desde muito se insere a imprensa e suas contribuições para com assuntos políticos. A despeito das demais regiões de Cuba, o presente trabalho não dispõe de tais informações.

¹¹ Após o reestabelecimento do controle espanhol sobre Cuba, que havia passado por dois anos de dominação inglesa (1762-1763), tomou posse do governo da ilha, em nome do rei espanhol, o tenente-general Ambrosio de Funes e Villalpando, o conde de Riela.

Ver: YOUSSEF, A. E. Haitianismo em perspectiva comparativa: Brasil e Cuba (sécs. XVIII-XIX). In: Anais do IV Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Curitiba: UFPR, 2009.

¹² José Benítez defende em seu trabalho que a referida publicação dataria, supostamente, de 1764, marcando a inauguração da imprensa em Cuba, contudo verificamos que seu aparecimento se deu mais tarde, precisamente em 1782, fundado por Diego de la Barrera.

artigos em defesa dos escravos como, por exemplo, os que datam de 5 e 8 de maio de 1791, atribuídos ao presbítero J. Caballero. Os autores de artigos e poesias adotavam pseudônimos para assiná-los (MARINO, 2002, p. 75, grifos nossos).

O trecho acima reproduzido, ressaltada a já evidente preocupação do anonimato de seus articulistas, demonstra que havia não só uma questão política ligada à publicação, como também dá luz à censura exercida pela coroa em relação aos meios de comunicação durante o período colonial.

Ora, estamos frente a uma incipiente imprensa, constituída na segunda metade do século XVIII e que desde suas origens encontrava entraves para sua liberdade de atuação.

Entraves tais que, aliás, seriam superados tão logo ocorresse a promulgação da Constituição de 1812 na Espanha, seguida da primeira Lei de Liberdade de Imprensa que, de maneira inevitável, abriu caminhos e portas para a multiplicação de publicações em Cuba, atingindo em 20 anos a marca de mais de 200 novas publicações em toda a ilha, incluídos locais como – mas não só – Santiago de Cuba, Cienfuegos e Havana (MARINO, 2002, p. 76).

Dentre tantos, outro nome fundamental da Cuba colonial – pelo engajamento político e atuação jornalística que desempenhou – é o do padre Félix Varela, figura patriota que chegou a representar Cuba nas Cortes metropolitanas e que, com a queda do regime constitucional espanhol, exilou-se em 1824 nos Estados Unidos fundando *El Habanero*, jornal pró-independência que circulou clandestinamente na ilha (MARINO, 2002, p. 77).

Publicação de opiniões políticas bastante contundentes e com sua existência marcada pela clandestinidade, *La Voz del Pueblo Cubano: Organo de la Independencia* encontra lugar entre os periódicos mais importantes do país. Fundado em 1852, o periódico clandestino – dirigido por Juan Bellido de Luna – tinha o objetivo de difundir a ideia separatista e reforçar “o espírito dos *criollos*” de não parar até que pudessem ver tremular “a bandeira da estrela solitária”; a bandeira de uma Cuba independente (LLAVERÍAS, 1959, p. 180).

A busca pelo tremular da bandeira da Cuba independente encontrou lugar, portanto, no contexto da Guerra dos Dez Anos (1868-1878), tendo como expoente a publicação de Carlos Manuel de Céspedes, nominada *El Cubano Libre* (BENITEZ, 1989, p. 38).

Com isso, resta já em evidência a importância que teve a imprensa desde os tempos mais remotos do passado cubano. Isso, sem termos entrado nos detalhes da atuação jornalística de José Martí, ora enunciado no início de nossa exposição. Se formos discutir o engajamento do dito “apóstolo da independência de Cuba” na imprensa, devemos nos atentar não só para *Patria*

Libre, publicação de sua autoria em 1869, mas também a toda uma rede jornalística na qual atuou durante o exílio e, sobretudo, ao periódico fundado em Nova Iorque: *Patria* (1892).

Temos até aqui já frisada a importância da atuação jornalística em Cuba e sua relação, por assim dizer, histórica com a política no país. No decorrer do século XX – sobretudo na segunda metade – tal relação se intensificará de tal forma a ponto de a imprensa, no processo insurrecional contra a ditadura de Fulgencio Batista, ter desempenhado papel decisivo no âmbito de uma guerra de informações que se produziu concomitante à tão conhecida guerra de guerrilhas.

Interessante é observar que a tradição política e combativa da imprensa cubana, remontada principalmente no século XIX, mostra uma tendência inequívoca pela via clandestina quando o caminho da legalidade deixa de ser uma opção para as contestações contra a ordem vigente.

Eis o ponto em que retomamos as colocações a respeito da ação de Fidel Castro consideradas improcedentes pelo Tribunal de Apelações de Havana em 1952, citada anteriormente. Foi somente a partir desse momento que Castro – que vinha publicando já na imprensa desde o início daquele ano com denúncias contra o governo Prío – passou a conspirar nos subterrâneos da clandestinidade, atuando em publicações impressas dentro e fora da Universidade de Havana, mesmo antes do Moncada; mas também após ele.¹³

Aspecto relevante dessa guerra de informações é observar dados financeiros e planilhas de gastos do próprio gabinete presidencial de Batista para a imprensa e, do outro lado, como fazia o grupo de Castro que, sem o aparato estatal, tinha em suas mãos também uma estrutura e uma organização – para muito além das terras cubanas – de modo a tornar possível não só investimentos para a luta armada, mas, também e sobretudo, para a produção de materiais de propaganda. Tais dados, adiante, serão apresentados e documentos originais serão reproduzidos.

¹³ Nosso trabalho não pretende estabelecer a ideia de unidade entre a luta anticolonial e a revolução cubana – ainda que tenha sido nessa via, em muitas ocasiões, o discurso oficial do governo cubano. Entretanto, é importante demonstrar que há na ilha uma mídia impressa consolidada já desde o período colonial, amplamente difundida, bem como um histórico de usos da imprensa para fins políticos e contestação da ordem, inclusive clandestinamente. Assim, entendemos que a importância da imprensa no contexto da revolução cubana é dada, em grande medida, pelo aproveitamento da amplamente conhecida experiência histórica independentista, tendo Fidel Castro uma percepção bastante evidente a esse respeito, mas não buscamos reafirmar qualquer discurso oficial no sentido de que haja uma relação de continuidade entre os dois processos.

Com tão profundo histórico, Cuba iniciava o século XX com uma já intensa e sólida relação entre sociedade, política e imprensa. A marcante presença da imprensa no país viria a ser, desde o início do século passado, acentuada pelas vultosas transformações pelas quais passava o mundo em vários aspectos. Para Juan Marrero, é no século XX que o jornalismo em Cuba conhece um incomparável desenvolvimento, justificado por vários fatores:

En primer lugar, la irrupción de nuevas tecnologías de impresión, como las veloces rotativas que remplazan a las viejas maquinarias [...] Ya no hay la necesidad, por otra parte, de esperar a que las noticias extranjeras lleguen a las redacciones a través del correo o de mensajeros que vienen en los barcos. El nacimiento de las agencias cablegráficas resuelve ese problema [...] La fotografía es otro elemento que se inserta masivamente en revistas y periódicos [...] El surgimiento de la radio, primero, y de la televisión después, provocan que el periodismo, en general, gane en dinamismo y amplitud, y obliga, asimismo, a nuevas formas de ver las cosas sobre el ajetreado vivir del presente siglo. Los periódicos necesitan más espacio para exponer todo lo que sucede (MARRERO, 1999, p. 47).

Não sem outra razão, nesse século nasce no país um sem número de revistas e periódicos dos mais diferentes matizes e que viriam a somar-se a publicações remanescentes da colônia, como, talvez um dos mais importantes, *Diario de la Marina*. Expoentes do jornalismo cubano no último século, surgirão nessa onda transformadora citada por Juan Marrero publicações como *El Mundo*, em 1901; *Bohemia*, em 1908; *El País*, em 1921; *Alerta*, em 1936, dentre outros que marcariam a primeira metade do último século (CASTAÑÓN, 2010, p. 15; MARRERO, 1999, p. 49-52).

Dos citados, muitos atravessariam a turbulenta década de 1950, mantendo uma íntima relação com a política nacional e levando em suas páginas, sempre que as condições permitiam, informações a respeito da situação do país.

Destaca-se, desse modo, *Bohemia*, com sua indiscutível disposição em marcar posicionamento contra o regime que, somada a *La Calle* – publicação que nasceu e desapareceu com a brevidade de um sopro já nos anos 1950 –, fariam do meio jornalístico, a exemplo do que nos mostra o passado colonial, um espaço de luta a ser utilizado, em grande medida, por e a favor de Fidel Castro. No outro extremo, *Diario de la Marina* e *Alerta* se dedicariam à reprodução e à propaganda de um discurso governista e contrarrevolucionário.

É, portanto, inevitável que se leve em conta que, mantendo a tradição verificada desde a colônia, a imprensa cubana viria a desempenhar também em meio às tensões dos anos 1950

um inegável papel em relação à política, influenciando e mobilizando de um lado a outro, a opinião pública.¹⁴

Nesse sentido, inclusive, se faz determinante pontuar o nosso entendimento acerca do conceito de opinião pública, bem como o que assumimos como tal, haja vista as múltiplas concepções e os intensos debates que na História e na Sociologia já se levantaram a esse respeito. Desse modo, a opinião em torno de um determinado tema no sentido de conferir-lhe crédito ou descrédito, legitimando ou não uma ideia, reafirmando ou não um acontecimento de forma ampla e majoritária dentro de um determinado público – que pode ser variado, transitando entre o nacional, o local ou o regional, bem como subdividindo-se e categorizando-se de acordo com os critérios e objetivos de quem observa – é o que entendemos por opinião pública.

Ou seja, heterogênea em sua composição – pela multiplicidade de indivíduos que podem compor um público – e homogênea em suas ideias – pela convergência das interpretações em torno de um determinado tema por parte desse público –, a opinião pública representa um fator importante para a política na medida em que o público, quando majoritariamente de acordo em torno de um tema, pode, como força social, sustentar por meio do apoio popular figuras, ideias, medidas e ações ligadas ao meio político. Não por outra razão, a relação entre opinião pública e poder é importante de ser cuidadosamente analisada e tomada em sua completude.

Se, por um lado, “a opinião pública tem a vocação de ser dominante” e tenhamos o costume de assumir o conceito a partir dessa perspectiva, é indelével que ponderemos o fato de que existem e importam também ao historiador as opiniões que não são dominantes, a que alguns chamam “opiniões públicas”, uma vez que elas podem render à investigação histórica valiosas informações, a depender dos questionamentos do pesquisador. Por essa razão, no famoso livro *Por uma História Política*, organizado por René Rémond, é que Jean-Jacques Becker (2003, p. 190-191) coloca que “para o historiador, o singular [opinião pública, invés de “opiniões públicas”], empregado muitas vezes por comodidade, corresponde a uma realidade plural, às tendências da opinião pública”.

¹⁴ Ainda que nosso trabalho não se debruce necessariamente sobre a imprensa televisiva cubana, cumpre notar, para fins de melhor elucidar o consumo dos produtos da imprensa em Cuba e seus prováveis efeitos na opinião pública, que em 1954 o país ocupava o primeiro lugar da América Latina em número de televisores. Esse dado de consumo, dentre outras coisas, nos permite reforçar também a importância da visualidade para a população ou, no caso das estações de rádio – que eram também crescentes na ilha – a importância de todo e qualquer meio de informação que não demandasse a capacidade de leitura, uma vez que dados de 1953 dão conta de que mais de 41% da população rural era analfabeta no país (AYERBE, 2004, p. 32-33; FAVATTO JÚNIOR, 2014, p. 119).

Evidente é que muitas são as nuances e as particularidades que se tem a respeito desse conceito. Volátil a depender da concepção de cada autor, consideramos, por outro lado, pertinente a colocação também encontrada em *A opinião pública*, por Jean-Jacques Becker (2003), em que o autor, a despeito da importância da opinião pública no processo histórico, pontua sobre sua fabricação. Sagazmente articulando a fabricação da opinião pública com a propaganda, Becker dá vida a uma categoria que, ao lado da manipulação – que diz respeito à provocação artificial de uma reação da opinião pública com o divulgar de uma notícia falsa, por exemplo –, o autor chama de condicionamento. Para ele, o condicionamento da opinião pública – portanto, uma das duas faces de sua fabricação – deve ser levado em conta:

O "condicionamento", por sua vez, deve ser analisado nos dois níveis, do curto e do longo prazo. O primeiro pode ser antes de tudo o resultado da propaganda. Os regimes totalitários fizeram disso uma especialidade, embora não seja certo que a propaganda, conscientemente organizada de maneira obsessiva, atinja sempre os fins visados. Acaso a propaganda mussoliniana conseguiu transformar os italianos em povo "heróico"? Terá sido a propaganda hitlerista que convenceu os alemães da necessidade de lutar? Na verdade, a guerra popular foi a guerra contra a França, e por razões que não estavam ligadas à política hitlerista. Os soviéticos e as populações das democracias populares são convencidos pelas ondas de propaganda que suportam? O "condicionamento" pelas realidades é infinitamente mais importante (BECKER, 2003, p. 193).

Se o condicionamento da opinião pública pode ser resultado da propaganda, ainda que nem sempre certo, e se, ainda, o condicionamento pelas realidades é infinitamente mais importante, para nós a articulação entre propaganda e realidade, em que a primeira faz uso da segunda, é fundamental para, através da imprensa e, notadamente, do fotojornalismo condicionar a opinião pública às vistas do que Jean-Jacques Becker coloca como “fabricação da opinião pública”. Constituída através de uma propaganda que toma de empréstimo elementos da realidade, nessa categoria a opinião pública se fabrica sem a necessidade da produção de informações falsas e, portanto, não é manipulada; pelo contrário, é condicionada.

A respeito da opinião pública na América Latina, o termo desde muito aparece na região e tem sua utilização bastante ligada ao universo político. Com diferentes concepções e a partir de diferentes apropriações, Noemí Goldman – ainda que abordando outro momento histórico em seu texto – destaca que numa abordagem do conceito na região deve-se observar a própria temporalidade de seu uso, o que torna o pesquisador capaz de estabelecer quatro momentos gerais mais importantes sobre essa questão: primeiramente, o último quarto do século XVIII, em que aparecem os primeiros usos e ocupações com os termos “opinião” e “público”; um segundo momento, entre 1807 e 1814, em que, decorrente das invasões napoleônicas e lutas por

independência na América o termo “opinião pública” já assume uma conotação fortemente política; em seguida, entre 1814 e 1830, com seu uso já ligado às questões constitucionais de então, o termo passa a ser tido como expressão da voz de um povo que, por meio da discussão – esta, conduzida através da imprensa –, se convence em torno de uma pretensa verdade; enfim, um último momento iniciado por volta das décadas de 1830 e 1840 demonstra como a opinião pública sofre um esvaziamento quanto a sua importância ao ser associada negativamente a levantes populares em desacordo com forças políticas dominantes e, ao mesmo tempo, como o termo passa também por um processo de reflexão e de ressignificação que conduz para que se identifique a importância de sua pluralização através dos diferentes partidos políticos, uma vez que uma opinião pública unânime poderia se constituir como força de choque contra governos legais e, portanto, uma ameaça – eis, aqui, um elemento que reforça a importância das opiniões públicas, tomadas no plural e não necessariamente dominantes (GOLDMAN, 2009, p. 989-994).

Capítulo 2 - A IMPRENSA COMO ESPAÇO DE LUTA: a guerra de informações no contexto da Revolução Cubana

A partir do exposto até o presente momento, pretendemos demonstrar a importância de, ao debater a revolução em Cuba, os estudiosos voltarem-se e considerarem levar em conta em suas discussões, sob uma perspectiva ampliada e para além da luta armada, também os embates travados no campo da imprensa e que, de maneira indiscutível, influenciaram nos resultados obtidos em janeiro de 1959. Embates produzidos paralelamente aos combates que ceifaram vidas no âmbito da luta armada, os enfrentamentos políticos entre os órgãos de imprensa em Cuba naquela década de 1950 – norteados, muitas vezes, pelos objetivos políticos dos atores de então – foram fator decisivo para a conquista de corações e mentes a favor de um ou de outro lado, transformando o apoio popular em algo crucial para a sustentação do governo que buscava projetar-se a partir do derrocamento de Batista.

É fundamental, porém, reconhecer e partir de dois importantes pressupostos sem os quais seria impossível estabelecer o debate pretendido. Primeiramente, há de se considerar e compreender que tais embates através dos meios de comunicação se iniciaram antes mesmo do fatídico assalto ao Moncada em 1953 – e, portanto, antes da luta armada em si. Em segundo lugar, devemos compreender que, muito antes de fazer política através das armas, o jovem advogado da família Castro, Fidel, atuara politicamente através da imprensa legal e clandestina em Cuba, remontando momentos que antecedem o próprio 10 de março de 1952 que levou Batista ao poder; mantendo-se com sua prisão em meados de 1953; e intensificando-se após sua liberdade, em maio de 1955.

Essa atuação política através das letras e das imagens se destaca na medida em que, convergindo com as hipóteses de nosso trabalho, pode nos dar ferramentas necessárias para compreender os usos da imprensa por Fidel Castro e os reflexos dessa atuação na construção e projeção de sua imagem pública. Revisitando o conceito de poder simbólico tão debatido no século XX, sobretudo na segunda metade, e refletindo sobre o poder dos meios de comunicação na constituição e consolidação desse poder – que é, por essência, cultural a partir das relações de comunicação –, temos que:

Una de las formas principales en las que se manifiesta la búsqueda del poder simbólico es el discurso político, que adquiere especial relevancia cuando se difunde a través del sistema de medios de comunicación. Y, a esos efectos, el discurso político que orienta, define y legitima el uso de los medios de comunicación gana - aún - mayor significación (MOYANO et al., 2019, p. 138).

Buscando percorrer os caminhos dessa importante relação entre o líder rebelde – e futuro ícone político – cubano e a comunicação de massas, se faz imprescindível que retomemos momentos importantes do uso da imprensa por parte de Fidel Castro e que ressaltemos a importância dos meios de comunicação no âmbito da guerra de informações que produziu a Revolução Cubana na década de 1950. Reconstruindo os trajetos percorridos por Castro e, posteriormente, por sua revolução ao lado da imprensa, compreendemos ser possível apresentar a comunicação de massas como arma determinante para a legitimação dos resultados alcançados ao fim do processo revolucionário e, mais do que isso, responsável por projetar Fidel Castro como liderança política, vinculando, por associação, sua figura às conquistas do povo com o triunfo da revolução.

Ante o exposto, partindo da importante relação estabelecida por Fidel Castro com a imprensa – a partir da qual, cremos, pode ser compreendida a construção de um imaginário que o privilegie em detrimento dos demais revolucionários, haja vista o intenso uso que fizera dos órgãos de informação de seu país –, devemos mergulhar na explanação sobre as fontes que dão base à nossa investigação. São elas: a revista *Bohemia* e os periódicos *La Calle e Revolución*.

Fundada por Miguel Ángel Quevedo Pérez em 1908, a revista *Bohemia* foi uma publicação semanal de caráter nacionalista que, tão logo nasceu, tomava como público-alvo de suas edições a burguesia cubana, com a exaltação de uma cultura *criolla*, cujo objetivo era inspirar o orgulho nacionalista da recém-nascida República de Cuba, promovendo o chamado sentimento de *cubanidad* (DENIS, 2016, p. 63).

Após anos de funcionamento inclinada à promoção de uma cultura propriamente nacional a cargo de Quevedo Pérez, a partir de 1927 a revista passa para o comando de seu filho: Miguel Ángel Quevedo de la Lastra. Assim, a semanal ilustrada mostra, de maneira aberta e decidida, uma face também preocupada com o cenário político nacional, com um discurso marcadamente contrário ao governo Machado:

When his son and namesake, Miguel Ángel Quevedo de la Lastra takes over *Bohemia* in 1927, the magazine's mission changes from one of reclaiming a republic from the clutches of neocolonialism to revolutionizing the country's political structures to change the republic from one ruled by greed and violence to one more representative of ordinary Cubans. The younger Quevedo's messianic vision is defined as much by the context of Cuba's political, social, and economic crises that his generation would face (DENIS, 2016, p. 17).

E é justamente publicando sobre o contexto de então que o jovem Quevedo conseguirá tamanha projeção para sua revista que, nessa nova direção, viria a se tornar a publicação de maior circulação não só do país, mas da América Latina (DENIS, 2016, p. 18).

Juan Marrero (1999, p. 52) defende ainda que seria graças ao surgimento da seção *En Cuba* que a revista viria a obter, durante a década de 1940, maior notoriedade; período esse no qual, vale lembrar, se lançou também como defensora da Constituição e dos ares de democracia que, brevemente, rondaram a ilha.

Nacionalista, democrata e cada vez mais popular, a revista viria, portanto, a desempenhar papel determinante em relação aos conturbados acontecimentos dos anos 1950, como ficará demonstrado através das seguintes páginas da presente investigação, recebendo em suas edições a presença de Fidel Castro Ruz fosse por meio de entrevistas, artigos ou comentários que reforçassem sua “incansável e martiriza” luta contra a ditadura.

Fundado por Luis Orlando Rodriguez, do periódico *La Calle* pouco se tem informação, quiçá pela sua breve existência: a publicação surgiu em meados de 1952 e foi fechada pela ditadura antes de publicar seu primeiro número, tendo reaparecido somente em 1955, ano em que foi, segundo Juan Marrero, nova e definitivamente fechada na data de 16 de junho, tendo naquele momento uma tiragem de 50 mil exemplares e reaparecendo apenas com o triunfo da Revolução (MACHÍN, 2006, p. 206; MARRERO, 1999, p. 65).

Assim, confirmando parcialmente as esparsas informações existentes sobre *La Calle* – esparsas, se comparadas àquelas que podem mais facilmente ser encontradas a respeito de outros órgãos da época –, a pesquisadora Sarah Beaulieu e sua recente pesquisa contribuem para o pensar e o reconstruir dos caminhos do referido órgão – mas não só dele –, dando conta de dados que até mesmo refutam a ideia de um fechamento definitivo de *La Calle* em 1955 que, segundo a autora, vez ou outra conseguia escapar da repressão e publicar alguns números (BEAULIEU, 2013, p. 55).

Em que pese a importância de *Bohemia* e *La Calle*, é imprescindível recordar, contudo, que não só da imprensa legal se valeu a revolução de Castro, mas também da constituição de órgãos próprios do M-26/7, cujo objetivo, conforme já comentado, era fazer frente à ditadura, além de propagandar a revolução e atingir a opinião pública, mesmo que inicialmente pela via clandestina.

Assim, em concordância com o histórico do que fizeram os mártires da independência – figuras sempre evocadas por Fidel Castro para reforçar o ideário nacionalista da revolução –, o país voltaria a contar naqueles anos com o aparecimento de órgãos de imprensa clandestinos que, desde os subterrâneos da revolução, produziram informações contra a ditadura contrariando a censura governamental imposta contra os organismos de imprensa legais; nesse meio se inserem órgãos como o periódico *Revolución* (fundado em 1956) e a *Radio Rebelde*, ambos órgãos do Movimento 26 de Julho.

Barthon Favatto Suzano Jr. (2014), cuja obra embasa em grande medida a empreitada de compreensão de nossa fonte, registrou em suas páginas informações de elevada importância para compreendermos aqueles momentos. Seu estudo sobre a figura dos intelectuais cubanos Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante, nomes vinculados ao mais alto escalão do periódico *Revolución*, nos dá o impulso necessário para pensar a trajetória do órgão oficial do Movimento Revolucionário 26 de Julho e nos permite dimensionar sua importância:

[...] gestados como órgãos oficiais de comunicação do M-26/7, o *Revolución* – fundado em 1956 – e a *Radio Rebelde* – inaugurada em 24 de fevereiro de 1958 – cumpriram papéis decisivos numa etapa em que a guerra de informações em Cuba foi tão importante quanto a própria luta armada [...] Desprovido desses dois veículos dificilmente seria possível ao M-26/7 estabelecer uma eficiente ponte de comunicação entre os rebeldes e os militantes das cidades, entre o foco guerrilheiro e o povo de Cuba e, por fim, entre a Revolução Cubana e o Mundo (FAVATTO JÚNIOR, 2014, pp. 90-91).

Desse modo, a criação de *Revolución* em 1956, diante das questões conjunturais que se apresentavam no plano nacional cubano, representou o início de um importante órgão de comunicação que, diferente do que poderia ser imaginado pela ditadura que o perseguia, com o triunfo da revolução em 1959 projetou-se como um dos mais importantes veículos de informação do país.

Mas o projeto jornalístico gestado na clandestinidade para fazer frente à imprensa governista vem de antes. Patricia Calvo González nos traz que a criação do periódico foi precedida por um longo período que agregou outras publicações idealizadas por jovens cubanos mesmo antes do emblemático 26 de julho de 1953.

2.1. Fidel Castro e a comunicação de massas em Cuba (1952-1955)

Dessa maneira, nos primórdios da luta contra a ditadura que se instalava em Cuba a partir de 10 de março de 1952, Raul Gómez García, Jesús Montané e Abel Santamaría¹⁵ criavam *Son los mismos* – Boletim Oficial da Fraternidade Ortodoxa. Essas figuras, importantes nessa empreitada de combate à ditadura através da imprensa, viriam a contar mais tarde, apenas meados de 1952, com a presença e contribuição do jovem Fidel Castro que viria a somar-se a eles na referida publicação, chegando a alterar seu nome para *El Acusador* (GONZÁLEZ, 2014, p. 179-180).

Tad Szulc, jornalista e autor de uma das mais sólidas obras sobre a trajetória de Fidel Castro, acrescenta dados sobre a informação acima, afirmando que se por um lado Fidel propõe a mudança do nome para *El Acusador* e isso, de fato, ocorre, por outro, isso não excluiu a existência de *Son los mismos*, que seguiu sendo publicado paralelamente por algumas semanas até desaparecer de fato. Além disso, aporta a informação de que, em *El Acusador*, Castro assinava sob o pseudônimo de Alejandro e que escrevia também para uma publicação comunista na Universidade de Havana, de nome *Mella* (SZULC, 1987, p. 260).

É importante, contudo, apontar que não foi através de *El Acusador* que Castro faria sua iniciação nos encontros políticos através da imprensa, tendo em vista o fato de termos nos deparado com registros que dão conta de publicações de sua autoria desde o início de 1952 em órgãos nacionais denunciando o então governo de Carlos Prío Socarrás e demonstrando sua vocação para a atividade política através das páginas dos jornais, sendo o primeiro artigo datado de 28 de janeiro de 1952 (CASTIÑEIRA, 2011, p. 40; GONZÁLEZ, 2014, p. 121; MACHÍN, 2006, p. 11).

Com o golpe de Estado de Fulgencio Batista e a instalação de uma situação de instabilidade política no país, ganharia vida uma necessidade, mais do que nunca, irremediável de Fidel Castro em comunicar-se com o povo em oposição à ditadura.

Sobre a preocupação de Castro para com os meios de comunicação como maneira de chegar às massas, Szulc agrega, a informação sobre o uso que fizera o advogado de rádios transmissores para arremeter contra Batista:

¹⁵ Esses nomes foram, mais tarde, também parte do grupo de homens – ditos *moncadistas* – que participaram da ação de 26 de julho de 1953 capitaneada por Fidel Castro, aspecto que reforça a grandeza de seus papéis à causa rebelde, restrita não só à referida publicação.

Mas Fidel Castro também queria poder falar no rádio. [...] ele convenceu Abel [Santamaría] a ir com ele e [Jesús] Montané visitar um médico em Colón, a pouco mais de 90 quilômetros de Havana [...]. Acontece que o Dr. Muñoz era piloto brevetado e também operador de radioamador. O que Fidel queria dele eram dois transmissores para anunciar uma passeata anti-regime que estava sendo planejada na Universidade para a semana seguinte (SZULC, 1987, p. 260).

A partir desse dado, a que poderíamos chamar de “paradigma indiciário” sob uma perspectiva *ginzburguiana*, nos é possível verificar que há, de fato, uma busca intensa de Fidel Castro Ruz no sentido de, antes de tomar de assalto o quartel em Santiago de Cuba, se fazer ouvido e ter suas ideias inseridas entre o povo cubano.

Em que pese a importância da imprensa como fonte, Maria Helena Rolim Capelato muito corretamente enfatiza a indiscutível avaliação crítica que se faz necessária ao tomar o jornal como fonte e objeto. Para a historiadora, deve ser intrínseca à sua análise uma desconstrução em que se considere o contexto histórico de sua produção, “os interesses em jogo e os artificios utilizados pelos seus produtores” (CAPELATO, 2015, p. 115). Na mesma toada, Tania Regina de Luca (2008, p. 132) é perspicaz ao observar que “historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes”, além de compreender as escolhas de produção e suas razões, o que particularmente em nosso caso é significativo, haja vista os diferentes tipos de fonte a que dispomos e as razões que conduziram, de uma a outra, para um esforço no sentido de positivar a imagem de Fidel Castro.

Assim, ao nos voltarmos para os casos específicos de *Revolución* e de *Bohemia* – o primeiro, um jornal, por assim dizer, militante; o segundo, uma revista de variedades; comercial – e para os elementos fotográficos que os constituem, temos tomado em conta, mais do que um processo de desconstrução nos moldes propostos por Capelato, também um processo de reconstrução dessas fontes e objetos de estudo, seja por meio de trabalhos memorialísticos publicados por aqueles que nesses órgãos atuaram, seja por meio de entrevistas que realizamos em Cuba ou a que tivemos acesso.

Foi dessa maneira, inclusive, que pudemos tomar conhecimento que, de um órgão a outro, tão díspares quanto a sua origem, público-alvo e objetivos residiam, porém, aspectos em comum que consideramos ter sido determinantes para a produção de um material visual sobre Fidel Castro desde uma perspectiva positiva e favorável à sua figura. É dizer, o meio intelectual e fotojornalístico de *Bohemia* fora o mesmo que, desde os tempos da luta revolucionária,

cooperavam com *Revolución* na clandestinidade (fundado em fevereiro de 1957) e, com o triunfo da revolução em janeiro de 1959, passaram a atuar oficialmente também em seu corpo.

Em tempo e em diálogo com o que se delineia através de nosso trabalho, no final da década de 1980, Capelato (1988, p. 13) já pontuava a força política representada pela imprensa, razão pela qual nos interessamos em olhar para o que ela produziu em Cuba e para o que a partir dela, na sociedade e na política, produziu-se também – nesse caso, através da conquista da opinião pública.

Com a ação do Moncada e seus desdobramentos, como a consequente prisão dos rebeldes, a imprensa teria servido uma vez mais de campo de batalha naquela luta ainda incipiente entre governo e jovens insurgentes. E fora a partir daqueles dias de julho de 1953 que seu uso se tornaria, cada vez mais, uma constante no repertório de Castro.

O papel da comunicação de massas na consciência do advogado para o êxito de sua empreitada política contra a ditadura batistiana teria ficado evidente e registrado provavelmente pela primeira vez em uma de suas cartas remetidas desde a prisão com destino às companheiras Melba Hernández e Haydee Santamaría. No documento com data de 18 de junho de 1954 Castro, comentando e orientando sobre o plano de distribuição do célebre discurso que fez em sua própria defesa – *A História me Absolverá* –, afirma:

[...] deve-se distribuir pelo menos cem mil num prazo de quatro meses. Deve ser feito com um plano perfeitamente organizado para toda a Ilha. [...] Considero que nestes momentos a propaganda é vital; sem propaganda não há movimento de massas, e sem movimento de massas, não há revolução possível (MENCÍA, 1982, p. 118).

É fundamental aqui pontuar a participação e contribuição que figuras outras prestaram a Fidel Castro nos momentos em que, através de publicações várias, buscava-se fazer ouvido na contramão do silêncio que lhe impunha a prisão. Além de Haydée – irmã de Abel Santamaría, tombado na ação do Moncada e um dos artífices do movimento ao lado de Fidel – e Melba Hernández, contribuíram para a divulgação do folheto também outras figuras, tais quais a própria irmã de Fidel Castro, Lída; o pai de Melba, Manuel Hernández (esses quatro responsáveis pelo recebimento e transcrição do material). Além deles, a atividade do contador José Valmaña Mujica e outros companheiros seria de grande importância:

Com Valmaña como tesoureiro da edição, mais um grupo de camaradas, que estava composto por Pedro Celestino Aguilera e Orbein Hernández (que participaram nas ações do 26 de Julho), Calixto Morales e René Reiné (futuros expedicionários do *Granma*; René cairia após

o desembarque), Elda Pérez, Ondina Matheu Orihuela, Humberto Grillo, Julio Martinez (mais tarde foi combatente da Frente do M-26/7 no Escambray), encarregou-se da arrecadação dos fundos necessários para custear a edição (MENCÍA, 1982, p. 120).

Ou seja, é dizer que figuras tais como as apresentadas foram de fundamental importância para o ecoar da voz de Fidel Castro inclusive nos duros tempos do cárcere. E na maior parte dos momentos, para não dizer em todos, o que se tem é uma presença latente e inconfundível do uso político da imprensa e da consciência a respeito da importância da comunicação de massas para a conquista dos objetivos traçados por Castro. Podemos entender que, em parte, esse reconhecimento do papel dos meios de comunicação venha do próprio olhar atento ao passado histórico da nação e da já citada relação entre política e imprensa desde os mais longínquos tempos na história cubana.

Sem contar com questões que limitariam a produção e a distribuição, o plano traçado por Fidel Castro jamais atingiria os números desejados, já que dos 100 mil que inicialmente vislumbrou-se, apenas 27.500 exemplares puderam ser produzidos, cujo impacto, segundo Tad Szulc, foi limitado (SZULC, 1986, p. 361).

Fidel Castro, menos de um mês depois de escrever a carta anteriormente reproduzida, reuniu-se com repórteres de *Bohemia* para uma entrevista na própria prisão. Assim, em julho de 1954 a revista publicava a reportagem *Com os presos políticos na Ilha de Pinos*, contendo 7 fotografias do líder rebelde em sua cela e com título bastante sugestivo sobre o posicionamento da publicação sobre a condição dos presos em questão: presos políticos.



Imagem 1 - Revista Bohemia. 11 de Julho de 1954, p. 62 e 63.

Nos parece significativo tal dado tendo em vista o fato de já em 1954 as palavras utilizadas por uma das maiores revistas do país para referir-se aos *moncadistas* e, dentre eles, Fidel – o entrevistado na ocasião – serem, pois, “presos políticos”, aludindo ao fato de que esses detentos ali estavam por questões meramente políticas, afastando-os e diferenciando-os, portanto, de criminosos comuns.

É evidente o fato de que há de considerarse que também as Atas de Sentença de 06 de outubro e 16 de outubro de 1953, referentes ao julgamento do processo nos quais figuram como réus Fidel Castro e os demais *moncadistas* apontam os condenados como responsáveis, claramente, por delitos políticos. Contudo, é importante ressaltar a utilização do termo “presos políticos” pela imprensa, tendo em vista o distanciamento que impõe o termo entre esses e os demais presos e, ainda, o fato de que diferente das atas de sentença, a revista *Bohemia* estava ao alcance do povo e era popular, fazendo com que esse distanciamento entre os tipos de presos chegasse à população.

Em 27 de março de 1955 Fidel Castro, desde a prisão, retoma seu jornalismo político de outrora e, na mesma revista que lhe entrevistara classificando-o como preso político, o líder rebelde publicaria o primeiro artigo de sua autoria intitulado *Carta sobre la amnistía*, denunciando o silêncio a que eram forçados os presos políticos e as infâmias que a oposição

proferia contra eles sem que pudessem defender-se, fato que viria a gerar nos ares de Cuba uma intensificação pela já existente campanha pela libertação dos rebeldes.

Precedida de quatro páginas de comentários e apelos de diversas lideranças políticas a respeito da anistia, a carta de Fidel Castro chega como que para arrematar o debate, dando a ele uma tônica ainda mais polêmica e incisiva contra o regime. O rebelde encarcerado ganhou para si, assim, uma página inteira, com quatro colunas escritas de sua autoria. A publicação cede espaço apenas a duas pequenas fotografias em meio as palavras, uma delas de Fidel altivo e reflexivo que asseguram a seriedade das informações que o leitor encontra.

Resta curioso na carta de Fidel Castro, para além das denúncias altamente relevantes, que o líder rebelde choca e comove seus leitores de forma contundente e fugaz, ficando isso exemplificado em dois diferentes momentos: o primeiro, quando compara-se, indiretamente a Cristo e a seus adversários com os Fariseus; o segundo, quando compara os presos às vítimas do nazismo nos países ocupados – o que estabelecia, por certo, uma equivalência entre o governo Batista e Hitler.



Imagem 2 - Revista Bohemia. 27 de Março de 1955, p. 62 e 63.

Tamanho o impacto do artigo, que a publicação rendeu a Fidel e a seu irmão mais novo, Raul, a privação de comunicação e de visitas por 30 dias, determinada pelo Conselho de Direção da prisão no dia seguinte à publicação (MENCIA, 1982, p. 205).

Ainda como desdobramento do artigo de Fidel Castro e da luta em prol da anistia, em 3 de abril de 1955, em plena Semana Santa, sairia em *Bohemia* o artigo *Un paso hacia la Paz*, de Mario Rivadulla pressionando o governo pela anistia, além de outros dois artigos. Em um deles, de Jorge Mañach intitulado *Invitación al parêntesis*, o autor clama pela liberdade dos presos, cita a carta de Fidel Castro publicada dias antes e critica o governo Batista; o outro artigo, de Luis Conte Agüero, sob o título *Sin Miedo y sin Odio*, arremete conta a ditadura, exalta as palavras de Fidel Castro na carta ora citada, clamando pela anistia e elevando os *moncadistas* em seus feitos.

Não obstante, reforçando nossas colocações a respeito do poder que teve a imprensa na pressão pela liberdade dos presos políticos a partir, em grande medida, da publicação de Castro em *Bohemia*, na data de 5 de abril do mesmo ano o *Diario Nacional* viria a denunciar o impedimento que sofreram as irmãs de Fidel na tentativa de visita-lo e falava, uma vez mais, da anistia. Além disso, no dia 10 de abril *Bohemia* voltaria a denunciar a sanção de incomunicabilidade imposta a Fidel Castro Ruz (MENCÍA, 1982, p. 205-207).

Na famosa e polêmica seção *En Cuba* (cujos artigos ninguém assinava), lia-se:

MIENTRAS la conciencia nacional reclama categóricamente la amnistía política y los cuerpos colegisladores discuten los términos de esa legislación reparadora, que no es una limosna, sino un deber público, las autoridades responden a dicho llamado incomunicando a Fidel Castro, dejándolo, según denuncian sus familiares, "sin radio, sin correspondencia, sin periódicos, sin revistas, sin sol". Motivo: la carta suya a Luis Conte Agüero, que publicara BOHEMIA, monumento de entereza y abnegación personal. Es un gesto pequeño del gobierno. Vencido, prisionero, sancionado por los tribunales, el recio combatiente del Moncada es una figura que sus enemigos podrán discutir, pero que tienen que respetar [...]¹⁶

Assim sendo e observada a atuação de Fidel Castro junto a imprensa ou através dela durante o cárcere não restam dúvidas, portanto, sobre as finalidades do uso que fizera dos meios de comunicação durante esse período e do posicionamento desses meios em relação ao governo Batista, como nos aponta o caso da campanha pela anistia. Estar nas páginas de veículos como a revista *Bohemia*, por exemplo, era estar próximo ao povo e fazer-se presente no imaginário daqueles que ansiavam pela libertação de Cuba das garras da ditadura.

É inquestionável o fato de que podemos tomar por certo que as preocupações de Fidel Castro em fazer um uso político da imprensa cubana se converteriam àquela época em uma arma fundamental para a revolução cubana, reforçando nossas considerações acerca da já

¹⁶ *INCOMUNICACIÓN*, Revista Bohemia: La Habana, 10 de Abril de 1955, ano 47, n. 15, p. 67.

comentada guerra de informações que se produzia no país mesmo antes da eclosão da guerra de guerrilhas. Nossa colocação facilmente justifica-se ao percorrermos as intervenções de Castro na imprensa durante os anos compreendidos entre o golpe de Estado e as vésperas do derrocamento de Fulgencio Batista em dezembro de 1958, podendo observar a intensidade com a qual se dão as publicações produzidas diretamente por Fidel e/ou entrevistas que ele concede, incluídas aquelas produzidas desde o exílio.

Através da imprensa, suas ideias pareciam pairar como um fantasma sob o governo Batista e como uma alternativa para as vontades de um povo que, mais tarde, legitimaria o triunfo da revolução ao ocupar as ruas do país nos idos de janeiro de 1959. Castro tinha, aliás, essa consciência. Não bastava aterrorizar Batista com a possibilidade de uma revolução – que já parecia cada vez mais inevitável – era fundamental, ainda, que o povo o apoiasse nesse intento.

O uso da imprensa que fizera Castro nos tempos do cárcere, como vimos, foi de fundamental importância para garantir sua proximidade com o povo cubano e demonstrar aos seus inimigos que a prisão não o calaria. Presente em *Bohemia*, se fez visto e ouvido. Presente no *Diario Nacional*, teve sua libertação pela lei de anistia praticamente garantida. Castro falava pela imprensa e Cuba falava em seu nome; a pressão era imensa.

Mario Mencía muito bem define a forma como, a partir não de uma, mas de sucessivas atividades de divulgação, a imagem de Castro construía-se e convertia-se, aos poucos, em sinônimo de resistência ante as massas; uma figura quase mítica:

Fidel Castro convertia-se deste modo, no mais perigoso conspirador, sempre activo, noite e dia, simultaneamente presente em numerosos lugares, sem que as forças repressivas pudessem seguir-lhe os passos e detê-lo para impedir uma tomada de consciência das massas, porque simplesmente já estava preso: **ele conseguia tudo isso, desde a sua cela solitária, indefeso fisicamente, e essa situação dava à sua figura, contornos lendários** (MENCÍA, 1985, p. 170, grifos nossos).

É sabido que o citado por Mencía e destacado no presente trabalho encontra lugar e sustentação, em grande medida, nas atividades de divulgação da defesa de Castro, intitulada *A História me Absolverá*, e na sua presença nas páginas da imprensa; todavia deve-se apontar que o tratamento glorioso dado aos feitos e à figura de Fidel Castro se justificam no citado autor, em grande medida, pelo seu pertencimento a um importante órgão da estrutura de poder em Cuba¹⁷.

¹⁷ Mario Mencía Cobas integrou o Escritório de Assuntos Históricos do Conselho de Estado da República de Cuba.

Contudo, em atenção às relações de Fidel com a imprensa, há de se considerar que ainda que tenha havido durante o período de prisão uma aproximação entre o então jovem rebelde e a *Bohemia* de Quevedo, essa relação conheceria um *hiato* após a libertação dos presos políticos e se veria substituída pela intensa atividade de Castro através de *La Calle*, publicação que assume papel determinante nas atividades de propaganda contra o governo até as vésperas da partida de Fidel para o exílio.

A esse respeito, Marrero (1999) coloca:

“[...] aunque varios órganos de prensa le brindaron la posibilidad de columnas fijas, desde su salida del presidio, Fidel Castro había escogido desinteresadamente a *La Calle* como su principal trinchera político-periodística de combate contra el régimen” consigna el investigador y periodista Mario Mencía en su libro *Tiempos Precursores*. “Al hacerlo, prosigue, Fidel renunciaba a beneficios económicos como los 200 pesos mensuales que le había ofrecido Raúl Rivero, director de *Diario Nacional*, para que escribiera en su periódico”. Y añade: “Excepto los domingos, día en que no salía el vespertino de Luis Orlando Rodríguez, al local de *La Calle* se veía llegar a Fidel por las tardes; entrar a una pequeña oficina que se le había asignado. Donde estaba aquella maquina de escribir de las que salían más que cuartillas, golpes y contragolpes contra la tiranía, y revisaba personalmente las pruebas de plana hasta que, ya de noche, aún fresca la tinta, salía con algunos de los primeros ejemplares en la mano” (MARRERO, 1999, p. 65).

Assim, a libertação veio, por fim, no dia 15 de maio seguida de uma conferência oferecida à imprensa e dirigida ao povo de Cuba. No dia 16, Fidel Castro viria imediatamente a publicar no periódico de Luis Orlando Rodríguez o *Manifiesto al Pueblo de Cuba de Fidel Castro y sus combatientes* cujo texto havia sido proferido na conferência do dia anterior e era, agora, assinado por ele (CASTIÑEIRA, 2011, p. 326; MACHÍN, 2006, p. 64).

Em 22 de maio, *Bohemia*, a semanal de Quevedo atualizava a nação sobre eventos do passado 15 de maio. Na página 66 a manchete trazia a esperada notícia: *Amnistía, en libertad todos los presos políticos*, com uma série de imagens que, até a página 71, faziam expressar a euforia dos familiares e o reencontro de famílias. As páginas cediam espaço para poucas legendas abaixo de cada foto; Fidel Castro apareceria logo no início.



Imagem 3 - Revista Bohemia. *En Libertad todos los presos políticos*. 22 de Maio de 1955, p. 66- 67.

Numa reportagem em que a imagem assume papel preponderante, *Bohemia* informa através do visual. Fidel Castro, figura de destaque na página 67, é mostrado em múltiplas situações. O rebelde afetivo que num abraço carinhoso envolve a irmã Lída é o mesmo que, na fotografia ao lado, tomada desde uma perspectiva superior, se destaca em meio à multidão, carregado pelo povo em seus ombros. Novamente lançando luz à euforia popular em torno de Fidel Castro, a imagem que ocupa a porção central daquela página é emblemática: Fidel é sacado do trem que o transportava pelas janelas, enunciando o fervor popular em torno de sua figura.

Fotografia que entrou para a história, a saída dos presos políticos da prisão é, por si só, emblemática e cheia de significados. Embora não ocupe papel de destaque na publicação, a fotografia que se localiza no canto inferior esquerdo da página em questão apresenta Fidel Castro em primeiro plano na posição central na imagem; por detrás do líder rebelde, surgem outros presos (alguns deles, importantes nomes do quadro revolucionário, como Juan Almeida Bosque e Raul Castro). Todos carregam suas malas, menos Fidel; este sai com as mãos livres. O cenário que dá fundo à imagem nada mais é do que a construção na qual estiveram encarcerados – a Prisão Modelo da Ilha de Pinos. Enquanto isso, à margem direita, passa quase despercebida a figura de um militar que acompanha à distância a marcha triunfal dos presos políticos. A carga simbólica é impressionante.

Embora a página 67 tenha destacado Fidel, aquela reportagem – focada nos presos políticos como um todo – não daria nas seguintes páginas atenção a Castro. Por estranho que pudesse soar, a explicação vem por si só: naquela mesma edição, *Bohemia* lhe havia reservado uma reportagem própria entre as páginas 72 e 73, com texto e imagens que davam a saber ao povo de Cuba seus posicionamentos.



Imagem 4 - Revista Bohemia. Soy un combatiente sin odios ni resentimientos. 22 de Maio de 1955, p. 72-73.

Das sete imagens que compõe a reportagem, destaca-se a primeira, localizada no canto superior esquerdo da página inicial da reportagem, cuja tomada se deu desde uma perspectiva que, ao público-alvo, conferia ares de grandeza a Fidel Castro que, com seu rosto e olhar voltados ao horizonte (comum à muitas outras fotografias do líder ao longo de sua vida), transmitiam a mensagem de sua superioridade diante de um regime tirano e persecutório. Sem ódios e sem ressentimentos, a imagem comentada contrasta com as demais fotografias que dão conta de apresentar um Fidel afetuoso, sorridentes e descontraindo, embora preocupado e ocupado para com a questão nacional – aspectos que o texto não deixa de lado.

Sua gratidão à imprensa cubana, responsável em grande medida pela mobilização popular, ficam expressos em parte do texto:

La amnistía es el resultado de la extraordinaria movilización popular, secundada magistralmente por la prensa cubana, que ha ganado la más

hermosa de las batallas. Nuestro mensaje de gratitud, por tanto, para el Pueblo y los periodistas, a los que estaremos siempre hondamente agradecidos.¹⁸

É importante aqui destacar que o fato de ter se ocupado de atividades junto à imprensa nos possibilita, antes de mais nada, verificar a intenção de Fidel Castro em garantir que seu posicionamento enquanto opositor ao governo Batista, mesmo tendo sido libertado, continuasse em evidência.

O trabalho do historiador cubano José Cantón Navarro reafirma nossos apontamentos e torna clara, uma vez mais, a dedicação de Castro em fazer da imprensa porta-voz de sua luta em Cuba. Segundo Navarro, quando da libertação dos presos políticos em 1955, Fidel iniciou uma incansável atividade com vistas a desmentir os porta-vozes do governo Batista, tendo se ocupado de visitar pessoalmente jornais e estações de rádio, agradecendo pela campanha de anistia dos *moncadistas* e escrevendo artigos para jornais e revistas, como *Bohemia* e *La Calle*¹⁹ (NAVARRO, 2003, p. 166).

Sobre *La Calle*, os números a partir do momento de sua liberdade dão conta de nos apresentar a frequência das publicações de Fidel Castro nesse veículo de informação – cujo proprietário viria, em 1959, ocupar um cargo ministerial no Governo Revolucionário, quiçá como um sinal da boa relação e, de alguma maneira, da gratidão de Castro para com Luis Orlando Rodríguez. Todavia, nos interessa observar aqui, para elevar o tom do nosso discurso a respeito da guerra de informações, a interrupção repentina das atividades do periódico em decorrência de seu fechamento pela ditadura em 16 de junho de 1955, aspecto que reforça os enfrentamentos que começariam a produzir-se no campo jornalístico em decorrência das disputas políticas na ilha. A censura era, pois, uma arma à disposição do governo e não podemos deixar isso de lado.

Cantón Navarro, reconhecendo também o que aqui enunciamos, defende que fora justamente a intensa atividade política de Castro através da imprensa e a simpatia que, através dos meios de comunicação, despertava nas massas elemento determinante para que a tirania batistiana iniciasse um processo de fechamento de todas as vias que pudessem ser utilizadas pelo líder rebelde contra a ditadura, reforçando o terror do regime (NAVARRO, 2003, p. 166).

¹⁸ CASTRO, Fidel. Soy un combatiente sin odios ni resentimientos. *Revista Bohemia*. La Habana, 22 de mayo de 1955.

¹⁹ É cabível levar em consideração que esses foram os dois órgãos cuja presença de Fidel Castro se fez mais evidente naquele momento. Todavia, entre sua liberdade e o exílio para o México, em julho de 1955, Fidel Castro teria também se feito presente em outros órgãos, inclusive de abrangência nacional, como *El Mundo*. Em 25 de maio daquele ano concedia declarações sobre o sequestro de Pedro Miret no referido órgão.

Antes da clausura do periódico, todavia, uma análise pormenorizada das atividades de Fidel Castro em suas páginas demonstra preocupação por parte de *La Calle* em projetar o nome do rebelde em suas páginas mesmo quando Castro oferecia declarações para outros órgãos. Exemplo disso reside em um artigo de Fidel Castro publicado em *Bohemia* em 29 de maio de 1955 sob o título *¡Mientes, Chaviano!*²⁰, cujo texto foi editado e republicado em *La Calle* intitulado *Chaviano, el provocador* no dia seguinte, 30 de maio.

Tratava-se de duras e enérgicas respostas à versão do coronel do Moncada sobre os eventos do fatídico 26 de Julho de 1953, cujo texto vinha com o título *Cumprimos com o nosso dever*, numa tradução ao português (SZULC, 1987, p. 372).

Em sua entrevista a Katuska Blanco, o líder histórico da revolução cubana rememora a publicação em *La Calle* e demonstra ter já àquela época a consciência e uma das primeiras vivências do poder que o apoio popular lhe conferia. Registra que chegando em Havana uma multidão se reuniu, fez denúncias e que:

Cuando en el periódico La Calle se publicaron las denuncias acusando al Ejército, acusando a Chaviano, acusando a Batista de todos los crímenes cometidos, fue espectacular. Para entonces yo era prácticamente intocable, no se atrevían a tocarme; **me protegía el gran apoyo popular**, porque todo había causado gran conmoción entre la gente (CASTIÑEIRA, 2011, p. 330, grifos nossos).

Ciente do apoio popular que lhe proporcionava o fato de estar presente na imprensa, o mês de junho daquele ano seria o quicá o mais marcante da relação entre Fidel Castro e *La Calle*. Durante esse tempo, tão grande foi o fluxo de publicações nesse órgão que sucessivos foram os dias em que Castro publicou artigos no órgão e, curiosamente, em nenhum outro durante aquele mês. Os enérgicos artigos de Castro em *La Calle* chamam também a atenção, pois trazem consigo um teor profundamente combativo e acusatório contra seus inimigos políticos, onde parece disposto a não mais denunciar apenas, mas a atacar incisivamente seus algozes e opositores.

O “combatente sem ódios e sem ressentimentos” que publicara em *Bohemia* no dia 22 de maio era substituído menos de um mês depois por um combatente visivelmente ressentido e claramente determinado a partir para o enfrentamento, ainda que ao menos por enquanto mantido no campo dos discursos. Foram, entre 01 de junho e 16 de junho de 1955 um total de sete artigos de Fidel Castro num órgão que, vale lembrar, não circulava aos domingos.

²⁰ Trata-se do Coronel Alberto del Río Chaviano, militar batistiano e comandante do Quartel Moncada em julho de 1953.

Em seu último artigo aparecido em *La Calle* sob o título *Lo que iba a decir y me prohibieron por segunda vez*, de 15 de junho de 1955 podia-se ver, dentre outras coisas, uma denúncia sobre a censura e acusação sobre assassinatos cometidos pelo governo:

Es sobre todo muy grave que, según me expresó un funcionario del Ministerio de Comunicaciones, la orden de que se trate de impedir por todos los medios que me dirija al pueblo venga de Palacio. Desearía saber qué se propone el señor Batista con ese plan de acorralarme, de cerrarme todas las vías de comunicación con el pueblo; desearía saber sobre todo, si es así como puede buscarse una solución cívica a la crisis cubana que, con esos métodos y con el asesinato como arma política, se está volviendo trágica.²¹

Após período de intensas publicações, o fechamento de *La Calle* poderia parecer o significado do triunfo do governo contra Fidel Castro nessa incipiente guerra de informações. Afinal, não só o jornal era fechado em 16 de junho como em seu último número trazia consigo um artigo de Castro anunciando a impossibilidade de manter-se na ilha e, enfim, o exílio.

Em 29 de março de 1960, Fidel Castro recordou alguns dos acontecimentos aqui narrados, com ênfase nos momentos posteriores à sua saída da prisão, e comentou a forma como o governo lhe dificultava o uso da imprensa:

“[...] A los pocos días empezaron a caer prohibiciones. Cuando voy a hablar por la estación de televisión [...] todo el mundo podía hablar menos yo. Hay una mesa redonda, una discusión, me habían invitado, todo el mundo puede ir menos yo. Se dio el caso de un tipo de censura curiosísima, porque no se censuraba una estación, un programa, se censuraba a un individuo [...] Así no me fue quedando más que Bohemia y publicar un artículo en el periódico La Calle, pero al fin se decidieron clausurar La Calle [...]” (MARRERO, 1999, p. 66).

Nessa linha, em concordância com o que coloca Juan Marrero, entendemos ser natural a compreensão das razões que levaram Fidel Castro ao exílio após o endurecimento da censura, afinal “*si casi no podía caminar por la calle, ni radio ni televisión, ni periódico ni mitin, ni nada, no podía hacer absolutamente nada*” (MARRERO, 1999, p. 67). Porém, enganava-se a ditadura ao supor ter vencido.

Ainda que as condições políticas de então tenham conduzido Fidel Castro para o exílio, a ausência física do líder rebelde não viria a determinar também o cessar do trânsito de suas ideias entre seus compatriotas. Durante o tempo em que esteve fora do país, Castro ocupou-se de manter uma atividade intensa através da imprensa cubana, marcando seus posicionamentos

²¹ CASTRO, Fidel. Lo que iba a decir y me prohibieron por segunda vez. *La Calle*. La Habana, 15 de junho de 1955.

e defendendo-se das críticas nas páginas de órgãos da ilha, dentre os quais destaca-se a revista de Miguel Ángel Quevedo, *Bohemia*.

Tão logo Fidel Castro deixava Cuba rumo ao México em 07 de julho de 1955, *Bohemia* publicava em 10 de julho, em meio a comentários sobre o regresso de Carlos Prío Socarrás do exílio, declarações de Fidel dando a conhecer a todo o país, dentre outras coisas, seu exílio e suas razões numa edição que, segundo consta, teve tiragem de 250 mil exemplares (SZULC, 1987, p, 374).

Imagem 5 - Revista Bohemia. 10 de Julho de 1955, p. 64 e 65.

Disposta logo abaixo de sua fotografia na página 64 daquela edição e ocupando o espaço de duas colunas inteiras, a mensagem de Fidel Castro sobre seus planos era clara: “[...] *ya no creo en elecciones generales. Cerradas todas las puertas para la lucha cívica, no queda más solución que la del 68 y la del 95*”, em alusão às guerras de independência travadas na ilha em 1868 e 1895.

Dessa maneira, fechado *La Calle* e exilado Fidel, o órgão que antes havia cedido espaço para sua entrevista desde a prisão e para alguns de seus artigos, se tornaria, cada vez mais, o espaço em que o rebelde exilado poderia ser encontrado pelos cubanos. Assim, numa via de mão dupla, *Bohemia* e Fidel Castro beneficiavam-se mutuamente dessa relação, na medida em que a distância imposta pelo exílio era suprida por Castro através desse órgão e, por outro lado,

a revista – com posicionamento marcadamente anti-batistiano, sobretudo pelo apoio de Batista a Rafael Leónidas Trujillo²² – aproveitava-se da polarização política e dos intensos debates gerados através de suas páginas para vender.

Expoente da importância da imprensa no contexto da revolução que se projetava em Cuba, é necessário recordar que justamente desse órgão – e dos demais que estavam sob propriedade do mesmo dono, como *Carteles* – é que surgem, se conhecem e se reúnem pelas primeiras vezes o grupo de intelectuais, jornalistas e fotógrafos que viriam a compor os quadros do M-26/7 mais tarde e/ou dar suporte para as publicações clandestinas do grupo de Fidel Castro na *Sierra Maestra*. O principal nome, oriundo desse meio jornalístico e intelectual gestado em Havana, é o de Carlos Franqui que, para além de diretor-fundador de *Revolución*, pode ser considerado responsável por boa parte do que alguns historiadores desde muito recentemente tem entendido como marketing político-revolucionário de Fidel Castro naqueles tempos (GONZÁLEZ, 2014, p. 319).

Durante o exílio, e antes da criação do órgão ao qual se vincularia Franqui, foi majoritariamente em *Bohemia* que Fidel Castro interveio e travou batalhas contra a oposição e o governo em Cuba. Suas publicações diretas, ou seja, de sua autoria, se faziam presentes na revista sobretudo para rebater críticas e defender-se de acusações, chegando a tal ponto que mesmo diante de dificuldades naturais ao exílio, chegara a publicar desde a prisão a que foi submetido no México.²³

Todavia, relativamente longo foi o *hiato* de Fidel nas páginas da revista. Após partir de Cuba para o exílio, *Bohemia* faz aparecer publicada em suas páginas declarações de Castro prometendo o regresso a Cuba o que, até o ano seguinte, seria a última aparição ativa de Fidel Castro nesse órgão. Enquanto o líder rebelde viajava, divulgava sua causa e concedia entrevistas inclusive nos Estados Unidos, *Bohemia*, sempre que a censura permitia, tratava de levar o nome de Fidel em suas páginas e/ou da temática política que o envolvia, com críticas ao governo Batista. Patricia Calvo, a esse respeito coloca:

²² Sobre o tema, o fotógrafo cubano Ernesto Fernández Noguerras, membro do corpo de *Bohemia* à época, explana em entrevista concedida ao autor em março de 2017.

Para maiores informações ver: ALVES, H. A. S. Entrevista con Ernesto Fernández Noguerras. DOC On-Line: Revista Digital de Cinema Documentário, v. SI 2019, p. 345-356, 2019.

²³ Sua prisão naquele país, cabe dizer, ocorreu quando, junto a Ramiro Valdés Menéndez, fora detido na noite do dia 20 de junho de 1956 pela polícia mexicana em virtude de atividades suspeitas e da posse de armas encontradas e apreendidas mais tarde (CASTIÑEIRA, 2011, p. 385; ANDERSON, 1997, p. 242).

La lucha insurreccional contra Fulgencio Batista hallaba espacio en las páginas de la publicación, donde se divulgaban artículos, reportajes e informaciones cuando lo autorizaba la censura gubernamental, situación que también denunciaban cuando les estaba permitido (GONZÁLEZ, 2014, p. 34).

Entre sua partida para o exterior e a retomada de sua atividade direta na imprensa cubana – com o envio de artigos de sua própria autoria para os órgãos de seu país – houve uma manutenção de sua atividade propagandística com foco em produzir material em diferentes órgãos de imprensa externos à ilha, paralelos à continuidade que deu em seu contato com o país através de orientações à sua militância, como fez por meio do famoso *Manifiesto No. 1 del Movimiento 26 de Julio al Pueblo de Cuba*, datado de 08 de agosto de 1955 (MACHIN, 2006, p. 158-171).

Com conteúdo mais radical do que as propostas de seu discurso de defesa, o Manifesto – que consistia em um programa de quinze pontos essenciais defendidos pelos rebeldes – tinha data e razão certas para chegar ao povo em Cuba: no dia 16 de agosto, data que marcava o quarto aniversário da morte de Eduardo Chibás o povo em Cuba deveria receber 50 mil exemplares do documento com a distribuição iniciada no tumulto de Chibás. Por esse motivo, muito acertadamente Tad Szulc define que “o simbolismo era crucial na contínua elaboração da imagem de Fidel Castro”, sobretudo considerando que o líder revolucionário iniciava o documento trazendo, estrategicamente, as “citações de Martí e do general António Maceo” num material que, também no México, deveria fazer ecoar a voz de Fidel Castro – nesse país foram impressos 2 mil exemplares (SZULC, 1987, p. 382).

Apesar de pouco abordada pela historiografia, poucos meses após a chegada no México teve inestimável relevância a estadia de Fidel Castro nos Estados Unidos da América, cuja viagem deu-se início na Filadélfia:

Allí, sigue las huellas de José Martí en su recorrido por diferentes ciudades, con el objetivo de recaudar fondos en la emigración para la revolución. Realiza mítines, funda clubes patrióticos y vertebró el Movimiento 26 de Julio, y **visita periódicos y revistas para dar a conocer la situación de Cuba** [...] En Estados Unidos permaneció hasta el 9 de diciembre de 1955 (MACHÍN, 2006, p. 208, grifos nossos).

Resulta interessante essa visita aos Estados Unidos para divulgação e arrecadação de fundos para a revolução não só pelo fato irônico de ter Castro desafiado a hegemonia norte-americana anos mais tarde, mas também e sobretudo pela importância que teve essa estadia para os objetivos político-propagandísticos da revolução cubana.

É fundamental ressaltar ter sido nesse país que o líder se dedicou à formação de uma rede de apoio à revolução desde o exterior, cujo objetivo primordial, para além da propaganda em si, era o levantamento de fundos para auxiliar as atividades revolucionárias que, pouco tempo mais tarde, se iniciariam na ilha a partir de seu retorno a bordo do iate *Granma*. Adiante, serão comentados esses grupos que se constituíram para dar suporte econômico ao M-26/7 no exílio, a exemplo da *Acción Civica Cubana*, organização do Movimento 26 de Julho no exílio que promoveria ações de arrecadação de verbas voltadas à revolução. Ademais, as aparições de Fidel Castro na imprensa daquele país merecem destaque e chegaram, vale recordar, a ecoar em Cuba

Foi a partir de seu artigo originalmente publicado no *Diario Las Americas*, de Miami, que *Bohemia* deu a conhecer ao povo de Cuba as respostas de Fidel Castro a Ángel Boán Acosta, quem semanas antes havia feito declarações em *Bohemia* sob o título *Fidel, no le hagas un servicio a Batista* (MACHÍN, 2006, p. 208). Entrevistado nos Estados Unidos, Fidel respondera às críticas de Boán aparecidas em *Bohemia* e, prontamente, a revista cubana reproduziu a resposta do rebelde em suas páginas no dia 20 daquele mês.²⁴

As palavras de Castro em *Bohemia* seriam contundentes e, ocupando espaço nas páginas 59, 81, 82 e 83, mostraram a disposição do rebelde em defender seu incipiente movimento revolucionário e reforçar a vinculação de sua luta com a pátria sonhada por Martí.

²⁴ Curiosamente, *Bohemia* classifica a entrevista como exclusiva. No entanto, o trabalho de Ana Nuñez Machín aponta para a aparição da mesma em *Diario Las Americas*, de Miami, dias antes de ser reproduzida na revista cubana. Não pudemos, contudo, consultar o original do diário para maiores detalhes.

SIRVA A CUBA. LOS QUE NO TIENEN EL VALOR DE SACRIFICARSE

Entrevista Exclusiva para BOHEMIA
por RAMON COTO
Foto: W. GORT

HACE dos semanas en esta revista BOHEMIA se publicó un artículo firmado por el compañero Vicente Cubillas Jr., titulado: "MÉTRIC OPOSICIONISTA EN NUEVA YORK", donde se explicaba a grandes rasgos las actividades del Dr. Fidel Castro en el exilio.

La semana pasada el señor Angel Boan Acosta, la empujando con los alegatos de Fidel Castro en un artículo bajo su firma titulado:

"FIDEL, NO LE HAGAS UN SERVICIO A BATISTA".

Aprovechando la visita a Miami, del líder revolucionario, almas y guía del Moncada, logramos conseguir que éste respondiera al Sr. Boan. Sin quitarle punto ni coma, aquí están sus declaraciones.

R. C.

ALGUIEN nos ha pedido públicamente en la última revista BOHEMIA que no le hagamos un servicio a Batista. El artículo, aunque unido con todos los venenos del oportunismo y espíritu de falacia y absurdas similitudes históricas, está redactado en obediencia en términos amables. No inquirió sobre los motivos del autor. No sé, o no recuerdo —y esto lo digo sin ánimo de retajar a nadie— quién es el señor BOAN. Quizás escribirá bajo seudónimo. Tal vez se trata de un ciudadano muy bien intencionado, pues dice perseguir los mismos fines que yo mismo por distinta vía, aunque hay gente que al revés de Metelidés, que habla el idioma con malas intenciones, hacen el mal con las mejores intenciones del mundo.

Es difícil admitir sin embargo que pueda ser oportunista un señor que habla del Dictador en términos tan efusivos como estos: "Fue una locura de México de golpe de estado. A los mismos que se han demorado once años en acusar al gobierno por medio de la presión popular, les quita el poder en unos minutos mediante un golpe de mano rápido y decisivo recordado en el mismo corazón del nacionalista catalán. No guerra contra el ejército. Campaña dentro de él. No recruta milicias para enfrentarse a miles de hombres uniformados. No amanece a París desde el extranjero con desembarcos, ni realiza compras de armas. Regresa secretamente y se mete por la puerta."

Y añade, como si no fuera nada: "sea o no".

Habla del Hotel Nacional y no menciona a las oficiales asesinadas después del combate; habla de Atlanta y no recuerda a Blas Hernández y la fila de prisioneros ultimados sucesivamente en las faldas del



castillo; habla de la huesta de marinos y se tiene un pensamiento para sus decenas de víctimas; habla de Gutiérrez y se cita el Ministro; habla del Moncada y alienta por completo la manera más grande de prisioneros que recuerra la historia de Cuba. ¡Adversario de Batista y no tiene más que elogios almillados para él! ¡Adversario de Batista y no encuentra una palabra de sistema para su larga cadena de colpas! ¡Cuánto se paga por prestar tales servicios de adversario! ¡Muy mal debe sentirse el régimen y muy indefenso cuando sus propios defensores tienen que recomenzar diciendo que son adversarios!

Pero, ¿queda alguna duda?

Cuando yo estoy en una celda de Isla de Pinos, alado e incomunicado sin otro aliento espiritual que mi fe en Cuba, víctima del encastillamiento de ese mismo Batista que tanto lo preocupa, ahora, no tuve el gusto de leer una sola línea del señor BOAN contra el trato inhumano que se daba a los presos políticos. ¿Tiempo tuvo de ahora en dos años? ¿Qué lucha entonces? ¿A qué se dedicaba mientras su patria sufría los dignos de la injusticia y la tiranía? ¡¡Vivir!! como el Abate de la Revolución Francesa. Aquello no le parecía digno de su pluma, de sus recuerdos históricos, de sus citas de Ortega y Gasset.

Cuando ya en Libertad, Libertad que conquistó para los presos políticos el pueblo de Cuba, el régimen inició contra nosotros una campaña de provocaciones y persecuciones, encabezada por la supresión arbitraria del acto de recibimiento en la embajada, continuado por la suspensión de todos los actos y de los programas radiales y televisivos donde estaba anunciada nuestra presencia, levantando

... en la filosofía democrática y revolucionaria de Martí tenemos nosotros firmemente nuestra postura; contra él tendrán que polemizar los guerrilleros de hoy...

falsas acusaciones de terrorismo contra nuestros compañeros a los tres días de abandonar las prisiones, y terminado por la clausura del periódico "La Cuba", ¡dónde estaba el señor BOAN que no hizo gala de sus conexiones, de sus citas y de su pluma, para advertir las consecuencias inevitables y funestas que para la solución pacífica iba a tener aquella injustificable persecución desatada?

En cambio, cuando un compatriota suyo, ese mismo compatriota a quien no recordó nunca en la prisión, a quien vio prisionero y no salió en su defensa, que ha dado prueba de todos los recomenciamientos personales, en vez de poseerse de aspirante a un cargo electivo cualquiera donde no hay riesgo ni sacrificios, se encuentra entregado a la tarea de levantar la fe de millares de sus compatriotas desorientados de Cuba por la opresión y el hambre, la fe de un pueblo burlado y engañado que tanto necesita de fe para sostener de la servidumbre porque un pueblo sin fe es un pueblo desgraciado, es entonces que hace acto de presencia el señor BOAN, para impugnar nuestra actitud, como siempre emboscado que esperó la oportunidad para clavar el puñal sobre la espalda del combatiente desprovisto, el combatiente a quien no acusó, ni defendió, ni dirigió una carta pública en la prisión a la prevención. Y digo que es puñal lo que trae en la manga, porque mientras nosotros damos fe, trata de quitársela.

mientras nosotros señalamos a la juventud el camino del deber, de la dignidad y de la gloria, él plantea que esa misma juventud debe dedicarse a la política; cada a cada con las decadentes y carcomidas camarillas sobre cuyas espaldas pesa por supuesto gran parte de la responsabilidad de nuestros males; que ninguna revolución puede triunfar, que todos los actos de heroísmo realizados desde el inicio de la República constituyeron un sacrificio estéril, un servicio al tirano, que el proceso del 33 está llamado a repetirse al pie de la letra, y que este pueblo de corvas y codardes debe soportar cuantos golpes de estado y tiraciones se le ocurran fomentadas a un grupo oligárquico de militares ambiciosos, en la seguridad de que no tendrán deudas más que peticiones y mercedignos de derechos. Porque en el fondo, señores míos, esa desfebrida, treveta y enferma es la que se pedía en ese artículo titulado: "FIDEL, NO LE HAGAS UN SERVICIO A BATISTA". Como si con citas de Ortega y Gasset y un rosario de banalidades estéticas e impoéticas a nuestro pueblo y a la disposición de ánimo de los que nos hemos jurado redimir a Cuba de tantas desvergüenzas o peores en masa, que siempre será preferible a vivir tan infelizmente.

Sirvan más que nunca de réplicas las palabras de quien fui maestro (Continúa en la Pág. 81)

Imagem 6 - Revista Bohemia. Sirvo a Cuba. Los que no tienen el valor de sacrificarse. 20 de Noviembre de 1955, p. 59.

A única imagem de Fidel Castro na extensa reportagem punha em evidência, como sempre, a formalidade do chamado Dr. Fidel Castro, homem de letras que “lutava por todos os cubanos” contra a tirania. No plano central da imagem, braço aberto e engravatado, uma leitura da imagem permite observar não apenas o tamanho que Fidel Castro parece ter, como a técnica utilizada – *contra-plongée* – reforça esse aspecto com uma tomada de baixo para cima de uma figura que ocupa sozinha os espaços da fotografia. Poderíamos arriscar numa interpretação de que a imagem, aliada ao texto da reportagem e ao contexto em que se deu buscava dar a Castro grandiosidade e significância ante Boán Acosta.

Na reportagem em questão, das mais importantes colocações de Fidel que nos viabilizam a compreensão de sua tentativa por vincular-se de algum modo ao mítico legado de José Martí, encontra-se o que segue:

En la filosofía democrática y revolucionaria de Martí basamos nosotros firmemente nuestra postura; contra él tendrán que polemizar los guerrilleros de hoy, porque nos hemos propuesto continuar su obra, porque somos fieles a su pensamiento, con hechos y no con palabras, porque estamos dispuestos a convertir en realidad la Cuba que él soñó, frustrada por los mercaderes de la política, los ambiciosos y los malos gobiernos, que sólo han servido en cincuenta años de república para enriquecer centenares de pícaros, ninguno de los cuales ha dormido una noche tras las rejas de la cárcel.

Imagem 7 - Revista Bohemia. 20 de Novembro de 1955, p. 82.

Ao passo que Lillian Guerra (2005, p. 256) observa que a elite revolucionária nacionalista que tomou o poder em 1959 se apropriou da imagem e obra de Martí para legitimar seus líderes – destacadamente Fidel Castro –, a resposta do rebelde em *Bohemia* acima apresentada reforça esse cenário. Fidel, entendemos, buscava nas entrelinhas dizer a Ángel Boán Acosta que servia não a Batista, mas a Martí em defesa de Cuba. Nesse sentido, finalizou sua resposta “*Sirvo a Cuba, y los que no tienen el valor de sacrificarse, deben tener, al menos, el pudor de callar ante los que se sacrifican*”.

Sobre esse episódio, Fidel Castro chegou a comentar mais tarde:

[...] yo iba publicando en Bohemia. Recuerdo que el primero [en 1955] se tituló “Sirvo a Cuba. Los que no tienen el valor de sacrificarse”, que escribí cuando me encontraba de recorrido por Estados Unidos, para responder a un artículo de Ángel Boán, aparecido en la prestigiosa revista cubana bajo el rótulo “Fidel, no le hagas un servicio a Batista”. Concedí declaraciones en Miami. Me hicieron la entrevista allí (CASTIÑEIRA, 2011, p. 406).

Atentemo-nos aqui para o curioso fato de Fidel, à época da afirmação acima, entender ter sido essa sua primeira publicação em *Bohemia*, quando já mostramos ter essa relação se iniciado muito antes e se desenvolvido ao longo do tempo.

De volta ao foco de nossas reflexões, no entanto, a viagem de Castro aos Estados Unidos não se resumiria a essa declaração. Pelo contrário, Fidel Castro ocupou-se também de fazer declarações a outros órgãos de imprensa dos Estados Unidos (a exemplo do *Key West Citizen*, *The Tampa Morning Tribune* e *La Gaceta*, de Tampa), dando a conhecer naquele país as razões

de sua revolução numa peregrinação, não por acaso, a exemplo da que fizera José Martí – aspecto fundamental para a construção de sua imagem ante o povo cubano numa toada que reforçava o discurso nacionalista de sua luta à luz do legado deixado pelo apóstolo da independência. Inclusive, a esse respeito, Lillian Guerra comentou:

Fidel unvaryingly emphasized the theme of armed struggle. **He had deliberately timed the latter leg of the tour to coincide with the anniversaries of José Martí's first organizational and fund-raising appearances in Tampa and Key West** in the early 1890s during the run-up to Cuba's final war for independence from Spain [...] Thus, the tour served two purposes: to drum up excitement for the 26th of July Movement under his exclusive leadership and to gloss Fidel and other chief leaders as morally driven, selfless activists who put aside all material and political ambitions for the cause of Cuba (GUERRA, 2018, p. 174, grifos nossos).

Seguindo os caminhos de Martí, em 07 de dezembro de 1955 em Key West, Flórida, Fidel Castro faz declarações sobre a realidade de seu país por ocasião de sua visita ao elitista *Kennel Club* da cidade. Na data de 09 de dezembro o jornal local, *Key West Citizen*, traria informações sobre aquela ocasião, editando as palavras de Castro e reforçando os objetivos de sua visita ao país no contexto comentado anteriormente por Guerra.

Page 4 THE KEY WEST CITIZEN Friday, December 9, 1955

Fidel Castro Has Record As Rebel

By HANK DAY

An alleged Cuban revolutionary leader reportedly invited the United States in an effort to gain support of his plans to oust President Fulbright. Batista finally held an impromptu meeting on Wednesday night outside the city limits, it has been learned.

Fidel Castro, well known for his revolutionary activities among students in Cuba, is reported to have announced last week in Tampa that he was touring the United States in an effort to raise funds for the overthrow of the Batista government by force.

Castro arrived in Key West this week and, under the guise of arranging a meeting to commemorate the anniversary of the deaths of several beloved Cuban heroes, obtained permission to use the facilities of the hotel Elva Lodge for the meeting.

Officials at the hotel helped with the permission, however, when they became aware of the publicity attendant upon meetings held at other hotels.

Unsuccessful in attempts to secure a meeting place in the city, the meeting was finally held in a Stock Island parking lot.

No newspaper publicity was given to the meeting and, so far as can be ascertained, no member of the press was present at the meeting.

Dr. Julia DePoo told the Citizen that a number of the staff had been invited but no one recalls such an invitation nor of having been admitted as to the place and time of the meeting.

DePoo said that "about 300 persons" attended the meeting and that "it was a show meeting" with those attending being informed of alleged mismanagement of government affairs by the present administration.

He referred to the hearing as "fantastic" and described the action of local groups in denouncing the meeting as "a police production" which was held outside the city limits, no police production could be afforded but that the sheriff's department "was very cooperative."

Other sources place the attendance at "around 125" but very little has been said about the proceedings at the meeting.

Castro, head of key figures in the recent among University students in Havana, has nothing but the names of Charles and Zola Washam, the two were stopped by Mrs. Washam, who asked them for \$5 but money to visit her sick husband at Indianapolis. They could, she said, get the money back by taking two sacks of wheat from the Washam barn and selling them.

While getting the wheat, Mark Hudson and a companion, Ed Conner, were wounded by shotgun blasts fired by Joseph Dal...

Mother, Child Found Dead Of Brutal Beating

MELBOURNE (P)—A mother and young daughter were found beaten to death in their car in front of a home today a short while after the father and husband reported their missing.

Police Chief John Thomas identified them as Mrs. Patricia Van Euchen, 36, and her 10-year-old daughter, 10.

The chief said the bodies were found a few minutes after Philip Van Euchen, operator of a laundry, reported them missing about 6:30 p. m.

The bodies were found by Patrolmen Charles Collins in front of the Riverside Funeral Home, only a short distance from the Van Euchen residence.

Ergebn, who operates Van's laundry, and Chief Thomas, his wife and daughter were at home last night when he went to bed, but that they were missing when he awoke.

Sheriff H. T. Williams of Brevard said Ergebn's mother, who advised his wife and daughter were dead and couldn't be identified further.

Ergebn said Mrs. Ergebn's body was covered with a blanket and doubled over in the front seat. The child's body was found in the back seat.

Chief Thomas said they appeared to have been beaten and cut with some sharp instrument.

The bodies were taken into the funeral home and Coroner J. William Woodson of St. Gallie made complete plans for an inquest in the office of the public defender and Ergebn "went completely to bed" when told that his wife had been found dead. He was taken to Brevard hospital and placed under sedatives and care of a physician.

The bodies of the mother and child were taken to the hospital for tests to determine what kind of death instrument had been used and how they were taken to the funeral home.

The mother of Ergebn is Mrs. Teddy Van Ergebn, in widow. She lives the family her own property. The family has lived here many years.

Patrolman Collins said the mother and daughter appeared to have been slain outside the car because the bodies were covered with sand and mud, and a steel wheel barbed through the car.

Mrs. Ergebn apparently had been struck from behind and had fallen on her face into the road.

One of her shoes was missing and she was fully dressed and wearing a blouse and jumper. Patricia was dressed in her school clothes.

There was no sign of a struggle in the Ergebn residence, police said.

Aug. 24, 1954, the young Ergebn's only other child, Roger, was killed. Roger was playing with neighborhood children at his home when he was struck and killed by a baseball one of them threw.

Ind. Judge Dismisses 'Almost Fantastic' Case Against Two

INDIANAPOLIS (P)—Describing the case as "almost fantastic," the Indiana Supreme Court yesterday threw out two men whose effort to help a woman in distress had led to a year sentence for auto larceny.

Amie Board, 28, disabled World War II veteran, and Jay Robinson, 18, both of Lawrenceburg, Ind., were ordered freed by the court in its decision the high court went beyond its customary practice of ordering a new trial.

The two had been in liberty on \$1,000 bond since Feb. 17, ten days after they were committed to 10-year terms in the Indiana Reformatory by the Dearborn Circuit Court.

This chain of events, as related in testimony before the Supreme Court, led to their arrest.

While getting the wheat, Mark Hudson and a companion, Ed Conner, were wounded by shotgun blasts fired by Joseph Dal...

Flying Club Is Signing In CAP

Twenty members of the Florida Keys Flying Club have joined the local Civil Air Patrol unit and more are considering the step, it was announced today.

The busy club will hold a business meeting at 11 a. m. on Monday at Marcham Airport during which the Civil Air Patrol unit will be welcomed into the club and Jack Turm and William MacNeil, congratulated upon having joined last week.

Explosives Seized

MICHOIA, Cyprus (P)—A small quantity of explosives was seized yesterday by British police in search of St. Cyril's assassinator.

Eight persons, including one monk, were arrested. Violence has been continuous in this British crown colony for the past year as leaders of Greek descent have pushed a campaign for union with Greece.

Santa Can't Take Part In Traditional Event

BETHLEHEM, N.Y.—Santa Claus has been banned from the annual city-sponsored Christmas parade Dec. 24, July said St. Nick can't be riding on one of the floats because several Bethlehem residents would object to him as a pagan symbol.

Deception Bureau, St. Paul, East Goshard said yesterday could send several religious leaders threatened in Williams, Pa., for depicting biblical scenes if Santa Claus was included in the parade.

Stock Prices at 12:30 EST, Today

Security	Latest	Net Change
Aluminum Co.	89 1/2	+1/2
American Airlines	23 1/2	+1/2
Amer. T. & E.	21 1/2	+1/2
Amoco Oil	10 1/2	+1/2
Atlantic Refining	10 1/2	+1/2
Boeing Aircraft	23 1/2	+1/2
Boysen	10 1/2	+1/2
Casey	10 1/2	+1/2
Chem. Ind.	10 1/2	+1/2
Consolidated	10 1/2	+1/2
East. Airlines	10 1/2	+1/2
Gen. Dynamics	10 1/2	+1/2

Imagem 8 - The Key West Citizen. 09 de Dezembro de 1955, p. 8.

Sem imagens do evento – que foi restrito a algumas poucas pessoas – e com breve texto a esse respeito, o jornal local deu conta de informar que:

Fidel Castro, well known for his revolutionary activities among students in Cuba, is reported to have announced last week in Tampa that he was touring the United States in an effort to raise funds for the overthrow of the Batista's government by force.²⁵

Castro tinha, por certo, consciência da importância de com sua viagem não só reforçar os vínculos simbólicos de sua luta com o legado de José Martí, mas, também, de utilizar esse recorrido como ferramenta indispensável para o financiamento da até então pretendida luta em Cuba.

Mais de meio século depois, o próprio líder revolucionário viria a comentar sobre a viagem e sobre sua relação com a que fizera Martí:

²⁵ DAY, Hank. Fidel Castro has Record as Rebel. *The Key West Citizen*, Key West, 09 de dezembro de 1955.

Los hombres muchas veces queremos repetir la historia, aunque las condiciones sean muy diferentes [...] Los acontecimientos históricos tienen siempre mucha influencia, sobre todo en la gente joven, cuando todavía está muy deslumbrada por las hazañas de nuestros próceres, y no se toman en cuenta las diferencias entre una época y otra [...] Un poco imitábamos lo que había hecho Martí en su época [...] (CASTIÑEIRA, 2011, p. 354-356).

De volta a terras astecas em dezembro de 1955, Castro logo teve de ocupar-se em preparar novas declarações a serem enviadas a Cuba. Novamente em *Bohemia*, o líder do Moncada apareceria em janeiro de 1956 para rebater críticas de Miguel Hernández Bauzá aparecidas naquele órgão de imprensa, ocorrida em dezembro de 1955, sob o título *Cuba no es de Fidel*. Tamanho o impacto do artigo de Bauzá que, segundo Szulc, isso deve ter provocado em demasia a Fidel Castro, já que o mostrava, ainda em 1955, como um ser ego maníaco. Sua resposta, contundente, veio em 08 de janeiro de 1956, sob o título *¡Frente a todos!* (CASTIÑEIRA, 2011, p. 407; SZULC, 1987, p. 398).

Bauzá, comentarista político, expressava temor e preocupação com uma possível chegada de Fidel Castro ao poder, levantando essa possibilidade mesmo sem que o próprio líder rebelde tivesse até aquele momento sugerido algo dessa natureza: seu objetivo era, de acordo com seu programa revolucionário não o poder, mas a libertação de Cuba das garras da tirania, representada então por Batista, e reestabelecimento da ordem constitucional de 1940. Para o crítico de Fidel, porém, seu crescimento era perigoso e Castro no poder significaria, como numa premonição, “Deus e César encarnados em uma única peça de carne e osso”, cujo governo poderia assumir contornos autoritários.



Imagem 9 - Revista Bohemia. ¡Frente a todos! 08 de Janeiro de 1956, p. 81.

A resposta a Bauzá – não diferente das muitas cartas, discursos e artigos de Fidel Castro ao longo de sua vida – foi tão extensa quanto enérgica. Datada de 25 de dezembro de 1955 e ocupando cerca de 10 colunas dispostas em 3 diferentes páginas, Fidel defendeu-se na mesma medida em que atacou o regime e propagandeou a seriedade do Movimento 26 de Julho. Usou sua chance de falar e aproveitou-a para mostrar-se ao povo como disposto a sacrificar-se pela pátria; não hesitou em salientar as dificuldades em viver no desterro em nome da luta; e afirmou, sem vacilação, ter carregado dinheiro da revolução nos bolsos enquanto via o filho sentir fome.

O texto cedia espaço tão somente para uma fotografia de Fidel Castro na primeira página, centralizada e cuja imagem, de duas colunas, ocupava a totalidade do plano. Sério, reflexivo e com olhar altivo; assim *Bohemia* apresentava Fidel Castro. Na página seguinte, faça-se justiça, vinha uma fotografia de Hernández Bauzá também centralizada, mas que, de longe, não apresentava o crítico com a mesma serenidade de Castro; estava mais distante das lentes do fotógrafo e, consequentemente, relativamente menor em proporção comparada à imagem de Fidel, gesticulava em tom, ao que indica a leitura da imagem, justificativo.

el único dinero abundante que ha tenido Fidel: la oportunidad de manejar en su vida esa él que ahora le ponen en sus manos los congresos cubanos...? ¿Puede responderse sencillamente que si se manejan fondos en otras urbes. No fue una cantidad tan considerable como la que tal vez Juan Luis del Pozo entregó al Comité Central del Pto. revolucionario inscripta para hacer la reorganización que propusiera la comedia electoral del 1 de noviembre, gracias a la cual Batista dice hoy que su gobierno es constitucional y legítimo. Pero manéjese cerca de veinte mil pesos que reunieron con mil estudiantes jóvenes modestos, como Fernando Ciesnard, que vendió los aparatos de su estudio fotográfico con los que se ganaba la vida, o Pedro Marrero, que empadronó su estudio de suches marca y sus precios prohibió que vendiera los muebles de su casa, o Eulipio Sosa que vendió hasta sus zapatos en trescientos pesos. ¿Qué diferencia de esos valores que el 1 de noviembre, como dice al aster del artículo en cuestión a título de ejemplo cívico, "se jugaban en su porvenir económico, para para arribar a ese día se habían hipotecado hasta los huesos". Aquellos están muertos, los que se "hipotecaron hasta los huesos" la están cobrando hoy la república cinco mil pesos todos los meses en el Senado.

Manéjese cerca de veinte mil pesos, y cuántas veces faltaba en mi casa la leche para mi hijo! ¡Cuántas veces la Día Cubana de la Libertad, insoportable, me cortó la luz! Conozco todavía las fatigas de las pelotas políticas como los propietarios chas a los inquilinos de sus casas. Yo no tenía estradas personales, vivía casi de la caridad de mis amigos, y así lo que es el hambre de un hijo con dinero de la patria en las botellas.

Jamás he creído que la patria sea mía: "La patria no es de nadie —dijo Martí— y si es de alguien será, y esto sólo en espíritu, de quien la sirva con mayor desprendimiento." Los que evidentemente han creído que la patria era suya son los malversadores que a su paso por el poder la explotaron como si fuera una finca privada.

Tan injusta es esta afirmación de que se puede ser honesto cuando no se han manejado fondos públicos (cual si nuestro dedicado pueblo sea fuera capaz de dar un solo hombre honrado) como la afirmación absurda e insoportable que los que me rodeaban "son eran millones emigrados y si felices propietarios de inmuebles mismamente". Desearía saber cuál de esos estrados cubanos que acudieron a nuestros actos e integras las Clases Revolucionarias de Bridgeport, Union City, New York, Miami, Tampa y Cayo Hueso, cuál de esos humildes compatriotas nuestros que se ganan la vida trabajando humildemente fuera de su patria, es feliz propietario de bienes inmuebles, si alguno tuviese un caso particular hecho por recepción, y con toda seguridad producto de su trabajo humilde de muchos años y no robado a la república. Yo los vi cómo vivían, en estrechos apartamientos, donde los matrimonios no pueden tener hijos, donde las mujeres al regresar cansadas de diez horas de fatiga tienen que lavar y cocinar; donde la vida es dura, fatigosa y triste, donde no se cree más que "una excruciación": "Yo viví en Cuba gustosamente con la mitad de lo que gano aquí!" Aliter se hablaba su casa.



Miguel Hernández Bauzá.

de los exiliados, eran poco más de lo contrario: muchos estaban bien; sus hijos aparecían retratados en la prensa frecuentemente; adornaban sus amigos y sus casas en la tierra natal. Pero nadie se acordaba de los pobres hijos de los emigrados que en los estados del Norte tienen que vivir en un clima de muchos grados bajo cero, que no tienen escuela donde aprender el idioma de su patria, ni métodos que enseñen el lenguaje de sus padres. Decir que son felices propietarios, demuestra todo el resentimiento de los políticos contra la emigración cubana, porque esa decena de miles de familias fuera de la patria constituyen una acusación viva y dolerosa de los malos gobiernos que ha padecido la república. Los políticos dicen: "El problema cubano se resuelve cuando puedan regresar los exiliados". Los revolucionarios dicen: "El problema de Cuba se resuelve cuando puedan regresar los emigrados".

De igual modo cuando en ese mismo artículo se afirma caprichosamente que yo en la revista BOHEMIA "recomendaba a mis amigos que votasen por Grau, seguramente aspirando a una pronta libertad por la vía de su justicia...". Se está evidenciando una falta de seriedad y de capacidad que descalifica a cualquier como polemista y hombre público. Jamás hice tal recomendación, porque no incurro en semejantes contradicciones de principio, y renunciaría a la vida pública si me presentara en BOHEMIA donde la misma aparece. Mal podía estar deseando su libertad por que vía indigo quien en el instante más álgido de la anarquía, cuando más sentía la inclinación a no de los del Moncada y se hablaba de rendiciones previas declaró en carta que publicó BOHEMIA: "Si se nos exige un compromiso para concederles la libertad declaro rotundamente que no. No, no estamos cansados. Después de veinte meses nos sentimos firmes y conscientes como el primer día. No queremos amnistía al precio de la deshonra. No pasaremos bajo las hercas casuales de opresores inmorales, cuyos años de cárcel antes que la humillación; ¡Mí! años de cárcel

de ahora, y era el momento de la política.

Y en una época de corrupción sin precedentes, cuando a cualquier líder juvenil le daban docenas de puestos y tantos se corrompieron, algún motivo tiene haber encabezado la protesta estudiantil contra aquel régimen durante varias años sin haber figurado nunca en un nómina del Estado.

Resulta insólito, único y desvergonzado, que los padrinos del gangsterismo, sus protectores y subventores usaran ahora semejante argumento para combatirlos. ¡Serán caridosos! Mencionar el pandillaje en la humilde casa del gran ciudadano es como mentar la roga en casa del ahorcado. En igual situación están los del régimen para España: repido de dinero y en cambio asesinaron al Colorado en la calle Durago. Dicho sea con respeto para el difunto, que luchando frente a la tiranía, se reivindicó de sus errores. Cuas estradas ocurrieron antes del 10 de marzo [may extrínas], si se tiene en cuenta que todavía no han aparecido los que pusieron la cabeza en la pelería Ingelmo ni los matadores de Ciego del Fino.

En vista de que me están obligando a ello, ¿será necesario que publique íntegro de nuevo el texto que presenté al Tribunal de Cuentas el día 4 de marzo de 1956, publicado en el periódico "Alerta" con fecha 2 del mismo mes y año, denunciando por sus nombres y apellidos los dos mil ciento veinte puestos que tanto los grupos en los Ministerios? ¡Quién se atreva nunca a presentar semejante denuncia? No fue por cierto Batista que vivía en su finca de Raguán muy bien protegido por Carlos Prío y tenía permiso para andar con armas y guardia personal. Yo andaba por las calles de La Habana desarmado y solo.

De aquel escrito, hasta por esta vez un párrafo con el que comencé mi alegato, que fue una promesa: "Al Tribunal de Cuentas acudo en patriótica llamada... para buscar el milagro que pueda salvar la nación del derrumbe constitucional que la amenaza". No ocurrió el milagro y una semana después se produjo el derrumbe del 10 de marzo. El gangsterismo era el pretexto, pero quien lo invocaba habiéndose uno de sus iniciadores cuando a través de su colaborador Jaime Mariá, alzó el boteo universitario. Aquel mal que germinó en el autenticismo, tenía sus raíces en el resentimiento y el odio que sembró Batista durante once años de abusos e injusticias. Los que vieron asesinados a sus compañeros quisieron vengarse, y un régimen que no fue capaz de imponer la justicia, permitió la venganza. La culpa no estaba en los jóvenes que arrojaron por su inquietud natural y la leyenda de la época heroica, quisieron hacer una revolución que no se había hecho, en un instante que no podía hacerse. Muchos de los que víctimas del engaño, murieron como gangsters hoy podrían ser héroes.

Para que el error no se repita, se hará la Revolución que no se ha hecho, en un instante que puede hacerse. Y para que no haya venganzas, habrá justicia. Cuando haya justicia nadie tendrá derecho a exigir un vengador errante y todo el peso de la ley caerá sobre él. Solo el pueblo constituido en poder tiene, no menos repetivas que las

(Continúa en la Pág. 80)

Imagem 10 - Revista Bohemia. ¡Frente a todos! 08 de Janeiro de 1956, p. 82

As imagens falavam; em conjunto com o texto, elas informavam. Um Fidel Castro sereno versus um Miguel Hernández Bauzá argumentativo em meio a um texto que, escrito por Castro, elevava sua própria moral enquanto adjetivava Bauzá como canalha e covarde.

A honestidade de Fidel era posta, por ele mesmo, em evidência e, como em outras ocasiões, o advogado rebelde citava Martí: "La patria no es de nadie, - dijo Martí - y si es de alguien será, y eso solo em spiritu, de quien la sirva con mayor desprendimiento". A imagem pública se constituía pouco a pouco através das páginas de grande circulação em Cuba.

Entretanto, episódios como o que protagonizou Bauzá mostram que, desde aquele então, Fidel Castro era uma peça-chave na política cubana e um nome de expressão nos corredores da república. Sua importância era reconhecida.

A oposição, que teoricamente haveria de ocupar-se em arremeter contra Batista, passava a mostrar-se preocupada, na realidade, também com Castro e com a magnitude com que suas ideias eram difundidas pelo país. De acordo com Szulc:

[...] Fidel Castro teve que enfrentar a política e aos políticos de Cuba, que estavam, finalmente, começando a perceber que ele emergia como principal líder opositor. Um artigo publicado na revista *Bohemia* dizia: “Um ‘complexo fidelista’ está se desenvolvendo entre os políticos (foi a primeira vez, ao que se sabe, que a expressão fidelista foi usada). Os políticos sentem-se diminuídos pela sombra de Fidel Castro, que vai se agigantando cada vez mais, [...]” (SZULC, 1987, p. 398).

Assim iniciava-se 1956 para Fidel Castro que, entre atividades na imprensa e os preparativos para o regresso, se constituiu num ano decisivo para a luta rebelde e para si, que estava prestes a adicionar aos embates na imprensa também os combates desde os *fronts* de batalha da *Sierra Maestra*; é dizer, estava prestes a trazer para sua luta um ingrediente a mais: a guerra de guerrilhas sem que abrisse mão das atividades de propaganda.

Com o exposto até o momento, fica reforçada uma vez mais nossas colocações sobre a latente importância da imprensa para Fidel e para a revolução que projetava em Cuba. E nessa via, frisando sua dedicação inequívoca em publicar, o rebelde comentou:

Aprovechaba los períodos en que no había censura para escribir en los diarios y revistas. Era periodista, y creo que lo sigo siendo. Tenía la idea de que debía defenderme con pluma, porque si no lo hacía me dejaban sin masa, y un político sin masa es igual a cero; una revolución sin masa es igual a cero, y tenía que defender la Revolución; por eso prestaba la atención a todo lo que se publicara y entonces entraba en la polémica, escribía la replicas. Ya escribía artículos desde la prisión en la Isla de Pinos (CASTIÑEIRA, 2011, p. 408).

O trecho acima, dentre outras coisas, reforça a ideia defendida nesse trabalho da necessidade real e reconhecida por Fidel Castro de ter as páginas da imprensa como aliadas na luta contra Batista, afinal, de acordo com Tad Szulc “como sempre, a propaganda política não saía da cabeça de Fidel” (SZULC, 1987, p. 259).

2.2. Guerra de informações e luta armada: de volta a Cuba, rumo ao poder

Se o ano de 1955 foi marcado pela liberdade e pelo estabelecimento de núcleos de propaganda e financiamento para o movimento de Fidel Castro no exterior, o ano de 1956 seria marcado pela agitação de treinamentos no México, pela tensão de uma prisão inesperada e pela expectativa do regresso a Cuba. Desse modo, não se pode ignorar esse ano que, do nosso ponto de vista, mostra-se como fundamental para a luta armada que, futuramente, se estabeleceria na *Sierra Maestra*.

Apesar de, pelas razões comentadas, ter, naturalmente, sido um ano conturbado e intenso, é curioso verificar que sequer tais condições tiraram do horizonte e das práticas de

Castro a preocupação em firmar seu posicionamento na imprensa legal cubana além de, numa demonstração da intensidade com a qual buscava produzir informações, marcar presença com declarações em publicações próprias do M-26/7 tanto em Cuba como nos Estados Unidos, conforme comentaremos.

Contudo, daremos aqui início com uma explanação que, por um instante, desloca nossas atenções do México para Cuba; de Fidel para seu antigo partido. Em fevereiro de 1956, debatia-se em Cuba pelo Partido Ortodoxo a possibilidade de apoiarem os diálogos políticos em busca de uma solução pacífica para a crise política de Cuba e a realização de eleições parciais. A esse tema membros da juventude e outras figuras se opunham, por crer que tal postura do partido convalidaria o golpe de Estado de 10 de março de 1952, defendendo, assim, a resistência cívica. Diante das divergências e do clima acalorado do episódio, produziu-se uma violenta confusão iniciada por aqueles que defendiam a resistência.

Em 04 de Março do 1956, enfim, *Bohemia* dava a conhecer ao povo de Cuba os detalhes do lamentável evento do mês anterior com uma série de detalhes em sua famosa seção *En Cuba*. Nela, detalhado o episódio e transcritos até os diálogos do evento, aparecia o nome de Fidel Castro e uma insinuação de que teria sido a ação violenta produto do Movimento 26 de Julho, ainda que Níco López, integrante do grupo *fidelista* do partido tenha assegurado que o grupo nada tinha a ver com aquele ocorrido. Por esse motivo, colocou-se que caberia a Fidel Castro condenar expressamente aquela atitude, classificada pelos dirigentes do partido um atentado.

O episódio destacado por *Bohemia* em tão famosa seção deu motivação para que Fidel Castro viesse a público fazer duras declarações, numa demonstração de atenção constante ao que se passava na ilha. Assim, na edição seguinte, com data de 11 de março de 1956, estando no México, Castro acabou envolvendo-se na polêmica com um extenso artigo em resposta às declarações que ele considerava injustas a sua pessoa e ao M-26/7.

Na publicação em questão, além de posicionar-se, chama-nos a atenção o aspecto de que Fidel Castro não perdeu a oportunidade de, em meio a defesa, exaltar uma vez mais sua moral e retidão, fazendo questão de diversas vezes aludir a tais temas, além de, como sempre, direcionar críticas ao regime e à situação cubana.

Com isso, queremos chamar a atenção para o fato de que, como sempre, Fidel Castro utilizava toda e qualquer oportunidade que tinha de falar na imprensa e a convertia em arma contra seus inimigos políticos e a favor de si mesmo. Ora, mesmo quando em defesa do Movimento 26 de Julho, Castro não economizou palavras para adjetivar-se, mostrando que sua

defesa é parte de uma preocupação que possuía com a opinião pública, conforme expressa no texto.

Tamanha preocupação que, mesmo em meio aos preparativos para a luta armada sendo realizados no México – à época, tinham voltado dos Estados Unidos com alguns fundos arrecadados e organizavam-se em torno do treinamento e do regresso –, Fidel Castro no mesmo mês de março voltou a escrever na revista *Bohemia* dando uma espécie de continuidade ao que publicou-se no dia 11 de março.

Sob o título *El Movimiento 26 de Julio* vinha suas declarações, situadas nas páginas 59, 70 e 71 – sendo a primeira e a última inteiramente ocupadas pelo artigo de 4 colunas.

Dessa vez, usando de pretexto os acontecimentos recentes, sobre os quais já havia escrito anteriormente, as palavras de Castro atuavam no sentido de projetar o Movimento 26 de Julho à condição de opositor maior do regime e da infâmia, maior até do que o seu próprio partido; como organização capaz de reconstruir Cuba. Mas curioso é também verificar que, mesmo nesse artigo, em que em tese se coloca a escrever sobre o M-26/7, Castro não deixa de falar de si, em primeira pessoa, reforçando sua trajetória e seus posicionamentos.

EL MOVIMIENTO 26 DE JULIO

POR
FIDEL CASTRO

"Las piedras del Morro son sobrado fuertes para que las derritamos con lamentos,— y sobrado flojas para que resistan largo tiempo a nuestras balas".

José Martí.

EN el mismo lugar de aprobo y de vergüenza deberían escribirse un día los nombres de quienes escribieron la tarta de libertar a su patria como los de quienes la aprisieron. En Cuba hay, desdichadamente, muchos, y no basta hoy no han hecho absolutamente nada por reducir de la tiranía y, sin embargo, han celebrado todo lo posible. Lo sabemos muy bien quienes desde hace varios años no hemos descausado un minuto en el cumplimiento feroz y duro del deber.

Al salir de las prisiones, hace diez meses, y comprender con claridad que al pueblo no se le devolvieron jamás sus derechos, si no se declara a consciencia con su propia sangre, más allá del impulso de vertebrar una fuerte organización revolucionaria y detarla de los elementos necesarios para darle la batalla final al régimen. Para los que hemos hecho de esta una misión en la vida, no era lo más duro. Más ardua y fatigosa ha sido la lucha contra la mala fe de los políticos, las intrigas de los incapaces, la envidia de los mediocres, la cobardía de los intereses creados y sus capaces de conjura mancomunada y cohecho, que se interponen siempre contra todo grupo de hombres que intenta una obra digna y grande en el medio donde se desenvuelve.

El cardenal que usó el país en el caso y la desesperación fue tan sólo un desperdicio del pueblo y el Gobierno. Se prefirió en la sombra por un puñado indiano de defraudar, que se movieron libremente y perpetraron sus crímenes criminales mientras la nación dormía confundida e inocente. Sin contar horas, Cuba, de país democrático, pasó a ser, ante los ojos del mundo, un estado más en el grupo de naciones latinoamericanas esclavizadas por la tiranía. La tarea de devolver al país su prestigio internacional, de recuperar las libertades que le arrebataron al pueblo y, con ello, una nueva era de justicia y equidad para las partes más sufridas, explotadas y humilladas de la nación es un desafío, por amarga paradoja, incomparablemente más difícil y duro.

Cuatro años llevamos luchando para reconstruir lo que se destruyó en una noche. Se lucha contra un régimen que está alerta y temeroso de la arremetida inevitable en lucha contra camarillas políticas que asaradamente opuestas a la situación no se interesan por un cambio radical en la vida del país, sino por retrotraerlo a la política letal e infame donde los cargos legislativos falsamente remunerados, las altas posiciones burocráticas y las fortunas consiguientes puedan asegurarse de por vida y es imposible de padecer a hijos se lucha contra las intrigas y maquinaciones de hombres que hablan a nombre del pueblo y no tienen pueblo; se lucha contra la presión oculta de los falsos profetas que hablan contra la revolución en nombre de la paz y olvidan que en las hogaras habiéndose temerosos y osadidos no hay paz desde hace cuatro años; contra los que pretenden anastrotar nuestra postura intrasigente presentándose como políticos salvadores al veneno de una campaña electoral y teniendo el buen cuidado de callar una, en cincuenta y cuatro años de República.

Los amigos de la República, por ejemplo, hacen recienismo, por un lado, dramáticos prosustituciones opuestas a la sencilla ciencia por la peligrosidad que entraña para la sociedad la inmundicia del delito, y por otro, se alienta a dialogar solemnemente con Anselmo Allegro, Santiago Rey, Justo Lelis del Pozo y otros personajes gubernamentales ahora cuyos nombres de parameros de instituciones presentes y pasadas, de amigos y de roba, pesan más que sus todas las que puedan haber a todos los reos de la Isla de Pinos juntos.

Por ser un inconforme que no se resigna con el fatalismo político que hasta aquí hemos vivido, por deseo para mi patria un destino mejor, una vida pública más digna, una moral colectiva más elevada, por creer que la nación no puede para disfrute y privilegio exclusivo de unos cuantos, sino que pertenece a todos, y todos y cada uno de sus seis millones de habitantes y los millones que la población en el porvenir, tienen derecho a una vida decorosa y de justicia, de trabajo y bienestar, por luchar por ese ideal sin vacilar ante ningún riesgo o sacrificio, sin dudar en entregar los mejores años de la juventud y de la vida, cual lo están haciendo hoy centenares de hombres de nuestra generación con incomparable desinterés, poco falta para que se nos trate de premejar ante la opinión pública como reprobos de la sociedad, o caprichos sostenedores de una línea que

réplica en nombre de nuestro MOVIMIENTO a tanto hombre elegante, a todos los aristocráticos que no tienen fe en su pueblo.

Empezando por aclarar conceptos y situar las cosas en su punto, repito aquí lo que dije en el Mensaje al Congreso de Militantes Ortodoxos, el 28 de agosto de 1956: "EL MOVIMIENTO REVOLUCIONARIO 26 DE JULIO no constituye una tendencia dentro del Partido; es el aparato revolucionario del chibasisimo, enlazado en una misión, de cuyo éxito depende la libertad de la dictadura cuando la Ortodoxa yacia impudente dividida en sus posiciones. No estamos abandonando nada sus ideas, y hemos permanecido fieles a los más puros principios del gran combatiente cuya caída no comencemos hoy".

Actualmente cuando se proclamaba la línea revolucionaria fui aprobado unánimemente por la convocatoria de quinientos representantes de la Ortodoxa procedentes de toda la Isla, que, puestos de pie, lo aplaudieron durante un minuto. Muchos de los dirigentes oficiales se encontraban presentes y ninguno de ellos pidió la palabra para hablar en contra. Desde aquel instante la línea revolucionaria nuestra fue la línea de los masos del Partido; estas hablan expresado sus sentimientos de manera inequivoca; desde aquel momento los masos y los dirigentes comenzaron a marchar por nosotros al frente.

¿Es que ignoramos los milicias del Partido convocaron aquí ayer? ¿Acaso en las concentraciones provinciales desde el primer momento fue: "REVOLUCION! REVOLUCION! REVOLUCION!"? ¿Y quienes sostenemos la línea revolucionaria sino nosotros? ¿Y qué organismo podía llevarla a la práctica, sino el aparato revolucionario de aquella masa chibasisima, el MOVIMIENTO 26 DE JULIO? Han transcurrido siete meses desde entonces. ¿Qué hizo la dirigencia oficial a partir de ese día? ¿Defender su tesis dialoguista y mediacionista, ¿Qué hicieron nosotros? Defendimos la tesis revolucionaria y entregamos a la tarea de llevarla a la práctica. ¿Cuál fue el resultado de la primera? Siete meses lamentablemente perdidos. ¿Cuál fue el resultado de la segunda? Siete meses de ferocidad oscura y una poderosa organización revolucionaria que muy pronto estará lista para entrar en combate.

Hablo sobre hechos, no sobre fantasmas; me baso en verdades, no en sofismas. Podríamos probar que la inmensa mayoría de la masa del Partido, (lo mejor de sus filas), sigue nuestra línea, sin embargo, no lo estamos proclamando todos los días ni hablando a otros cuyo culpado es muy hipotético a esta altura. ¡Mucha agua ha corrido bajo los puentes desde la última reorganización hace cinco años! ¿Y quien ha dicho que las ideas serán sus ideas, que las situaciones no cambian; más aún en un proceso de corrupción donde todo se altera vertiginosamente? ¿Puedo cambiar, que alguien, producto de aquella reorganización, como Guillermo de Zúñiga, está hoy cómodamente instalado en el

(Continúa en la Pág. 79)

Imagem 11- Revista Bohemia. El Movimiento 26 de Julio. 01 de Abril de 1956, p. 54.

Iniciada com uma frase de Martí, rememorando, nas entrelinhas, a figura do apóstolo da independência, e com uma imagem de Castro ocupando duas colunas da porção central da página, *Bohemia* publica suas declarações na íntegra. Nesse material, páginas a frente, podia-se ler que “surgió de las fileiras del partido un movimiento que por su proyección era capaz de satisfacer las verdaderas ansias de la masa”, em referência ao 26 de Julho, ou mais adiante a frase “Frente al 10 de Marzo, el 26 de Julio!”.

Assim, caracterizava-se mais uma das intervenções de Fidel Castro naquele órgão. Sem hesitar na contundência das palavras, o então rebelde exilado colocava em xeque a conduta de membros do Partido Ortodoxo e, a seu modo, fazia rememorar seus próprios feitos, segundo ele “incansáveis”, quando membro daquele partido político.

A conduta séria e combativa que buscava-se fazer evidente através da publicação cumpriu sua função. Em meio às críticas e as defesas, o papel do 26 de Julho – cujo nome vinha já no título – volta a destacar-se no final da extensa publicação.

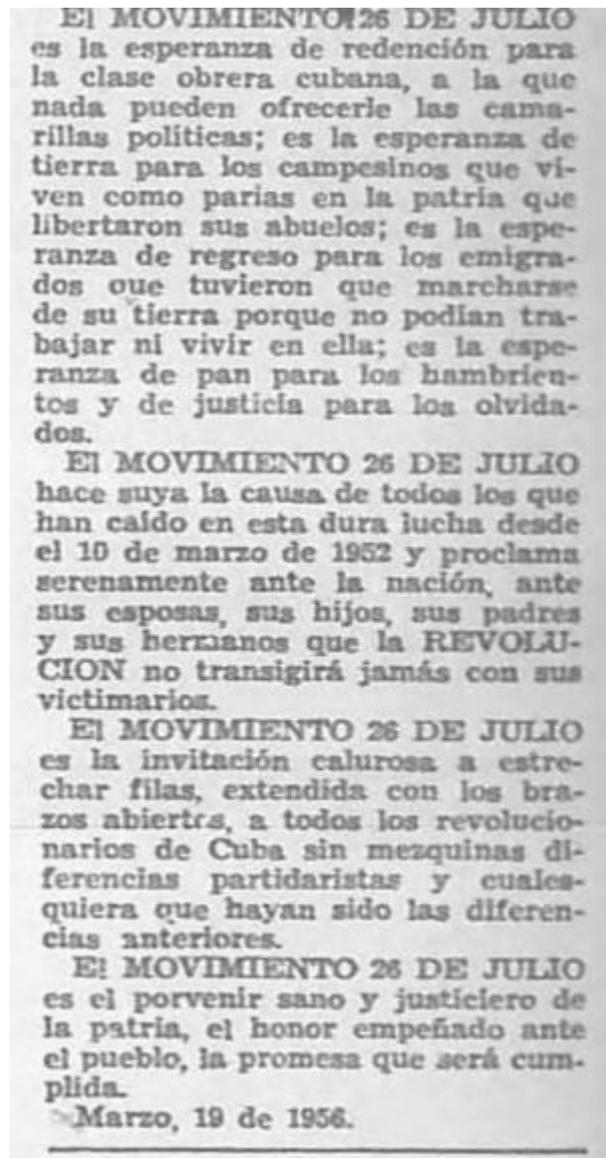


Imagem 12 – Revista Bohemia. El Movimiento 26 de Julio. 01 de Abril de 1956, p. 71.

Fidel Castro dava, assim, fim a sua publicação naquela edição de *Bohemia*, tendo atacado o quanto pode, divulgado sua causa na mesma medida e, por fim, elevando a doutrina do M-26/7. Mesmo longe, Fidel valia-se dessa poderosa arma à sua disposição.

Assim, até o mês de julho a imprensa legal cubana não veria estampada em suas páginas as palavras de Castro. No México, o *guerrillero del tiempo* – alcunha pela qual é tratado em um

dos trabalhos de Katuska Blanco em nossa bibliografia – seguia com ações discretas e clandestinas que preparavam o retorno a Cuba.

No mês de maio pôde finalmente alugar uma fazenda a pouco mais de 30 km ao sul da Cidade do México, onde junto de seus correligionários puderam iniciar reuniões e planos melhor organizados e seguros (GOTT, 2006, p. 178), Àquela altura, o grupo contava já com a experiência de Alberto Bayo, oficial Republicano que os treinaria na guerra de guerrilhas que seria levada a cabo em Cuba e, para tanto, frequentavam quase que diariamente um campo de tiro legalizado, *Los Gamitos*, onde praticavam (BESANCENOT; LÖWY, 2009, p. 23; CASTIÑEIRA, 2011, p. 373).

No entanto, a propaganda política estava ainda entre as questões fundamentais. Enquanto não publicaria na imprensa legal cubana até o mês de julho, por outro lado apareceria naquele mês de maio um artigo seu na primeira edição de *Aldabonazo*, então órgão oficial do Movimento Revolucionário 26 de Julho, publicado clandestinamente pela primeira vez no dia 15 de maio.²⁶

Enrique Oltuski comenta em seu livro de memórias a respeito das atividades no órgão clandestino:

I wrote articles for the paper and worked with Franqui in printing and distribution as well as collecting the money from our sympathizers and members to pay the bills. We published a few thousand copies of each issue and distributed them very carefully hand to hand. We could never be seen distributing the paper, or we would be arrested and tortured. Some of us were, in fact, so we were very secretive about our publication and its circulation (OLTUSKI, 2002, p. 93).

Sobre a logística de produção e distribuição àquela época, o autor detalha que a solução encontrada foi, basicamente, alugar uma casa em cuja garagem deveria ser armazenada a máquina para impressão do jornal. Nessa residência, um companheiro vivia com sua família e, quando a edição estava impressa, um carro adentrava a garagem onde era carregado com exemplares que seriam logo distribuídos (OLTUSKI, 2002, p. 94).

²⁶ A primeira edição de *Aldabonazo* – raríssima e que, portanto, não dispomos de reprodução do original – contava com um artigo de Fidel Castro firmando o posicionamento do M-26/7 a respeito de uma conspiração militar contra o regime de Batista que, a princípios de abril fora desmantelada e os envolvidos presos. Valendo-se de tal episódio que, pelos fatos em si, coadunavam com suas aspirações contra Batista, Castro defende os envolvidos e reforça, novamente, a necessidade de uma revolução no país, chamando, indiretamente, para si e para aqueles que os apoiam essa responsabilidade.

Para mais informações, ver: MACHÍN, Ana Nuñez. Fidel Periodista. La Habana: Pablo Torriente Editorial, 2006, p. 133-136.

Desde o México, por outro lado, Castro escrevia assiduamente em *Bohemia* e foi marcadamente a publicação que veio à luz em 15 julho de 1956 uma das mais emblemáticas intervenções de Castro na imprensa legal cubana. Na realidade, nem tanto pelo conteúdo em si, mas pelas circunstâncias em que tal episódio se deu: Fidel Castro encontrava-se preso.²⁷

Encarcerado na prisão de Miguel Schultz, na capital mexicana, por ocasião de ter sido flagrado armado em situação suspeita pela Polícia Federal daquele país, Castro encontrou espaço para, pouco antes de ser posto em liberdade, fazer declarações na revista *Bohemia* com o artigo *¡Basta ya de mentiras!* (MACHÍN, 2006, p. 210).

Nesse trabalho, como a seguir pode ser observado, Fidel Castro escreve em resposta à uma reportagem aparecida na edição anterior de *Bohemia*, em 08 de julho de 1956, em que Luís Dam dava a conhecer sobre a prisão dos cubanos no México sob o título “*El Grupo 26 de Julio en la Cárcel*”. Segundo a reportagem de Dam, que na realidade não possui efetivamente qualquer ataque ao grupo, foram detidos um total de 23 cubanos em atividades ilícitas no país sob a acusação de posse ilegal de armas o que, segundo a *Ley General de Población* vigente à época lhes custaria, dentre outras coisas, a deportação.

Apesar do tom noticioso e, em certa medida, imparcial da reportagem de Dam, Fidel Castro sentiu-se rotundamente atacado, fato que lhe motivara a escrever as linhas publicadas em 15 de julho. Curioso é observar, contudo, que mesmo na prisão o líder rebelde mantinha-se informado sobre as notícias que circulavam em Cuba e encontrava tempo para ler e contestar aquilo que lhe parecia cabível.

Desse modo, Castro ocupou-se em desmentir trechos de Luís Dam que julgava fantasiosos, imputando ao autor a responsabilidade por tais “mentiras”, sem considerar, na realidade, que o próprio Dam havia já deixado claro que todas as informações que possuía eram provenientes unicamente das autoridades e da imprensa local, já que não foi autorizado ouvir os detidos, o que teria tentado.

²⁷ A prisão de Fidel Castro deu-se quando, numa noite de junho, deslocava-se por uma rua da Cidade do México escoltado por alguns de seus correligionários, dentre os quais Ramiro Valdés Menéndez. Essa prisão, é importante mencionar, custou a uma parcela do grupo revolucionário cubano não só dias de reclusão, mas também a perda de um elevado percentual dos armamentos de que dispunham, ao redor dos 40%, segundo informações. Para mais informações, ver: CASTIÑEIRA, Katiuska Blanco. Fidel Castro Ruz: Guerrillero del Tiempo - Conversaciones con el líder histórico de la Revolución Cubana. Primera Parte, Tomo II. La Habana, Ediciones Abril, 2011, p. 378-389.

Para Castro, entretanto, isso não tinha importância. Aproveitou o espaço na revista de Quevedo para contar a versão sobre as circunstâncias de sua detenção – a mesma versão que sustentou até os últimos dias – e para defender seus posicionamentos ante a opinião pública; essa sempre uma preocupação em seus escritos.

Controversia

¡BASTA YA DE MENTIRAS!

POR
FIDEL CASTRO

HABÍA pensado, en rar la transmisión del programa para dar al pueblo de Cuba una explicación de lo ocurrido en México. Sin embargo, el reportaje del señor Luis Dam, aparecido en la última BOHEMIA bajo el pomposo título de "EL GRUPO DE DIEZ JULIO EN LA CARCEL", me obliga a escribir desde la propia prisión estas líneas.

Lo cierto es que al reportero al que iba a dejarse entrar en la cárcel y la fotografía nuestra publicada la tomó en las oficinas de la Dirección Federal de Seguridad. No le niega él, y explica afirmando que por más esfuerzos que hizo no le dejaron comunicarse con nosotros. Luego, escribió un reportaje basado única y exclusivamente en los informes de una Policía que ha actuado en evidente colaboración con Batista, sin que el pueblo pudiese leer una sola palabra de los cubanos que han sido víctimas de la persecución desatada, y cuya opinión es de esperar que interese también al Fide por cuyo destino padecen y sufren.

Cuando hay que escribir un reportaje en estas condiciones es preferible abstenerse porque la verdad corre riesgo de no ser conocida, y el reportero puede hacerse eco de algunas mentiras criminales, y en conducta puede parecer sospechosa al desconocer los antecedentes públicos de quienes manifiestan no le ser favorecidos en algunos puntos de infamia que constituyen el eje de la cobarda campaña de difamación lanzada contra nosotros. Que los adversarios declarados de nuestra causa tratan de hacernos todo el daño posible y actúan con oportunismo y mezquindad, se comprende perfectamente; pero resulta amargo y doloroso, que con el título de reportero imparcial, se recorra una versión unilateral y se trate de confundir a la nación cubana, en el instante en que un grupo de sus hijos más sacrificados, son martirizados, calumniados, perseguidos y hasta torturados fuera de su Patria.

Es como cuando, escribir especialmente a escribir criminalmente.

Cuando en este mismo instante hay compañeros secuestrados y desaparecidos por la Policía sin que se conozca su destino que puede ser terrible, cuando un grido de alarma dado a tiempo puede salvar la vida, ¿qué tanto ha hecho ese reportero, con su falta de imparcialidad, para mejorar la suerte de esos compañeros necesitados?

Porque con un hecho corriente en su vida pública tener que luchar desde una celda las más duras batallas en favor de la verdad. No es la primera vez, y quizás no sea la última... El adversario indolente se vale de todas las armas y se aprovecha sobre todo de los momentos adversos, cuando uno está preso o incommunicado y le oren indiferente, para tratar de ganar

ante la opinión pública, a fuerza de mentiras, la batalla que inútilmente han estado librando desde hace cuatro años.

Somos en este instante prisioneros en un país extraño; en esas cárceles llevamos secuestrados más de veinte días, sin que se haya cumplido el elemental requisito de ponerse a disposición de una autoridad competente. Nada reclamamos oficialmente contra una violación de derechos; ningún Embajador hablará a nombre de la Patria lejana. Nosotros no tenemos Cónsules ni Diplomáticos que nos representen; cualquier delito cometido es más afortunado. Los que a nombre de Cuba aquí figuran, antiguos representantes del Fide por la parte socialista, son los que con más celo instigan la persecución y difunden la calumniosa información a manos llenas el ser necesario. Entendamos más que nunca se experimenta la amarga sensación de que los cubanos no tenemos Patria.

Pero este no es momento de autostimatizarnos. Porque lo cierto es que aquí, a pesar del contratiempo y de la artera calumniosidad, los días están más enteros que nunca. La historia de lo ocurrido en México se hizo diferente a la que cuenta en los informes oficiales, y la

acompañaba siempre y tendón el propósito de eliminarla totalmente. Su plan era presentarse uniformados en un carro patrullero de la Policía, detenernos, esposarnos, secuestrarnos y desaparecernos después sin dejar rastro. Se me asegura que tenían un papel con mi firma perfectamente falsificada con la que pensaban enviar una carta desde otro país, dirigida a Emperan el director que había tenido que ausentarse urgentemente de México. Aunque bastante buena la trama previsional que con ella se combinaba la confusión inicialmente, mientras se echaban a rodar distintas versiones. Después de dejar ultimados todos los detalles, regresaron a Cuba los agentes el 10 de Julio aproximadamente.

A ciencia y paciencia nosotros teníamos que esperar tranquilamente los acontecimientos sabiendo que un vulgar asesino tramaba nuestra muerte por el precio de diez mil dólares. Lo que hicimos fue tomar las medidas de elemental precaución, salir poco y no frecuentar los mismos lugares.

Debo confesar que no previmos todos los peligros de nuestra situación. Cuando ellos se dieron cuenta de que estábamos alerta y listos para defendernos, que era muy riesgoso realizar el plan original (circulaban entonces nuestros autómatas) y lanzaron sobre nosotros a la Federal de Seguridad.

Yo no fui detenido en el Rancho como se afirma en el reportaje, si no en plena calle, por agentes de ese cuerpo, y de no haber actuado desde con suma cautela, procediendo a identificarme previamente, hubiera podido ocurrir un grave incidente. Tal vez esto sirva en los cálculos de los autores del plan.

Detrás de toda la trama había un río de oro. En cambio cuando a nosotros nos detuvieron sólo tenían en la tesorería del Movimiento, veinte dólares.

La Embajada cubana estaba pendiente de todo. Supieron la noticia antes que nadie e inmediatamente comenzaron la campaña de propaganda a través de sus Agentes. Todo estaba perfectamente planeado con resguardo cínico. Hicieron publicar de inmediato que "Siete comunistas cubanos estaban presos por conspirar contra Batista". Intercambiaban una serie de datos relativos al Moncada, la sanidad impuesta, etc. que sólo podía conocer la Embajada y añadieron la estúpida afirmación de que yo había entrado en México "con pasaporte obtenido merced a recomendación de Lázaro Peña y Lombardo Toledano". Como si todo el mundo no supiera la forma en que se tramita un pasaporte en Cuba, sin recomendación de nadie, y la visa en el Consulado de México, para la cual se requiere una simple carta Bancaria, que a mí ni siquiera se me pidió, cuando el señor Cisneros me otorgó la visa en (Continúa en la Pág. 64)

gunos elementos del Régimen, desde hasta varias mesas, pero no fui al no hasta muy reciente, a medida que la situación de la Dictadura se hacía más desesperada y crecía visiblemente la fuerza de nuestra revolución, que el plan tomó carácter oficial y se dieron los primeros pasos en ese sentido. Se los presentaba el propósito de evitar en lo posible el escándalo, y no dejar huellas. Dijo decir que elaboraron el plan minuciosamente y de una forma casi perfecta, que en parte por estar informados nosotros de ello y más que nada por para fortuna no se llevó a cabo. Dijo los datos exactos y permanentes para otra ocasión.

El agente encargado de esta misión hizo dos viajes a México los últimos meses. En ambas ocasiones se hospedó en el Hotel "Prado" que es el más lujoso de México. La primera fue descubierta por compañeros nuestros ministros, rondaba la casa de Emperan. Al parecer, usualmente, regresó a Cuba, informando que no le era fácil llevar a cabo su cometido. Semanas más tarde regresó con otros dos agentes más. Fue entonces cuando se les aseguró que en México la única persona capaz de realizar con éxito la empresa era un sujeto cubano, jefe de la Justicia, que residió en México con papales de

63



"Somos en este instante prisioneros en un país extraño, en esas cárceles llevamos secuestrados más de veinte días..."

Imagem 13 – Revista Bohemia. ¡Basta ya de mentiras! 15 de Julho de 1956, p. 63.

O título em questão era um pretenso contra-ataque a Luís Dam que, em verdade, sequer o havia atacado. Publicou o que pôde com as informações que dispunha.

Castro, porém, queria falar e não perderia a chance que o momento lhe oferecia. Contava sua versão dos fatos, reforçando sua dura trajetória e colocando em evidência sua moral e honradez – essas sempre em contraste com o caráter tirânico do regime – de modo a sustentar os argumentos em torno da justificativa de que queriam elimina-lo e, portanto, sua prisão vinha

de uma ação planejada pelo governo cubano que, desde muito, supostamente os espionava no México.

O texto de Fidel Castro impressiona pelos detalhes e chama, na mesma medida, a nossa atenção pelo fato de que o rebelde anunciava estar ciente de toda uma conspiração contra a sua vida, denunciando inclusive o nome daquele que seria seu algoz. Não se sabe se a história procede, mas fato é que fora notadamente oportuna essa denúncia no contexto de sua prisão. A busca evidente era no sentido de esvaziar o discurso de que haviam sido presos por crime cometido no estrangeiro – o que, efetivamente, ocorreu – e dar forma a uma narrativa que invertesse-lhe o papel, assumindo a posição de vítima.

Liberto, cumpria a Fidel Castro a missão de manter-se no campo público através de suas declarações à imprensa em paralelo aos preparativos para o retorno à ilha. Tão logo voltava às ruas, concedia entrevistas jornalistas na Cidade do México ressaltando sua disponibilidade em lutar e sua determinação em tornar Cuba livre ou, caso contrário, converter-se em mártir.²⁸

Nos interessa, entretanto, observar a importante publicação de Castro em *Bohemia* com data de 02 de setembro de 1956, em cuja edição aparece o artigo *Carta sobre Trujillo*, onde Fidel Castro expressa, dentre outras coisas, certa proximidade; ou melhor, literalmente, um grau de amizade para com Miguel Ángel Quevedo, dono de *Bohemia*.

Na publicação, cuja significância se dá pelo conteúdo textual em si, nos desperta a curiosidade uma série de aspectos, a começar pelo fato de Quevedo ter publicado na edição daquele dia 02 de setembro a íntegra da carta dirigida a ele, afinal, por mais que nela Castro faça acusações ao regime e peça pela publicação de seu conteúdo, nada o obrigava a fazê-lo.

O documento, segundo compreendido através de sua análise, é a representação da indignação de Fidel Castro às críticas e acusações feitas contra sua pessoa por Rafael Salas Cañizares, militar fiel à Batista e chefe da polícia, em edição anterior da revista. Nela, em um artigo da seção *En Cuba*, comentava-se e reproduzia-se acusações do chefe da polícia sobre um suposto plano para o derrocamento de Batista que contaria como principais atores com Rafael

²⁸ Em declarações para o jornalista Francis McCarthy publicada em Cuba pelo periódico *El Mundo* em 07 de agosto, Fidel Castro defende seus ideais, reafirma seu compromisso com o povo de Cuba e sua disposição para levar a revolução pretendida até as últimas consequências, anunciando que, naquele mesmo ano de 1956, serão livres ou mártires.

Para maiores informações, consultar o documento original no acervo da Latin American and Caribbean Collection da University of Florida (Gainesville/FL).

Leónidas Trujillo, que supostamente faria o envio de armas; Carlos Prío Socarrás, que seria responsável por fornecer recursos financeiros e mercenários; e Fidel Castro, à frente do M-26/7.

Essa acusação de aliança entre Castro e o ditador de Santo Domingo motivava, então, a escrita daquele documento à Quevedo, um crítico da ditadura em Santo Domingo.

Nessa via, a carta era estratégica e assumia distintas funções, segundo o nosso entender. A primeira delas, era a de reafirmar a Quevedo sua discordância em relação a Rafael Leónidas Trujillo, evitando que as acusações de Salas Cañizares lhe causassem algum mal estar com o diretor de *Bohemia*, já que não pretendia perder o espaço nesse importante órgão, através do qual mais se manifestava naquele momento. O segundo objetivo era o de aproveitar a ocasião para atacar a ditadura cubana equiparando-a ao regime de Santo Domingo, estabelecendo uma equivalência política entre ambos os cenários e líderes. Ou seja, cabia a Castro demonstrar que Batista é quem igualava-se a Trujillo. O tema da moral revolucionária, notadamente, estava presente nas palavras de Fidel Castro.

Muito bem sintetiza nossa observação o trecho da carta em que Castro pontua que “*no puede haber entendimiento entre nosotros y Trujillo, como no puede haberlo jamás entre nosotros y Batista*”, no sentido de que entre ambos os ditadores, efetivamente, não há diferença. E pontua:

Si es cierto que existe un pacto insurreccional de Trujillo con Prío y nosotros, ello implicaría una intervención franca y descarada de un tirano extranjero en la política interna de nuestro país. Entonces, ¿qué espera Cuba para responder con dignidad a semejante agresión? [...] O el gobierno desmiente que existe un pacto insurreccional entre el 26 de Julio y Trujillo o el gobierno debe declararle la guerra a Trujillo en defensa del honor y la soberanía nacional. El régimen está obligado a ser consecuente con su denuncia o desmentirla.²⁹

Ademais, enquanto afastava sua imagem da de Trujillo, Fidel Castro aproveitava diferentes momentos para vincular-se, uma vez mais, com a de José Martí, evocando frases do mártir independentista sobre a luta pela liberdade do povo, fazendo com o legado do independentista se confundisse com seu projeto revolucionário.

Encerrava-se, assim, a atuação política de Fidel Castro em *Bohemia* – muito embora tenha ainda circulado em Cuba uma entrevista que concedera no México a Benjamin de la

²⁹ CASTRO, Fidel. Carta sobre Trujillo. *Bohemia*. La Habana, 2 de setembro de 1956.

Vega.³⁰ Paralelamente à interrupção da atuação de Castro na imprensa naquele ano, por outro lado, em Cuba a atividade de propaganda do movimento revolucionário mantinha-se intensa.

Além do já mencionado órgão oficial do M-26/7, *Aldabonazo*, criado em maio de 1956, jovens cubanos ligados ao movimento revolucionário desempenhavam importantes atividades de propaganda na ilha, recebendo pacotes enviados do México com os manifestos que da capital asteca Fidel Castro escrevia para serem distribuídos na ilha. Cada manifesto, segundo Enrique Oltuski, era um chamado ao povo para a ação. Do ponto de vista logístico, tudo era bastante simples: os manifestos que vinham do México eram enviados à farmácia de Santiago Riera, em Santa Clara; de lá, membros do Movimento 26 de Julho partiam para os fundos de um restaurante chinês onde, numa sala, operavam um velho mimeógrafo – praticamente quebrado – através do qual multiplicavam os manifestos de Fidel Castro para, enfim, distribuir aos apoiadores (OLTUSKI, 2002, p. 79).

No México, porém, o foco nas atividades de regresso à ilha e no estabelecimento de um foco guerrilheiro no país demandava uma atenção especial ao treinamento e aos preparativos para a ação, que dependia grandemente do levantamento de fundos para, dentre outras coisas, a compra do iate que os transportaria de volta a Cuba.

Ao que tudo indica, negociações com intermediários do ex-presidente cubano Carlos Prío Socarrás – em especial, Teté Casuso – é que teriam garantido a verba necessária para a compra da embarcação usada – posteriormente batizada de *Granma* – que garantiria o retorno do grupo à ilha, bem como dos armamentos a serem utilizados inicialmente na luta. De acordo com informações obtidas, Casuso teria viabilizado o diálogo de Castro com Socarrás e, por conseguinte, o financiamento (GOTT, 2006, p. 178; GUERRA, 2018, p. 180). Dessa maneira, em 25 de novembro de 1956, partiam do México os rebeldes liderados por Castro em direção a Cuba:

A sea-going motor cruiser had been purchased and hidden in the Tuxpan River, in the state of Veracruz. Preparations for the invasion were finally complete. On the night of November 25, accompanied by his brother and eighty other followers, Fidel sailed from Mexico, bound for Oriente (TABER, 1961, p. 52).

³⁰ Importante notar que a referida entrevista teria vindo à público através do jornal *Alerta*, em 19 de novembro de 1956. No entanto, chama a atenção o fato de sabermos ser essa uma publicação de orientação batistiana, cujo proprietário, Ramón Vasconcelos, era àquela época Ministro de Comunicações de Fulgencio Batista. Para mais informações, ver: MACHÍN, Ana Nuñez. *Fidel Periodista*. La Habana: Pablo Torriente Editorial, 2006.

Ponto crucial dessa viagem, entretanto, reside no fato da clara falta de planejamento inicial por parte do grupo. Inicialmente, o plano consistia em desembarcar em Cuba, na Playa de las Coloradas, sem despertar a atenção das autoridades – essas deveriam estar ocupadas em conter protestos coordenados para o dia 30 de novembro, data planejada para a chegada de Castro a Cuba. Assim, o grupo seria recebido no litoral sem alarde, sendo capaz de dar início à revolução surpreendendo o governo. Castro, por sua vez, chegaria a Cuba no extremo-orientado da ilha tal qual fizera Martí pouco mais de seis décadas antes.

Para Richard Gott (2006, p. 179), “ele acreditava estar completando o trabalho de Martí”. Para nós, diante dos indícios já apresentados, Fidel Castro buscava, conscientemente, estabelecer um paralelo entre si e o apóstolo da independência, aspecto de fundamental importância para a conquista do apoio necessário à sua causa, então, nacionalista.

Contudo, a citada falta de planejamento por parte de Fidel Castro custou ao grupo um atraso na viagem, já que a embarcação não suportava o peso em excesso que transportava: eram 82 homens, além de armamentos e munições em uma embarcação já usada que, segundo Guerra (2018, p. 182), fora construída para suportar algo entre 30 e 40 pessoas, no máximo.

Se a viagem foi mal planejada, a chegada – ocorrida efetivamente em 02 de dezembro de 1956 – foi também um desastre. O iate encalhou e forças governistas já os aguardavam iniciando-se um ataque por terra, ar e mar contra o grupo exausto da longa viagem (TABER, 1961, 60). Desse intenso confronto, surgia a versão – debatida por parte significativa da bibliografia – de que dos mais de 80 homens a bordo do *Granma*, entre mortos e capturados, restaram livres apenas 12, dando vida a um discurso político apostólico que, nas entrelinhas, propunha Fidel Castro como Jesus Cristo, ainda que o número de sobreviventes tenha sido, conforme sugerem alguns autores, bem diferente.³¹

Fidel Castro e seus homens, sejam quantos forem, esconderam-se na *Sierra Maestra*. A partir daquele instante, pode-se dizer, tinha início uma importante fase do processo revolucionário que o levou ao poder: a guerra de guerrilhas.

Nesse contexto, no entanto, a atividade de propaganda não poderia ser interrompida, mas, enfim, intensificada. A criação de órgãos de imprensa vinculados ao movimento

³¹ O caráter apostólico do discurso político em torno dos rebeldes que restaram do desembarque do *Granma* deve ser considerado parte integrante da chamada narrativa épica da Revolução Cubana, cujo objetivo é o de exaltar o processo revolucionário capitaneado por Fidel Castro reforçando e, notadamente, reescrevendo momentos-chave da luta contra a ditadura. Entretanto, de acordo com Lillian Guerra, os supostos doze eram, porém, vinte homens (GUERRA, 2012, p. 16).

revolucionário significava aspecto indispensável para o êxito dos objetivos da revolução. As sucessivas fases de censura impostas pelo governo entre dezembro de 1956 e dezembro de 1958, aliada às informações deturpadas veiculadas pela imprensa pró-Batista, deveriam contar com a oposição de uma imprensa ativa e intensa, que se forjava na clandestinidade da *Sierra Maestra* e se mostrava pronta para ganhar as *calles habaneras* e do resto do país junto com apoio do povo (GONZÁLEZ, 2014, p. 103).

Se em maio de 1956 o M-26/7 havia fundado seu órgão oficial com o nome de *Aldabonazo*, agora era preciso reconfigurar o projeto e adequá-lo à nova conjuntura. Ainda sob a direção Carlos Franqui, o órgão oficial do Movimento Revolucionário 26 de Julho em Cuba viveria uma nova fase a partir da chegada do Comandante em chefe dos rebeldes a Cuba.

A guerra de informações, aliada à censura que exercia cada vez mais a ditadura batistiana sobre os veículos de informação da ilha, não poderia ter gerado, assim, outro produto que não a existência de uma rede de informações clandestina sólida que, para além de servir à comunicação entre os revolucionários da *Sierra* e os grupos urbanos do movimento, deveria atuar também como meio de comunicação de massas necessário à divulgação da causa revolucionária. O nada exitoso desembarque do *Granma* é, assim, fundamental aspecto na intensificação da luta insurgente contra a ditadura de Batista em suas mais diferentes frentes: a armada e a de comunicação.

Se o desembarque de Fidel Castro na ilha em 2 de dezembro de 1956 marcou o início de uma etapa marcante nas páginas da Revolução Cubana – o surgimento da guerra de guerrilhas –, o retorno do comandante foi também determinante para o início de uma etapa fundamental dentro do projeto comunicacional do 26 de Julho: altera-se o nome de *Aldabonazo* para *Revolución*, nascendo, portanto, oficialmente, aquele que seria a voz clandestina dos rebeldes e, mais tarde, o porta-voz do futuro governo instalado a partir de janeiro de 1959.

Clandestina e combativa, essa publicação é a que viria a tornar-se, enfim, responsável por muitos dos aspectos da propaganda revolucionária dentro de Cuba, sobretudo quando a censura era imposta aos órgãos legais.

Ou seja, embora tenha havido desde muito um esforço inequívoco em se fazer presente na imprensa legal e levar os ideais revolucionários ao conhecimento do povo cubano, Fidel Castro viu seu retorno a Cuba marcado pelo nascimento de um periódico que vinha para fincar a bandeira do 26 de Julho no imaginário do povo e garantir que se fizesse saber sobre sua vida e presença na ilha, ainda que as vias legais lhe fossem impedidas (GONZÁLEZ, 2014, p. 182).

As informações contidas em *Revolución* estavam em conformidade com a realidade da época, na qual notícias davam conta ora da morte de Castro, ora de sua presença ainda no México, como coloca Hugh Thomas:

Se decía que Fidel Castro había desembarcado con cuarenta hombres [eram, na realidade, 82 homens³²], había sido atacado y había muerto. El corresponsal de United Press en La Habana, Francis McCarthy, informó de la muerte de Castro, y más tarde confirmó su error diciendo que lo probaban el pasaporte y los documentos encontrados en el cadáver (...) Batista, por otra parte, negó públicamente que Castro hubiera salido de México (THOMAS, 1973, p. 1156).

Soa interessante observar que o batismo do periódico sob o nome *Revolución* está intimamente ligado ao retorno de Fidel Castro a Cuba, o que, aparentemente, buscava vincular o tom combativo da publicação com a figura revolucionária de Castro, traçando um paralelo entre o nome do periódico e a finalidade da presença do líder rebelde de volta em Cuba.

O historiador Fábio da Silva Sousa chegou a trazer o debate sobre a importância dos títulos de órgãos de imprensa em seu trabalho. Para o autor, o título é característica relevante uma vez que “fornece indícios dos delineamentos de cada publicação analisada”; pistas sobre sua razão de ser (SOUSA, 2015, 47). Desse modo, a mensagem transmitida através da mudança de nome, é dizer, parece significar a legitimação do movimento pela chegada de seu líder; sua reafirmação como revolução.

A partir de fevereiro de 1957, portanto, vêm à luz as primeiras publicações do periódico clandestino com o novo nome:

Salió Revolución: informador, organizador, orientador, con una tirada de veinte mil ejemplares, anunciando que Fidel estaba vivo y en la Sierra Maestra, con la guerrilla y las milicias campesinas; jugó un papel importante en aquel momento de confusión, derrota y dificultades. Hizo viva la presencia del Movimiento en todo el país. Y la persecución policíaca se hizo implacable (FRANQUI, 1976, p. 183 apud GONZÁLEZ, 2014, p. 183).

Em sua etapa clandestina, *Revolución* teve produzidos 22 números³³ com conteúdos que faziam saber ao povo de Cuba o dia a dia da luta revolucionária. O baixo número e a irregularidade das edições se explicam, naturalmente, pelas dificuldades que se impunham para a manutenção de uma imprensa clandestina paralela à repressão da ditadura.

³² GOTT, Richard. Cuba: uma nova história. Traduzido por Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Zahar, 2006, p. 179.

³³ Dos 22 números de *Revolución* veiculados na clandestinidade, a autora defende que 8 deles foram produzidos em 1957 e outros 14 em 1958. Entretanto, em que pese nossa concordância a respeito do total de números veiculados na clandestinidade, a análise que temos feito das fontes indica para uma distribuição diferente entre 1957 e 1958, conforme pode ser observado na nota de rodapé 43.

Dessa maneira, Calvo González nos permite melhor compreender ao mesmo tempo a importância da imprensa clandestina, bem como as dificuldades que levaram ao seu baixo número de edições:

Caracterizando temporalmente la contienda desde diciembre de 1956, con el desembarco del Granma, hasta el 1 de enero de 1959, tras la huida de Batista del país, nos encontramos con un total de 25 meses, en los cuales ha actuado la censura en 17 de ellos y en los otros 8 no (GONZÁLEZ, 2014, p. 103).³⁴

Desde as montanhas da então província de Oriente (hoje Santiago de Cuba), na *Sierra Maestra*, matérias eram escritas, relatos elaborados, sessões idealizadas e fotografias eram tomadas. Esse material, por sua vez, viria a ser rodado de maneira clandestina em oficinas das quais dispunham os rebeldes, dentre as quais as instalações da revista *Carteles* em Havana, onde era crítico cinematográfico Guillermo Cabrera Infante e *freelancer* Carlos Franqui (FAVATTO JÚNIOR, 2014, p. 95).

No espaço de *Carteles*, à época, circulavam importantes nomes do meio fotográfico de Cuba, tais quais Ernesto Fernández, Raul Corrales, Alberto Korda e José Agráz Solans, além dos citados nomes do meio intelectual, como Franqui, Infante e, ainda, Rini Leal (ALVES, 2019, p. 345; MORELL OTERO, 2009, p. 60). É cabível pontuar que esse meio que compusera *Carteles* na década de 1950 em Cuba viria a ser, grosso modo, o mesmo a compor *Revolución* a partir do triunfo dos rebeldes em janeiro de 1959, tema a ser discutido adiante.

Nesse período, naturalmente, diversas precauções eram necessárias para evitar a repressão do regime. Uma delas, naquele momento, estava relacionada ao próprio local de rodagem da publicação, que se localizava nas instalações da revista *Carteles*, usada para confecção e armazenagem de alguns exemplares de *Revolución* (FAVATTO JÚNIOR, 2014, p. 124). Ainda assim, a repressão implacável rendeu aos membros do periódico duras penas, como a prisão e, em alguns casos, tortura e morte. O próprio Carlos Franqui fora vítima dessa situação como descreve Guillermo Cabrera Infante – mais tarde diretor de *Lunes de Revolución*:

Lembro da noite [em março de 1957] (...) em que recebi um telefonema de Elías Constante, que de dia era revisor na *Carteles*, mas de noite trabalhava no Nacional, e ele me disse, meio em código, que tinham acabado de prender os responsáveis pelo jornal clandestino. Imaginei que Franqui também tivesse caído e perguntei a Constante, e ele disse que não sabia, mas era provável. Então fui me deitar lá pela meia-noite, e por volta das quatro da manhã

³⁴ Em que pese as importantes contribuições do trabalho de Patricia Calvo González, é fundamental comentar que, diferentemente do que é apontado pela autora, temos identificado através de nossas pesquisas que entre os 25 meses citados, Cuba esteve sob o controle da censura durante, precisamente, 16 meses, sendo que nos outros 9 não esteve.

bateram à porta. Era a mulher de Franqui, contou-nos que tinham acabado de prender seu marido [...] (INFANTE, 2016, p. 47).

Fato é que em meio aos riscos e às incertezas, *Revolución* se projetou e se consolidou pouco a pouco no cenário jornalístico cubano representando, dia após dia, o movimento capitaneado por Fidel Castro. Medidas, é claro, eram tomadas desde muito com vistas a resguardar a segurança do grupo e, conforme se tornava mais feroz a repressão, passaram a ser melhor incrementadas. Patricia Calvo conta que numerosas foram as vezes em que as instalações do periódico mudavam de lugar e que mesmo após as prisões de março de 1957 e uma breve interrupção das publicações, elas foram retomadas até o triunfo revolucionário (GONZÁLEZ, 2014, p. 183).

A seguir, em uma das páginas de *Revolución* pode ser observado, dentre outros detalhes, uma das maneiras pelas quais os revolucionários se protegiam da repressão.



Imagem 14 – *Revolución*. Segunda quincena de junho, 1957, capa. Arquivo pessoal.

Cabe destacarmos na imagem acima posta a ocultação da localidade de publicação do periódico. “*Impreso en algún lugar de Cuba*” é a única informação que se tem. Fotografias não eram creditadas aos seus autores, bem como poucas matérias recebiam tinham tal informação, salvo quando seus autores se tratavam de inimigos públicos e notórios da ditadura, como o caso da figura do próprio Fidel Castro, que aparece indicado com seu próprio nome nas fotos e em manifestos contra o governo.

Informação importante é também quanto à circulação de *Revolución*, haja vista a situação clandestina do periódico. Quanto a isso, a própria fonte nos provê informações capazes de dirimir esse questionamento. Em sua edição de número 5, a qual se supõe ter circulado durante setembro de 1957 (segundo registros obtidos na Biblioteca Nacional de Cuba),

Revolución finaliza sua oitava página conclamando o leitor para que fizesse circular o periódico. Vejamos:

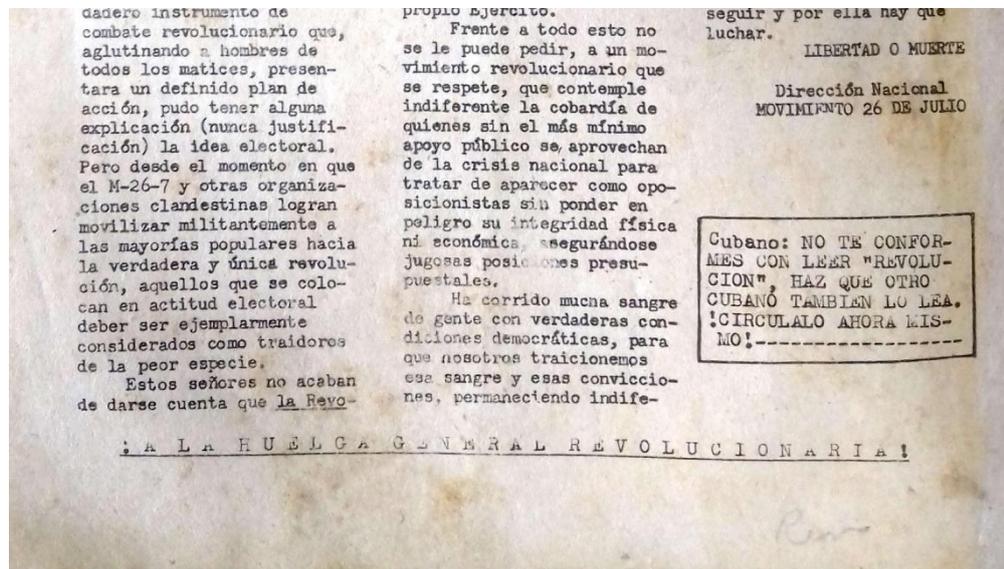


Imagem 15 - *Revolución*. 1957, número 5. Arquivo pessoal.

Diante do exposto, temos que a importância que *Revolución* assumiu na Cuba revolucionária não se discute, quanto menos se questiona, haja vista ter desempenhado um papel fundamental na oposição ao que divulgava o governo Batista através da imprensa legal.

Por essa razão, tão intensa foi a atividade repressiva do governo Batista em relação às publicações: os efeitos na opinião pública eram contundentes e cada vez mais pessoas eram alcançadas através da imprensa. Assim, a censura exercida pela ditadura nos é motivo de reflexão e sua abordagem mostra-se fundamental, já que, conforme citado, durante 16 dos 25 meses que compuseram o período entre 02 dezembro de 1956 e 31 de dezembro de 1958 Cuba viveu sob a censura dos meios de comunicação³⁵, o que em grande medida impulsionou a criação e atuação de um órgão próprio do M-26/7 para contornar a censura.

La censura está íntimamente ligada a la actividad propagandística de los Estados y de las Iglesias. Muchas veces los grandes propagandistas han sido también en realidad, grandes censores a lo largo de la Historia. Impedir la difusión de las ideas contrarias, seleccionar la información, es un mecanismo de manipulación propagandística (PIZARROSO, 1993, p. 31 apud GONZÁLEZ, 2014, p. 103).

Entretanto, se, por um lado, muitos foram os meses em que Cuba viveu sob a censura batistiana após a chegada de Castro do exílio, por outro, em praticamente nada foram os

³⁵ A censura em Cuba não atuou apenas em dezembro de 1956; janeiro, março, abril, maio, junho e julho de 1957; e, enfim, em fevereiro e março de 1958. Todos os outros meses foram marcados pela imposição da censura na ilha.

rebeldes impedidos de concomitante à luta armada levar a cabo uma propaganda revolucionária capaz de atingir um expressivo alcance, ecoando até mesmo no exterior através de uma intensa circulação de jornalistas estrangeiros na *Sierra Maestra* desde o ano de 1957.

A primeira – porém, não a única – entrevista de Castro a um jornalista estrangeiro na região foi estratégica. Os rebeldes organizaram para que Herbert L. Matthews, jornalista do *The New York Times* (TNYT) e membro extremamente respeitado do conselho editorial do jornal, estivesse na região em fevereiro de 1957, ocasião na qual Fidel Castro daria declarações.

Ocorre que esse evento estava repleto de significados e questões objetivas e subjetivas em suas entrelinhas: em primeiro lugar, a entrevista se daria num momento em que Cuba enfrentava a censura da ditadura batistiana, que controlava o conteúdo das publicações nacionais de forma rígida; em segundo lugar, a imprensa cubana controlada pelo governo divulgava informações a respeito da suposta morte de Fidel Castro, o que naquele momento poderia ser desmentido através de um órgão de renome; em terceiro lugar, a aparição inédita de Fidel Castro no *The New York Times* renderia à revolução cubana uma projeção internacional que lhes era fundamental do ponto de vista da opinião pública; em quarto lugar, a propaganda da revolução no exterior se confundiria com a propaganda da revolução no país, que naquele mesmo mês tinha lançada a primeira edição clandestina de *Revolución*.

Além de todos os aspectos mencionados, tem valor simbólico o fato de que, como conhecedor dos passos de Martí, a atitude de Fidel Castro em conceder entrevista a um jornalista norte-americano na região após o retorno do exílio foi a mesma que, 62 anos antes, em abril de 1895, José Martí tomou. Após seu desembarque na província de Oriente, o líder independentista havia articulado para que um jornalista estadunidense, George E. Bryson, do *New York Herald*, fizesse a cobertura de sua guerra contra os espanhóis (SZULC, 1987, p. 476). Em 1957, Matthews reconstruía os passos de Bryson na mesma medida em que Castro traçava mais um paralelo entre sua história e a de José Martí.

A entrevista, dessa maneira, era uma atitude contumaz da revolução diante da situação imposta e, por esse motivo, deveria ser um sucesso. Apesar de toda a conturbada trajetória de Matthews e sua esposa Nancie, que o acompanhava a Cuba, no caminho para a *Sierra Maestra* – numa viagem articulada por Fidel Castro com a ajuda de diferentes companheiros –, a entrevista se produziu de forma exitosa em 17 de fevereiro de 1957, sob um clima que divergia bastante da realidade: os rebeldes, que não eram muitos, sob as ordens de Castro buscavam transmitir a ideia de um movimento robusto, bem estruturado e que contava com um número

elevado de soldados e acampamentos quando, em verdade, a situação naquele momento era bem diferente.

Um clima agitado no local era parte da ideia que Fidel Castro buscava transmitir para Matthews, o que levou o rebelde a orquestrar um verdadeiro teatro no acampamento. Parte da encenação consistiu no fato de ter convocado uma reunião do Diretório Nacional do Movimento 26 de Julho na *Sierra Maestra* durante o mesmo período em que o jornalista americano o estaria entrevistando. Assim, deslocaram-se para a *Sierra* nomes importantes do quadro dirigente do M-26/7, como Frank País, Célia Sánchez, Faustino Pérez, Armando Hart e Haydée Santamaría, por exemplo. Além dos citados, destaca-se Vilma Espín que, ainda que não fosse membro do alto escalão do Movimento naquele momento – e nem tampouco conhecia Raul até então –, fora convidada por Frank País dada a sua intensa atuação em prol da causa revolucionária e sua formação nos Estados Unidos – o que poderia dar suporte a Fidel Castro na entrevista com Herbert Matthews (SZULC, 1987, p. 474).

Parte da ideia de fazer o local parecer mais agitado do que efetivamente era, consistia em fazer o jornalista crer que Castro dispunha de um controle amplo da *Sierra Maestra*, com vários acampamentos sob sua liderança e controle. Dessa maneira, uma das instruções dadas por Fidel Castro, segundo Szulc (1987, p. 475), era a de que deveria ser dito a Matthews quando chegasse que Castro estavam em reunião com o alto comando do grupo em outro acampamento. Assim, produziu-se a encenação:

Foi um teatro, literalmente uma guerrilha teatral, o que Fidel Castro apresentou para Matthews. Um relato oficial da guerra de Sierra Maestra, publicado em 1979, no *Granma*, o jornal do Partido Comunista, diz: “Antes de entrar no acampamento para encontrar com Matthews, Fidel dera instruções a seus companheiros para que adotassem atitudes marciais. “Mas”, prossegue o relato, “para alguns foi preciso muito trabalho para reconciliar a atitude marcial exigida por Fidel por causa das péssimas condições de suas roupas e da aparência do grupo... Manuel Fajardo, por exemplo, usava uma camisa que não tinha a parte de trás, completamente rasgada de tanto carregar sua mochila. Durante todo o tempo que o jornalista permaneceu no acampamento, Fajardo foi obrigado a andar de lado” (SZULC, 1987, p. 478).

A entrevista foi, dessa maneira, um sucesso. Matthews comprou a ideia vendida pelos rebeldes e acreditava, segundo o artigo publicado no *The New York Times*, que o grupo guerrilheiro contava com um número muito maior do que verdadeiramente tinha.

Logicamente, por outro lado, não se pode menosprezar a amplitude e importância do M-26/7, que naquele momento dispunha de uma estrutura bastante sólida em torno da figura de Fidel Castro. É válido mencionar que enquanto Castro esteve no exílio no México ou

percorrendo os Estados Unidos em busca de fundos para a revolução, seus correligionários na ilha não deixaram de atuar, ainda que clandestinamente. Um exemplo é o próprio periódico clandestino, *Aldabonazo*, mais tarde renomeado como *Revolución*, como já mencionado, a cargo de Carlos Franqui. Outros exemplos foram a organização a nível nacional de grupos especiais com atuação específica, como o de *Acción y Sabotage* a cargo de Frank País, bem como o grupo voltado à formação de uma rede de apoio ao M-26/7 entre os camponeses, atividade na qual se destacou Célia Sánchez por ser popular entre a população da região de *Sierra Maestra* (MÁO JÚNIOR, 2007, p. 281).

No entanto, é fato que em termos numéricos, o exército rebelde estava em completa desvantagem de homens e armas em relação ao exército oficial do governo Batista e fazer Matthews acreditar no oposto e publicar isso era uma vitória para Fidel Castro.

Cuban Rebel Is Visited in Hideout
By HERBERT L. MATTHEWS The New York Times
New York Times (1857-Current file); Feb 24, 1957; ProQuest Historical Newspapers The New York Times (1851 - 2012); pg. 1

Cuban Rebel Is Visited in Hideout

Castro Is Still Alive and Still Fighting in Mountains

This is the first of three articles by a correspondent of The New York Times who has just returned from a visit to Cuba.

By HERBERT L. MATTHEWS

Fidel Castro, the rebel leader of Cuba's youth, is alive and fighting hard and successfully in the rugged, almost impenetrable fastnesses of the Sierra Maestra, at the southern tip of the island.

President Fulgencio Batista has the cream of his Army around the area, but the Army men are fighting a thus-far losing battle to destroy the most dangerous enemy General Batista has yet faced in a long and adventurous career as a Cuban leader and dictator.

This is the first sure news that Fidel Castro is still alive and still in Cuba. No one connected with the outside world, let alone with the press, has seen Señor Castro except this writer. No one in Havana, not even at the United States Embassy with all its resources for getting information, will know until this report is published that Fidel Castro is really in the Sierra Maestra.

This account, among other things, will break the tightest censorship in the history of the Cuban Republic. The Province of Oriente, with its 2,000,000 inhabitants, its flourishing cities such as Santiago, Holguin and Manzanillo, is shut off from Havana as surely as if it were another country. Havana does

Continued on Page 34, Column 1



Fidel Castro

Sierra Maestra, Febrero 17 de 1957

The New York Times
Fidel Castro at a heavily shaded outpost on Feb. 17. He gave the signature to the correspondent who visited him.

Reproduced with permission of the copyright owner. Further reproduction prohibited without permission.

Publicada a primeira parte da entrevista, a repercussão foi a melhor possível, tendo em vista que a “reportagem explosiva apareceu na primeira página do Times e levou Castro aos lares norte-americanos”, além de reforçar características em Fidel Castro como sua devoção à liberdade, à democracia e justiça social em Cuba (CHOMSKY, 2015, p. 47). Muito mais do que aparecer na primeira página do *Times*, era aparecer na primeira página do *Times* com uma fotografia sua em primeiro plano estampada ao lado do texto, ocupando a maior parte do espaço. Empunhando uma arma com mira telescópica, vestido em seu clássico traje militar verde oliva numa imagem tomada em *contra-plongée*, Fidel Castro tinha ao fundo o cenário de mata da *Sierra Maestra*. Datada e assinada, a imagem completava-se com a reportagem, assegurando sua vida e presença na ilha.

Em sua entrevista a Katiuska Blanco Castiñeira, Fidel Castro tece comentários relativos ao uso da imprensa norte-americana por parte dos revolucionários na ocasião da visita de Matthews à *Sierra*. Através de suas palavras, somos conduzidos a melhor visualizar a importância da entrevista e seus objetivos, o que deixa uma vez mais em evidência sua consciência a respeito da importância da imprensa para suas finalidades políticas:

A mí me interesaba mucho el encuentro, era importante que el periodista se llevara la impresión de que existía allí un ejército fuerte, organizado. Le dimos a entender que existían varias tropas en diferentes puntos, cuando en realidad nuestra situación era aún muy adversa, los combatientes tuvieron aún que intercambiar la ropa de manera que cuando estuvieran delante del periodista, tuvieran una mejor apariencia [...] Después cuando él publicó su primer artículo hubo cierta polémica porque Batista reclamó pruebas de que lo dicho fuera cierto, entonces Matthews publicó días después una foto mía con mi fusil de mira telescópica y ya, para que no quedaran dudas, publicó luego una en la que aparecíamos los dos durante la entrevista (CASTIÑEIRA, 2011, p. 458).

O trecho acima aliado à imagem da primeira página de *The New York Times* ora reproduzida, quando analisado sob o plano de fundo que temos apresentado até o presente instante, não deixa dúvidas quanto a importância dada pelo líder rebelde ao uso da imprensa e da fotografia mesmo antes do triunfo revolucionário.

O governo Batista, porém, rebatia as informações veiculadas na imprensa norte-americana com veemência, bem como preparava-se para se defender ou ao menos suavizar as acusações que recebia. Uma das primeiras medidas, de pronto, foi levantar a censura na ilha a partir de março, quiçá como uma maneira de não dar mais argumentos para as acusações de Castro. Entretanto, o discurso oficial seguia a tônica de antes: reafirmar que Castro estava morto e, mais do que nunca, colocar em dúvida a veracidade da entrevista e das informações de Matthews.

A guerra de informações vivia um de seus momentos mais marcantes após a chegada de Castro na ilha. Fidel Castro tinha dado um duro golpe em Batista a quem agora restava utilizar a seu favor na guerra de informações o famoso jornal conservador *Diario de la Marina*. Assim, em 28 de fevereiro de 1957, poucos dias após a publicação da entrevista de Fidel Castro a Herbert Matthews, a publicação leva em sua capa a informação de que em entrevista nunca ocorreu, segundo um emissário do governo, não passando de uma história fantasiosa.



Imagem 17 - *Diario de La Marina*. Tildada de *Novela Fantástica* la entrevista *Mathews-Castro*. 28 de Fevereiro de 1957, capa.

Temporariamente sem o controle da censura, *Bohemia*, por sua vez, não perdeu tempo em reproduzir o artigo de Matthews originalmente publicado no *Times* em sua edição de 03 de março de 1957, totalmente traduzido para o espanhol, o que viabilizou a difusão da notícia na ilha.

Em meio a esse cenário, questionada a autenticidade da fotografia de Fidel Castro no *The New York Times* e a veracidade da própria entrevista de Matthews pelo governo através de *Diario de la Marina*, o jornal norte-americano se viu compelido a publicar uma foto na qual figuravam Castro e Matthews, juntos na *Sierra Maestra*, para acalmar os ânimos e calar as

vozes que os questionavam. Esse episódio chegou a obrigar o cubano *Diario de la Marina* a, em 01 de março de 1957, publicar em sua capa a atualização da notícia, dando conta de que, efetivamente, Herbert Matthews e Fidel Castro estiveram juntos.

Como era de se esperar, o impacto dos artigos de Matthews [...] foi imenso. Como a censura em Cuba havia sido eliminada naquela semana, os artigos de Matthews foram reproduzidos nos jornais nacionais, elevando instantaneamente Fidel Castro ao status de herói (SZULC, 1987, p. 483).

Dessa entrevista em diante, as disputas entre Fidel Castro e Fulgencio Batista apenas se intensificariam, já que a presença de Fidel Castro em Cuba era um fato agora inquestionável. No campo das armas, o grupo do *llano* – braço do M-26/7 que atuava nas cidades – e o grupo guerrilheiro que atuava na *Sierra Maestra* organizava-se para os enfrentamentos com as forças regulares do regime. No campo das letras, considerada a censura que, salvo raras exceções, era uma realidade em Cuba à época, Fidel apoiava-se no sucesso que foi a entrevista de Matthews e recebia jornalistas internacionais para divulgar a revolução no exterior.

Diversos foram os nomes que subiram a *Sierra* para conhecer de perto a revolução que “*los muchachos del Moncada*”³⁶ levavam à cabo contra a ditadura de Batista. Na verdade, o êxito da presença de Matthews estimulou Fidel Castro a investir na midiaticização da revolução cubana no exterior, angariando mais apoio fora da ilha, sobretudo nos Estados Unidos, durante 1957. Assim, após Herbert Matthews, chegaram à região nomes como Robert Taber, da rede de televisão americana CBS, e Andrew St. George, um fotojornalista independente de origem húngara, radicado nos Estados Unidos.

A viagem de Taber à região desempenhou um grande papel no contexto da guerra de informações, uma vez que pela primeira vez Fidel Castro poderia estar diante das câmeras e em diálogo com o povo norte-americano. Essa foi, aliás, uma das razões que contribuiu para que o líder rebelde aceitasse a presença de câmeras na região.

Acompanhado de Wendell Hoffman, em abril de 1957 Robert Taber chegou na *Sierra Maestra* para, talvez não necessariamente com essa intenção, contribuir em mais um golpe midiático do M-26/7 contra a ditadura: Fidel Castro, atento aos elementos da propaganda política e disposto a impressionar os americanos, organizou para que uma de suas entrevistas se desse no topo do pico Turquino, o mais alto de Cuba. Lá, concederia sua entrevista “diante

³⁶ De acordo com Lillian Guerra (2018, p. 124), Fidel Castro e seus seguidores ficaram conhecidos como “*los muchachos del Moncada*” pelo povo cubano em decorrência, naturalmente, da ação de Julho de 1953, no assalto ao Quartel Moncada.

do busto de José Martí que Célia Sánchez e seu pai haviam instalado ali muitos anos atrás” (SZULC, 1987, p. 491).

Do ponto de vista simbólico, a artimanha de Fidel Castro era grandiosa, pois representava mais uma de suas tantas tentativas de estabelecer paralelos entre sua trajetória e o legado de José Martí. Além disso, segundo colocou Patricia Calvo González (2014, p. 235) e nós concordamos, as atitudes dos rebeldes observadas pelo público despertavam grande simpatia. Fidel Castro, de sua parte, no tempo que teve frente às câmeras foi visto falando em inglês com o povo estadunidense, o que também representava, do ponto de vista simbólico, algo deveras importante se considerado o público ao qual dirigia-se. É dizer, o líder rebelde não só fazia apelos e críticas inerentes à causa revolucionária cubana, mas ao dirigir-se especificamente aos estadunidenses em seu idioma transmitia a ideia de capacidade e de disposição ao diálogo com aquela nação. Nessa via, observou Lillian Guerra (2018, p. 243) que tornar a revolução aceitável em Cuba e nos Estados Unidos era um objetivo importante.

Calvo González (2014, p. 235) comentou que o programa foi ao ar nos Estados Unidos no dia 19 de maio de 1957, dissipando completamente quaisquer dúvidas de que Fidel Castro estava vivo. E, nesse mesmo sentido, Robert Taber colocou:

An interview with Fidel Castro and some documentation of fidelista operations in the Sierra Maestra, filmed during April and shown on television in the United States in early May, had created a mild sensation in Cuba, forcing the government to abandon its fiction that no rebel force existed in the mountains (TABER, 1961, p. 141).

De fato, chama a atenção observar no relato de Taber que, para além do impacto nos Estados Unidos, a entrevista ecoou também na própria ilha, como ocorrera com a publicada anteriormente no TNYT. Em verdade, não é de se estranhar, já que havia uma via aberta entre as duas nações naqueles tempos que se traduzia em intensas trocas culturais e intelectuais. Entretanto, no caso específico dessa entrevista, onde os rebeldes puderam ser vistos em movimento e, num dado momento, até mesmo entoando o Hino da República de Cuba, o impacto foi enorme.

Semanas após receber Taber, Fidel Castro teve a oportunidade de reunir-se com Andrew St. George. Vindo dos Estados Unidos, o fotojornalista independente de origem húngara registrou em imagens e em vídeos centenas de particularidades do cotidiano de Fidel Castro e de seus comandados na *Sierra Maestra*. O rico material, a que tivemos acesso através de Lillian Guerra, compõe o acervo da *Yale University* nos Estados Unidos e expressa a grandiosidade do trabalho do fotojornalista à época.

A dimensão de seus registros, aliás, deve-se ao fato de que St. George, diferentemente do que verificamos nas passagens de Matthews e Taber, fez um total de seis viagens para a *Sierra Maestra* e, segundo Guerra (2018, p. 245), em nenhuma delas passou menos de um mês com o grupo rebelde, o que fez com que, segundo a historiadora norte-americana, o fotojornalista se convertesse numa testemunha fundamental da construção de Fidel Castro como uma figura revolucionária altruísta forçada a “defender um povo puro contra um tirano bárbaro”.

Desse modo, o americano de origem húngara produziu um material de tamanha magnitude que, ainda que boa parte dele sequer tenha vindo a público, o que se conheceu através das revistas norte-americanas *Coronet* e *Look* em princípios de 1958 demonstra que seu trabalho exerceu forte pressão na opinião pública estadunidense contra a ditadura cubana e em certa medida contribuiu para com uma simpatia ao movimento liderado por Fidel na ilha.

Dentre os materiais inéditos de St. George que jamais chegaram ao público em geral, além de uma vasta coleção de fotografias impressionantes tomadas à época, tem destaque uma filmagem de aproximadamente 1 hora de duração e sem áudio onde se visualiza detalhes daquilo que o fotojornalista acompanhou de perto. Lillian Guerra, por sua vez, produziu um importante material audiovisual a partir das filmagens de St. George, unindo as partes da filmagem, bem como sobrepondo e sincronizando à gravação uma apresentação do material, comentada e detalhada pelo próprio profissional húngaro-americano que aponta detalhes e responde perguntas a respeito da gravação e dos personagens.³⁷

O material, nunca publicado por Guerra, nos foi cedido para análise pela própria autora e resulta importante notar que, segundo a narração de Andrew St. George de seu material, Fidel Castro chegou a ser entrevistado por Erik Durschmied, um correspondente da *Canadian Broadcasting Corporation* (CBC), no segundo semestre de 1958 – já próximo à vitória dos rebeldes – e foi exibido pelo canal canadense, segundo o fotojornalista, em janeiro de 1959, após o material ficar perdido por algum tempo. Ou seja, cabe observar que, por mais que faltem estudos a esse respeito, a revolução cubana chegou a ecoar, de alguma maneira, nas mídias

³⁷ Segundo temos podido identificar no material, as filmagens se deram entre 1958 e 1959 e sua narração por Andrew St. George, possivelmente, em 1969 na Yale University na presença do Prof. Dr. Anthony Maingot. Maingot, segundo consta, recebeu a oferta de venda dos materiais diretamente de St. George que, por necessidades financeiras, optou por entregá-lo à Yale em troca da quantia de 5 mil dólares americanos, à época. Lillian Guerra, durante o período em que atuou como professora naquela universidade, trabalhou na coleção, analisando o material e produzindo, a partir dele, o documento audiovisual que utilizamos como referência. Atualmente no Departamento de História da University of Florida, Guerra relatou que reuniu cópias das filmagens em ordem cronológica num só arquivo, bem como, com auxílio da descrição do material feita por Andrew St. George, adicionou ao vídeo também o áudio de sua apresentação, formando o material a que dispomos para análise.

canadenses, o que nos permite notar que a propaganda da revolução cubana no exterior cumpriu muito bem o seu papel.³⁸

Outro aspecto do material está na descrição da simbologia na vestimenta militar de Fidel Castro. Segundo o fotojornalista, apenas durante os anos de 1957 e 1958 – portanto durante a fase mais intensa de combates – Fidel Castro distinguia-se dos demais combatentes pelo uso de três estrelas em sua farda, as quais significavam Comandante em Chefe, enquanto os demais comandantes utilizavam apenas uma estrela. Após 1959, no entanto, Fidel teria abandonado essa distinção. Com isso, fica aqui aparente, num mínimo detalhe, a importância dada por Castro à questão da simbologia e da afirmação de seu posto diante dos demais rebeldes. Essa diferença, aparentemente simples, mas que se faz notar em meio a outros comandantes, chama a atenção do observador mais desatento e se traduz num importante aspecto da hierarquia militar.

De volta à importância de Andrew St. George na região da *Sierra Maestra*, Lillian Guerra complementa nossas informações ao afirmar que o profissional contrabandeou para os Estados Unidos uma fotografia de Fidel Castro e seus companheiros – tirada originalmente por Taber, da CBS (GUERRA, 2018, p. 246). Essa imagem, por sua vez, viria a se tornar uma das mais conhecidas e emblemáticas fotografias dos rebeldes circulando nos Estados Unidos, já que passou a ser usada como plano de fundo dos famosos *bonos* que eram vendidos no exterior para contribuir com o financiamento da causa revolucionária pela *Acción Civica Cubana* de Nova Iorque.

³⁸ Por ocasião da morte de Fidel Castro em 2016, o canal canadense divulgou um trecho da entrevista em questão. Disponível em: <https://www.cbc.ca/news/world/fidel-castro-archival-footage-1.3871765>. Acesso em 04/02/2021.

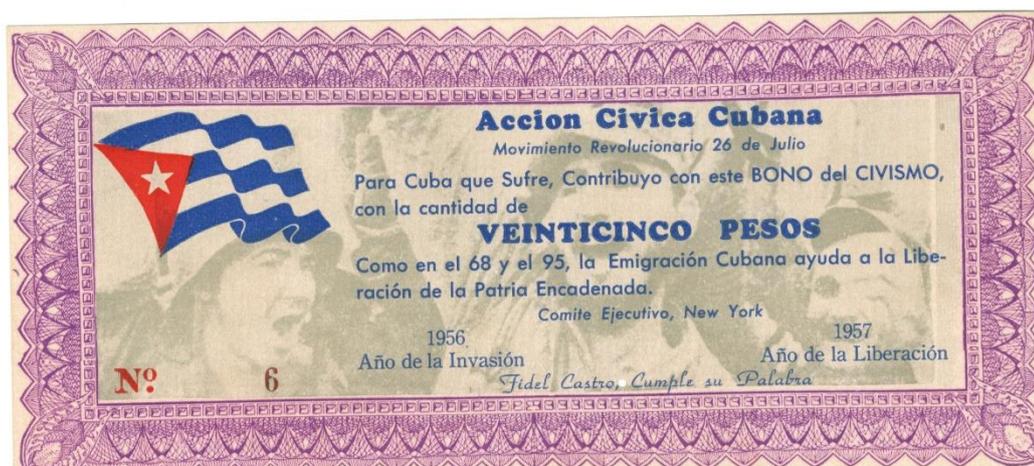


Imagem 18 - Bono del Civismo. Acción Civica Cubana, New York, s/d.³⁹

Os detalhes no material são indicativos do discurso que se adotava a respeito da luta revolucionária e da figura de Castro nos Estados Unidos. Num material totalmente em espanhol, o que denota que era dirigido à população cubana emigrada, a imagem de Fidel Castro ao centro, ladeado por seu irmão Raúl e por Universo Sánchez traduz um sentimento eufórico – que originalmente se deu por ocasião do término do Hino Nacional que todos, armados, cantavam. Da imagem original, foram recortadas as mãos dos três personagens, nas quais tinham armamentos pesados sendo erguidos no ato comemorativo. Enfim, restou o semblante de alegria (observados nos rostos de Fidel Castro e Universo Sánchez) e tenacidade (expressa no rosto de Raúl Castro).

No primeiro plano, a bandeira cubana colorida se destaca através de sua coloração vermelha. O texto, por sua vez, aparece fazendo menção a períodos da luta independentista como forma de vincular os dois processos históricos e, ao mesmo tempo, compelir a população cubana no exterior a fazer sua doação. Logo abaixo, quase que despercebido, a frase: *Fidel Castro, Cumplesu Palabra*.

Não restam dúvidas, portanto, da existência de uma atividade intensa de propaganda e arrecadação de fundos no exterior; fruto dos contatos estabelecidos por Fidel Castro quando esteve nos EUA durante o exílio, conforme o que já apresentamos. Enquanto o material acima reproduzido é assinado pelo Comitê Executivo da Ação Cívica Cubana de Nova Iorque, através de documentos originais aos quais tivemos acesso, chegamos no fato da existência de um outro Comitê Executivo da Ação Cívica Cubana não muito distante dali: na cidade de Newark, NJ, o

³⁹ O referido material foi consultado pelo autor em sua forma original e compõe parte da Ernesto Chávez Collection no acervo da Special and Area Studies Collections da University of Florida.

Movimento 26 de Julho teve êxito na empreitada de estabelecer ali também uma organização própria. Bem estruturada e organizada, a Ação Cívica Cubana daquele local dispunha de um livro para controle de verbas e registros gerais através do qual pudemos extrair valiosas informações.

Periódicos "Batalla"

5	José Soler	—	
15	Julio Pérez	—	Pago \$3.00
5	Alfredo Flopiz	—	Pago 2.50
	Bonos entregados por Julio Pérez		\$3.00
	Juan Cabezas contribución efectiva		\$10.00
	José Soler "		\$5.00
	José R. Canazana "		\$5.00
	Arístides Canazana "		\$5.00
	Julio Pérez "		\$5.00
	Rogel Díaz "		\$5.00
	Rafael Gil "		\$5.00
	Suma Total		\$40.00
	Ernesto Cabezas efectivo		\$3.00
			\$43.00
	Recibidos 50 periódicos en Marzo 23/57 y 50 Bonos		

Entregado en fecha 17 de Marzo de 1957 en la calle Belgium 8 a la Srta. Emma Casta Ruiz la cantidad de Cientos Cuarenta y dos Pesos (\$142.00) por el Comité A. Cívica Cubana de Newark detallado así:	
Bonos	\$120.00
Colecta	22.00
total	\$142.00
	43.00
	99.00
Entregado al señor Américo Abascal la cantidad de \$16.00 en el local de "Acción Cívica Cubana" en la ciudad de New York.	
Entregado a Santiago Perijáez la cantidad de \$4.00 en el local social de "Acción Cívica Cubana" en New York por 8 periódicos recibidos.	

Imagem 19 - Registros de contabilidade – Acción Cívica Cubana. Newark, 1957.⁴⁰

Segundo o documento, além de possuir um corpo amplo de integrantes – com seus endereços devidamente registrados – a organização do M-26/7 em Newark tinha em seu Comitê Executivo a Presidência, a Vice-Presidência, bem como Secretarias e uma Comissão Organizadora composta por três pessoas. Além disso, segundo se pode inferir do documento, a organização fazia um controle rigoroso da entrada e saída de *bonos* que eram entregues aos seus integrantes para arrecadação de verbas, bem como um controle quanto a venda de periódicos. Nesse último caso, cabe mencionar, observa-se nos registros a presença de um periódico até então desconhecido, cujo nome é *Batalla*, mas que pelo fluxo de caixa, aparentava ter grande rotatividade.

Outro aspecto que comprova a presença de uma rede de apoio aos rebeldes cubanos em plena atividade nos Estados Unidos está na circulação de *bonos* para a arrecadação de dinheiro também no estado da Flórida, onde a presença de cubanos sempre foi bastante numerosa. Na

⁴⁰ O referido material foi consultado pelo autor em sua forma original e compõe parte da Ernesto Chávez Collection no acervo da Special and Area Studies Collections da University of Florida.

cidade de Miami, circulou um material cujo *layout* e mensagem diferiam daquele encontrado em Nova Iorque, entretanto seu objetivo era o mesmo.



Imagem 20 - Bono de cooperación. Movimiento 26 de Julio. Miami, 1957.⁴¹

Com uma estrutura bastante distinta daquela vista nos *bonos* que circulavam em Nova Iorque, o material acima reproduzido conta com dimensões superiores às daquele que analisamos anteriormente, bem como apresenta uma imagem de Fidel Castro, de terno, ao centro, ladeado à esquerda por uma bandeira de Cuba e à direita por uma bandeira do Movimento Revolucionário 26 de Julho. O texto, mais extenso, critica o governo cubano e dá espaço para que o contribuinte registre seu nome na cédula seguido de uma reafirmação a respeito da Declaração Universal dos Direitos do Homem, proclamada pelas Nações Unidas. Na mesma cédula, diferente da que já se pôde visualizar anteriormente, o contribuinte tem liberdade para registrar o valor de sua contribuição, seguido de “*un saludo al Dr. Fidel Castro, máximo líder de la juventude cubana que lucha por libertad*” na terra de José Martí.

Cabe mencionar o contraste entre um Fidel Castro claramente guerrilheiro, no caso de sua representação no material de Nova Iorque, e um Fidel Castro formal, a quem chamam de Doutor, no caso do material que circulava em Miami. Quiçá pelo público-alvo desses dois locais, o que se tem é uma abordagem completamente distinta em relação a figura do líder

⁴¹ Cortesia da Prof. Dra. Lillian Guerra.

rebelde, vez que para um público aparece como guerrilheiro e para outro como um homem das leis. Contudo, é válido destacar que em ambos os casos, estamos diante de exaltações que, ainda que nas entrelinhas, remetem à luta anticolonial e/ou à figura de José Martí.

O povo cubano, por sua vez, conheceu no ano de 1957 entre 5 e 6 edições do clandestino *Revolución*, então criado no início do ano e dirigido por Carlos Franqui.⁴² Dentre elas, dispomos de um número limitado de exemplares, dada a raridade do material. No entanto, segundo se tem notícias na bibliografia, mostra-se como uma das mais importantes a edição da segunda quinzena de Junho de 1957 (Imagem 14), já que além de dar conhecimento ao povo de Cuba sobre a importante vitória na batalha de Uvero – que teve extrema relevância pela dificuldade em si – o clandestino apresenta um conjunto de imagens em sua capa dentre as quais se destaca Fidel Castro fazendo pontaria em seu conhecido rifle de mira telescópica, bem como um conteúdo de ataques e acusações contra a ditadura e uma descrição pormenorizada da batalha vitoriosa. Ao fim e ao cabo, nessa edição merece atenção especial o anúncio sobre o início da *Radio Sierra Maestra* – antecessora de *Radio Rebelde* – além de uma denúncia sobre a venda de *bonos* falsos em nome do M-26/7, seguida pela divulgação dos oficiais.

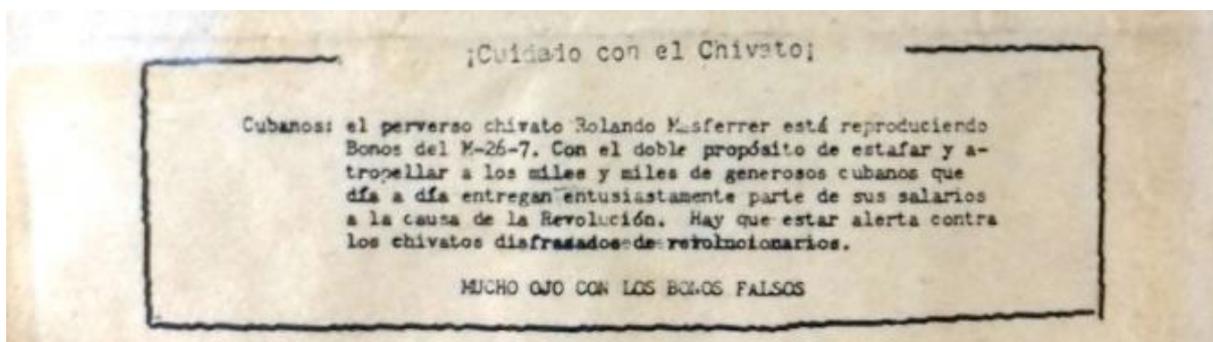


Imagem 21 – *Revolución*. Segunda quinzena de junho, 1957. Arquivo pessoal.

⁴² Conforme pudemos identificar na bibliografia e confirmar através de registros internos na Biblioteca Nacional de Cuba “José Martí”, *Revolución* contou com 22 edições clandestinas. Patricia Calvo González (2014, p. 183), por sua vez, registra em seu trabalho que dessas, um total de 8 foram veiculadas no ano de 1957 e as outras 14 no ano de 1958. Entretanto os dados do material original contradizem a autora: enquanto, por um lado, ela defende que em setembro de 1957 teria sido veiculada a 8ª edição do jornal e em janeiro de 1958 teria sido veiculada a 9ª edição, por outro lado, a própria fonte em seu formato original nos revela, dentre outras coisas, que em setembro foi veiculada a edição de número 5 e a edição de número 9 somente apareceu em junho de 1958. A edição de número 7, que segundo Calvo González teria sido publicada em 1957, por sua vez, apareceu apenas em 1958.



Imagem 22 – Revolución. Segunda quinzena de junho, 1957. Arquivo pessoal.

É cabível registrar nossa observação a respeito do *layout* dos *bonos* de contribuição para a revolução cubana vendidos nos Estados Unidos e seu contraste com aqueles que, segundo podemos observar, circulavam em Cuba (Imagem 22). Mais do que isso, é importante notar que, segundo pode-se inferir, sua circulação no país era intensa, apesar da censura governamental, uma vez que chegou-se ao ponto de o M-26/7 precisar alertar aos seus colaboradores contra a presença de pessoas que, passando-se por revolucionários, vendiam falsos *bonos*.

Com análises futuras e apresentação do material no decorrer do ano de 1958 poderá ser observado com mais afinco o papel informador e denunciador que assumiu a publicação em seus dois primeiros anos. Contudo, apenas com o exposto já entendemos ser possível notar que tratava-se de um órgão através do qual o M-26/7 encontrava espaço para falar com seu público cativo, rompendo as barreiras da censura, promovendo a divulgação da causa revolucionária e garantindo a arrecadação de recursos para as lutas vindouras. As dificuldades do momento, o que envolvia o sigilo de sua produção, ficam já evidentes quando analisados os primeiros materiais do clandestino, uma vez que percebemos ora a ausência de data nas edições, ora a ausência de número das mesmas, o que nos faz depreender que se buscava, em si, uma produção estética e estruturalmente bem definida, mas, sim, um meio rápido e eficaz para informar, não passando, necessariamente, por revisões cuidadosas ou sem o cumprimento de padrões estéticos e editoriais bem definidos.

Não parece difícil perceber que o ano de 1957 para o grupo de Fidel Castro foi intenso não só no campo dos enfrentamentos militares contra o governo cubano da época, mas também no que diz respeito à propaganda em si. A censura imposta na ilha, como comentamos, levou a uma diminuição considerável de suas aparições na imprensa regular de seu país e obrigou o estabelecimento de uma atividade de propaganda majoritariamente voltada para o exterior. Aliás, quanto a propaganda no exterior, é preciso mencionar seu protagonismo como liderança contrária a Batista. É dizer, ainda que em Cuba outros grupos estivessem em plena atividade no combate à ditadura, o fato de Fidel Castro ter sido, se não o único, o que mais investiu nessa frente de batalha tornou-o ainda maior do que se supunha perante a opinião pública.

Estabelecida uma intensa atividade de propaganda da revolução cubana e tendo Fidel Castro sido projetado pela imprensa como liderança de maior envergadura no país – um produto de sua própria articulação através dos órgãos com esse objetivo – torna-se relativamente simples compreender por que, num primeiro momento, *Revolución* sequer precisou dedicar-se especificamente à figura de Fidel Castro. Por óbvio, o fato de Fidel divulgar a revolução e, por tabela, a si mesmo na imprensa legal de Cuba e do exterior, tornava secundária a necessidade de fazer o mesmo através da imprensa clandestina. Uma vez estimulada a opinião pública através de uma imprensa legal de grande alcance, competiu a *Revolución* num primeiro momento receber os leitores atraídos pela causa e divulgar a eles os detalhes da luta que o grupo em si empreendia pelo país.

É importante que se considere, como bem observa Richard Gott (2006, p. 185), que o fortalecimento de Fidel Castro em 1957 passou, em parte, também pelo fato de que outros grupos e lideranças opositoras a Batista se enfraqueceram naquele ano. É dizer, a ação desastrosa do Diretório Revolucionário Estudantil no assalto ao Palácio Presidencial em março de 1957 com a consequente morte de seu líder, José Antonio Echeverría, bem como a pequena força guerrilheira da Organização Autêntica (fundada por Prío Socarrás) que fora massacrada pelo exército em maio praticamente projetavam Fidel Castro, fazendo com que a guerra continuasse sendo, portanto, seu próprio show, conforme nos coloca Tad Szulc (1987, p. 492).

Todos os rivais de Castro estavam gravemente enfraquecidos ou haviam sido destruídos em meados de 1957, e o seu minúsculo exército guerrilheiro na Sierra [...] tornou-se então a única força insurgente viável em toda a ilha (GOTT, 2006, p. 185).

Soma-se ao exposto, enfim, que muito estrategicamente Fidel soube utilizar-se da publicização da vitória militar em El Uvero, que reforçava a operacionalidade da guerrilha na *Sierra Maestra* e consolidava o M-26/7 como força guerrilheira plenamente em campo. É

importante notar, ainda, que a batalha de Uvero, coincidentemente, se deu no mesmo dia em que os homens de Prío caíam frente as forças de Batista, qual seja, 28 de maio de 1957.⁴³

Do ponto de vista da propaganda nos EUA, o ano de 1957 encerrava-se com uma importante – e, atualmente, rara – publicação sobre o M-26/7 feita em *El Insurgente* no dia 15 de novembro⁴⁴, onde Jesús “Chucho” Reyes enaltecia a luta revolucionária em Cuba, elevando a figura de Fidel Castro e comentando sobre a propaganda que se produzia em paralelo à luta revolucionária. Na mesma edição em que podia-se ver reportagens e denúncias contra a ditadura em Cuba, o órgão de Miami – completamente em espanhol e, portanto, voltado para a comunidade latina da região – cedeu espaço para “Chucho” Reyes comentar sobre o que se passava em Cuba do ponto de vista do grupo comandado por Fidel Castro, sendo que a ênfase dada pelo autor a respeito da propaganda revolucionária nos é de fundamental interesse, uma vez que reforça nossa defesa em torno da importância da propaganda política para alcançar os resultados pretendidos pela revolução, bem como sobre a consciência de Fidel Castro a esse respeito. Com isso, podemos afirmar, uma vez mais, que a midiaticização da revolução cubana não foi um produto natural do processo, mas parte de uma ação consciente e coordenada por Fidel Castro nesse sentido.

2.3. Huye Batista: luta e propaganda às vésperas do triunfo revolucionário

Com o início do ano de 1958, o último do processo revolucionário que levaria os rebeldes ao poder, a intensificação dos enfrentamentos não diminuiu a busca pela manutenção de uma atividade de propaganda junto à imprensa, dentro e fora da ilha. Na realidade, a própria circulação de *Revolución* se mostra mais intensa a partir desse ano, já que a maioria de suas 22 edições clandestinas foram postas veiculadas nesse momento da luta rebelde. Ademais, o ano foi também marcado pela criação da *Radio Rebelde* por parte do M-26/7 que, através de suas transmissões, passou a tornar possível um contato maior e em tempo real entre os rebeldes da *Sierra* e a população nas cidades, bem como cumpriu um importante papel ao aproximar o povo

⁴³ A vitória na Batalha de Uvero teve grande importância militar para os planos de Fidel Castro, já que foi a partir de tal ação que o Exército Rebelde pode contar com um grande número de armas à sua disposição, incluindo algumas metralhadoras e vários fuzis, marcando o início de fase mais ofensiva e confiante das ações rebeldes (SZULC, 1987, p. 493).

⁴⁴ Intitulado *Habla a nuestros lectores un expedicionario del Granma*, o referido material foi consultado pelo autor em sua forma original e compõe parte da Ernesto Chávez Collection no acervo da Special and Area Studies Collections da University of Florida. Entretanto, sua reprodução não se fez possível devido à delicadeza do material que, pela sua raridade, preferimos não digitalizar com vistas a evitar a danificação do papel ao manuseá-lo.

do líder rebelde através de sua voz, tornando essa relação, desde um ponto de vista simbólico, bastante íntima.

Para José Rodrigues Máo Jr. (2007), a consolidação do *Ejército Rebelde*, em 1958, como força militar de oposição à ditadura na *Sierra Maestra* foi determinante para os projetos do futuro Estado revolucionário:

O crescente controle do território da *Sierra* por parte do *Ejército Rebelde* possibilitou que, aos poucos, a guerrilha fosse se sedentarizando. Por volta de fevereiro de 1958, a região tornou-se, na prática, um inexpugnável território guerrilheiro no qual o Exército repressor não mais se aventurava a penetrar. Surgiu assim o *Territorio Libre de la Sierra Maestra*. O estabelecimento deste território livre possibilitou ao *Movimiento 26 de Julio* pôr em prática algumas medidas preconizadas por seu programa revolucionário: promulgou-se a primeira *Ley de Reforma Agraria* na *Sierra Maestra*, leis de impostos e leis penais. Constituíram-se improvisados escolas e hospitais que passaram a atender a desassistida população da região [...] Foi criada a Radio Rebelde, dirigida por Che Guevara que, juntamente com o periódico *Revolución*, além de orientar e organizar o movimento clandestino contra Batista, mantinham toda a população informada acerca da luta que os revolucionários travavam nos remotos rincões das montanhas orientais (MÁO JR, 2007, p. 295, grifos do autor).

Porém, mais do que isso, 1958 representou também uma virada importante na questão da comunicação de massas e da propaganda no exterior. Enquanto em Cuba imperava uma propaganda majoritariamente pela via clandestina – já que, conforme mencionamos, naquele ano o país enfrentou 10 meses de censura – no exterior, Fidel Castro apostava na propaganda dos ideais revolucionários, chegando a orquestrar ações cinematográficas para chamar a atenção da opinião pública internacional. Uma delas foi o sequestro do automobilista argentino Juan Manuel Fangio.

Numa ação ousada até mesmo para o M-26/7, no final de fevereiro de 1958 um de seus braços na cidade de Havana, o *Movimiento de Resistencia Civica*⁴⁵, organizou o rapto do então vencedor do Grand Prix de Paris de 1957, o argentino Juan Manuel Fangio, quando o corredor se encontrava na capital cubana para uma segunda corrida na cidade – a primeira havia ocorrido no ano anterior, com a vitória do argentino. O evento, que contava com grandes nomes da Fórmula 1 da época, visava atrair a atenção internacional para o turismo na ilha e conferir ares

⁴⁵ Por ocasião da reunião do Diretório Nacional do M-26/7 em fevereiro de 1957 na *Sierra Maestra*, ficou decidido pela criação do *Movimiento de Resistencia Civica*, que atuaria em paralelo ao Movimento 26 de Julho no sentido de lhe dar suporte na luta contra a ditadura, sobretudo financiando o Movimento através da venda de *bonos*, do fornecimento de casas seguras para ativistas urbanos ou, ainda, da publicação de críticas contra a ditadura na imprensa cubana (GUERRA, 2018, p. 233).

de normalidade ao país, que enfrentava o processo revolucionário que temos debatido (GUERRA, 2018, p. 235).

Dessa forma, o sequestro do argentino surgiu como uma alternativa dos rebeldes para desconstruir o discurso de normalidade que o governo tentava transmitir com a corrida e para chamar a atenção da imprensa internacional para a sua causa, o que surtiu grande efeito, na medida em que não bastasse o sequestro em si, Fangio, após sua libertação, não hesitou em enaltecer a ação dos rebeldes para a imprensa:

The abduction drew widespread press coverage in Cuba and abroad for the 26th of July, Fidel Castro, and the revolution. Obliging as the grateful hostage, Fangio referred to his captors as “**my friends the kidnapers**”, telling Mexican journalist Manuel Camín that though he regretted not racing in the Gran Premio de Cuba, “**if my capture can serve a good purpose, as an Argentine, I support it.**” The U.S. embassy predicted that the “widespread publicity” in the United States, Europe, and Latin America “will probably cast the government in a bad light as incapable of maintaining order in its own house.” (SWEIG, 2002, p. 104-105, grifos nossos).

Além de ser outro golpe midiático dos revolucionários contra Batista através da imprensa internacional – que, por certo, deu total atenção ao acontecimento –, Richard Gott (2006, p. 188) nota que “a Resistência Cívica tinha claramente a capacidade de desempenhar ações espetaculares debaixo do nariz da polícia”.

Se Julia Sweig entende – e em grande parte concordamos – que o sequestro de Fangio deu início a um “período de ouro” para a insurreição urbana e para as lideranças do *llano* (até pela própria repercussão da ação), é preciso notar que o bem-sucedido sequestro acabou por dar tamanha confiança ao grupo urbano, que este passou a sentir-se seguro para começar as discussões a respeito de uma greve geral no país, que, em parte, apesar do fim desastroso e até de uma certa contrariedade de Fidel Castro, só foi ratificada pelo líder e levada a cabo, em parte, por representar uma tentativa sua em restabelecer a unidade entre as alas do M-26/7, abalada por tensões gestadas desde 1957.

Isso, pois, para o desgosto dos partidários da causa revolucionária nas cidades, Fidel parecia entender o papel da resistência urbana como secundário, quando comparado à luta nas montanhas orientais. O líder do exército rebelde já vinha demonstrando em algumas ocasiões sua insatisfação com o não recebimento de “suprimentos suficientes” do *llano*, como se a esse grupo coubesse apenas o sustento dos guerrilheiros da *Sierra*, e isso vinha gerando um clima de desacordo entre os dois lados (SZULC, 1987, p. 511-512).

Note-se que desde 1957 situações delicadas de aparente insatisfação e disputa pelo poder do M-26/7 vinham surgindo:

Nas cidades, entretanto, crescia o sentimento de que Fidel Castro deveria dividir a responsabilidade das tomadas de decisões com o Diretório Nacional [...] Segundo eles, era necessário que Fidel Castro abrisse os olhos para ver que, além do envio de armas, dinheiro e suprimentos para os rebeldes de Sierra Maestra, o Movimento 26 de Julho e a Resistência Cívica estavam, também, dando assistência a ele através de esforços de sabotagem contra a economia – explodindo instalações de empresas de utilidade pública, fábricas e repartições públicas, além de incêndios em canaviais – e muitos desses lutadores clandestinos estavam sendo mortos, presos e torturados nas cidades (SZULC, 1987, p. 495).

Diante do cenário, e temendo um esvaziamento do seu poder político dentro da estrutura do M-26/7 (sobretudo porque Frank País buscava uma reorganização do Diretório Nacional, cujo projeto⁴⁶ estava por elaborar-se) Fidel chegou a articular com “dois respeitados moderados de uma geração mais velha”, Raúl Chibás e Felipe Pazos, trazendo-os para o seu lado e usando de seu prestígio para projetar-se nacionalmente – mais uma vez – lançando, em 12 de julho de 1957, o Manifesto da Sierra Maestra. O programa do Manifesto era um aceno a diferentes setores da sociedade e de oposição à Batista, num plano de transição pacífica e democrática, com a convocação de eleições e demonstração de uma “moderação e bom senso” que foram capazes de cooptar quadros Autênticos, Ortodoxos, instituições cívicas e grupos revolucionários em Cuba e em Miami em uma união que, clara e objetivamente, era encabeçada pelo M-26/7, que apenas se fortalecia e fortalecia junto a figura de Fidel (SWEIG, 2002, p. 38; SZULC, 1987, p. 498).

Feitas essas observações, o cenário que se desenhava em Cuba após o hesitoso sequestro de Fangio em 1958, dava ao *llano* alguma confiança de que mais ações grandiosas poderiam ser orquestradas da cidade contra a ditadura e isso apenas alimentava os planos em torno de uma greve geral. Todavia, se por um lado a liderança de Fidel Castro tivesse já sido reafirmada em Cuba e no próprio M-26/7, o *llano*, por mais fidelista que fosse seu núcleo⁴⁷, seguia buscando espaço para ter aceita e reconhecida a sua importância por Fidel. E não havia momento mais adequado para isso do que a organização de uma greve geral para parar a economia da ilha e enfraquecer o governo.

⁴⁶ Para informações a respeito do projeto de reorganização da estrutura do Diretório Nacional, ver: SZULC, Tad. Fidel: um retrato crítico. Rio de Janeiro: Best-Seller, 1987, p. 495.

⁴⁷ Barthon Favatto Jr. (2014, p. 101) considera tão expressiva a devoção do núcleo urbano à figura de Fidel Castro que, para ele, torna-se irrelevante o conflito interno entre as duas alas. Contudo, em que pese a importância de seu trabalho, discordamos do autor na medida em que por mais fidelista que, de fato, fosse o grupo, as tensões internas causavam um clima de falta de unidade que só seria revertido através de seu apoio à greve geral.

Desde os primeiros dias em Sierra, sempre que se discutia o colapso final do regime de Batista, a noção de uma greve geral revolucionária era muito privilegiada. Segundo a memória popular, era esse o tipo de greve que derrubara Machado em 1933. A greve não seria apenas uma paralisação de trabalho, mas envolveria uma ampla gama de atividades anti-regime [...] as quais se desdobrariam numa insurreição urbana (GOTT, 2006, p. 187).

Ocorre que, por mais certos que estivessem os dirigentes do *llano* sobre esse movimento que pretendiam encabeçar, tudo indica para uma discordância de Fidel Castro quanto ao sucesso da empreitada, fato que contribuiu para a existência de um debate no âmbito do Diretório Nacional do movimento a respeito da greve. A organização da greve, porém, foi confirmada e seguida de um documento assinado por Castro e Faustino Pérez (uma liderança do *llano*) em que conclamavam o povo à greve, marcada para 09 de abril.

Em consonância com o que registrou Richard Gott (2006, p. 187), décadas depois Fidel Castro referiu-se à greve geral como um evento que, embora soubesse não estar no momento propício, seguiu adiante com o seu apoio porque naquele então prevaleceu a opinião e os critérios do *llano*, que estava nas cidades, e não a dos rebeldes que estavam na *Sierra* (CASTIÑEIRA, 2011, p. 466). Entretanto, ainda que essas colocações correspondam com a realidade, visto esse fato sob o prisma das tensões crescentes entre as alas urbana e rebelde do movimento, não parece improvável verificar que o apoio de Fidel ao evento representava um aceno àqueles setores que viam nele uma espécie de caudilho⁴⁸, bem como uma manobra para garantir a união do M-26/7 num momento em que ele mesmo era obrigado a reconhecer o prestígio de que dispunha o movimento nas cidades graças a exitosa ação revolucionária do sequestro de Fangio.

A greve, por outro lado, fracassou conforme temiam alguns dirigentes revolucionários em *Sierra Maestra*, dentre eles o próprio Fidel Castro. O tema da greve suscita diferentes interpretações dentro e fora de Cuba, bem como os autores costumam apontar para diferentes razões em explicação ao resultado desastroso da ação, mas muitos deles concordam que havia uma completa desarticulação entre a ala urbana do M-26/7 e a classe trabalhadora, que tinha forte influência do PSP.

A não adesão do PSP à greve, contudo, precisa ser muito bem analisada, uma vez que, embora desde o começo de 1958 alguns jovens comunistas do partido tivessem já se

⁴⁸ De acordo com Ernesto Che Guevara, havia no *llano* um temor e uma certa oposição ao grupo armado da *Sierra* e ao caudilhismo supostamente representado por Fidel Castro. Para mais informações, ver: GUEVARA, Ernesto. *Revolução Cubana: passagens da Guerra Revolucionária*. São Paulo: Edições Populares, 1987, p. 156.

aproximado do M-26/7 e alguns até passado pela *Sierra Maestra* no ano anterior – como foi o caso de Pablo Rivalta – havia ainda uma enorme desconfiança em relação ao partido, que desde o início do processo revolucionário vinha se opondo à via armada adotada pelo 26 de Julho, razão pela qual boicotou a greve (MISKULIN, 2016, p. 210). Em função dessa desconfiança, e talvez até do excesso de confiança do próprio *llano* naquele momento, os organizadores da greve simplesmente excluíram o PSP de seus planos, perdendo, com isso, a chance de alcançar as organizações de trabalhadores nas quais, note-se, o acesso do M-26/7 era pequeno e o do PSP era mais amplo (CUSHION, 2016, p. 163-164; GOTT, 2006, p. 187).

Além disso, Mão Jr. (2007, p. 300) leva em consideração que a arriscada ação expunha publicamente alguns quadros até então clandestinos do movimento, colocando-os em risco e facilitando, naturalmente, o contra-ataque de Batista contra o Movimento 26 de Julho, “ocasionando o desmantelamento da maior parte de sua rede clandestina urbana”, segundo nota o autor.

Por outro lado, o fracasso da greve significou aspecto determinante para a imagem e liderança de Fidel Castro no âmbito no M-26/7, já que, conforme observou Rafael Saddi Teixeira (2009, p. 189), “o resultado da ação reafirmou na cabeça dos revolucionários que o grande líder máximo da revolução era Fidel Castro”, além disso, ainda segundo o autor, reforçava-se a ideia de que o exército rebelde “encarnava a posição central na libertação de Cuba”.

Contudo, a ofensiva batistiana não mediu esforços para liquidar Fidel Castro. Segundo ele próprio reconhece, a ditadura se sentiu estimulada a dar um golpe definitivo nos guerrilheiros e isso representou o início da fase final e definitiva da luta revolucionária rumo ao poder:

Su plan, conocido por las siglas FF que significaban Fin de Fidel [alguns autores também apontam como Fase Final], consistió en concentrar 10 000 hombres con apoyo de tanques, artillería, medios aéreos y navales. Lanzaron una poderosa ofensiva, que comenzó el 25 de mayo de 2958, contra la Columna N.º 1, en cuyas áreas se formaron todas las demás columnas. Allí se ubicaban la Comandancia General y las instalaciones más importantes de nuestra guerrilla como Radio Rebelde y un hospital de campaña (CASTIÑEIRA, 2011, p. 472).

Por outro lado, a resposta militar dos rebeldes foi exemplar. O conhecimento do território sobre o qual lutavam, somado à estratégia de resistir para desgastar e encurralar o inimigo, conduzindo-os em meio à mata densa e causando-lhes vulnerabilidade, rendeu bons

resultados numa empreitada que durou cerca de 75 dias (AYERBE, 2004, p. 36; CASTIÑEIRA, 2011, p. 472).

Mas José Rodrigues Mão Jr. vai além. O historiador defende que para além dos fatores militares, um outro aspecto – de caráter subjetivo – foi fundamental para a virada que deu êxito aos rebeldes em seus combates:

[...] enquanto os guerrilheiros eram movidos por uma profunda convicção ideológica, a maior parte dos soldados do Exército batistiano eram simples profissionais incorporados à vida da caserna premidos pela ausência de trabalho estável e logo perceberam que não valia a pena morrer por seu magro salário. Enquanto o combatente revolucionário da *Sierra Maestra* acreditava lutar por seu povo (e deste recebia apoio), o soldado que defendia a ditadura ressentia-se do repúdio da população (MÃO JÚNIOR, 2007, p. 301, grifos do autor).

Ora, além de concordamos com o ponto tocado pelo autor, a ele acrescentamos o fato de que, desmoralizado o exército governista, coube aos rebeldes – conforme veiculado na imprensa clandestina do 26 de Julho – valer-se desse ressentimento e apelar para ofertas àqueles militares que aceitassem mudar de lado. É dizer, naquele momento da luta revolucionária, tudo passou a ser válido se com o objetivo de derrocar a ditadura, inclusive se o preço fosse conceder promoções àqueles militares que aderissem à causa rebelde – fosse pelas suas convicções políticas, fosse em busca de prestígio ante a população.

Mas fato é que, passada a ofensiva de Batista, os rebeldes por certo puderam respirar aliviados após a aquisição de um elevado número de armamento e isso deu-lhes algum fôlego para seguir a luta contra o regime de forma mais intensa, com a tomada da decisão de invadir o restante da ilha acentuando o processo de descentralização das forças guerrilheiras que, agora, passariam a se dispersar pelo país.

Em contrapartida, na ilha a ampla quantidade de edições de *Revolución* que circularam naquele ano, além de um desafio frontal à ditadura, demonstram uma intensificação também da atividade de propaganda do M-26/7 que, junto com a *Radio Rebelde*, aproximava o povo do cotidiano da revolução – esse cada vez mais intenso e marcado pelo acirramento da luta entre os rebeldes e a ditadura.

Nos Estados Unidos, especificamente na Flórida – reduto histórico de cubanos exilados – a atividade propagandística mostrava-se também presente, quiçá até mesmo como um resultado da passagem de Castro pelo país e do estabelecimento de alianças com a comunidade cubana da região anos antes. Em 20 de maio de 1958 chegava ao público, por exemplo, o

primeiro número do *Boletín Quincenal del 26/7 en Miami*.⁴⁹ Dirigido por F. Zamora, a publicação se destacou pela presença de um artigo sob o título *La Solución Revolucionaria – Habla Fidel Castro*, cuja importância se dá nem tanto apenas pelo enfático discurso em defesa da revolução para a população de Miami, mas pelo espaço em que ecoa a mensagem de Fidel Castro: um órgão editado na Flórida voltado, por certo, àquela população que garantia parte do suporte financeiro do movimento revolucionário.

Além disso, chama a atenção a forma como se coloca a imagem do líder rebelde na publicação: junto da reportagem, o órgão apresenta ao leitor uma fotografia de Fidel Castro olhando para a direita, com o desenho de uma bandeira cubana ondeando ao seu lado, seguida da legenda “*Dr. FIDEL CASTRO, Contemplando la única bandera que perdurara después del triunfo de la revolución y por la cuál está luchando en las montañas de Oriente*”.



Imagem 23 - *Boletín Quincenal del M-26/7*. Miami, 20 de Maio de 1958, capa.

⁴⁹ O referido documento foi consultado em sua forma original e integra parte da Ernesto Chávez's Collection, localizada no Department of Special & Area Studies Collections da University of Florida.



Imagem 24 - Boletín Quincenal del M-26/7. Miami, 20 de Maio de 1958, página 4.

Na ilha, por sua vez, a propaganda vinha também com fôlego. Note-se que, segundo já demonstrado, em 1957 produziu-se um total que pode variar entre 5 ou 6 edições de *Revolución* na ilha, sendo as demais 16 ou 17 edições – que totalizam as 22 veiculadas na clandestinidade – inteiramente produzidas em 1958 (ver nota 42). Ou seja, é evidente que, numa análise comparativa, 1957 teve um número bastante inferior de produção de material de propaganda em relação a 1958 já que, quantitativamente, localizaram-se no último ano do processo revolucionário a média de 75% do total da produção jornalística do movimento.

Tão intensa a atividade de propaganda através de *Revolución*, que o órgão oficial do M-26/7 passou por interessantes mudanças em seu *design* gráfico durante 1958, tornando-se mais atrativo ao leitor que, ainda que com um clandestino em mãos, pode se deparar com um material de maior qualidade e até mesmo colorido, em casos pontuais. Para nós, é cabível comentar, esse último detalhe chama também a atenção, uma vez que pesquisas tem demonstrado as dificuldades encontradas pelo núcleo de Carlos Franqui na produção do periódico. Ainda assim, a visualidade do material tornou-se tema relevante para o núcleo de propaganda.



Imagem 25 - Layout. *Revolución*. n. 5, 1957

Imagem 26 - Layout. *Revolución*. n. 9, 1958.



Imagem 27 - Layout. *Revolución*. n. 12, 1958.

Imagem 28 - Layout. *Revolución*. n. 22, 1958.

Acima, as imagens apresentadas elucidam o que ora comentamos a respeito do *design* do *layout* das edições clandestinas. A evolução, de um modelo simplista para algo mais elaborado, com imagens ao fundo é notória. Aliás, a própria presença de imagens a partir de meados de 1958 com a aglomeração popular em sinal de protesto ou mobilização é um aspecto importante a ser notado já que, aliado ao título do periódico, transmite a mensagem visual de uma revolução popular, com apoio e participação ativa das massas.⁵⁰

O conteúdo das edições, por sua vez, chama a atenção mais pelo tom marcadamente militante do que pela projeção que se faz de Fidel Castro. Aliás, segundo temos percebido desde muito, esse veículo, durante sua fase clandestina, era muito mais o espaço em que se projetava a revolução em si do que a figura do líder, cujo papel era cumprido através imprensa legal nacional e internacional.

É dizer, destacam-se a informação revolucionária e a denúncia política contra a ditadura nas páginas de *Revolución*, bem como se observa, a partir de 1958, a padronização de algumas seções em suas edições que, segundo temos percebido e pudemos extrair do trabalho de Patricia Calvo González, viriam a tornar-se “mais ou menos fixas”:

[...] el tiraje se caracteriza por una homogenización del formato y el establecimiento de unas secciones más o menos fijas que se repiten en cada número, tales como “Vanguardia Obrera”, “Desde el frente” o “Noticiero Revolucionario” (GONZÁLEZ, 2014, p. 190).

Do ponto de vista da eficácia da comunicação, a publicação dos rebeldes apostava, em alguns casos, também na visualidade. Embora durante a fase clandestina a publicação de imagens não tenha sido uma característica de *Revolución* – como veio a ser a partir de 1959 – já na clandestinidade importantes usos da comunicação visual puderam ser observados.

⁵⁰ Embora na Imagem 25 tenhamos reproduzido a edição número 12 de *Revolución*, cumpre destacar que desde a edição número 11 a mesma imagem já era verificada. Contudo, por não termos tido acesso a décima edição não sabemos, com exatidão, quando o uso de imagens aliada ao título se iniciou.

A despeito das dificuldades em se produzir fotografias na *Sierra* e enviá-las à cidade (onde era produzido clandestinamente *Revolución*), o grupo aparentava adotar como estratégia, sempre que possível, a publicação de imagens que fossem capazes de aludir ao poder bélico do exército rebelde (homens manuseando armas, Fidel Castro em pontaria, etc.) que, aliadas às informações escritas de combates travados contra forças governistas, levavam ao leitor a mensagem de um grupo ativo e pronto para o combate. Essas imagens, entretanto, nem sempre correspondiam cronologicamente aos eventos noticiados.

Também nesse sentido, pôde-se notar, em alguns casos, a presença de imagens fortes que visavam denunciar as violências cometidas pela ditadura, como foi o caso de uma fotografia que apareceu na segunda página da edição n. 13 de 11 de agosto de 1958 onde, acompanhando a denúncia de violência contra presos políticos de *Castillo del Principe* (prisão em Havana), a publicação estampou a imagem de homens mortos ao chão, metralhados pelo regime.

Contudo, se por um lado havia uma busca por categorizar o regime e seus agentes como cruéis contra seu povo através de *Revolución*, foi também por meio desse periódico que o grupo de Fidel Castro buscava maneiras de fazer acenos a alguns quadros militares batistianos. É o que se pode depreender do conteúdo da edição n. 8, que circulou na ilha em 17 de junho de 1958, notadamente através da *Carta a un militar digno*.

O documento, que ninguém assina, é dirigido aos soldados, marinheiros e policiais a quem o clandestino iguala aos “filhos do campesinato explorado e faminto” ou dos trabalhadores e pequenos comerciantes, numa evidente tentativa por associar esses agentes do Estado ao povo mais humilde e necessitado de Cuba, por quem a revolução advogava em primeiro lugar.

Com isso, o texto segue afirmando e reconhecendo o prestígio das forças armadas da nação e classificando como dignos apenas e tão somente aqueles militares que, invés de seguirem as ordens do regime – assassinando e torturando compatriotas – “cumprem o seu dever para com a pátria” passando, juntamente com suas armas, para o lado das forças rebeldes. Cabe salientar que o documento registra também uma oferta: aqueles que se aliassem às forças do M-26/7 receberiam uma promoção na hierarquia militar, tendo o direito de ostentar a patente ou posto imediatamente superior ao que detinha no exército regular do governo. Esse aceno do Movimento 26 de Julho aos militares nada mais é, enfim, do que a estratégia clara e certa de tocar na ferida do desprestígio crescente dos agentes do regime e, pelas benesses da oferta ou pela convicção revolucionária, convertê-los à causa. Qualquer que fosse a razão, era vantajoso

para os rebeldes a incorporação de um soldado do governo aos quadros revolucionários porque isso, muito apesar dos riscos, sem dúvida, desestabilizava o inimigo.

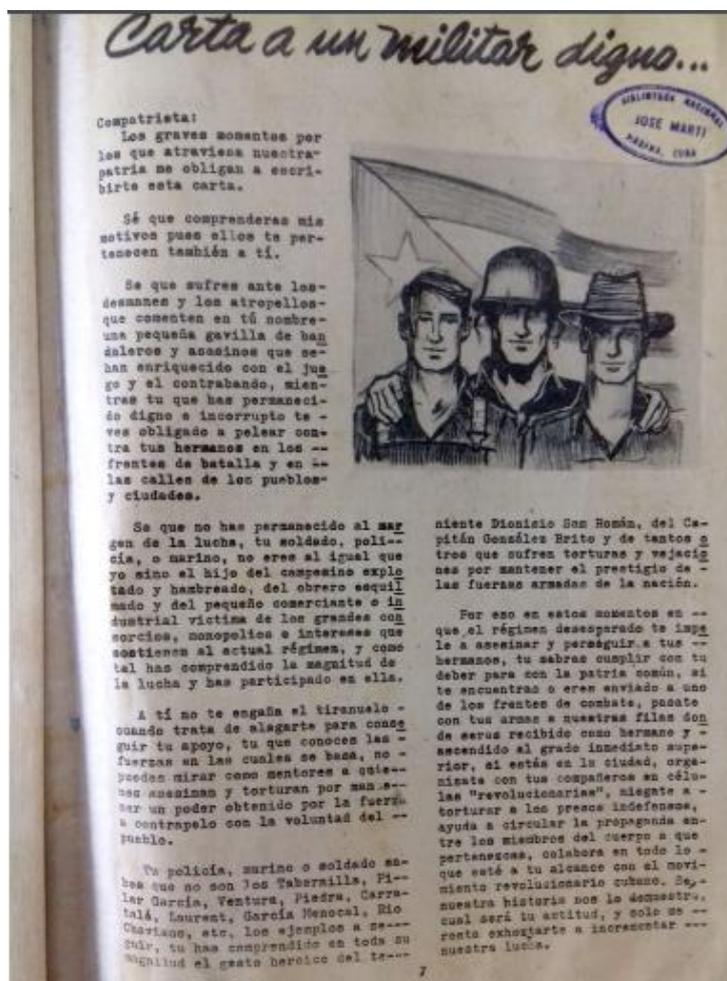


Imagem 29 - *Revolución*. Carta a un militar digno; 17 de Junho de 1958. Arquivo pessoal.

Também em junho, conforme observou Ana Nuñez Machín e pudemos confirmar nos documentos originais no acervo da *University of Florida*, o periódico *Sierra Maestra* – outro órgão do M-26/7, veiculado em Miami, nos Estados Unidos – publicou uma entrevista de Fidel Castro sob o título “*Nuevas declaraciones de Fidel Castro*”. Esse aspecto é mais um exemplo que, enfim, nos permite conhecer a visibilidade que era dada à luta cubana nos Estados Unidos, país com grande número de imigrantes cubanos.

De volta a Cuba, apesar da simplicidade ser uma marca de *Revolución* – o que, pelo próprio contexto de sua produção, não podia ser muito diferente – ganha destaque, dentre todos os números do clandestino, a edição comemorativa de número 12 de 26 de Julho de 1958, pelos 5 anos de luta, já que esse número em especial veio a público com a presença, pela primeira vez, de cores – notadamente o vermelho vibrante (como o da bandeira do M-26/7) e o verde

claro (como o do famoso uniforme verde oliva do exército rebelde), além de ser uma edição com um conteúdo fotográfico expressivamente maior do que as demais.

Nessa edição comemorativa, *Revolución* apelava abertamente para o “*recuento histórico*” dos anos de luta através de uma retórica triunfalista que, em meio às imagens abundantes e cores vibrantes, chamava a atenção do leitor. Um discurso bastante afeito à construção de uma narrativa épica da revolução cubana – que viria a tornar-se uma marca após 1959 – estava presente já nessa edição, exaltando os feitos de 26 de Julho de 1953 e os “homens visionários” que encabeçaram essa luta.

Entretanto, o discurso central do texto tinha como eixo a mensagem da liberdade e da dignidade do povo cubano que era representada pelo M-26/7, cujas ações visavam, além tudo, honrar o legado daqueles que se foram, em especial Abel Santamaría e Frank País. Aparentemente secundarizado, Fidel Castro se destacava nas entrelinhas, já que, subjetivamente, lhe recaía a responsabilidade de condução a esse destino libertário. A fotografia, enfim, assumia seu papel: Fidel Castro, de perfil, com barbas longas, de óculos e reflexivo aparecia ocupando grande parte da reportagem da última página da reportagem. A braçadeira do M-26/7 não deixou de aparecer, mas a mensagem visual, aliada ao texto não era necessariamente a respeito do comandante combativo da *Sierra Maestra* e, sim, da figura sensível que, segundo a legenda e o texto, pressentia, junto com Abel Santamaría, que um dos dois morreria. Cabia agora a Fidel, por fim, a missão de derrocar à tirania.



Imagem 30 - *Revolución*. 5 años de lucha. 26 de Julio de 1958, p. 2. Arquivo pessoal.

É necessário observar, ainda, a inexistência de dados técnicos sobre a produção da imagem. Essa é, na verdade, uma constante nos órgãos de imprensa com os quais temos trabalhado, não sendo exclusividade de *Revolución*; entretanto é preciso mencionar que especificamente nesse periódico é compreensível a inexistência de detalhes, haja vista o caráter clandestino da publicação.

No caso em questão, vale notar, o espaço usualmente reservado para legendas é utilizado para repetir o trecho da publicação em que se comentava a respeito dos pressentimentos de Fidel, num movimento em que a articulação entre a legenda e a imagem dão à totalidade da composição (fotografia e legenda) um novo sentido; “uma nova imagem” surge ao espectador de tal forma que só é possível de ser visualizada quando em conjunto com a legenda. É o que Lorenzo Vilches (1997) classifica como legenda amplificadora, um dos gêneros característicos da fotografia jornalística e que pode ser definido como:

Un texto donde no se expone ni se cuenta nada, sino que salta sobre el acontecimiento para exponer una nueva forma de ver. Esa lectura combina sus propias connotaciones con las de la foto y produce una nueva imagen en el

espectador, que no se halla ni en la foto ni en el texto, sino solo en la relación entre ambos [...] la unión entre pie de foto y foto es, quizá, bastante más común de lo que nos parece actualmente, sobre todo cuando la foto tiene poco contenido informativo original y peca de redundancia (como es el caso de las fotos de los políticos) [...] (VILCHES, 1997, p. 195).

Não por outra razão, enfim, é preciso que se considere a legenda também como parte da composição fotográfica.

Na mesma edição, recebeu uma atenção especial também um detalhe importante: em meio ao *recuento* que se buscava fazer de forma heroica e saudosista, os responsáveis pela publicação usaram de sua sagacidade para incluir, numa página mais ou menos central da edição, detalhes em cor verde – em alusão, quiçá, ao verde oliva do uniforme rebelde – margeando uma série de fotografias em preto e branco dos rebeldes. As características nada sofisticadas do jornal clandestino, somadas às dificuldades já comentadas em torno de sua produção nos fazem destacar esse cuidado e essa atenção que deram os responsáveis para essa questão. Reforçava-se, indiretamente, a associação entre o verde oliva e a luta rebelde.

Consolidada a essa época uma intensificação da luta guerrilheira na *Sierra* e das sabotagens nas cidades, o clima anti-regime era inequívoco e o que se observa é que desde então as articulações para o período pós-Batista ganhavam fôlego. Naquele mesmo mês de julho, foi assinado o Pacto de Caracas, que reunia, além do 26 de Julho, outras 8 organizações e partidos contrários ao governo num grande acordo nacional para a formação de uma aliança cívica e revolucionária composta pelos diferentes setores do país, prevendo a formação de um governo provisório (SZULC, 1987, p. 531). Segundo compreendemos do referido pacto, se tratava claramente de um acordo estratégico que tinha o M-26/7 como elemento principal e Fidel Castro como seu maior articulador num aceno nacionalista às camadas urbana e rural, abrangendo a burguesia, o operariado e o campesinato sem expressar qualquer tendência ideológica à esquerda ou à direita do que viria a ser o posicionamento do futuro novo governo.

O ponto central da estratégia de Fidel Castro era uma aliança que unisse o máximo de forças para a derrubada da ditadura. Fidel desejava unir, não apenas os grupos revolucionários, mas também os reformistas e até alguns setores reacionários que tinham contradições com o regime de Fulgencio Batista [...] É importante notar ainda que Fidel Castro somente propôs a aliança com setores burgueses quando o movimento por ele dirigido já havia se tornado numa força respeitável e decisiva, evitando assim que ficasse a reboque das forças burguesas, como afirmou em 1961 (MÁO JÚNIOR, 2007, p. 304).

O Partido Socialista Popular, por sua vez, ficou de fora da formação dessa coalizão, ainda que Carlos Rafael Rodríguez, um dos seus principais líderes, tenha viajado à *Sierra*

Maestra em julho de 1958 numa tentativa de aproximação com o grupo de Fidel Castro, mesmo depois de anos posicionando-se abertamente contra as ações do M-26/7.

Para Barthon Favatto Jr. (2014, p. 87), “o apoio efetivo à luta pela via armada somente veio a partir de meados de 1958, quando seus dirigentes notaram a aproximação da derrota de Fulgencio Batista”. Na mesma linha de pensamento estão Aviva Chomsky (2015, p. 48), que defende que o novo posicionamento dos comunistas cubanos veio num momento no qual a vitória contra Batista estava praticamente assegurada, e Lillian Guerra (2018, p. 201), que chega a mencionar o oportunismo do PSP ao mudar sua posição oficial quando o colapso do regime já era iminente.

Ainda sobre o papel do PSP, ao passo que José Cantón Navarro (2003, p. 165) aponta em seu trabalho a importante contribuição que supostamente teria dado o partido para a criação do M-26/7 ao atuar nas denúncias nacionais contra as condições do cárcere e tratamento recebido pelos moncadistas na prisão, Richard Gott, para além de abordar a desconfiança que tinham os membros do 26 de Julho com relação ao PSP, também traz à tona a hostilidade do desse mesmo partido com relação aos grupos que apostavam na insurreição armada, dentre os quais o próprio Movimento Revolucionário 26 de Julho, conforme já mencionado. Ademais, é categórico ao afirmar que teria sido somente em 1957 que o partido em questão teria assumido publicamente sua oposição ao governo de Batista, contrariando as afirmações de Cantón Navarro (GOTT, 2006, p. 184).

O tom sectário da análise e da abordagem de Cantón Navarro, segundo temos entendido, parecem, enfim, desconsiderar ou, simplesmente, ignorar tanto a hostilidade dos comunistas em relação aos rebeldes, quanto a aversão que tinham também alguns dos membros do M-26/7 em relação ao PSP – partido do qual o autor, vale ressaltar, fizera parte. Esse descontentamento de um lado ao outro, como pode ser percebido, custou um afastamento profundo entre as duas legendas, fazendo com que após a derrota praticamente certa da ditadura, o grupo comunista passasse a empreender insistentemente no sentido de aproximar-se do novo governo com vistas a participar de sua composição – mesmo que a contragosto de importantes quadros do M-26/7.

Finalmente, cada vez mais enfraquecido o governo de Batista com a ampliação da adesão de grupos opositores à luta, se tornava perceptível até mesmo com certa naturalidade a iminência de seu fim. A ofensiva organizada por Castro a partir de meados de 1958 com a formação da aliança cívica e revolucionária surtia os efeitos esperados na medida em que, do ponto de vista do M-26/7, enquanto a coluna de Fidel Castro se mantinha de prontidão na *Sierra*

Maestra, as colunas de Raul Castro, Camilo Cienfuegos e Ernesto Che Guevara assumiam posições no restante da ilha, em direção às províncias mais ao ocidente numa tentativa de pressionar as tropas do governo e ampliar a luta na ilha.

Para Gott (2006, p. 189), naquele então, Fidel Castro teria entendido ser o momento de seguir os passos dos independentistas Máximo Gómez e Antonio Maceo em 1896, organizando a invasão da parte ocidental da ilha num movimento em que cabia a Che Guevara rumar para a então província central de Las Villas (atualmente, Villa Clara) e a Camilo Cienfuegos marchar em direção a também ocidental Pinar del Río, totalizando, ambas as colunas em agosto de 1958, a cifra de 230 homens. Sergio Guerra Vilaboy, sobre aquele momento decisivo da luta, complementou:

[...] Estas dos vanguardias del Ejército Rebelde, tras recorrer pantanos y llanuras sorteando el hostigamiento del enemigo, alcanzaron el centro de la Isla a fines de 1958. El punto culminante de la ofensiva revolucionaria se consiguió con la liberación de la ciudad de Santa Clara, capital de la provincia central, por la columna del Che Guevara, así como el sitio de Santiago de Cuba y Guantánamo establecido por las fuerzas de Fidel y Raúl Castro, respectivamente. Estos acontecimientos precipitaron la huida de Batista el primero de enero de 1959 (VILABOY, 2014, p. 393).

A tomada de Santa Clara, capital de Las Villas, em 30 de dezembro foi o último grande e decisivo golpe dos rebeldes na ditadura. A ação liderada por Che Guevara teve sucesso mesmo diante da arremetida final de Batista para conter o avanço dos guerrilheiros sob a porção ocidental da ilha. Silvia César Miskulin (2016, p. 211) notou a tentativa de Fulgencio Batista em enviar um trem blindado para retomar Santa Clara como algo completamente em vão, uma vez que não tendo surtido o efeito esperado – já que as forças rebeldes de Che Guevara resistiram à ofensiva – essa foi a última grande derrota de Batista no poder, que já percebia “que não tinha mais o controle do território e que seria muito difícil derrotar a guerrilha”.⁵¹

Ganhava forma, então, o que José Rodrigues Máo Jr. (2007, p. 308) identificou como “o mais completo colapso” do regime de Fulgencio Batista em 31 de dezembro de 1958, já que que, poucas horas após a passagem de ano novo, o ditador embarcava com sua família em fuga para a República Dominicana, de Leónidas Trujillo.

⁵¹ A percepção de Batista de que não podia derrotar a guerrilha veio, em definitivo, no mês de dezembro de 1958, entretanto, é importante mencionar que em meio às agitações do país naquele ano, o governo já demonstrava o temor que sentia ante o cenário que se avizinhava. Exemplo disso está no fato desesperado de Batista ter prometido, para novembro daquele ano, a convocação de eleições naquilo que entendemos como uma tentativa de acalmar os ânimos e dar ares de democracia à ditadura cubana justamente no momento em que se intensificava a ação guerrilheira no país.

Uma vez distante do poder, Batista deixava para trás, contudo, uma série de documentos e informações que, tornadas públicas, nos permitem conhecer a “atenção mensal” que dava o governo para jornais, revistas, editores e jornalistas em Cuba – ou seja, suborno –, além de dados da lista de pessoas que o acompanhariam em sua fuga à República Dominicana.

A seguir, analisemos um desses casos:

Fulgencio Batista
Presidente de la República

República de Cuba - Poder Ejecutivo
Atención Mensual para Periódicos y Revistas.

Dr. Raúl Alfonso Gonsé (El Mundo)	\$ 16,000.00
Dr. Joaquín Clarens (Información)	24,000.00
Dr. A. Izaguirre Hernando (Crisol)	12,000.00
Ing. Cristóbal Díaz González (El País)	10,000.00
Ing. José López Vilaboy (Mañana)	10,000.00
Dr. José López Vilaboy (Avance)	10,000.00
Dr. Ramón Rivero (Avance)	10,000.00
Dr. Francisco Valdés Gómez (Pueblo)	14,000.00
Dr. Clara Park Essino (Havana Post)	2,000.00
Dr. Francisco Valdés Gómez (Pueblo)	2,000.00
Sra. Mary Morandera (Revista Continente)	2,000.00
Sra. Mary Morandera (Revista Continente)	2,000.00
Dr. Jesús Morales (Libertad)	400.00
Dr. Walfredo Rodríguez (El Camagüeyano)	1,000.00
Sra. Joaquín Moreno Méndez (Pueblo-Sta. Clara)	1,000.00
Dr. Guillermo Gómez (Imparcial, Matanzas)	2,000.00
Dr. Mario Maussen	1,000.00
Dr. Guillermo Martínez Márquez	1,000.00
Dr. Miguel De Marco	2,000.00
Dr. Regino Díaz Robaina	300.00
Dr. Mario Misquial	200.00
Dr. Adolfo Rivero (Riverito El País)	2,000.00
Sra. Amelía Hernández (La Voz del FAU)	500.00
Dr. Ernesto Yilla (La Voz del FAU)	500.00
Revista Recortes	1,000.00
Revista Recortes	1,000.00
Dr. Silvio (Prensa Libre)	2,000.00
Dr. Pimentel (Demócrata)	500.00
Dr. Ángel F. Yergo (Revista Semanario)	16,000.00
Dr. Gastón Baquero (Diario de la Marina)	17,000.00
Dr. Ramón Vasconcelos (Alerta)	10,000.00
Dr. Raúl Rivero (Diario Nacional)	10,000.00
Ing. C. Díaz González (Excelcior)	10,000.00
Dr. Rolando Masferrer (Tiempo en Cuba)	12,000.00
Dr. Alfredo Salas Amaro (Ataja)	6,000.00
Dr. Eduardo Abril Dumois (Diario de Cuba)	4,000.00
Dr. Víctor Raúl Rodríguez (Campaña Cubana)	2,000.00
Dr. Manuel Cancio (Finanzas)	400.00
Dr. Nick Machado... (Correspondencia-Cienfuegos)	1,000.00
Dr. J. González Clemente (Voz de Occidente)	2,000.00
Dr. José Rodríguez (Republicano-Matanzas)	2,000.00
Dr. Gastón Baquero	500.00
Dr. Otto Merulios	1,000.00
Dr. Víctor Bilbao	2,000.00
Dr. José Manuel Roseña (Zig-Zag)	2,000.00
Dr. Carlos Robredo	100.00
Dr. Carlos Oson Boffill	500.00
Dr. Francisco M. de Ayala	500.00
Dr. Benigno Ruiz Arias (Voz del Cautel)	1,000.00
Dr. Vicente Pujol (Prensa Universal)	1,000.00
Dr. Probas (El Mundo)	1,000.00
Dr. Luis Navarro (CMQ)	1,000.00
Dr. Pedro Argones (El Comercio)	1,000.00
Total	217,300.00

fulgencio Batista
residente de la República

República de Cuba - Poder Ejecutivo
Atención Mensual para Periódicos y Revistas

Dr. Raúl Alfonso Gonsé (El Mundo)	\$ 16,000.00
Dr. Joaquín Clarens (Información)	24,000.00
Dr. A. Izaguirre Hernando (Crisol)	12,000.00
Ing. Cristóbal Díaz González (El País)	10,000.00
Ing. José López Vilaboy (Mañana)	10,000.00
Dr. José López Vilaboy (Avance)	10,000.00
Dr. Ramón Rivero (Avance)	10,000.00
Dr. Francisco Valdés Gómez (Pueblo)	14,000.00
Dr. Clara Park Essino (Havana Post)	2,000.00
Dr. Francisco Valdés Gómez (Pueblo)	2,000.00
Sra. Mary Morandera (Revista Continente)	2,000.00
Sra. Mary Morandera (Revista Continente)	2,000.00
Dr. Jesús Morales (Libertad)	400.00
Dr. Walfredo Rodríguez (El Camagüeyano)	1,000.00
Sra. Joaquín Moreno Méndez (Pueblo-Sta. Clara)	1,000.00
Dr. Guillermo Gómez (Imparcial, Matanzas)	2,000.00
Dr. Mario Maussen	1,000.00
Dr. Guillermo Martínez Márquez	1,000.00
Dr. Miguel De Marco	2,000.00
Dr. Regino Díaz Robaina	300.00
Dr. Mario Misquial	200.00
Dr. Adolfo Rivero (Riverito El País)	2,000.00
Sra. Amelía Hernández (La Voz del FAU)	500.00
Dr. Ernesto Yilla (La Voz del FAU)	500.00
Revista Recortes	1,000.00
Revista Recortes	1,000.00
Dr. Silvio (Prensa Libre)	2,000.00
Dr. Pimentel (Demócrata)	500.00
Dr. Ángel F. Yergo (Revista Semanario)	16,000.00
Dr. Gastón Baquero (Diario de la Marina)	17,000.00
Dr. Ramón Vasconcelos (Alerta)	10,000.00
Dr. Raúl Rivero (Diario Nacional)	10,000.00
Ing. C. Díaz González (Excelcior)	10,000.00
Dr. Rolando Masferrer (Tiempo en Cuba)	12,000.00
Dr. Alfredo Salas Amaro (Ataja)	6,000.00
Dr. Eduardo Abril Dumois (Diario de Cuba)	4,000.00
Dr. Víctor Raúl Rodríguez (Campaña Cubana)	2,000.00
Dr. Manuel Cancio (Finanzas)	400.00
Dr. Nick Machado... (Correspondencia-Cienfuegos)	1,000.00
Dr. J. González Clemente (Voz de Occidente)	2,000.00
Dr. José Rodríguez (Republicano-Matanzas)	2,000.00
Dr. Gastón Baquero	500.00
Dr. Otto Merulios	1,000.00
Dr. Víctor Bilbao	2,000.00
Dr. José Manuel Roseña (Zig-Zag)	2,000.00
Dr. Carlos Robredo	100.00
Dr. Carlos Oson Boffill	500.00
Dr. Francisco M. de Ayala	500.00
Dr. Benigno Ruiz Arias (Voz del Cautel)	1,000.00
Dr. Vicente Pujol (Prensa Universal)	1,000.00
Dr. Probas (El Mundo)	1,000.00
Dr. Luis Navarro (CMQ)	1,000.00
Dr. Pedro Argones (El Comercio)	1,000.00
Total	217,300.00

Imagem 31 – Atención para Periódicos y Revistas. Imagem 32 - Atención para Periódicos y Revistas.

Note-se que o documento acima reproduzido dá conta de informações sobre o pagamento de verbas a editores de jornais e jornalistas independentes de todo o país, cuja verba provinha diretamente do Gabinete Presidencial da República de Cuba. Em que pese a qualidade da reprodução do documento original (imagem 31), suas informações podem ser melhor visualizadas na em sua transcrição (imagem 32), em que, sem delongas, são perceptíveis os valores absurdos gastos mensalmente por Batista para manter sob seu controle uma série de órgãos da ilha.

Importa comentar que o montante de 217.300,00 pesos mensais dedicados a essa finalidade chamam a atenção, se considerada a profunda desigualdade que marcava a ilha e que era motivo de denúncia da oposição.⁵²

Além dos editores e jornalistas independentes que recebiam os valores acima mencionados, Batista dedicava também uma “atenção especial” aos redatores políticos de vários órgãos da capital.

<u>ATENCIÓNES ESPECIALES DE REDACTORES POLÍTICOS DE PERIÓDICOS DE LA CAPITAL.</u>	
Octavio Mendoza (Prensa Libre).....	\$ 2,000.00
Mario Castelló (Mañana).....	2,000.00
Ramón Rivero (Avance).....	1,000.00
Luis Dulzaides (Pueblo).....	1,000.00
Jorge Horstman (El Mundo).....	2,000.00
José R. Egus (Excelsior).....	2,000.00
Gabriel Orozco (Alerta).....	1,000.00
Manuel Alonso Medina (Crisol).....	2,000.00
Lorenzo Llodra Molina (Ataja).....	1,000.00
Luis P. Campanioni (La Campaña).....	1,000.00
Rafael Fortun (Tiempo en Cuba).....	1,000.00
Augusto Martínez Pereira (Información).....	2,000.00
Angel Pubillones (Diario de la Marina).....	2,000.00
Gustavo Herrero (El País).....	2,000.00
Total.....	\$ 22,000.00

<u>ATENCIÓNES ESPECIALES DE REDACTORES POLÍTICOS DE PERIÓDICOS DE LA CAPITAL.</u>	
Octavio Mendoza (Prensa Libre).....	\$ 2,000.00
Mario Castelló (Mañana).....	2,000.00
Ramón Rivero (Avance).....	1,000.00
Luis Dulzaides (Pueblo).....	1,000.00
Jorge Horstman (El Mundo).....	2,000.00
José R. Egus (Excelsior).....	2,000.00
Gabriel Orozco (Alerta).....	1,000.00
Manuel Alonso Medina (Crisol).....	2,000.00
Lorenzo Llodra Molina (Ataja).....	1,000.00
Luis P. Campanioni (La Campaña).....	1,000.00
Rafael Fortun (Tiempo en Cuba).....	1,000.00
Augusto Martínez Pereira (Información).....	2,000.00
Angel Pubillones (Diario de la Marina).....	2,000.00
Gustavo Herrero (El País).....	2,000.00
Total.....	\$ 22,000.00

Imagem 33 - Atenciones Especiales para Redactores Políticos de Periódicos de la Capital.

Com a imagem acima, temos em vista mais de uma dezena de redatores políticos que, curvados aos interesses do regime, receberam valores que, juntos, somaram os 22 mil pesos cubanos, numa comprovação mais de que a ditadura investia realmente pesado no campo das informações, totalizando algo na casa dos 238 mil pesos mensais.

Essas informações⁵³, que se destacam ainda mais pela recorrência dos pagamentos – que eram mensais – não deixam restar dúvidas sobre a existência de uma guerra de informações no

⁵² Naquele então, o valor do peso cubano era atrelado ao dólar americano.

⁵³ As Imagens 31, 32 e 33, bem como todas as informações nelas contidas tiveram origem no trabalho de PADRÓN, José Luis; BETANCOUR, Luis Adrián. Batista: últimos días en el poder. La Habana: Ediciones Unión, 2008.

seio da revolução cubana que, de um lado a outro, fazia com que seus atores mobilizassem esforços visando o controle da opinião pública.

Capítulo 3 - HONOR Y GLORIA AL HEROE NACIONAL: a apoteose de Fidel Castro

Se, desde uma perspectiva weberiana, o poder se caracteriza pela probabilidade do exercício da vontade de um indivíduo sobre os demais e a dominação passa pelo consentimento desses demais quanto à subordinação a que estão submetidos em uma relação de poder, é improvável que, numa análise histórica que tome de empréstimo conceitos sociológicos, não observemos que, no âmbito da Revolução Cubana, o poder exercido por Fidel Castro alimentou-se, dentre outros aspectos, em grande medida de uma dominação de tipo carismática exercida para com seus compatriotas, que consentiam até mesmo às medidas mais radicais do governo revolucionário e viam no rebelde caribenho a figura de um messias político de seu tempo.

Com base nessa reflexão inicial, iniciamos o presente capítulo, cujo objetivo é lançar luz sobre o uso político que fez Fidel Castro da imprensa cubana através do qual, com seu carisma e apelo popular sempre destacados na mídia de então, embrenhou-se nos corações e mentes de milhares de cubanos. Parte constitutiva de um longo processo de marketing-político de construção e legitimação de sua imagem e poder na ilha, a conquista da opinião pública através das letras e, sobretudo, das imagens consolidou-se a partir do triunfo revolucionário trazendo consigo não só o início de um novo governo em Cuba, mas também as condições para o início de uma nova fase da propaganda da figura do líder rebelde.

Se, durante praticamente toda a década de 1950, Fidel Castro esteve associado à luta revolucionária e às demandas nacionalistas da revolução com reportagens, artigos e entrevistas sobre si e, muitas vezes, de sua própria autoria – construindo e projetando sua imagem ante o povo cubano em concordância com os objetivos políticos que traçava a revolução –, a partir da tomada do poder sua figura passaria a associar-se na imprensa com o clamor popular, com a valentia da *Sierra Maestra* e com a salvação de um povo assolado por décadas de corrupção e exploração. É dizer, conquistado o poder e popularizado o líder, o marketing-político do qual se alimentava a figura de Castro e a própria revolução em si viveriam uma nova fase, na qual caberia consolidar a imagem projetada nos anos anteriores e legitimar Fidel como sinônimo da conquista dos anseios de um povo sedento por dias melhores.

Assim, a narrativa épica da Revolução Cubana ganhava forma através da imprensa nacional e Castro, junto, assumia papel central; icônico, praticamente messiânico nesse discurso quase redentor que se constituía em torno de sua figura, reforçado através de massivas fotografias na imprensa.

Eis o foco das reflexões delineadas nas páginas que seguem. Considerando os importantes debates já produzidos em torno de Fidel Castro e da revolução em Cuba, bem como atentos ao papel catalisador da imprensa e, notadamente, da fotografia na sociedade e na política contemporâneas, entendemos ser importante articular essas temáticas e refletir sobre o papel dos órgãos impressos e das fotografias de Fidel Castro Ruz na imprensa cubana no ano de 1959, sendo esse um período divisor de águas na história da mais extensa ilha do Caribe e determinante para o legado Fidel.

Emblemático pelo triunfo da revolução, o ano de 1959 foi também fundamental do ponto de vista da imagem pública do líder rebelde por tratar-se de um momento no qual, no topo da estrutura de poder, Castro tinha a seu dispor não só a visibilidade do cargo que ocupava, mas também uma imprensa que lhe era bastante simpática quando não, abertamente, favorável, na maioria dos casos.

Fosse ela militante (vide o caso do periódico *Revolución*, órgão oficial do Movimento Revolucionário 26 de Julho), fosse ela comercial (vide o caso da revista *Bohemia*), Fidel Castro tinha na imprensa cubana, desde muito, uma das armas fundamentais na disputa política: a atenção das massas. Foi assim que desde o início do processo revolucionário que o levou ao poder, no início dos anos 1950, soube utilizar e transitar por diferentes órgãos da ilha, firmando seu posicionamento político e defendendo a causa rebelde, mesmo durante o período em que exilou-se no México e percorreu os Estados Unidos.

Ademais, soma-se o fato de que a partir 01 de janeiro de 1959 os barbudos da *Sierra* já não contavam mais com a censura governamental que nos tempos de Batista calava suas vozes na imprensa. Agora, tinham não só o povo ao seu lado, mas o poder estava em suas mãos.

Com tais elementos à sua disposição, os termos Fidel Castro e Revolução Cubana tornavam-se equivalentes no compasso em que as medidas do governo eram sustentadas por grupos de expressivo alcance da mídia impressa cubana e reforçadas no imaginário das massas através da carga simbólica das imagens de Castro espalhadas nas publicações. Imagens mais informativas do que ilustrativas, as fotografias do líder rebelde possuíam efeito contundente com a mensagem visual que transmitiam.

Se, por um lado, é acertada a afirmação de Barthon Favatto Suzano Jr. (2014, p. 104) de que a *Radio Rebelde* desempenhava um importante papel nos tempos da luta armada ao ecoar “as vozes dos próprios revolucionários retransmitidas diretamente dos confins da *Sierra Maestra*”, conferindo pessoalidade e envolvimento entre o povo e os rebeldes (inclusive,

conforme entendemos, também após o triunfo revolucionário), por outro lado, a massiva presença das fotografias de Fidel Castro em *Revolución*, por exemplo, materializavam, através da visualidade, o carisma e a comoção popular que suas intervenções radiais causavam nos ouvintes.

A importância das mídias na legitimação do papel de liderança de Fidel Castro ficou também registrada nas páginas do já obrigatório trabalho da historiadora Lillian Guerra:

By creating a common history of struggle against Batista that elided rivalries among the armed opposition and diminished popular complicity, **the media became a critical factor in consolidating the legitimacy of Fidel's leadership** and the 26th of July Movement's historic authenticity (GUERRA, 2012, p. 39, grifos nossos).

Dessa maneira, tendo em mente o indelével papel das mídias em geral no contexto da revolução em Cuba, mas voltando nossos olhares especificamente para a importância da mídia impressa e das fotografias de Fidel Castro no marco do triunfo da revolução, é imperativo que, cronologicamente, apresentemos o alcance e o significado da imprensa e do fotojornalismo à época, destacando momentos-chave nos quais a presença das fotografias de Castro em *Revolución* e *Bohemia* tiveram importância para a legitimação de sua liderança, consolidando sua imagem pública já amplamente divulgada durante a guerra de guerrilhas, no decorrer do processo revolucionário.

Ante o exposto, levando em consideração a Revolução Cubana e tomando por norte o conceito singular de opinião pública, cujo público, aqui, refere-se ao povo de Cuba – em especial as camadas populares, vítimas da exploração e das marcas do neocolonialismo estadunidense na ilha –, temos verificado fundamental refletir os caminhos e meios que conduziram a população daquele país à adoção de um discurso redentor em torno de Fidel Castro Ruz, especificamente a partir de janeiro de 1959.

A midiática do processo revolucionário em Cuba – que contou desde muito com a presença de diferentes órgãos que, de um lado a outro, davam suporte aos grupos em disputa pelo poder – foi, de fato, um aspecto importante para, através da opinião pública, garantir o suporte popular à revolução pretendida. Não sem razão, nossas investigações têm nos conduzido, cada vez mais, para o entendimento de que a guerra de informações desempenhou, tal qual a guerra de guerrilhas, papel fundamental na tensa disputa travada entre rebeldes e batistianos.

Contudo, não necessariamente com a tomada do poder em janeiro de 1959 e com a já efetivada construção da imagem pública de Fidel Castro é que teve um fim o papel desempenhado pelas mídias na política da ilha. Pelo contrário, é partir de um olhar atento a essa relação entre mídia e poder em Cuba que podemos nos dar conta de como, a partir de 1959, dá-se início a uma nova fase dos usos da imprensa com fins políticos no sentido de, agora, propagandear as conquistas da revolução e o surgimento de uma nova era sob o comando dos barbudos da *Sierra Maestra*.

Fidel Castro, nesse discurso midiático tem, uma vez mais, papel central. Se antes tinha sua imagem associada à luta contra a ditadura e projetado como o mais forte nome da oposição contra Fulgencio Batista, agora é associado à vontade das massas, ao poder e às conquistas da revolução. A imprensa escrita, destacadamente jornais e revistas de alcance e circulação nacional, em muito corrobora esse discurso, mormente através do fotojornalismo.

É desse modo que verificamos que os corpos dos diferentes órgãos da ilha contam com equipes desses profissionais que, com uma câmera fotográfica, fazem chegar ao povo as imagens da revolução no poder. No âmbito dessa narrativa épica-revolucionária projetada a partir das fotografias, Fidel Castro é posto em evidência e tem sua imagem, paulatinamente, destacada em relação às demais, fosse estampado nas capas de *Revolución* e *Bohemia* por repetidas vezes e em diferentes ocasiões, fosse no decorrer das edições, com números expressivos de fotografias suas que, muitas vezes, ganhavam páginas inteiras e se destacavam mais do que o próprio texto.

Nesse sentido, suas fotografias eram carregadas de mensagens visuais contundentes no que diz respeito à valorização de sua figura. É dizer, o uso de imagens como um todo, mas, sobretudo, as de Fidel Castro, não tinham na maioria das vezes o caráter ilustrativo em torno de um texto. Pelo contrário, o que se pode observar frente a esses materiais é uma valorização da fotografia como elemento central das reportagens e o texto – por vezes, inexistente – às vezes resumia-se a uma legenda ou a uma descrição de fatos que não era, sequer, capaz de sobrepor-se à fotografia. Os papéis tradicionalmente impostos, quase que hierarquicamente, entre imagem e texto, em que a primeira serviria de ilustração do segundo, invertem-se e, no âmbito das imagens de Fidel Castro a partir de 1959, isso se torna nítido: os textos é que ilustram as imagens, não o contrário.

3.1. Um jovem Deus em Havana: a imagem pública de Fidel Castro no imaginário social

Feitas as considerações iniciais, exemplo do que até aqui colocamos está na publicação de uma edição antológica de *Bohemia* sob o título de *Edición de la Libertad*. Dividida em 3 partes, a primeira delas, de 11 de janeiro de 1959 (portanto, três dias após a chegada de Fidel Castro em Havana⁵⁴), trazia consigo – para além do subtítulo, esse sintomático de seu posicionamento – uma imagem de Fidel Castro em sua capa que mostra-se emblemática e dotada de significados.

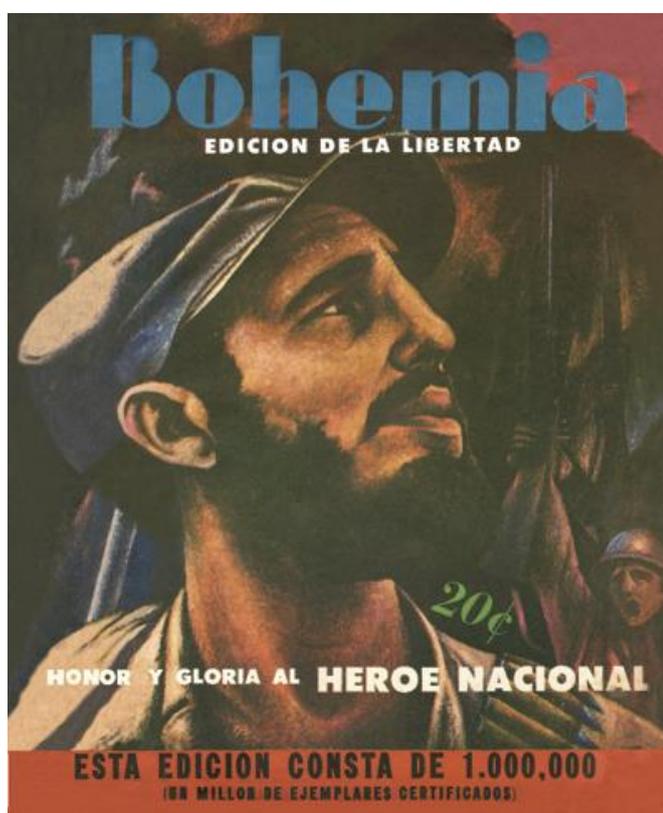


Imagem 34 – Revista Bohemia. 11 de Janeiro de 1959, capa.

Barbudo, com aspectos de exaustão física e ocupando a porção central do primeiro plano da imagem, *Bohemia* apresentava ao público uma imagem de Fidel Castro que muito poderia se assemelhar às tantas conhecidas de Jesus Cristo. Fidel, no entanto, distinguia-se na medida em que, por detrás de sua imagem, projeta-se – com aspectos de comemoração – a pequena

⁵⁴ Ao triunfar a revolução, Fidel Castro encontrava-se na *Sierra Maestra*, na então província de Oriente e, com o resultado dos fatos, parte em princípios de janeiro de 1959 em direção à capital da ilha, num trajeto conhecido como Caravana da Liberdade, passando por locais-chave, discursando e concedendo entrevistas. A caravana de Castro chegou em Havana somente aos 8 de janeiro de 1959.

figura de um soldado, com armas em punho complementando a imagem do líder. A legenda: Honra e Glória ao Herói Nacional.

A revista de Miguel Ángel Quevedo de la Lastra cunhava já em sua primeira capa após a chegada à Havana a ideia de um líder martirizado e vitorioso, de Fidel como herói nacional, digno de ser honrado e glorificado.

Na mesma via da leitura que fazemos sobre a capa de *Bohemia* estão também as informações prestadas pelo trabalho de Favatto Jr.. Em diálogo com as memórias de Carlos Franqui, o autor sustenta que

Quando em 8 de janeiro de 1959 a marcha da vitória capitaneada por Castro, que, partira de Santiago de Cuba no dia 3, chegou a Havana, ‘multidões enlouquecidas [...] beijavam as barbas dos novos heróis’. Naquele dia, ‘Cuba era uma festa: a descomunal festa da liberdade [...]’. E, ‘no jeep da liberdade’, **Fidel figurava ‘como um jovem Deus, acima de todos’**, enquanto que, ao seu lado, ‘como um Cristo rumbero’, estava Camilo Cienfuegos (FAVATTO JÚNIOR, 2014, p. 82, grifos nossos).

A passagem acima mostra-se importante por evidenciar a elevação e equiparação da figura de Castro a de um jovem Deus ainda nos primeiros dias de 1959. Fato esse – cujos trechos foram extraídos por Favatto Jr. do trabalho de Carlos Franqui⁵⁵ – nos permite observar uma vez mais que mesmo antes de assumir de fato o poder na ilha, Fidel Castro passava já por um processo de elevação icônica de sua figura condizente com o que se verifica nas páginas de diferentes órgãos de imprensa da ilha. As palavras do diretor do periódico para descrever o momento convergem, justamente, com aquilo que nossa fonte se mostrava empenhada a fazer com a figura do líder rebelde: elevá-lo a um Deus e propagar sua figura acima de todas as demais.

A recepção de Fidel Castro em Havana, sabemos, foi apoteótica. Indicativo do que ocorreria na capital, imagens estampadas em *Revolución* da passagem da caravana pela cidade de Matanzas demonstravam já a grandeza que o líder rebelde desfrutava perante a opinião pública desde os primeiros dias de 1959, reforçando a questão de sua figura ser popular entre as massas mesmo antes de assumir, de fato, o poder.

Se Castro era visto como um jovem Deus como nos faz crer Carlos Franqui, não temos como saber efetivamente. Mas, enfim, temos como garantir, de acordo com os dados analisados, que *Revolución* e *Bohemia* trabalharam de maneira incansável – por certo, com a atuação

⁵⁵ FRANQUI, Carlos. Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad? Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 255.

paralela também de outros órgãos – para atingir e consolidar esse objetivo desde os primeiros dias de 1959.

Em um de seus trabalhos, Lillian Guerra deu atenção ao que acabamos de mencionar e considerou:

Together, Bohemia and Revolución vindicated the role of the press and charted a new course for Cuban journalism. Their undeniable popularity not only inspired many major news outlets, eager to shed their sullied image and maximize profits, to follow their lead but also prompted the public to value freedom of expression as never before (GUERRA, 2012, p. 44).

Fidel Castro era desde o triunfo revolucionário vendido como um ícone pelos órgãos em questão e visto, ao que tudo parece, com a grandeza de um Deus pelo diretor de *Revolución* e pelos demais espectadores da Caravana da Liberdade que, em 08 de janeiro de 1959, entrava em Havana. Caberia ao periódico *Revolución* e à revista *Bohemia* garantir que essa visão de um Fidel ícone, Deus e todo poderoso se tornasse perene.

Apresentando o estilo e a estrutura típicas da publicação, temos a seguir uma reprodução de *Revolución*: um material rico em fotografias fruto do registro feito à época por um dos fotógrafos da publicação em 07 de janeiro de 1959 na cidade de Matanzas e publicado precisamente na página 14 do seguinte dia. O papel secundário – mas ainda relevante – do elemento textual reforça, como temos defendido, que a mensagem e a informação visual têm papéis preponderantes em alguns dos principais órgãos de informação da ilha e é nessa via que, em *Revolución*, as imagens de Castro e da Revolução Cubana se encontram.



Imagem 35 – Revolución. *La Verdadera Revolución del Pueblo*. 08 de Janeiro de 1959, p. 14.

Em que pese a presença de 5 fotografias, nos interessa, todavia, uma análise pormenorizada de uma em particular. Na imagem localizada no canto superior direito da página acima, verificamos que a festa popular era, de fato, imensa e que as “multidões enlouquecidas” tomaram as ruas da cidade também em Matanzas. A imagem, tomada sob uma perspectiva aérea, apesar da baixa qualidade, nos permite dimensionar a quantidade de pessoas que foram às ruas naquela data. A bandeira cubana ao centro da fotografia e no meio do povo transmite a ideia nacionalista da luta revolucionária, reforçada pela frase *La Verdadera Revolución del Pueblo* e seguida de um texto que, ademais de comentar a marcha triunfal, ressalta a figura do Comandante em Chefe do Exército Rebelde, seu caráter e sua honradez.

Ante o exposto, não é impossível inferir que o binômio Fidel Castro e Revolução Cubana eram tidos pelo povo – e reforçados pela imprensa – como equivalentes, expoentes da vontade popular e sustentados pelo apoio das ruas. No entanto, sublinhemos, esse era apenas o início de um longo ano em que o marketing político da figura de Castro caminharia lado a lado com o do governo revolucionário.

Em que pese o fato de *Revolución* ter se constituído como um importante órgão para essa finalidade, deve-se ressaltar a discordância de Fidel Castro em relação à atuação de Carlos Franqui à frente da publicação. Pelas relações estabelecidas entre o líder rebelde e o intelectual durante os tempos da luta armada, Castro esperava que Franqui assumisse postos de comando dentro da estrutura de poder instituída na ilha a partir de janeiro de 1959, possibilidade desde pronto rechaçada pelo intelectual.

Ainda que membro da direção do Movimento 26 de Julho, a Franqui nunca lhe tocou aceitar a associação de sua figura a patentes e postos militares. Já na *Sierra* teria negado ser anunciado na *Radio Rebelde* como “Comandante Carlos Franqui” por não ser militar. Além disso, soma-se o fato de ter se negado a assumir um ministério do governo revolucionário a ele oferecido por Fidel Castro – Ministério do Trabalho ou das Finanças.

Portanto, a decisão em seguir com o projeto jornalístico do Movimento 26 de Julho e, assim, à frente de *Revolución* significou não só uma dura negativa às intenções de Fidel Castro, como também uma demarcação de seu posicionamento a partir daquele então. Favatto Jr., um especialista na trajetória de Carlos Franqui, segue essa linha, entendendo que a criação de *Revolución* por Franqui se deu, em grande medida, por considerar que o intelectual não buscava o poder pela via política, mas sim o poder político pela via cultural. E, portanto, para Franqui ambiente mais adequado e propício do que *Revolución* não haveria (FAVATTO JÚNIOR, 2014, p. 112).

Quiçá em face desse cenário, não tenha sido às instalações do periódico a primeira visita de Fidel Castro e dos demais rebeldes após o triunfo, nem tampouco suas primeiras declarações. Essas se deram, justamente, à revista *Bohemia*, ambiente em que, vale lembrar, Castro mantinha bons contatos e sustentava boas relações, inclusive com Miguel Ángel Quevedo, desde os tempos do processo revolucionário. Fato é que essa aproximação inicial com *Bohemia* teve um peso e foi recebida em *Revolución* como um indicativo do descontentamento do líder, conforme expresso por Franqui anos mais tarde em um de seus livros de memórias:

Quando Fidel veio a Havana, visitou outra publicação, *Bohemia*, onde foi fotografado com seus velhos amigos Miguel Quevedo e Enrique de la Osa, mas ficou longe do *Revolución*. Ele não estava satisfeito com o fato de eu estar publicando o jornal, portanto não me deu seu selo de aprovação (FRANQUI, 1981, p. 34 apud FAVATTO JÚNIOR, 2014, p. 113).

O fato a que se refere a passagem de Franqui esteve registrado em *Bohemia* quando da publicação da 1ª parte da Edição da Liberdade, já brevemente comentada. Em 11 de janeiro de 1959, a revista levava fotografias de Fidel Castro em diversas de suas páginas, mas especialmente na página 17 aparecia a notícia da visita do líder rebelde através de uma fotografia sua nas instalações de *Bohemia*, seguida de uma mensagem de sua autoria na qual exortava a revista e seu papel ante o público leitor: *A la Revista BOHEMIA mi primer saludo después de la victoria porque fue nuestro más firme baluarte*, dizia a mensagem que seguia com comentários sobre a esperança na manutenção do apoio recebido até então.



Imagem 36 - Revista Bohemia. Fidel Castro visita a Bohemia. 11 de Janeiro de 1959, p. 17.

Ao passo que Fidel Castro tomava tal atitude, *Bohemia* também não deixava de expressar a grandeza do líder rebelde, cuja superioridade naquele momento era indiscutível e não encontrava precedentes na História da América, de acordo com a publicação. Lillian Guerra (2012, p. 44) também comentou o episódio, observando a publicidade que se deu a visita à revista de Quevedo.

Sua fotografia, ocupando a porção superior central da página é repleta de significados: o fundo escuro contrasta com a imagem cheia de luz de Fidel Castro, bem como faz-se evidente a presença da barba que caracterizou os rebeldes da *Sierra* numa composição que divide espaço com o uniforme verde oliva do Exército Rebelde. Em seu ombro direito, uma porção da bandoleira que unia o fuzil que, de relance, aparece ao fundo, nas costas do líder rebelde. Visualizamos, assim, um Fidel em pleno diálogo, mas pronto para o combate.

Do outro lado, nem mesmo sob a condição de não aprovação *Revolución* deixou de trabalhar em torno da promoção da imagem de Fidel Castro:

Eu sabia que **o jornal seria o veículo para acompanhar o desenvolvimento do fenômeno Fidel**, que era um verdadeiro fenômeno de popularidade, **porque ele era a revolução** (FRANQUI, 1981, p. 34, grifos nossos).

Desse modo, apesar do dissabor causado pela negativa de Castro em relação ao jornal, as edições da publicação eram marcadas pela presença do líder rebelde.

Das diversas aparições a que pudemos identificar no ano de 1959, nos parecem emblemáticas aquelas que se deram, sobremaneira, durante o primeiro semestre. Momento determinante para a consolidação das principais medidas do governo revolucionário e fundamental para a definição dos rumos da ilha diante do contexto da Guerra Fria, percebemos ter se dado nesse período grande parte das massivas aparições de Castro na publicação, bem como circunscreverem-se naquela baliza de tempo as mais significativas imagens, cujas cargas simbólicas desempenharam consideráveis efeitos perante a opinião pública.

Note-se que, mesmo antes de assumir o posto de Primeiro-Ministro de Cuba (ato que se deu em 16 de fevereiro de 1959), a Fidel Castro já era imputada a responsabilidade pelos mais importantes atos do Governo Revolucionário e a manchete na capa de *Revolución* aos 03 de fevereiro de 1959 é um indicativo dessa colocação.

Lea en esta Edición:

- No vió el día de Cuba la Universidad de Villavieja. Pág. 7
- Declativo para el título la oronda de los estudios. Pág. 7
- Exigida un monumento a los estudiantes caídos. Pág. 7
- Existe el club de periodistas para operar victorias. Pág. 8
- Distribuyen material deportivo en Oriente. Pág. 8
- Molesto a Bata descomulgase su equipo. Pág. 9
- Fuercia popular hoy del bulevar de Alicia Alonso. Pág. 12
- Hoy de La Habana la ciudad ante la luz del mundo. Pág. 12
- Actuara muy pronto el cuerpo de Folicos Baral. Pág. 13
- Presentante demanida a la Cuban Telephone Co. Pág. 5
- Fidela investiga el desastre del "Topical". Pág. 5
- Fidela obseca esto por cerrar casas median. Pág. 5

ARRESTADO OTTO MERUELO
DA INICIO FIDEL A LA REVOLUCION AGRARIA

REVOLUCION
 ORGANO DEL MOVIMIENTO 26 DE JULIO
 AÑO 2 CINCO CENTAVOS LA HABANA, MARTES, 3 DE FEBRERO DE 1959, 51
 DIRECTOR: CARLOS PEARQUE



Expropiarán tierra a geófagos y latifundistas y se confiscará si ello fuera necesario. - Fidel
ACORRALADO POR LA JUSTICIA REVOLUCIONARIA, SE ENTREGO

Dentro de treinta días deberá estar reglamentada la ley de Reforma Agraria. Se desvirtúan dos milites mensuales para cosas expropiadas. Construcción en la Sierra para cuatro sectores: 20 000 hectáreas con 100 000 y 200 000 personas.

Repudian a Batista
 Un movimiento de estudiantes de la Universidad de La Habana repudió a Batista y a sus seguidores. Los estudiantes se reunieron en el patio de la Universidad y cantaron canciones revolucionarias. El movimiento fue encabezado por el estudiante Juan José Rodríguez.

Regulan la Producción Cafetalera
 El Consejo de Ministros aprobó un decreto que regula la producción cafetalera. El decreto establece que los productores de café deben entregar a la industria azucarera una parte de su producción. Esto se hace para garantizar el abastecimiento de azúcar para el país.

Demandas de la CTC
 La Central de Trabajadores de Cuba (CTC) presentó demandas al Poder Judicial. Las demandas se refieren a la expropiación de tierras y a la confiscación de bienes de los latifundistas. La CTC pide que se respeten los derechos de los campesinos y que se realice una reforma agraria justa.

Juicio en la Habana
 Se celebró un juicio en la Habana contra un grupo de personas acusadas de actividades contrarrevolucionarias. El juicio fue presenciado por un gran número de personas. Los acusados fueron condenados a penas de prisión y trabajos forzados.

Planeaban atentados en Santiago de Cuba
 Se descubrió un complot para cometer atentados en Santiago de Cuba. Los conspiradores planeaban atacar a funcionarios gubernamentales y a líderes locales. El complot fue frustrado gracias a la vigilancia de la policía revolucionaria.

Considera el Claustro de Medicina su Destitución
 El Claustro de Medicina expresó su preocupación por la destitución de algunos médicos. El Claustro argumenta que la destitución de los médicos sin un debido proceso afecta la calidad de la atención médica y la confianza del público en el sistema de salud.

Carta Abierta a Calixto
 Se publicó una carta abierta dirigida a Calixto Gueiza. La carta expresaba las preocupaciones de la población sobre la situación económica y política del país. Los autores de la carta pedían reformas y mayor justicia social.

Cambios en el Ejército
 Se anunciaron cambios en la estructura del Ejército Revolucionario. Los cambios se refieren a la reorganización de las unidades militares y a la promoción de nuevos oficiales. El objetivo es fortalecer el ejército y garantizar su lealtad a la revolución.

Exclusivo...! 13
Diario del "GRAMMA"
 Por el Dr. FERNANDO SANCHEZ ANAYA, responsable del "Gramma".
 • Medio Clases va de guiso.
 • Cuestión es por de guerra.
 • Cuestiones Físicas.

Intentaba dar muerte al líder Fidel Castro
 Afirman que recibió \$10 000 para preparar el asesinato del máximo líder de la Revolución. Cuestión es de la justicia.

El matrimonio de Fidel Castro y Dina
 El matrimonio de Fidel Castro y Dina fue anunciado oficialmente. El matrimonio se celebró en un momento de gran emoción para ambos lados de la familia. Dina es una mujer joven y hermosa que se casó con el líder de la revolución.

Imagem 37 – Revolução. 03 de Fevereiro de 1959, capa.

Alguns questionamentos poderiam surgir dessa publicação e algumas observações se fazem cabíveis. Inicialmente, quais poderes teria Fidel Castro naquele momento para, de fato, dar início à Revolução Agrária comentada pela publicação? Sabendo ser a presidência da República ocupada à época por Manuel Urrutia, compreendendo os objetivos do periódico ante Fidel Castro e verificando alguns elementos textuais da página – onde, dentre outras coisas, a publicação coloca Castro como “líder máximo da Revolução” e como “guerreiro vencedor” –, nos parece óbvio inferir que *Revolución* é que conferia ao líder os poderes para dar início à dita Revolução Agrária.

Ainda, a presença de uma notícia próxima que comenta a prisão de um norte-americano que tentaria assassinar a Fidel Castro complementa o ar dramático que se criava em torno do líder rebelde: um homem que arriscava sua vida em nome de uma revolução feita para o povo.

Atentos às páginas da publicação, um mês depois da matéria acima comentada, o órgão oficial do M-26/7 repetia a atitude de vincular Fidel ao tema e absolutamente ignorar a figura de Urrutia. Ainda que a Primeira Lei de Reforma Agrária tenha vindo à luz apenas em maio de 1959, em 03 de março daquele ano *Revolución* estampava Castro em sua capa acompanhado de um camponês, bem como na página 16 da mesma data trazia uma sequência de fotografias sobre a questão. Abaixo podemos visualizar e analisar o material.



Imagem 38 - *Revolución*. 03 de Março de 1959, capa.

A imagem da capa, acima do próprio título do jornal, é o que chama a atenção do leitor. Em Pinar del Río, Fidel Castro, fardado com o clássico uniforme verde oliva e com a barba que caracterizou os rebeldes aparece de perfil em primeiro plano compartilhando a cena com um camponês sorridente e de aparente menor estatura, cujos olhos erguem-se em direção ao líder revolucionário, que também esboça riso na face. Ao fundo, três indivíduos, dentre os quais destaca-se aquele que, por entre a troca de olhares dos personagens do primeiro plano, aparece

também sorrindo. Seus dentes, na imagem em preto e branco – assim fora publicada também originalmente –, se destacam.

A curta legenda tem também sua função: *Rostro campesino, surrado de arrugas, se ilumina ante una ansiada realidad: ¡LA TIERRA ES SUYA!* Através disso, a publicação transmite ao público duas importantes mensagens: primeiramente, de que a realidade ansiada por aquele indivíduo – que representava outros tantos ao longo do país – era iluminada por um ato de Castro; em segundo lugar, a frase em letras garrafais no fim da legenda leva a crer ter sido a terra concedida diretamente pelo líder àquele homem, num ato de grandeza revolucionária, reforçando o olhar de felicidade e gratidão identificados na composição fotográfica. Ora, resta evidente que é eficaz a comunicação visual por si só, sobretudo quando aliada a elementos textuais.

Vale lembrar que a capa em questão trazia consigo também detalhes do discurso do Fidel Castro em Pinar del Río, muito embora o *clímax* estivesse na página 16.

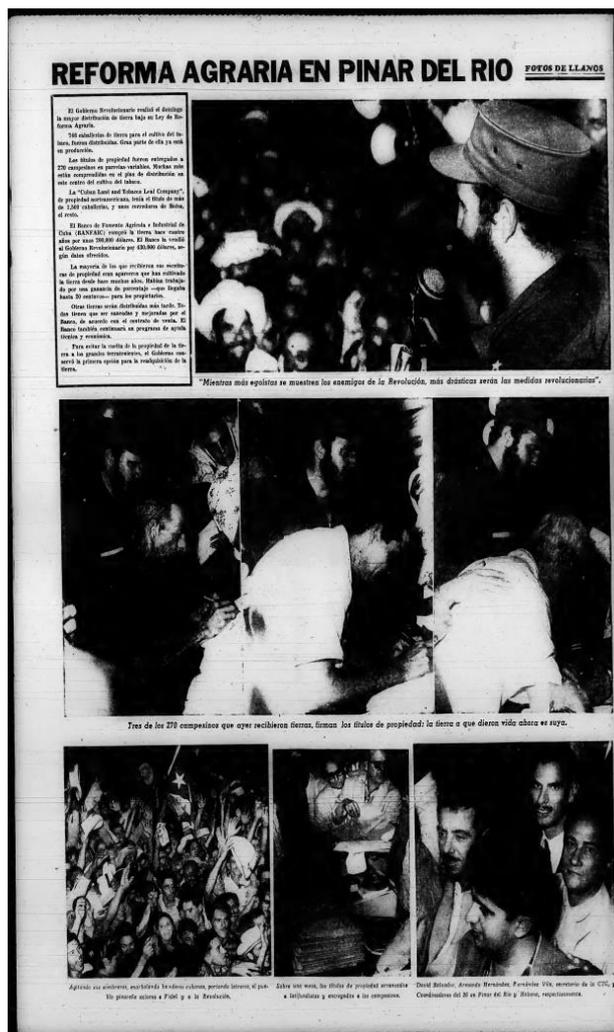


Imagem 39 - Revolución. Reforma Agraria en Pinar del Río. 03 de Março de 1959, p. 16.

Na página acima reproduzida é possível observarmos, pois, a notícia da ocorrência de um comício na cidade de Pinar del Río, ocasião na qual teria sido feito o anúncio da Reforma Agrária naquele local. Observa-se, na página em questão, a elevada quantidade de fotografias utilizadas por *Revolución*, mas, sobretudo, a ênfase dada pelas imagens e, por conseguinte, pelas suas legendas na mobilização social que se produzira naquele momento.

Castro, na imagem localizada no canto superior direito, retratado quase que de perfil, é o foco da composição fotográfica que, analisada, revela o emprego de técnicas que conduzem o espectador a observar a grandeza e o destaque de sua figura ante o povo. Na vestimenta, o típico uniforme militar. Nos ombros, em evidência uma das estrelas de sua patente e, portanto, a expressão de sua grandeza nos quadros militares. No rosto de um dos populares, o que parece ser um sorriso com os olhos voltados ao líder. Na legenda, o que teria sido o tom enérgico e revolucionário de sua fala. Na página, a imagem em questão tem também a grandeza e o

destaque com relação às demais. No conjunto da composição, a exaltação de um líder e a elevação de sua figura a um nível, por assim dizer, mítico; icônico; intransponível.

A composição fotográfica da imagem localizada no canto inferior esquerdo é também importante e ilustrativa para aquilo que nos apresenta em suas páginas Aviva Chomsky:

Lillian Guerra mostra como os comícios e as mobilizações de massa, a imageria quase religiosa, a ênfase na unidade e uma “grandiosa narrativa de redenção tendo Fidel como seu principal ator” caracterizaram os primeiros anos da revolução e sustentaram a duradoura cultura revolucionária (CHOMSKY, 2015, p. 59).

A ênfase na unidade e a narrativa de redenção tendo Fidel Castro como principal ator mostram-se evidentes na imagem do povo com a bandeira nacional e na legenda, respectivamente – levando o observador da imagem a pensar aquela parcela de pessoas como representantes dos demais cubanos e associando a figura de Fidel Castro à Revolução.

O trecho de Aviva Chomsky, além de verificar-se em diálogo e em complemento àquilo que nos apresenta Favatto Jr. a respeito da visão que se tinha de Fidel como um jovem Deus ao entrar em Havana, é também a base para a comprovação do destacado papel de *Revolución* na divulgação e na preocupação em fazer saber toda Cuba sobre os comícios e mobilizações de massa nas quais estivera presente Fidel Castro.

De tudo, de volta à análise de imagem, o questionamento que nos resta é: para o leitor, quem realizava a Reforma Agrária, Fidel Castro ou a Revolução? Em tempo, completamos: Fidel Castro e a Revolução, pois nesse momento Fidel é, por assim dizer, a personificação da Revolução. E não diferente disso afirmara Carlos Franqui ao tratar do papel do jornal no contexto revolucionário, onde, conforme comentamos, o intelectual e ex-diretor de *Revolución* categoricamente deixou registrado que “o jornal seria o veículo para acompanhar o desenvolvimento do fenômeno Fidel” tendo em vista que “ele era a revolução” (FRANQUI, 1981, p. 34).

É nessa via que Lillian Guerra compreende inserir-se o conceito de *fidélismo* como uma espécie de religião cultural em torno da figura de Fidel Castro e compartilhamos dessa visão:

Arguing that the appeal of Fidel Castro's practice and vision of power lay in promises of material change through moral redemption, I trace the emergence of this grassroots dictatorship in a peculiar form of civil society and political culture based on a kind of popular nationalism defined as fidelismo (GUERRA, 2012, p. 13).

Não é difícil perceber que o título dá pistas sobre o conteúdo. O extenso texto ressalta os aspectos morais e a valentia de Fidel Castro, além de sua capacidade reflexiva e racional diante dos fatos. Trata-se de um texto demasiado apologético com clara finalidade de elevação das condutas do comandante do Exército Rebelde.

Mas nessa edição nos chama realmente a atenção os demais momentos em que Fidel Castro se faz presente – e são muitos. Sobretudo aqueles em que suas fotografias, em distintas reportagens, se apresentam não apenas em grande quantidade e em maior tamanho em relação às demais, mas com características bastante semelhantes entre si e em composições, tomadas e perspectivas que claramente aludiam ao poder que gozava o líder.

É dessa maneira que na edição ora comentada, a revista *Bohemia* não só publica reportagens do ator estadunidense Errol Flynn a respeito de sua convivência de cinco dias com Castro – em que imagens tem um caráter mais ilustrativo do que informativo –, bem como em sua seção *Tele-Radiolandia* conta com uma descontraída atividade para seus leitores identificarem entre duas imagens semelhantes em qual delas aparece Fidel Castro e em qual aparece um ator.

Destacamos, porém, a sequência de 17 fotografias aparecidas em 4 páginas dessa edição que noticiam e dão vida à reportagem com maior efeito e carga informativa do que um texto. Na reportagem de Fabre e Carbonell com fotos de Miralles intitulada *Se acabó el boycot a la Shell*, noticiando o fim do boicote a produtos ingleses no país⁵⁶, Fidel Castro é fotografado em diferentes momentos de seu discurso para uma multidão de trabalhadores na refinaria da Shell em Cuba.

⁵⁶ Desde os últimos meses do ano de 1958, circulava em Cuba o rumor de que o governo Batista vinha negociando a compra de aviões e armas procedentes da Inglaterra, bem como o presidente da Shell em Cuba, Julio Iglesias, seria o principal colaborador do regime nessa empreitada. Em face desse cenário, numa campanha empreendida em grande medida também pelo M-26/7 através de seu órgão clandestino *Revolución* (vide a edição de 22 de dezembro de 1958), o povo cubano deu início a um boicote a produtos ingleses, especialmente à Shell.



Imagem 41 - Revista Bohemia. Se acabou el boycott a la Shell. 15 de Fevereiro de 1959, p. 100-101.



Imagem 42 - Revista Bohemia. Se acabou el boycott a la Shell. 15 de Fevereiro de 1959, p. 102-103.

A sequência de imagens é sintomática da mensagem que em conjunto transmitem: poder. Vestido no clássico uniforme verde oliva e com a barba que caracterizou os rebeldes da *Sierra Maestra*, Castro tem aparição em 16 das 17 fotografias da reportagem. A única em que não fora registrado, note-se, é aquela que, do alto, capturava a multidão de trabalhadores que o ouvia. Em evidência, a multidão; em destaque o líder.

Tomadas desde uma curta distância, a maioria das fotos apresenta um Fidel que ocupa as imagens praticamente em sua totalidade, restando pouco ou nenhum espaço para que outras figuras pudessem aparecer. De óculos escuros, Fidel Castro aparenta estar em pleno ato discursivo na maior parte delas, onde destacam-se os gestos que faz com as mãos – em geral ao alto – e que levam o leitor a presumir o tom enfático da fala do líder rebelde. A linguagem corporal de Castro que, através do movimento das mãos parece reger a multidão, tem seu efeito aprofundado pela legenda que acompanha cada fotografia com o que teriam sido trechos de sua fala naquela ocasião.

Em uma reflexão acerca dos posicionamentos políticos do fotógrafo expressos na fotografia e das intenções inerentes a sua produção, Antonio Ozai da Silva coloca que:

A ideia da neutralidade da fotografia expressa um positivismo que chega a ser ingênuo. Como escreve Löwy (2009, p. 15), esta concepção “abstrai a carga subjetiva que resulta da personalidade ou das opções políticas do fotógrafo”. Este não é neutro, a fotografia é influenciada por suas decisões; também o fotografado e o que vê a fotografia não são neutros. “Nenhuma foto é produzida sem intenção. Eu escolho o objeto, decido o instante da tomada, determino a forma estética e completo as fotos com uma legenda (um texto)”, afirma Cordelia Dilg, fotógrafa da Revolução Nicaraguense (SILVA, 2017, p. 45).

Em que pese o intenso uso de imagens nesses órgãos e a frequência na qual se dava – sobretudo em *Revolución* – a aparição de Castro, não parece distante da realidade observar que a fotografia desempenhasse destacado papel na projeção e na conformação de uma visão positivada da figura de Fidel no imaginário social.

Dessa maneira, o trabalho de Bronislaw Baczko, *Los Imaginarios Sociales: Memorias y Esperanzas Colectivas* (2005), atua no sentido de nos possibilitar um melhor pensar da construção dos imaginários sociais no âmbito político-cultural de um governo revolucionário. Em suas páginas, Baczko nos possibilita conhecer os caminhos, práticas e resultados das mobilizações sociais atreladas a um imaginário social onde, ainda que não concentrado e focado no caso cubano, seu trabalho pode perfeitamente ser pensado no âmbito do contexto aqui debatido.

Atento ao imaginário social ligado a temas como a Revolução Francesa, o nazismo e o stalinismo – esse último com atenção especial à figura carismática do líder Josef Stalin –, Bronislaw Baczko fez-se e segue fazendo-se leitura indispensável para o pensar da construção icônica da imagem de Fidel Castro.

Concentrado nos fatos do 14 de julho de 1789 na França, o trecho a seguir também nos ajudou a pensar acontecimentos da Cuba dos anos 1950 sob uma nova perspectiva:

El acontecimiento “bruto” del 14 de julio se vuelve enseguida el símbolo de otra cosa distinta a sí misma. La toma de la Bastilla se convierte necesariamente en el objeto de una mirada y de un discurso que intentan darle un sentido totalizador a la sucesión de acontecimientos y a sus múltiples actores. La muchedumbre revolucionaria, un fenómeno nuevo, presupone no sólo una presencia colectiva y un principio de estructuración, sino también una identidad de imaginación. De este modo, la antigua fortaleza, que ya estaba rodeada por la animosidad y por los mitos, se transforma en el símbolo mismo de lo que de arbitrario y arcaico tenía el Antiguo Régimen, de perimido e injusto (BACZKO, 2005, p. 40).

Nos permitindo a analogia e transpondo do século XVIII para o XX a explicação de uma identidade de imaginação social que se forja a partir de um fato impactante na história de um povo, parece pertinente estabelecer aos fatos de 26 de julho de 1953 a devida equivalência – em termos simbólicos – aos de 14 de julho de 1789, onde o Moncada, tal qual a Bastilha, cercado pelo clima de uma animosidade rancorosa dos tempos da tirania se transforma, com a vitória triunfal dos revolucionários em 1959, no símbolo da arbitrariedade e da injustiça; por isso, sua tomada torna-se representativa no sentido de ter imposto um ataque frontal à tirania praticada do Estado.

O sentimento de unidade que toma conta do povo cubano a partir do Moncada é, por assim dizer, o sentimento revolucionário de luta contra um passado tirano e elevação à condição mítica daqueles que empunharam armas e tomaram no ataque: os chamados moncadistas, dos quais Fidel Castro além de sobrevivente é também líder máximo. Assim, o pensar sobre a construção de um imaginário social revolucionário em Cuba a partir da ruptura política produzida com o assalto ao Quartel Moncada, é o pensar de um imaginário que associa a importância simbólica da fracassada ação à importância objetiva do triunfo revolucionário de janeiro de 1959, onde, em ambos os casos, Fidel Castro ocupa papel central e de destaque.

Nesse contexto, tem sido possível observarmos dois cenários: um primeiro, que se forja a partir da ação no Moncada, que nos permite identificar a presença de Fidel Castro no imaginário social dos cubanos associado ao princípio de uma luta insurrecional contra a tirania; e um segundo, que se inicia paralelamente ao triunfo de 1959, no qual vitorioso, Fidel Castro é

personagem central de uma política-cultural encabeçada por *Revolución* com sua missão de iconização do já popular líder cubano, elevando e consolidando sua figura nas mentes e corações por todo o país. *Bohemia*, por sua vez, também não perdeu a importância que tivera nos tempos da luta insurrecional, muito embora após a legalidade de *Revolución*, o jornal dirigido por Franqui tenha assumido um papel mais ativo do que no passado no sentido de dar suporte à figura de Fidel Castro.

É cabível lembrar nesse momento, portanto, a consideração feita por Rodolfo Lorenzato (2009, p. 59), em que o autor aponta que nos primeiros dias de 1959 Fidel Castro era visto como um abnegado idealista que, não tendo medo de colocar em risco a própria vida em nome da revolução, era tido pelo povo como libertador. O processo histórico compreendido entre o Moncada e o triunfo revolucionário, então, parece nos possibilitar compreender a já popular figura de Fidel. Para *Revolución* essa popularidade foi notadamente importante.

Entendemos a pertinência em, sempre que iniciada a discussão sobre a narrativa de redenção em torno do nome de Fidel Castro, abordar e considerar a questão já debatida no presente texto sobre o *fidelismo* enquanto uma religião cultural em Cuba. Sobre o tema, Aviva Chomsky pontua:

O livro inovador de Lillian Guerra mostra a criatividade cultural da revolução num intercâmbio dinâmico entre os cidadãos e o Estado. A relação ‘nasceu nas manifestações em massa sem precedentes com milhões de pessoas’ que criaram uma ‘grandiosa narrativa’ de unidade, sacrifício e redenção que Guerra chama de “fidelismo” [...] O fidelismo se tornou uma “religião cultural” que “levou a maioria dos cubanos, incluindo grande parte, se não a maioria, da classe média, a apoiar até as políticas mais radicais” [...] (CHOMSKY, 2015, p. 162).

Essa cultura revolucionária, capaz de trazer unidade à nação em torno de Fidel Castro, conforme temos demonstrado, passa notadamente pela imprensa e, sobretudo a partir de 1959, pela estratégia fotojornalística. Com isso, percebemos a urgência de estudos que se dediquem a expandir conhecimentos a respeito de uma cultura visual em Cuba, tendo em vista o imperioso papel da fotografia no contexto da revolução cubana.

3.2. Fotografia, imagem e poder: a construção de uma narrativa

É quase natural perceber que a dimensão pública assumida pela figura de Fidel Castro a partir da década de 1950 encontrou no discurso político sua base de sustentação mais sólida. Por outro lado, um olhar cuidadoso através das fontes e uma análise criteriosa dos materiais da

época não deixam escapar a importante intersecção que, também através da imprensa, buscou-se estabelecer entre Fidel Castro e a religiosidade popular, notadamente com a figura de Jesus Cristo, reforçando o discurso redentor em torno da figura do líder rebelde e impondo-lhe uma predestinação quase que messiânica enquanto salvador do povo cubano.

Ou seja, se de um lado têm-se uma conduta incansável de Fidel Castro com vistas a vincular sua trajetória política com a de José Martí – reproduzindo viagens e exortando seu legado de lutas pelo povo cubano – do outro lado, é cada vez mais evidente a observação de uma vinculação de sua figura com a religiosidade e com a fé popular.

Em tempo, devemos destacar que esse movimento de uso da religiosidade e da fé com vistas a sua vinculação com a figura de Fidel Castro se deu de forma expressiva por iniciativa da revista *Bohemia* a partir de 1959, ao passo que o estabelecimento de supostos vínculos com o legado de Martí foi produto de iniciativas individuais do próprio rebelde desde antes de 1959.⁵⁷ Contudo, mesmo afastado dessa iniciativa capitaneada pela imprensa, é considerável observar que a atuação da imprensa ao impor a Fidel Castro atributos messiânicos não parece ter sido recebida com desdém pelo líder que, pelo contrário, alimentou-se desse gesto na medida em que sua figura tornava-se mais popular e o discurso messiânico da imprensa embasava, sobremaneira, a retórica triunfalista da revolução cubana que, por associação indireta (mas não desinteressadamente) já traçava paralelos entre Castro e Cristo a cada vez que se repetia ou divulgava a aparentemente falsa versão dos “12 sobreviventes” do desembarque do *Granma*. Esse discurso apostólico, debatido por Lillian Guerra é de suma importância para a compreensão do ponto em que tocamos:

Although Fidel deliberately mythified the figure after 1959 by casting his followers in the apostolic role of “The Twelve” and himself as Jesus, survivors originally numbered twenty (GUERRA, 2012, p. 16).

Essa tendência assumida pela imprensa pôde ser verificada em diferentes momentos, sendo um deles já no início de 1959 quando da publicação do primeiro número da comemorativa Edição da Liberdade de *Bohemia*.

⁵⁷ Cumpre notar que nos idos de março de 1955 (vide Imagem 2) Fidel Castro chegou a comparar-se indiretamente com Jesus Cristo ao chamar de Fariseus aqueles que o perseguiram sob ordens da ditadura, entretanto esse fato isolado não correspondia, naquele momento, a uma busca efetiva do rebelde por estabelecer um discurso político-religioso que colocasse sua figura como messiânica, já que no mesmo texto – *Carta sobre la amnistía* – Castro cuidou de comparar seus perseguidores também com os nazistas. É dizer, não havia no discurso uma condução especificamente no sentido de questões ligadas a fé ou a religiosidade, mas, sim, uma condução política na qual comparava-se a povos e figuras que foram historicamente vitimados por inimigos cruéis.

A própria capa da edição de 11 de janeiro de 1959 (vide Imagem 34) é sintomática dessa intenção da revista de Quevedo em situar, sutilmente, a figura de Fidel Castro no imaginário católico dos cubanos. Embora já tenhamos comentado a referida capa, é impossível não mencionar, uma vez mais, a carga simbólica que possui a imagem, tendo em vista a semelhança que se nota entre a reprodução de Castro com as tantas que se conhece de Jesus Cristo. A barba por fazer – que naquele momento diferia da real barba que ostentava Fidel Castro – e o olhar exausto; melancólico voltado aos céus são ingredientes dessa imagem que carrega consigo uma mensagem nas entrelinhas, traduzida e reforçada pelo elemento textual da capa: Honra e Glória ao Herói Nacional.

As palavras “honra” e “glória”, sozinhas, poderiam não remeter a qualquer sentido religioso, entretanto, colocadas da maneira como apresenta a revista em sua capa, elas se apresentam em perfeita consonância com o discurso bíblico em que, na maioria das vezes articuladas articulando-as como fez *Bohemia*, alude à devoção e ao respeito que devem ter os fiéis para com Deus e Jesus Cristo. Em Timóteo 1:17 lê-se: “Ao Rei eterno, imortal e invisível, o único Deus — a ele sejam dadas a honra e a glória, para todo o sempre”. Ainda no mesmo sentido, essas palavras são também articuladas em Apocalipse 5:13: “Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre”.

Sobremaneira, as mesmas palavras estão, ainda, presentes e da mesma forma articuladas no âmbito da chamada Doxologia Final da Santa Missa Católica Apostólica Romana, momento do rito em que os padres, em meio à Oração Eucarística, menciona: “Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a vós, Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória, agora e para sempre”.

Na mesma edição de *Bohemia*, quicá fazendo jus aos praticantes de religiões de matriz africana em Cuba – vale lembrar que a religião afro-cubana, assim chamada de *Santería Cubana*, é uma das mais poderosas expressões religiosas do país – a revista dá atenção a uma imagem de Fidel Castro em que pode notar a presença de pombas brancas ao seu redor – uma delas, inclusive, em seu ombro.



Imagem 43 - Revista Bohemia. Apoteosis en la Capital. 11 de Janeiro de 1959, p. 92-93.

Em que pese a pluralidade de imagens fotográficas na página acima reproduzida e embora todas, notadamente, destacam a mobilização popular em torno de Fidel Castro, a reportagem *Apoteosis en la Capital* nos apresenta a fotografia que, nesse momento, nos interessa discutir. A fotografia em questão – localizada no canto superior esquerdo da imagem – é aquela a que muitos autores chamam de *Fidel con palomas*, em que pode-se observar o líder guerrilheiro em pleno ato discursivo e, sobre seu ombro, uma pomba que acabava de pousar. À sua frente, no púlpito de onde discursava, mais duas. Visualmente, a imagem tem um peso, tendo em vista o significado das pombas na cultura popular: remetem paz, renovação e positividade. Mas para além disso, na religião afro-cubana e em seus rituais, há todo um significado de importância dado às pombas, sobretudo se levarmos em consideração que a *Santería Cubana*, junto ao catolicismo, tem um grande número de adeptos no país.

O momento, eternizado através dessa imagem, inclusive, deu margem para que surgisse em Cuba a versão de que Fidel Castro era um enviado celestial para salvar o povo cubano, alimentando na cultura popular não apenas a popularidade, mas o misticismo, fazendo com que muitos passassem a crer que o líder d M-26/7 pudesse ser uma espécie de mensageiro entre a terra e o céu enviado por Obatalá, o mais importante orixá da crença afro-cubana.

Muito se debate sobre as pombas brancas que pousaram ao redor de Fidel Castro naquele momento, sendo que já se tem até mesmo especulado que os animais teriam sido previamente treinados para tal ato, contudo importa observar que, desse evento em diante, o mandatário cubano passou a valer-se de pombas brancas em outros momentos de sua trajetória – muitos dos quais registrados pela imprensa e eternizados através de outras fotografias – reforçando a narrativa popular e a mítica em torno de si mesmo.

A mesma revista, dessa vez em 30 de agosto de 1959, voltaria a trazer em suas páginas uma imagem de autoria de Luis Rey retratando Fidel Castro assemelhado a Jesus Cristo, reforçando a apropriação que se fazia da religiosidade popular para fins políticos. Dessa vez, entretanto, os paralelos sutis vinham substituídos por um discurso abertamente redentor e carregado uma retórica messiânica, comparando muito claramente Castro a Cristo em um texto escrito pelo jornalista Mario Kuchilán Sol.



Imagem 44 - Revista Bohemia. Historia de un Retrato. 30 de Agosto de 1959, p. 50.

Semelhante àquela vista na capa da edição de 11 de janeiro de 1959, a imagem que se nota acima tem em si o peso e o significado necessários para conjugar o que buscamos apresentar. Os aspectos de exaustão, somados ao olhar misericordioso ao alto e a barba que

marcam as imagens de Jesus Cristo causam confusão ao observador que, diante de uma imagem de Fidel Castro, pode supor estar diante do messias da cristandade.

Um trecho do que pode ser lido na revista nos dá já uma ideia do que significava a imagem:

No es el Fidel que conocen los "barbuses", no es un retrato de Fidel como es físicamente, sino de Fidel como lo ve espiritualmente una gran parte del pueblo de Cuba. Es, a lo mejor, un relámpago fugaz aprisionado sobre el papel, de aquella tremenda aspiración de Dios cuando quiso hacer al hombre a su imagen y semejanza. Pero no es Jesucristo, es Fidel Castro y Ruz.⁵⁸

Ou seja, se trata de um discurso que associa Fidel Castro a Jesus Cristo abertamente, colocando-o na condição de materialização da vontade divina; como produto da vontade de Deus de fazer o homem à sua imagem e semelhança. Assim, a imagem de Rey à direita do texto de Kuchilán temo seu significado reforçado.

Segundo o autor do texto, na visão dos camponeses Fidel Castro não era o homem que todos viam, mas, isso sim, “Jesus Cristo encarnado”, que vinha para resolver as coisas em Cuba. Essa visão, destacava o autor, era também a de freiras e crentes de outras denominações cristãs que advertiam sobre a semelhança entre as duas figuras.

Esse debate em torno da interface entre Castro e Cristo, entretanto, mostra-se incipiente. Na historiografia, poucos são os trabalhos que tem se dedicado a essa temática, muito embora as contribuições de Lillian Guerra (2018) se destaquem pelo pioneirismo no tema através de seu mais recente trabalho. Outrossim, é importante notar que mesmo a pesquisadora norte-americana não esgotou a temática, que após a morte de Fidel Castro tem suscitado novos debates em torno do misticismo envolto a sua figura, que mais recentemente tem chegado a trazer à tona questões sobre o significado religioso da data de sua morte.

Em tempo, nos permitimos apontar que esse tipo de narrativa popular encontrou e segue encontrando algum suporte estatal já que, ao não desmenti-la, o Estado cubano tem escolhido, por consequência, alimentar-se dessas versões garantindo alguma unidade ao país através da manutenção e ampliação da narrativa épica revolucionária surgida em 1959 e que, mesmo após a morte de Fidel Castro, segue encontrando em sua figura o ponto mais elementar para a coesão do socialismo no país.

⁵⁸ SOL, Mario Kuchilán. Historia de un retrato. *Bohemia*. La Habana, 30 de Agosto de 1959, p. 50.

O próprio uso do termo “fé revolucionária”, bradado pelo comandante durante anos no sentido do suporte e da confiança que tinha que dar os cubanos à revolução, para Anna Clayfield (2019, p. 39) não significa nada além de um toque de religiosidade que se dava à causa, exigindo uma “devoção praticamente religiosa” em torno da revolução.

Para além do exposto, outro ponto fundamental para a construção da narrativa épica da revolução está no campo das fotografias, conforme pode ser observado em diferentes momentos desse trabalho, inclusive a despeito da questão do messianismo (ver Imagem 43).

Nesse sentido, é imprescindível registrar que o trabalho de Grethel Morell Otero (2009) se destaca por observar a linha tênue surgida – sobretudo após o triunfo da revolução – entre o fotodocumentalismo e o fotojornalismo em Cuba. Temos entendido, enfim, haver através da imagem fotográfica um movimento no sentido da construção de uma “narrativa épica”, dotada de um discurso visual glorioso acerca da revolução e de suas lideranças, em especial Fidel Castro.

Não por outra razão, Marcos Antônio da Silva (2018, p. 252) entende a fotografia como um meio capaz de impulsionar a utopia revolucionária, “indicando, visual e metaforicamente, os caminhos que possivelmente irão trilhar” os revolucionários.

Dessa forma, a fotografia cubana, e em especial o fotojornalismo cubano, passa a ocupar papel central na construção dessa narrativa a partir de 1959, estampando nas páginas de órgãos como *Revolución* e *Bohemia* uma mensagem visual abertamente simpática e completamente afeita aos interesses do grupo liderado por Fidel Castro e pelo líder em si. Cumpre-nos notar também que o núcleo de fotógrafos que atuou dessa maneira a partir de 1959 é, em grande medida, o mesmo que desde os anos do processo revolucionário dava algum suporte ao M-26/7, fosse desde a clandestinidade, fosse de dentro de órgãos como a revista *Bohemia* – onde muitos atuavam – quando lhes permitia a censura.

É, aliás, da revista de Quevedo que parte a maioria do núcleo profissional que passa a compor os quadros do periódico *Revolución*. Em entrevista concedida ao autor em 2017, Ernesto Fernández Noguera mencionou a migração que ocorrera do meio intelectual e fotojornalístico de *Bohemia* para *Revolución* a partir de 1959, o que sustenta, em grande medida, nossas colocações de que teria havido um deslocamento do eixo de propaganda política de Fidel Castro de um órgão para o outro após a queda de Batista – ainda que *Bohemia* não tenha perdido totalmente a sua importância.

É dizer, *Revolución* passa a ocupar um posicionamento estratégico no âmbito do marketing-político da revolução cubana e, por trás, estavam figuras de peso que tinham consigo já tanto a experiência profissional enquanto fotógrafos, quanto a experiência da militância política através da fotografia:

Y entonces todos estos fotógrafos entran ahí. Raúl Corrales – que vendía publicidad. Entra Korda – que viene del estudio Korda que está haciendo cosas publicitarias y cosas de moda, porque se acaba de casar con una modelo (pero de periodismo no entiende y eso se lo digo a cualquiera que pregunte). Entra Raul Corrales, entra Korda, entro yo, entra Mayito [Mario Garcia Joya]... Mayito entra un poco después. Y los demás también entraron después. Y viene de Estados Unidos el viejo Salas que es el que, para mí, es el más profesional de todos nosotros. Salas es el tipo que viene de Estados Unidos para colaborar con la revista Bohemia. Todo ese grupo es lo que pasa al periódico Revolución (ALVES, 2019, p. 351).

Vale ainda lembrar que, mesmo após as atividades em *Revolución*, Alberto Díaz Korda manteve um intenso labor no âmbito da fotografia documental, ocupado em registrar momentos de Fidel Castro que não possuíam, muitas vezes, objetivos para com a publicação de Franqui ou quaisquer outros fins, senão objetivos histórico-documentais. Basta que recordemos a série fotográfica de Fidel na *Sierra Maestra*, de 1962 que documentava o retorno do rebelde às montanhas orientais da ilha (KORDA, 2006, p. 36).

Uma vez preocupados com os estudos sobre a figura de lideranças, não podemos deixar de mencionar o trabalho de Peter Burke, *A Fabricação do Rei: A construção da imagem pública de Luís XIV*, onde o célebre autor, dedicado a discorrer sobre o estudo da imagem do rei Sol nos dá suporte para pensar também a imagem de Castro. É evidente que não pretendemos aludir ou equiparar Fidel Castro com o referido monarca, senão apenas e tão somente buscamos extrair de Burke informações relevantes aos objetivos que aqui vislumbramos atingir em relação à nossa temática, tomando suas observações e métodos como exemplo.

Ainda que a distância temporal entre pesquisador e fonte, no nosso caso, não sejam tão grandes quanto a que se verifica entre Burke e Luís XIV, seu apontamento sobre a importância em estudar as descrições da imagem à época de sua produção nos permitem pensar acerca da relação existente entre as fotografias de Fidel Castro e os textos que, eventualmente, as acompanham em *Revolución* e/ou em *Bohemia*. Segundo o historiador britânico, essas descrições poderiam ter a finalidade de moldar a percepção dos espectadores (BURKE, 1994, p. 30). E, mais adiante, completa:

Quanto à função da imagem, ela não visava, de modo geral, a fornecer uma cópia reconhecível dos traços do rei ou uma descrição sóbria de suas ações.

Ao contrário, a finalidade era celebrar Luís, glorificá-lo, em outras palavras, persuadir espectadores, ouvintes e leitores de sua grandeza [...] A maioria das pinturas do rei se enquadra no gênero que os historiadores da arte chamam de “retrato solene” [...] Nesses retratos solenes, a pessoa é geralmente apresentada em tamanho natural ou até maior, de pé ou sentada num trono. Os olhos do retratado estão acima dos olhos do espectador, para sublinhar sua posição superior. O decoro não permite que ele seja mostrado usando roupas do dia-a-dia. Usa armadura, como símbolo de coragem, ou roupas ricas, como sinal de posição social elevada [...] A postura e a expressão transmitem dignidade (BURKE, 1994, p. 31).

O trecho extraído da obra de Burke, se substituídos os termos “pintura” por “fotografia”; “rei” por “comandante”; “Luís” por “Fidel” e as armaduras fossem pensadas como a roupagem militar característica das aparições públicas de Castro teríamos, factualmente, uma descrição daquilo que temos podido observar nas páginas de *Revolución*.

Muito haveria de se dizer, também sobre a presença de Luís XIV em aspectos culturais da sociedade francesa de seu tempo, tais quais a poesia e a prosa, que mergulhavam a figura do rei em uma retórica triunfalista que enalteciam sua imagem (BURKE, 1994, p. 35). Nesse sentido, um diálogo interessante se produziria de maneira natural com os dados de Aviva Chomsky sobre o clamor a Fidel Castro numa música⁵⁹ de Carlos Puebla, trovador que registrou os eventos dos primeiros anos da revolução e que, com sua letra, expressa não só o otimismo que acompanhara o triunfo da revolução, mas também o otimismo com relação à figura de Castro (CHOMSKY, 2015, p. 40).

Apontar as multidões extraordinárias que se mobilizavam para presenciar o monarca nas cidades e ver seu soberano face a face, embora pudéssemos dizer tratar-se de outro aspecto que assemelha-se com o que se verificara em Cuba com relação a Castro seria, no mínimo, um falso proselitismo em prol de uma ideia que, desde pronto, poderia o leitor perceber ser comum aos populares dos mais distintos países com relação aos seus chefes de Estado e demais lideranças políticas. Embora importante e pertinente a consideração de Burke, essa, respeitamos, restringe-se à figura do rei Sol, às especificidades do contexto analisado pelo autor e estendê-la para nossa discussão não traduz nossos objetivos.

Entretanto, não podemos deixar de considerar o uso da imprensa por parte da monarquia na França daquele então, sendo transmitidas às províncias informações regulares sobre o rei através de periódicos como a *Gazette* e o *Mercure Galant* (BURKE, 1994, p. 167). Nossa atenção para esse fato, evidentemente, se justifica pela semelhança dos meios utilizados pelo

⁵⁹ PUEBLA, Carlos. Y en eso llegó Fidel. In: PUEBLA, Carlos. Y diez años van. Santiago: Discoteca del Cantar Popular, 1969. Faixa 5. Disco de vinil.

governo do monarca para fazer saber o povo sobre si. Nos interessa, aqui, vale ressaltar, não o uso da imprensa em si para tal fim, mas a expressa regularidade com a qual tal meio era utilizado com o fim ora apontado, remetendo-nos a pensar *Revolución* e os objetivos que tinha o periódico, segundo as palavras de Carlos Franqui, no sentido de acompanhar o desenvolvimento de Fidel Castro.

3.3. Revolução e *Revolución*: um binômio de peso no biênio de ouro

Finalmente, publicada a primeira edição de *Revolución* na legalidade em 02 de janeiro de 1959, sob o número 23 – tendo em vista o fato de ter sido respeitada e seguida a numeração das 22 edições clandestinas – o periódico, agora em tamanho tabloide, é produzido desde a cidade de Havana, mas, pela primeira vez, com o devido do local indicado em suas capas.

Isso é notável pois, até então, onde deveria haver nas edições clandestinas qualquer menção sobre o local de publicação do jornal, sua capa indicava “*Impreso en algún lugar de Cuba*”, omitindo tal informação, evidentemente, como uma forma de garantir e manter a mínima segurança do local.

Entretanto, embora a primeira edição do jornal indique a cidade de Havana como local de publicação do jornal, não podemos deixar de observar que tal dado destoa com o que nos apresenta Sarah Beaulieu em seu trabalho de doutoramento, no qual a pesquisadora revela ter a primeira edição de 1959 lugar em Santiago de Cuba.

Não compreendemos a razão de tal inconsistência, contudo, resta aqui registrado esse apontamento com a citação da autora e a imagem do jornal a partir do qual embasamos nossas considerações, respectivamente:

Después del triunfo de los barbudos, el periódico salió de la sombra, y el 2 de enero de 1959 se publicó de manera oficial el primer número de *Revolución* desde Santiago de Cuba [...] (BEAULIEU, 2013, p. 167).



Imagem 45 - Revolução. 02 de Janeiro de 1959.



Imagem 46 - Revolução. 02 de Janeiro de 1959.

Ainda que em outro momento de seu trabalho, a autora registre que *Revolución* fora editado simultaneamente em Santiago de Cuba – local que, segundo a autora, servia para a confecção do diário *Sierra Maestra* – e em Havana até sua transferência definitiva para a capital, não dispomos de dados e fontes relativas a esse aspecto que possam nos garantir tal informação (BEAULIEU, 2013, p. 54). O que possuímos e podemos atestar é que, diante da afirmação de Beaulieu anteriormente citada, a fonte acima reproduzida diverge.

Confiscadas as antigas instalações do periódico batistiano *Alerta*, o órgão oficial do M-26/7 viria a ocupa-las à *calle Carlos III*, 615, Havana, conforme consta em relato de Cabrera Infante. *Revolución* com a estrutura para si, estabeleceria ali sua sede e daria início, de maneira legal, a um projeto de política cultural que ao passo em que satisfazia a imagem de Fidel e da Revolução Cubana, por outro lado viria a causar sérias tensões dentro de setores da esquerda no próprio governo revolucionário:

Essa noite estava tranquilo em casa [...] Não estava vendo televisão nem ouvindo música e conversava com minha mãe quando bateram à porta. Foram abri-la e de repente apareceu na sala uma figura vestida de uniforme verde oliva, com quepe [...] e uma barba emaranhada – era Franqui. Acabara de

chegar da Sierra, vinha de Santiago de Cuba, e nos havia vindo visitar em seguida [...] com seu costumeiro acento de Las Villas nos disse que tinha um veículo o esperando lá fora e que devia seguir rumo à base de Columbia [...] Pelo caminho Franqui me contou que vinha assumir definitivamente *Revolución* [...] que agora ocupava a redação e as oficinas do antigo jornal batistiano *Alerta*, e me disse que queria contar com minha ajuda. Eu lhe disse que a teria quando quisesse (CABRERA INFANTE, 2010, p. 464 apud FAVATTO JÚNIOR, 2014, p. 140).

O trecho acima nos interessa pela riqueza de informações que dele se pode extrair. Primeiramente, Cabrera Infante com seu relato memorialístico expressa a ocupação das instalações de *Alerta* por *Revolución*, cujo endereço tivemos acesso após pesquisa de campo na cidade de Havana e análise de dados técnicos contidos, em alguns casos, no próprio periódico. Ademais, pode ser verificado na capa de 02 de janeiro de 1959 (Imagem 40) a notícia sobre a ocupação das instalações de *Alerta* periódico pelo governo revolucionário; do que, depreende-se, ocasionou a posterior entrega e ocupação do prédio por *Revolución*.

Contudo, nos interessam, ainda e sobretudo, outros dois aspectos do relato de Cabrera Infante – ambos sobre a figura de Carlos Franqui. O primeiro deles sobre a vestimenta e aparência do intelectual, visto pelo companheiro naquele momento como um típico guerrilheiro, ainda que anos mais tarde Franqui tenha afirmado que era diferente destes (FAVATTO JÚNIOR, 2014, p. 141). Enquanto naquele momento igualava-se aos demais guerrilheiros pelo traje militar que ostentava, diferia-se de muitos – quando não da maioria dos grandes nomes do 26 de Julho – nos caminhos que viria trilhar a partir do triunfo da revolução – vale lembrar o fato de não ter aceito a oferta de ocupar um ministério no governo revolucionário, segundo já comentamos.

O segundo aspecto do relato de Cabrera Infante que nos é de interesse refere-se ao fato de Infante afirmar na passagem supracitada que Franqui vinha de Santiago para assumir definitivamente *Revolución* e explicamos: sabendo que aos dois dias do ano de 1959 havia sido já publicada a primeira edição de *Revolución* na legalidade enquanto Franqui ainda estava na *Sierra Maestra*, a passagem de Guillermo Cabrera Infante nos indicara que nos primeiros dias de 1959 *Revolución* esteve em Havana sob as mãos de uma outra pessoa que não Franqui. Em busca desse dado, chegamos às duas capas de *Revolución* abaixo apresentadas:

APR 49

LLEGA HOY EL PRESIDENTE URRUTIA

Confía en la Revolución la Cámara de Comercio de Cuba

REVOLUCION

ORGANO DEL MOVIMIENTO 26 DE JULIO

DIRECTOR: RICARDO CARDET • ADMINISTRADOR: THELVIA MARIN (Delegada Dto. de Propaganda)

AÑO 2 CINCO CENTAVOS LA HABANA, LUNES, 5 DE ENERO DE 1959 No. 26

"Seré el primero en acatar la autoridad civil" FIDEL CASTRO

Cesó anoche a las 12 el paro general

A LA HABANA LA LLEGADA DEL PRIMER MAGISTRADO

EL PUEBLO A RECIBIRLO

Aeropuerto de Boyeros A las 11 a.m.

F. CASTRO LO ORDENO

NORMALIDAD

EL MEJOR REGALO DE REYES

Designan capitanes

Devuelto en pleno

Reanudan su salida

Este es el faccional — histórico mensaje — del cese de la huelga ordenada por el jefe rebelde Fidel Castro, enviada al periódico REVOLUCION, órgano del Movimiento del 26 de Julio, y a través de Carlos Franqui y el comandante Maceo.

Imagen 47 - Revolución. 05 de Janeiro de 1959.

HOY EL PRESIDENTE URRUTIA

REVOLUCION

ORGANO DEL MOVIMIENTO 26 DE JULIO

DIRECTOR: RICARDO CARDET • ADMINISTRADOR: THELVIA MARIN (Delegada Dto. de Propaganda)

AÑO 2 CINCO CENTAVOS LA HABANA, LUNES, 5 DE ENERO DE 1959 No. 26

Seré el primero en acatar la autoridad civil

Cesó anoche a las 12 el paro general

A LA HABANA LA LLEGADA DEL PRIMER MAGISTRADO

EL PUEBLO A RECIBIRLO

Aeropuerto de Boyeros A las 11 a.m.

F. CASTRO LO ORDENO

NORMALIDAD

Este es el faccional — histórico mensaje — del cese de la huelga ordenada por el jefe rebelde Fidel Castro, enviada al periódico REVOLUCION, órgano del Movimiento del 26 de Julio, y a través de Carlos Franqui y el comandante Maceo.

Imagen 48 - Revolución. 05 de Janeiro de 1959.



Imagem 49 - Revolución. 06 de Janeiro de 1959.



Imagem 50 - Revolución. 06 de Janeiro de 1959.

As capas, de 05 de janeiro e 06 de janeiro de 1959 são, respectivamente, as primeiras capas do periódico na legalidade nas quais podem ser observados dados relativos à direção do jornal, sendo que em cada uma delas tem-se registrados diferentes diretores.

Ricardo Cardet é o nome que aparece na capa da edição de número 26 do periódico e Carlos Franqui aparece, por sua vez, somente a partir da edição seguinte, mantendo-se a frente do periódico a partir de então. Ainda, desses dados, unidos ao relato de Cabrera Infante que não localiza temporalmente os acontecimentos citados, podemos identificar que a visita de Franqui à sua casa ocorrerá entre os dias 01 e 05 de janeiro de 1959.

Fato indiscutível é que *Revolución*, a partir de 1959, passa a ter em si e consigo os maiores e mais proeminentes nomes da esquerda intelectual, jornalística, fotográfica e revolucionária, conjugando em sua confecção nomes determinantes para o porvir da política cultural revolucionária idealizada por Franqui.

Silvia César Miskulin (2003), Barthón Favatto Suzano Jr. (2014) e as páginas de *Revolución*, ainda que de maneira bastante esparsa, tem nos revelado esses nomes e, no intuito de construir uma história sobre a trajetória do periódico é imperativo aqui elencar esses personagens históricos: Carlos Franqui (diretor); Guillermo Cabrera Infante (editor de *Revolución* e diretor de *Lunes de Revolución*); Oscar Pino Santos – Diretor Econômico e membro do Conselho de Direção; Pablo Armando Fernández – ao que tudo indica, editor de *Lunes de Revolución*; Daniel Perdomo Ruiz – redator; Ithiel León – diretor gráfico; Euclides Vázquez Candela – subdiretor e jornalista; Vicente Baez – administrador; Emilio Guede – membro do Conselho de Direção; Orestes Martínez – membro do Conselho de Direção; e Carlos Irigoyen – membro do Conselho de Direção.

Além desses nomes, há de se registrar também os jornalistas Severo Sarduy; Constantín; Barbeito; Benítez; e Hernández. Ao quadro acima apontado, somam-se fotógrafos como Ernesto Fernández, Enrique Llanos, Alberto Korda, Raul Corrales, Luís Korda, J. Hernández Artigas; Orlando Navarro; Jorge Lezcano; Aristides Reyes; Marino Bueno; Guillermo Miró; Jesse Fernández; Tirso Martínez; Cesar Fonseca; dentre outros tantos que compuseram o quadro do departamento fotográfico do periódico, segundo identificamos, além da análise bibliográfica e da fonte, também através dos relatos de Ernesto Fernández Noguera em entrevista ao autor, como já mencionado.

Franqui, intelectual e revolucionário, ao optar pela manutenção do periódico quando do triunfo da revolução – deixando de lado suas atividades para com a *Radio Rebelde* – optou, conscientemente ou não, por apostar na revolução atrelada à promoção de uma pretendida política cultural em Cuba; política essa da qual *Revolución* e seu corpo integrante seriam fundadores. Não à toa, afirmou-se um “guerrilheiro cultural” após o triunfo da revolução, já que via no jornal um importante meio para lutas (FAVATTO JÚNIOR, 2014, p. 111) e, ao manter o periódico após o triunfo revolucionário, travou duras batalhas culturais no seio do poder instituído. Sobre esse tema, Favatto Jr. escreveu que:

Essa pretendida revolução cultural, dentro da revolução política dada, também deveria percorrer um longo caminho, edificar-se, de preferência consonante ao emblema da revolução política, até então defendido pelos revolucionários, entre os quais, o próprio Fidel Castro: nem capitalista, nem comunista; simplesmente autêntica [...]. E, para Franqui, ali estaria a revolução cultural a fim de não desviar a revolução política de seu caminho [...] (FAVATTO JÚNIOR, 2014, p. 139).

Ao dizer-se nem capitalista e nem comunista, tão autêntica, pois, quanto dizia-se a Revolução Cubana, a política cultural pretendida por *Revolución* começou a desenvolver-se e

a projetar-se em Cuba com “generosos investimentos” do governo ao jornal (FAVATTO JÚNIOR, 2014, p. 112). Sua qualidade técnica aliada a uma composição editorial com nomes de peso do cenário da época, dentro do projeto de uma política cultural, fomentou no mês de março de 1959 a criação de um suplemento cultural de nome *Lunes de Revolución*.

Sob a direção de Guillermo Cabrera Infante, desde o seu surgimento em 23 de março de 1959 *Lunes* teria sido o maior responsável, em *Revolución* e quiçá no país, para a promoção da política cultural que se pretendia então. Ademais, pode-se dizer que se *Revolución*, por si só, tinha seu sucesso e prestígio; com *Lunes de Revolución* isso certamente ampliou-se, sobretudo nos dias de distribuição do suplemento, no qual o jornal comumente vendido a 5 centavos subia para 10 centavos.

Ainda que com números distintos e que, muitas vezes, distam grandemente uns dos outros, a bibliografia da qual dispomos nos apresenta dados que nos permitem dimensionar o alcance do periódico e/ou de seu suplemento cultural no país, apontando para sua massificação e indiciando, por conseguinte, o logro nos objetivos no caminho de uma nova política cultural com a Revolução Cubana. Silvia Cezar Miskulin sobre isso nos traz que:

As revistas culturais e literárias em Cuba tinham, antes da Revolução, pequenas tiragens e circulavam restritamente. *Lunes*, ao acompanhar a distribuição de *Revolución*, era publicada massivamente e chegava a 100 mil exemplares (MISKULIN, 2003, p. 40).

Nesse mesmo sentido, Aviva Chomsky apresenta outros e mais elevados números:

Os desafios e contradições inerentes à ideia de criar uma cultura revolucionária nova e autêntica podem ser exemplificados no caso da revista *Lunes de Revolución*, um suplemento literário do jornal *Revolución*, do Movimento 26 de Julho [...] *Lunes* começou a ser publicado em março de 1959 e, no seu auge, teve uma circulação de mais de 250 mil, tornando-se ‘o suplemento literário mais lido e mais importante da história de Cuba e do mundo ocidental’, segundo William Luís (CHOMSKY, 2015, p. 140).

A esses dados acerca dos números de *Revolución*, somam-se as informações apresentadas no trabalho de Beaulieu que aponta os números de *Revolución* como superiores a 130 mil exemplares (BEAULIEU, 2013, p. 167). Esses números, ainda que variáveis entre as três autoras, nos permitem visualizar, de alguma maneira, a amplitude das tiragens do periódico e dimensionar sua popularidade e alcance na ilha.

Dentre outras coisas, podemos considerar e atribuir para esse sucesso o fato de o periódico ser, em alguns aspectos, à frente de seu tempo e, ao mesmo tempo, atento a ele e sua realidade. O uso de capas com cores em oposição ao negro e branco então predominante

naqueles anos, unido à atenção que davam à dura realidade do analfabetismo em Cuba devem ser úteis para fundamentar também nossa defesa de uma elevada popularidade acerca de nossa fonte.

Conforme temos apontado, os 11,6% de analfabetismo da zona urbana e os 41,7% da zona rural (conforme dados de 1953) sustentam, em certa medida, a dedicação e a artimanha de Ithiel León – Diretor de Design Gráfico – em “adotar grafismos modernos e ampliar o espaço para fotografias na primeira página, o que estimulava os leitores ao passo que causava grande impacto” (FAVATTO JÚNIOR, 2014, p. 119). Considerada a importância da imagem em si mesma, cuja força nem sempre depende, necessariamente, do letramento do público-alvo, observamos que a importância da imagem especificamente no caso de *Revolución* acaba por se fundir com a realidade nacional – e sobretudo rural – de não letramento e a carga informativa das imagens, cuja importância não se discute, tem potencializados os seus efeitos na medida em que supria, ou buscava-se suprir de alguma maneira, as informações que pela via da leitura não se faziam possíveis.

Luís Fernando Ayerbe nos confirma a dependência do cidadão cubano nos anos 1950 com relação às imagens, já que em 1954 o país ocupava o primeiro lugar na América Latina e no Caribe em número de televisores (AYERBE, 2004, p. 33). Atentemo-nos, em tempo, para o apoio *guajiro* à luta revolucionária do M-26/7. Fazia *Revolución*, intencionalmente ou não, suas páginas e informações chegarem àqueles que apoiaram sua causa nos tempos de outrora.

Ainda sobre a realidade da ilha, Lillian Guerra comentou o fato de Cuba estar na vanguarda da América Latina em termos comunicacionais naquele momento:

At that time, Cubans enjoyed some of the greatest access to sound and visual media in the world. With over 900,000 radios and 365,000 television sets (an average of one radio per six inhabitants and one TV for every twenty-five), Cubans owned more TVs per capita than any other country except the United States as well as a comparable number of radios (GUERRA, 2012, p. 41).

Desse modo, o órgão oficial do M-26/7, valendo-se de uma tendência nacional de busca de informações através da visualidade, acaba assumindo papel determinante ao apostar na riqueza de imagens para se comunicar com seu público, na mesma linha em que atuava, por exemplo, *Bohemia* – embora o público principal dessa revista se situasse, majoritariamente, no núcleo urbano e, portanto, mais alfabetizado, de acordo com os dados já apresentados.

O alinhamento da política cultural defendida por *Revolución* ao posicionamento da Revolução Cubana e, sobretudo ao de Fidel Castro, à época – o qual expressamos acima: nem

comunista, nem capitalista – foi importante, assim, no sentido de trazer para si a atenção de uma população mais humilde e estatisticamente mais analfabeta.

Dessa forma, no que diz respeito à iconização de Fidel Castro, o órgão do M-26/7 demonstra ter sido indispensável a partir de 1959, momento a partir do qual identificamos o marco de uma relação simbiótica que se estabelece entre *Revolución* e Revolução; entre Carlos Franqui e Fidel Castro; entre as finalidades de um e objetivos de outro.

Não parece distante da realidade afirmar, aliás, que, se bem Fidel Castro tenha afirmado em 1985 que à diferença de outros líderes mundiais nunca tenha se valido da imprensa para a promoção de sua figura ou de seus atos, o líder revolucionário se valeu de *Revolución* para tais fins e, através do jornal de Franqui, se fez para além de líder, também ícone nos corações e mentes dos cubanos.

Em análise ao conteúdo de sua entrevista concedida a Jeffrey M. Elliot e Mervin Dymally entre os dias 27 e 29 de março de 1985, resta até curioso observar o que, de forma bastante contraditória, Fidel Castro comentou:

Usted observa que, por lo general, en todos los países existe lo que se llama una oficina de prensa del Ejecutivo, cada cosa que hace el Presidente o el Primer Ministro a lo largo del día la están publicando en los periódicos [...]. Bueno, se crea alrededor de ellos en cierta forma una torre de marfil o una pecera. Yo no me he creado esa pecera [...] toda mi vida, en estos 26 años, me he movido por todas partes sin ceremonias, sin protocolo, sin publicidad. (CASTRO, 1985, p. 56).

Pelo trecho acima, percebemos uma certa negação de Castro ao fato de ter se valido da imprensa tal qual fazem ou fizeram outros líderes mundiais para sua própria promoção ou para a promoção de seus atos. Certamente, com os apontamentos feitos até aqui e com os dados que nos restam apontar podemos afirmar com segurança o contrário do que o então mandatário cubano afirmara nessa entrevista. Afinal, ainda que datada de 1985, ou seja, 26 anos após o triunfo dos rebeldes, a afirmação de Fidel Castro é abrangente: nesses 26 anos, defende, se moveu sem publicidade.

Ou seja, Fidel Castro, ao negar ter se movido sem publicidade até aquele momento, nega, por conseguinte, os objetivos e os feitos de *Revolución* quando da cobertura e da atenção inquestionável que dava o periódico à sua figura.

Cabe aqui recordar, por certo, que nos objetivos do periódico, como apontado por Franqui e já mencionado no presente trabalho, estava, dentre outras coisas, “acompanhar o

desenvolvimento do fenômeno Fidel Castro” porque, para o diretor de *Revolución*, “ele era a revolução” (FRANQUI, 1981, p. 34).

Para além do trecho de Carlos Franqui, o que escreveu Fidel Castro em carta citada por Mario Mencía soa de maneira indubitável como o registro de sua consciência desde o cárcere sobre a importância e a necessidade do uso da imprensa para o desenvolvimento e para o atingir dos objetivos da revolução (MENCÍA, 1982, p. 118). Em consonância, observa-se também a artimanha da visita de Herbert Matthews à Sierra Maestra em 1957 com vistas a divulgar a Revolução Cubana e, segundo nos trouxera Aviva Chomsky, “levar Castro aos lares norte-americanos” através da primeira página do *The News York Times* (CHOMSKY, 2015, p. 47).

Sobre não possuir uma oficina de imprensa do Executivo, se tal informação pode, por um lado, ser aceita em certa medida; por outro, pode ser contestada. Com isso queremos dizer que, de fato, com relação à *Revolución*, este não era o organismo oficial do governo, porém, de maneira indubitável, o periódico acabava por atuar como tal, o que nos permitiria classificá-lo como oficioso.⁶⁰

Carlos Franqui chegou a abordar de maneira indireta a espécie de sujeição que *Revolución* tinha em relação à figura de Fidel Castro. Ao tratar das aproximações e afastamentos entre o caráter oficial e oficioso da publicação, revela que para a manutenção do *status quo* do periódico e de sua posição era necessário – porém difícil – “manter um certo equilíbrio, o que significava dizer sim a Fidel e não a muitas outras coisas” (FRANQUI, 1981, p. 34).

Ademais, através de nossas leituras e análises, tem ficado evidente a importância que tinha não apenas *Revolución*, mas, enfim, também o seu diretor para o próprio líder revolucionário. De acordo com Favatto Jr., além de Castro chegar a convidar Franqui para ocupar o cargo de Ministro do Trabalho ou das Finanças – oferta, conforme já mencionamos, negada pelo intelectual – ainda coube ao diretor de *Revolución* indicar cinco dos vinte e quatro ministros para o Governo Provisório de Manuel Urrutía Lléo (FAVATTO JÚNIOR, 2014, p. 134). Além disso, pelas palavras de Cabrera Infante, um crítico de Fidel Castro, percebe-se o

⁶⁰ Se, por um lado, *Revolución* fora organismo oficial do Movimento 26 de Julho, por outro lado, não o era do governo. Todavia, ao mesmo tempo, assumia tal papel involuntária e indiretamente, podendo, assim, dizer-se, oficioso (FAVATTO JÚNIOR, 2014, p. 147).

reconhecimento de um certo privilégio que a proximidade com o poder recém-instituído proporcionava ao grupo de *Revolución*:

A censura não existia para nós. Como em Lunes, éramos nossos próprios patrões. Afinal de contas, nós éramos o fruto dourado de *Revolución*, o jornal da Revolução, a voz do povo, a voz de Deus. Enfim, éramos, como se diz, onipotentes (INFANTE, 1996, p. 86).

Desse aspecto, podemos depreender, talvez, a própria razão residente nos interesses de Franqui ao “dizer sim a Fidel e não a muitas outras coisas”. Como Favatto Jr. nos aponta, é inegável que o grupo tenha sido, naquele biênio de 1959-1960, a menina dos olhos de ouro da Revolução Cubana (FAVATTO JÚNIOR, 2014, p. 170).

Dizendo sim a Fidel, o órgão oficial do M-26/7 investiu cada vez mais pesado na promoção da figura do líder. Poderíamos estender-nos a intensos e exaustivos debates e análises de fonte com vistas a demonstrar e comprovar a atuação do periódico nesse sentido. Entretanto, para além do que já pode ser percebido por meio das imagens 38 e 39, importa observar as fotografias publicadas no jornal entre 17 e 18 de abril de 1959 por ocasião da visita de Fidel Castro aos Estados Unidos.

A análise que se apresentará, cabe mencionar, vem carregada da maior das expectativas que o trabalho com imagens fotográficas pode trazer: encontrar na fotografia indícios ou dados que comprovem uma hipótese ou ideia. Assim, nos ocuparemos de realizar tal busca considerando não a imagem de maneira secundária, mas sim de maneira primária, valorizando sua importância como fonte dotada de aspectos únicos e reveladores, utilizando a bibliografia e as legendas para apoiar a análise e não o contrário, como comumente se faz.

A partir dela vislumbramos poder elucidar uma vez mais os objetivos de *Revolución* para com a imagem de Castro estampada em suas páginas; suas intenções ante o público-alvo; a maneira como é tratada a figura do líder cubano pelo jornal; e, sobretudo, compreender as relações Cuba-Estados Unidos através de imagens naquele abril de 1959. De igual maneira, pretendemos, nessa análise de caso, encontrar na imagem de Castro reproduzida em *Revolución* respostas que nos permitam confirmar e comprovar as hipóteses iniciais de nossa pesquisa.

A intenção, com isso, é pensar a partir das imagens (e dos objetivos do periódico que as conjuga) as relações entre os dois países no período que antecedeu as tensões entre a potência capitalista e a ilha de Castro nos anos 1960, além de nos viabilizar a compreensão da dedicação do periódico para com a imagem do então primeiro-ministro.

Se bem em junho de 1959 o governo norte-americano enviara nota de protesto em face da Lei de Reforma Agrária em Cuba, em abril daquele mesmo ano, Fidel Castro estivera em Washington em visita oficial. O governo era o de Eisenhower, que havia ignorado a visita de Fidel – já primeiro-ministro de Cuba – ao seu país, antecipando as tensões que o mundo viria conhecer entre os dois governos. O vice-presidente Richard Nixon, por sua vez, recebera o líder cubano:

Nixon foi a primeira figura do alto escalão a encontrar-se com Castro. Os dois conversaram por três horas durante a visita que Castro fez a Washington em abril, a visita que Eisenhower havia ignorado [...]. Em junho, semanas depois da lei de reforma agraria, os Estados Unidos enviaram uma nota oficial de protesto exatamente como a oposição cubana esperava (GOTT, 2006, p. 206).

Foi, enfim, cumprindo sua missão jornalística como veículo de informação e seus objetivos implícitos de acompanhar Fidel Castro “porque ele era a revolução”, que o veículo de informação do M-26/7 trouxe estampada em suas páginas imagens sobre esse momento histórico.



Imagem 51 - Revolución. 17 de Abril de 1959.



Imagem 52 - Revolución. 17 de Abril de 1959.

Datada de 17 de abril de 1959 por ocasião da visita ora mencionada, a capa da edição 113 de *Revolución* se destaca em nosso material pela carga simbólica que carrega a sua composição. Ou seja, no caso em tela importa não somente a imagem em si, mas o conjunto de elementos que estrategicamente a acompanha. Ainda que Fidel Castro esteja presente em duas imagens naquela capa, chamamos a atenção para a imagem localizada na porção central superior da página, ocupando o espaço equivalente a seis colunas do jornal. Nela, o leitor se depara com um Fidel em aparente diálogo com o então Secretário de Estado norte-americano, Christian Archibald Herter. Fardado e fazendo uso da tão conhecida barba que marcou os guerrilheiros e se associava à rebeldia da *Sierra*, Castro contrastava com a imagem de Herter – esse, sem barba, vestindo terno e gravata-borboleta (numa combinação que aliava a formalidade do terno com a elegância do acessório). A fotografia, tomada pela *Associated Press* – agência que acompanhou de perto a passagem de Castro pelos EUA – foi escolhida por *Revolución* não desinteressadamente, mas com o objetivo de cunhar a imagem de rebeldia frente à potência militar do norte.

Ponto alto da análise, em letras garrafais lê-se “*NO HE VENIDO A PEDIR DINERO*”, o que, ao leitor, em contato com o texto e com a imagem, transmitia a ideia de legenda para aquilo que Castro estava dizendo, na imagem, ao Secretário de Estado americano. Aliadas, frase e imagem possuem uma carga simbólica impressionante, que leva ao público a impressão de um líder altivo, cuja viagem não tinha o propósito de reestabelecimento de uma subserviência econômica em relação aos Estados Unidos, como fizeram presidentes do passado.

Nesse caso, observa-se, o periódico buscava afastar do então Primeiro-Ministro cubano especulações acerca dos objetivos de sua viagem ao passo em que também reafirmava sua bravura frente ao representante do governo estadunidense.

Em tempo, é válido comentar sobre a reprodução da capa de *Revolución* em versão colorida, através da qual podemos notar o uso de cores vibrantes, como o vermelho do M-26/7 e a qualidade do material em sua composição original.

Entretanto, salta aos olhos, precisamente o conteúdo da página 16 de *Revolución* publicada naquele 17 de abril de 1959, na qual o jornal cubano apresenta uma sequência de quatro fotografias protagonizadas por Fidel Castro, onde todas passíveis de análise, nos interessa colocar em debate particularmente uma.



Imagem 53 - *Revolución*. 17 de Abril de 1959, p. 16.

Após uma capa com a foto de Fidel Castro e do Secretário de Estado norte-americano estampada na edição, o Castro que se observa nas imagens localizadas na página acima é revelador de uma figura que é ao mesmo tempo líder formal e homem descontraído; popular.

Atentos, contudo, especialmente à foto da *Radio-Foto de la AP* (leia-se *Associated Press*), a imagem que destacamos é aquela localizada no canto esquerdo da página, a qual tem Fidel Castro como seu único integrante. Dela, merece destaque, primeiramente, o seu tamanho com relação às demais imagens da própria página – ocupando o equivalente a aproximadamente 4 colunas – e, ainda, com relação ao próprio espaço reservado para o texto da reportagem. A imagem é grande na mesma medida e proporção na qual é também grande Fidel Castro para o discurso transmitido por *Revolución*. Fidel, aufere-se, é maior que tudo aquilo que o circunda. Ou seja, sua figura, por si só, mostra-se transcendente com relação àquilo que está ao seu redor. Seu rosto, sorridente, ocupando a totalidade da imagem sem permitir que caibam outros

personagens, dá a sensação não só de grandeza, como de proximidade com o público leitor. Uma proximidade com relação ao povo que, ousamos dizer, se legitima de maneira implícita através das imagens menores ao redor, onde Fidel Castro se mistura ao povo e é quase que parte deste.

No dia seguinte, no mesmo sentido da edição 113, *Revolución* manteve o tom sobre Fidel Castro durante sua visita aos Estados Unidos.



Imagem 54 - *Revolución*. 18 de Abril de 1959, p. 15.

Triunfante, sereno, terno, querido e respeitado. São essas as imagens de Fidel Castro que se verificam presentes dentre as fotografias estampadas em *Revolución* naquele dia 18 de abril de 1959. Um periódico cujas páginas, muitas vezes, dão mais lugar às imagens do que aos textos.

O texto da reportagem, ocupando diminuto espaço com relação às imagens da página, corrobora e descreve em detalhes aquilo que as imagens fazem saber ou buscam transparecer. Em *Revolución* é comum verificar-se esse tipo de método, onde o prezar pelas imagens resta evidente de maneira que o leitor se informa primeiro por elas e o texto, quando há, “ilustra” e detalha o conteúdo imagético.

Na imagem superior central, na qual o líder cubano é retratado fumando charuto, a fotografia em primeiro plano, com apenas uma figura por detrás do comandante, revela a serenidade no olhar do Primeiro-Ministro e a sua grandeza ante o indivíduo do fundo. Técnica comum, aliás, com as imagens de Castro em *Revolución*, que, em geral, fazem com o líder verifique-se em muitas das vezes grandioso com relação aos demais na composição fotográfica. Em ambiente externo, a fotografia de tamanho não revelado pelo periódico e em formato vertical vem preenchida quase que em sua totalidade pelo corpo de Fidel.

Em tempo, uma vez que não nos interessa aqui realizar a análise de uma só imagem da página reproduzida, mas de outras, prosseguimos com o debate com o intuito de, com isso, termos ferramentas para apontar que da mesma maneira que uma imagem isolada é dotada de um sentido e de um significado próprio, um conjunto ou sequência de imagens expostas pode adquirir também sentido, significado e, mais ainda, transmitir mensagens visuais que incutem e/ou corroboram ideias no espectador.

Dessa maneira, é interessante partirmos para a observação da imagem localizada no canto inferior esquerdo da página, onde – mais clara que a primeira imagem analisada – podemos ver Castro ao centro, caminhando com o típico charuto cubano às mãos pelas ruas de Washington, rodeado por seis jovens norte-americanos que, segundo a legenda, são estudantes que Fidel Castro teria encontrado casualmente. Independentemente do que nos diz a legenda, observar a imagem transmite já, por si só, a ideia de um líder humilde, próximo ao povo e, ainda, querido (se observarmos o semblante daqueles que o rodeiam). Com o que nos apresenta a legenda, somos levados a ter corroborada a ideia de humildade do líder cubano e de sua proximidade com o povo estadunidense, tendo convidado os jovens para que fossem “caminhando e conversando até um parque próximo”.

Ainda que nada se fale da admiração popular, essa resta implícita, quase explícita, no olhar das pessoas. O andar de Castro é, ainda, condizente com aquele observado em outras imagens do líder expostas em *Revolución*: triunfante, peito aberto e no centro das fotografias. O formato quadrangular da imagem, tomada de uma perspectiva próxima entre o fotógrafo e os

fotografados dá a noção de volume de pessoas composição, onde os fotografados preenchem a imagem por completo e não resta um espaço sequer onde pudesse caber uma pessoa mais. A imagem em questão é também da chamada *Radio-Foto de la AP*.

A fotografia que se observa na parte inferior central da página de *Revolución* em análise, por sua vez, é a que nos parece mais emblemática e carregada de significado dentre todas. Nela, Castro é visto com uma criança nos braços e ambos, tanto o líder quanto a criança, tomam todo o plano. Sorridente, olhando para a pequena Sherry Hayes – nome revelado na legenda – Fidel Castro é visto com sua emblemática barba, vestido na típica e de sempre vestimenta militar. Sem autoria expressa, podemos depreender que a imagem se trata de uma das tantas imagens tomadas pelos fotógrafos do periódico que acompanhavam o líder cubano em suas viagens e, sendo essa suposição verdadeira, teríamos dentre as possibilidades uma gama de fotógrafos. A legenda “*Fidel Castro, en una de sus escapadas de la embajada en Washington, encontró en cualquier calle a Sherry Hayes, de 16 meses de edad, con la que inmediatamente hizo amistad, compartida por el bebé muy satisfecho de estar haciendo historia por unos momentos en los brazos del héroe cubano*”.

A fotografia de Fidel Castro se soma na História às várias imagens de lideranças políticas segurando crianças. No caso em tela, o que se supõe é que o líder cubano buscava denotar que, apesar de sua característica barba e vestimenta militar -que marcara a luta guerrilheira em Cuba – era, ainda assim, uma figura dócil e, portanto, não violenta, capaz de levar uma criança nos braços com a delicadeza e cuidado que se espera.

Diante do contexto determinante para o surgimento da figura de Fidel Castro como líder revolucionário e Primeiro-Ministro de Cuba, somado a criação de um periódico fidelista e revolucionário cujo objetivo era o de acompanhar a figura de Castro, não poderíamos esperar outra coisa que não uma exaltação natural e explícita do líder revolucionário em suas páginas.

Contudo, essa exaltação verifica-se exacerbada na medida em que Castro é retratado de maneiras múltiplas, as quais lhe conferem as mais distintas características que pode ter o ser humano. Se, por um lado *Revolución* acompanhara Fidel Castro “líder”, por outro, retrata em suas páginas um Fidel Castro, para além de líder, messiânico, terno, querido, aclamado, respeitado e humilde. Essas características, diluídas nas páginas do periódico – sobretudo entre os anos de 1959 e 1960 – se veem todas elas conjugadas e expostas curiosamente na página acima apresentada.

Um Fidel Castro que ante seus expectadores é grandioso; que ante seus admiradores é humilde; que no seu caminhar é triunfante; que com a criança ao colo mostra-se terno e humano; e, enfim, um Fidel Castro que, recebido por autoridades políticas, mostra-se respeitado e faz-se respeitar.

Todas as imagens de Fidel Castro traduzem, subjetivamente, um líder completo e um homem de elevada moral. Também, a vestimenta militar e a barba presentes em todas as imagens não deixam afastar do líder terno, humilde, grandioso e respeitado a figura de um Fidel, antes de mais nada, revolucionário. Tão revolucionário e combativo quanto aquele que estivera na *Sierra Maestra* e invadira os lares norte-americanos através de Herbert Matthews (CHOMSKY, 2015, p. 47).

De volta à fonte, o texto da reportagem, ocupando um pequeno espaço na página em questão, ilustra as imagens e não o contrário. Traz informações para completar o que as fotografias apresentam, descrevendo detalhes da visita do líder aos Estados Unidos e, ainda, reafirmando o posicionamento de Castro perante senadores estadunidenses, colocando que o líder “*negó que su Gobierno, ni él, fueran comunistas*”, tendo afirmado também que os comunistas não teriam condições ou oportunidades de progredir em Cuba.

Com isso, podemos observar também o discurso isento de responsabilidades ideológicas de Castro e da Revolução Cubana expressos nas páginas de *Revolución*, cujo diretor, ainda que de esquerda, tinha aversão aos comunistas. Esse posicionamento, ainda que não condiga com o que se verificou posteriormente em Cuba, com a ascensão dos comunistas do Partido Socialista Popular (PSP) no governo e com o alinhamento de Cuba ao bloco soviético, muito significa para pensar a busca do governo, naqueles primeiros anos, por manter uma certa paz no seu entorno no campo da política internacional, principalmente com relação aos Estados Unidos, potência capitalista compradora de grande parte da produção de açúcar da ilha.

Como expressamos anteriormente, a opção por analisar não uma, mas três imagens, se justifica, portanto, para deixar registrado através do que aqui realizamos que ainda que uma só imagem seja dotada de sentido, significado e independência com relação ao texto, muitas vezes um conjunto de imagens, apresentadas num determinado momento e contexto podem apresentar múltiplas faces do retratado, construir uma narrativa e dar um sentido mais completo à sua figura, como acreditamos ter deixado em evidência no trabalho aqui apresentado

Essas imagens, enfim, analisadas isoladamente ou em conjunto com as demais, entendemos como importantes e reveladoras do processo de iconização de Fidel Castro Ruz

levado a cabo por *Revolución* a partir de janeiro daquele ano de 1959. Um líder que, se por um lado já havia passado por um processo de construção e se tornado popular nos últimos anos, por outro precisava, agora, passar por um processo de elevação icônica de sua imagem.

Resgatando somente dois períodos para uma análise pormenorizada de aparições de imagens de Fidel Castro no órgão do M-26/7, entre os meses de janeiro e fevereiro de 1959 (precisamente, de 2 de janeiro a 06 de fevereiro daquele ano), com edições regulares de segunda-feira a sábado, Fidel Castro esteve presente por 50 vezes em fotografias do periódico. Entre os meses de março e abril de 1959 (precisamente, de 03 de março a 01 de abril daquele ano) esteve presente 43 vezes em fotografias no mesmo órgão.

Isso significa para o período de janeiro-fevereiro uma média de 1,39 aparições por dia, tendo como base os 36 dias compreendidos entre a edição de 02 de janeiro e a de 06 de fevereiro. Ou seja, Castro esteve presente de forma massiva em *Revolución* e se mostraria, pela média alcançada, presente em absolutamente todas as edições dentro período analisado, inclusive aos domingos se houvesse tiragem do periódico nesse dia. A média de aparição seria ainda maior, portanto, se desconsiderássemos os domingos de nossas contas.

Para o período de março-abril, o que se vê é a média de 1,43 aparições por dia, tendo como base 30 dias compreendidos entre 03 de março de 1959 e 01 de abril de 1959. Nesse caso, sob a mesma lógica adotada anteriormente, a média seria ainda maior se desconsiderássemos os domingos de nossas contas, já que nesses dias o jornal não possuía tiragem.

Em tempo, em uma nova tentativa de expressar a recorrência de Fidel Castro naquele órgão por meio de suas fotografias, é notável o fato de, após exaustiva análise e catalogação de fonte, chegarmos a números próximos a um total de 300 aparições de Fidel Castro apenas no primeiro semestre em 1959. Isso, inclusive, desconsiderando ocasiões nas quais Castro apesar de não aparecer em imagens, aparece mencionado em textos de reportagens. Se considerássemos tais dados, efetivamente teríamos números incríveis, confirmando o fato de que, indubitavelmente, *Revolución* foi o órgão para acompanhar o “fenômeno Fidel”.⁶¹

⁶¹ Carlos Franqui se manteve a frente desse projeto jornalístico até 1963, quando já não mais pôde resistir às tensões que se instalaram no âmbito da política cultural de Cuba entre o grupo por ele liderado e o dos comunistas do PSP, que buscavam algum espaço dentro da estrutura de poder e, por conseguinte, na condução da política cultural que vinha nas mãos do diretor de *Revolución*.

Em meio à tensão que se impôs entre os dois grupos – agravada por fatos vários, como o próprio caso do censurado documentário *P.M.* de Sabá Cabrera Infante, em 1961 – Franqui e Guillermo Cabrera Infante dão início a um processo de afastamento do núcleo de poder do qual fizeram parte, optando pelo rompimento definitivo e pelo exílio algum tempo depois, Cabrera Infante partindo em 1965 e Carlos Franqui, em 1968 (FAVATTO JÚNIOR, 2014, p. 251; LUÍS, 2003, p. 187-188; VILLAÇA, 2010, p. 52).

Segundo temos apontado, identificado e levantado através de nossas pesquisas, sustentamos aquilo que temos defendido de que a iconização de Fidel Castro Ruz levada a cabo através da imprensa cubana, principalmente a partir do periódico *Revolución* a partir de 1959 significou, direta ou indiretamente, um estágio importante de um processo de construção e popularização da imagem pública do líder rebelde e de sua causa através da imprensa que se iniciou em princípios dos anos 1950. Isto é, ser elevado à ícone político a partir de 1959, para Fidel Castro enquanto homem público, significou um importante estágio alcançado após anos de desenvolvimento de um marketing-político idealizado inicialmente para atender a causa revolucionária, mas que, com o tempo tornou-se também ideal para atender a projeção de sua figura enquanto liderança política latino-americana e caribenha.

Revolución, por sua vez, seguiu sendo publicado até outubro de 1965 sob a direção de Enrique de la Osa – nome de destaque do jornalismo cubano, com carreira de peso, coincidentemente ou não, estabelecida através de *Bohemia*. O fechamento definitivo do órgão oficial do M-26/7 se deu, finalmente, em face de sua fusão com o periódico do PSP, *Hoy*, dando origem ao atual *Granma*, órgão oficial do Partido Comunista de Cuba (BEAULIEU, 2013, p. 190).

CONCLUSÃO

Tendo em vista as informações contidas nesse trabalho até o presente momento, cujas análises e resultados foram possíveis graças a ininterruptos meses de investigação no Brasil e no exterior, compreendemos que os dados e informações apresentados e exaustivamente debatidos conduzem no sentido da confirmação de nossas hipóteses iniciais e no cumprimento dos objetivos propostos por essa pesquisa, quais sejam, a respeito da construção da imagem pública de Fidel Castro e do papel inconfundível que desempenhou a imprensa e a fotografia nesse sentido, respectivamente.

Reconhecida a importância da imprensa e sua intrínseca relação com a política, tão em evidência nos últimos tempos, temos buscado inserir nossas preocupações com a América Latina nas demandas da atualidade, levando sempre em conta um olhar crítico e atualizado sobre Cuba. Dessa maneira, partindo dos indícios que possuíamos – muitos dos quais provenientes de fontes analisadas em pesquisas pretéritas – e tendo desenvolvido nossas atividades até aqui, nos resta cada vez mais incontestemente o fato de terem os meios de comunicação em Cuba desempenhado papel determinante para o desfecho do processo revolucionário que levou Fidel Castro ao poder em 1959 e, sobretudo, para sua conseqüente projeção no imaginário social como figura redentora e passível de elevação à condição de ícone.

Como comentado, é natural e indispensável que se reconheça na guerra de guerrilhas a relevância que, por certo, possui. Todavia, é ainda mais fundamental que, partindo de uma perspectiva mais ampla, se compreenda o que aqui temos defendido: o papel que assumiu a imprensa no contexto da Revolução Cubana e a ampla atuação de Fidel Castro nesse sentido.

Dessa maneira, inserindo na discussão que aqui produzimos o eixo basilar de nossa hipótese e reflexões, há de se reconhecer, portanto, que a partir da tradição cubana de uma imprensa ligada a temas políticos, bem como a partir de um engajamento dos meios de comunicação nos debates acalorados que se produziram a partir da década de 1940 – onde se destaca *Bohemia* –, Fidel Castro Ruz aproveitou-se de diferentes organismos para, com suas intervenções, entrevistas, respostas e artigos acentuar a polarização política e fazer saber de seus posicionamentos ao povo de Cuba.⁶²

⁶² Vale dizer que mesmo antes do 10 de março de 1952, o filho de Ángel Castro e Lina Ruz já publicava na imprensa artigos e denúncias de cunho político, como suas duras críticas contra o governo Prío aparecidas em diferentes ocasiões no periódico *Alerta* em princípios de 1952. Para maiores informações ver: MACHÍN, Ana Nuñez. Fidel Periodista. La Habana: Pablo Torriente Editorial, 2006, p. 11-13.

Consideramos que o golpe de Estado de Fulgencio Batista e seus desdobramentos apenas dariam a Fidel, já ativo na política – era candidato nas eleições –, as motivações para, tal qual outros grupos de jovens de seu tempo, lançar-se à luta mais ativamente. Igualmente, sua prisão, como apresentamos, deu-lhe a contribuição necessária para sua popularização e visibilidade desde meados da década de 1950, aspectos que o líder rebelde manteve em seu horizonte durante e após o cárcere.

Resta claro, então, que o fato de ter contado com a simpatia e proximidade de órgãos de alcance nacional, como a revista *Bohemia* ou mesmo *Revolución* – ainda que esse fosse um órgão, naturalmente, favorável à causa, porque dela também derivava – significou para os objetivos de Fidel Castro de suma importância. Por outro lado, é fundamental considerar que à simpatia da imprensa se somava também o interesse comercial dos órgãos, fossem quais fossem. Ou seja, parece lógico perceber que os acontecimentos levados a cabo pela revolução em Cuba, sobretudo a partir de janeiro de 1959, representavam aquilo que havia de mais importante no cenário nacional, aguçando a curiosidade popular em torno da figura dos rebeldes e da queda de Batista em si.

Desse modo, para além de uma relação próxima e, em alguns casos, quase íntima entre os órgãos que tomamos como fonte e Fidel Castro, havia também o fator comercial. É dizer, não se pode ignorar que tenha havido uma busca pelo lucro gerado pela venda dos exemplares que contassem com alguma informação importante a respeito da revolução ou mesmo de Fidel Castro. O número de vendas da edição especial de 11 de janeiro de 1959 de *Bohemia* dá uma ideia do que significou, para esse órgão, estampar Fidel Castro em suas páginas. Com isso, não seria distante da realidade aludir para a existência de uma via de mão dupla entre os interesses de Fidel Castro e os dos órgãos que lhe prestavam algum tipo de apoio, fosse antes ou depois de 1959.

Assim, tratar da Revolução Cubana passa pela necessidade de um olhar atento e cuidadoso às diferentes dimensões que ela possui e representa, transcendendo a guerra de guerrilhas em si – já que o estabelecimento de um núcleo guerrilheiro passou, necessariamente, segundo dados e documentos ora discutidos, por uma imperiosa propaganda política desempenhada por Fidel Castro contra a ditadura e, conseqüentemente, a favor da revolução pretendida, tanto dentro quanto fora de Cuba. Com isso, as atividades de propaganda iniciadas desde a prisão e mantidas após ela, foram determinantes para a conformação de uma base de apoio a Fidel Castro capaz de dar-lhe suporte político e financeiro contra Batista, num importante movimento que, aos poucos, projetava seu nome como praticamente a única força

capaz de derrotar a tirania e reestabelecer a ordem na ilha – mesmo que, em verdade, outras figuras tivessem a mesma disposição anti-batistiana que o jovem advogado. Combater a ditadura era para Fidel Castro, a um só tempo, mais do que vencer as tropas governistas, desabonar Batista e posicionar-se, ante as massas, no extremo oposto; mostrar-se um líder tão comprometido com a vitória quanto carismático.

Às nossas considerações a respeito da propaganda que fizera Fidel Castro, entendemos necessário lançar nossa atenção, uma vez mais, para sua passagem pelos Estados Unidos da América não apenas pela viagem em si ou pelo resultado prático de sua estadia naquele país, mas principalmente pelo resultado simbólico envolto àquela atitude: para além da arrecadação de fundos, residia ali uma atitude propagandística de Fidel em relação a si mesmo ao percorrer os exatos mesmos passos que José Martí havia percorrido no passado; o mesmo Martí cujo legado Fidel, frequentemente, evocava em seus discursos, artigos e entrevistas. A busca pela vinculação entre um e outro era tão constante quanto clara.

Ainda, em termos gerais, da presente investigação tem restado claro que a utilização da imprensa e, no caso, das imagens fotográficas nela veiculada serviram, tal qual seguem servindo na atualidade, para inegavelmente atingir objetivos políticos ante o público-alvo; para construir líderes; para difundir ideias e para incuti-las no imaginário de seu público.

Importante mencionar, para que não haja dúvidas, que a análise e interpretações que temos feito até aqui em nada buscam atribuir ou conferir a Fidel Castro a ideia de predestinação ou de ações inconscientes que teriam culminado, naturalmente, na construção de sua imagem pública. Pelo contrário, defendemos que a construção e a projeção de sua figura dependeram e se beneficiaram, em grande medida, de ações conscientes e direcionadas nesse sentido. O marketing que fez de si próprio, aliado à presença, essa sim natural, do tema de sua luta na imprensa tem se mostrado constituinte de uma ação coordenada de propaganda da revolução que vinculava sua imagem como grande guia desse projeto nacional, cujo mentor intelectual seria supostamente José Martí – aquele de cujo legado apropriava-se em sua propaganda.

No caminho da vinculação com o legado independentista e, sobretudo, com a figura de Martí, Anna Clayfield (2019, p. 40) nota que parte dos esforços de Fidel Castro para consolidar seu papel e a própria revolução a partir de 1959 consistia em evocar repetidamente o termo “dever revolucionário”, referindo-se ao dever que tinham os cubanos para com a defesa da revolução. Em que pese a relação da palavra com José Martí, note-se que ao tornar a presença do “dever” uma constante em suas falas, Clayfield identifica que o que Fidel Castro buscava

era reviver o sentido político que teve a palavra durante as lutas independentistas e, especialmente, recorrer ao seu significado nos escritos de José Martí, que a utilizava com frequência, sendo uma marca de seus escritos:

Martí frequently wrote of the centrality of duty/deber as an inherent feature of patria and a motivational force for revolutionary activity. In much-quoted sentences Martí affirms that “the duty of a man lies where he is most useful” and that “a true man does not look to the side where one lives better, but to the side where duty lies” (CLAYFIELD, 2019, p. 41).

Dessa maneira, a atitude de Fidel Castro para com o uso da palavra não tinha, de acordo com o que podemos depreender, menos do que o interesse claro de estabelecer um vínculo entre sua retórica e ideias com as do apóstolo da independência de Cuba, constituindo-se parte indispensável da propaganda e da promoção que fazia de si mesmo ao passo que, paralelamente, advogava em defesa da revolução perante a população.

É nesse sentido e por essa razão que Patricia Calvo González defende a ideia de que os rebeldes tinham consciência de que a vitória do Movimento 26 de Julho dependia da imagem e propaganda revolucionária nas mentes e nas vontades do povo cubano (GONZÁLEZ, 2014, p. 319). Não por outro motivo, em concordância com a informação prestada pela autora, identifica-se nas comunicações de Castro por nós mencionadas no decorrer desse trabalho uma incansável e repetitiva busca em torno da propaganda.

Valendo-nos dos estudos sobre os imaginários sociais realizados por Bronislaw Baczko e atentos aos dados extraídos de nossas análises até aqui, é cabível darmos a devida atenção ao que coloca o autor no que diz respeito a imagem de Stalin, já que reflete também, em alguns aspectos e guardadas as devidas proporções, os debates que até aqui realizamos:

La imagen del jefe carismático presenta al poder como impersonal y sin embargo personalizado a la vez, y esto, en particular, gracias a los componentes de esa imagen, a los materiales que han sido utilizados para su fabricación [...] Detentor del poder, pero también encarnación y garantía de la gran promesa revolucionaria. La imagen del jefe carismático transfigura la violencia efectiva y cotidiana del poder en simple medio al servicio del fin último, una sociedad justa y feliz, igualitaria y comunitaria, sin Estado y sin violencia [...] Ejecutor de esa promesa, también es el garante último de su realización [...] El mito y la promesa revolucionarios, pero también la ortodoxia, sirven como materiales en la construcción de la imagen del guía infalible (BACZKO, 2005, p. 148-149).

Finalmente, o que se nota após intensos anos de investigação é que o triunfo da revolução representava, mais do que o derrocamento da ditadura, também a vitória da nação sob o passado colonial, já que Fidel Castro buscava através de discursos, aparições e atos públicos apresentar-se dentro desse modelo de guia infalível; de garantidor e de executor de

uma promessa revolucionária que estrategicamente fazia-se confundir com a promessa e o legado independentistas.

Desse modo, resta cada vez mais evidente que o antiimperialismo – tão em destaque na cena cubana desde o século XIX – dava a Fidel o elemento necessário para legitimar sua vitória e se impor como salvador e concluinte de um projeto de soberania nacional iniciado na luta independentista através de uma narrativa que mobilizava as massas e conduzia a opinião pública na direção de seus interesses. Em grande medida, o suporte dado pelas fotografias na imprensa foram, enfim, determinantes.

Defendendo que o triunfo do *Ejército Rebelde*, com Fidel Castro e “otros comandantes de simpatía popular”, resultou para a fotografia, sobretudo para o fotodocumentalismo, na aparição de espontâneos e naturais aliados, Grethel Morell Otero vai de encontro com aquilo que temos identificado, além de complementar e reforçar alguns aspectos de nossas hipóteses: Revolução e fotografia, desde muito, estiveram intimamente ligadas, tendo sido a fotografia importante para os anseios dos revolucionários durante a luta insurrecional e a revolução importante para os fotógrafos a partir de seu triunfo (MORELL OTERO, 2009, p. 61).

A despeito da importância da fotografia no sentido em que a temos abordado, vale pontuar a lúcida reflexão de Barthon Favatto Jr. e Richard Gonçalves André a esse respeito:

Fotografia e revolução, se não sinônimas, são palavras primas. Ambas as invenções, filhas da contemporaneidade, e contemporâneas entre si, surgiram no decorrer do século XIX e provocaram cada qual à sua maneira significativos impactos e mudanças no modo de vida de homens e mulheres [...] Não por acaso, uma reflexão sobre a proximidade entre a fotografia e as revoluções contemporâneas remete à ideia de que o fotógrafo é em si um observador e um agente revolucionário. Um rebelde cuja arma é uma máquina industrial não letal, porém não menos inofensiva aos poderes instituídos (FAVATTO JÚNIOR; ANDRÉ, 2014, p. 29-30).

Se por um lado “la Revolución de 1959 significaba todo”, por outro “la fotografía, más que sumarse cual pasivo espejo, contrapesaba y enaltecía el efecto social del todo”. E nesse todo, composto por uma revolução a qual se somava a fotografia que visava enaltecê-la, estava a atenção à captura de imagens gloriosas que além de enaltecer a revolução respaldava seus feitos e efeitos. A fotografia na revolução, cabe dizer, para além da legitimação do Governo Revolucionário, contribuía, de maneira indelével, também para a construção de uma memória-histórica coletiva e para um registro irrefutável dos fatos (MORELL OTERO, 2009, p. 61-62).

Alimentada em grande medida pelas fotografias, os efeitos da grandiosa propaganda revolucionária chegaram a ser debatidos por Abel Sierra Madero (2019, p. 42) em seu recente

trabalho sobre Fidel Castro, no qual classifica como hermética a unidade estabelecida entre Fidel e a revolução em Cuba. Um crítico do líder, o historiador cubano radicado nos EUA nota que tamanha era a narrativa que se estabeleceu em torno de Fidel Castro, que um observador chegara a comentar que em um encontro que testemunhou entre o comandante e os habitantes de Matanzas, os locais teriam se aglomerado de tal forma ao redor do líder que pareciam fundir-se a ele, suscitando a esse observador a seguinte questão: *¿qué forma asumió Castro? ¿Acaso, no es la de la misma Cuba?*

Assim, certos de que esses debates não se esgotam com as reflexões que puderam ser acompanhadas em nossas linhas, concluimos o presente texto com a expectativa e o entendimento de termos sido capazes de demonstrar, através de nossa singela contribuição à historiografia da revolução cubana, a importância do estudo do processo de construção da imagem pública de Fidel Castro, bem como seus efeitos e significados no momento em que debatemos. É importante uma vez mais observar que, em que pese a importância da guerra de guerrilhas, nos parece um reducionismo e uma injustiça resumir o processo revolucionário e a revolução cubana em si a esse campo. Pelo contrário, a ele somou-se o contexto da guerra de informações, através da qual Fidel Castro pôde divulgar a revolução e, não desinteressadamente, a si mesmo.

FONTES

BOHEMIA. Revista cubana de actualidad general. La Habana, 1954-1959.

BONO DE CIVISMO. Autoria desconhecida. Miami, 1957.

DIARIO DE LA MARINA. La Habana, 1957.

ERNESTO CHÁVEZ COLLECTION. Special and Area Studies Collections, University of Florida.

GUERRA, Lillian. Palestra de Andrew St. George. New Haven, Yale University, [s.d], p&b. Arquivo pessoal.

KEY WEST CITIZEN. Key West, 1955.

REVOLUCIÓN. Órgano Oficial del Movimiento Revolucionario 26 de Julio. La Habana, 1957-1959.

THE NEW YORK TIMES. New York, 1957.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Hélio Augusto de Souza. **Entrevista con Ernesto Fernández Nogueras**. DOC On-Line: Revista Digital de Cinema e Documentário, v. SI 2019, p. 345-356, 2019.

ANDERSON, John Lee. **Che: Uma biografia**. São Paulo: Objetiva, 1997.

AYERBE, Luís Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: EDUNESP, 2004.

AZEVEDO, Tarcio Vancim de. **Reinaldo Arenas e Heberto Padilha: memórias dissidentes à Revolução Cubana no ocaso do Socialismo Soviético**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, Assis, 2014.

BACZKO, Bronislaw. **Los imaginarios sociales: memorias y esperanzas colectivas**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005.

BEAULIEU, Sarah. **Política Cultural y Periodismo en Cuba: Trayectorias cruzadas de la prensa oficial y de los medios independientes (1956-2013)**. Tese (Doutorado em Literatura Espanhola) – Faculdade de Filosofia e Letras. Universidade de Granada, 2013.

BECKER, Jean-Jacques. **A opinião pública**. In: RÉMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

BENITEZ, José. **Jornalismo em Cuba**. São Paulo: Com-Arte, 1989.

BESANCENOT, Olivier; LÖWY, Michel. **Che Guevara: uma chama que continua ardendo**. São Paulo: EDUNESP, 2009.

BONSAL, Philip. **Cuba, Castro, and the United States**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1971.

BURKE, Peter. **A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

CABRERA INFANTE, **Mea Cuba**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

_____. **Corpos Divinos**. São Paulo: Cia. das Letras, 2016.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

_____. **A Imprensa como fonte e objeto de estudo para o Historiador**. In: PRADO, Maria Lígia Coelho; VILLAÇA, Mariana Martins (Orgs.). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. São Paulo: Humanitas/CAPES, 2015.

CASTAÑÓN, María del Pilar Díaz. **Prensa y Revolución: la magia del cambio**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2010.

CASTIÑEIRA, Katuska Blanco. **Fidel Castro Ruz: Guerrillero del Tiempo - Conversaciones con el líder histórico de la Revolución Cubana**. Primera Parte, Tomo II. La Habana, Ediciones Abril, 2011.

CASTRO, Fidel. **Nada podrá detener la marcha de la historia**. La Habana: Editora Política, 1985.

CHOMSKY, Aviva. **História da Revolução Cubana**. São Paulo: Veneta, 2015.

CLAYFIELD, Anna. **The Guerrilla Legacy of the Cuban Revolution**. Gainesville: University of Florida Press, 2019.

CUSHION, Stephen. **A Hidden History of the Cuban Revolution: How the Working Class Shaped the Guerillas' Victory**. New York: Monthly Review Press, 2016.

DENIS, Richard. **Una revista al servicio de la Nación: Bohemia and the evolution of Cuban journalism (1908-1960)**. Dissertação (Mestrado em Latin American Studies) – Center for Latin American Studies. University of Florida, 2016.

FAVATTO JÚNIOR, Barthon. **Entre o doce e o amargo**: memórias de exilados cubanos – Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante. São Paulo: Alameda, 2014.

FAVATTO JÚNIOR, Barthon; ANDRÉ, Richard Gonçalves. **A Revolução Mexicana (1910-1920)**: a prova de fogo da fotografia revolucionária. In: MOLINA, Ana Heloísa; RIBEIRO, Edméia; ANDRÉ, Richard Gonçalves. Olhares sobre a América Hispânica. Londrina: UEL, 2014.

FRANQUI, Carlos. **Retrato de família com Fidel**. Rio de Janeiro: Record, 1981

_____. **Cuba, la revolución: ¿mito o realidad?**: Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Ediciones Península, 2006.

FUENTES, Norberto. **La autobiografía de Fidel Castro**. Tomo 1. Barcelona: Ediciones Destino, 2004.

GOLDMAN, Noemí. **Legitimidad y deliberación**: el concepto de opinión pública en Iberoamérica, 1750-1850. In: SEBASTIÁN, Javier Fernández (dir.). Diccionario político y social del mundo iberoamericano. La era de las revoluciones, 1750-1850, vol. I. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2009.

GONZÁLEZ, Patricia Calvo. **La Sierra Maestra en las rotativas**: El papel de la dimensión pública en la etapa insurreccional cubana (1953-1958). Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História. Universidade de Santiago de Compostela, 2014.

GOTT, Richard. **Cuba**: Uma Nova História. Rio de Janeiro: Zahar, 2006

GUERRA, Lillian. **Heroes, Martyrs, and Political Messiah in Revolutionary Cuba, 1946-1958**. New Haven: Yale University Press, 2018.

_____. **Visions of Power in Cuba**: Revolution, Redemption, and Resistance, 1959-1971. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2014.

_____. **The Myth of José Martí**: Conflicting Nationalisms in Early Twentieth-Century Cuba. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2005

GUEVARA, Ernesto. **Revolução Cubana**: passagens da Guerra Revolucionária. São Paulo: Edições Populares, 1987.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e indícios**: morfologia e historia. Barcelona: Gedisa Editorial, 1999.

- KORDA, Alberto. **Diario de una Revolución**. Valencia: Aurelia Editorial, 2006
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Atheliê Editorial, 2001.
- LLAVERÍAS, Joaquín. **Contribución a la historia de la prensa periódica**. La Habana: Instituto de Historia, 1959.
- LORENZATO, Rodolfo. **Dossiê Fidel Castro: vida, aventura e desventuras do último grande líder revolucionário da história**. São Paulo: Universo dos Livros, 2009.
- LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- LUÍS, William. **Lunes de Revolución: literatura y cultura en los primeros años de la Revolución Cubana**. Madrid: Verbum Editorial, 2003
- MACHÍN, Ana Nuñez. **Fidel Periodista**. La Habana: Pablo Torriente Editorial, 2006.
- MADERO, Abel Sierra. **Fidel Castro, el Comandante Playboy: Sexo, Revolución y Guerra Fría**. Saint Augustine: Hypermedia, 2019.
- MARINO, Bertha Verdura. **Breve histórico da imprensa em Cuba até o século XIX**. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. Vol. XXV, nº1, janeiro/junho de 2002.
- MÁO JÚNIOR, José Rodrigues. **A Revolução Cubana e a Questão Nacional (1868-1963)**. São Paulo: NEC, 2007.
- MARRERO, Juan. **Dos siglos de periodismo en Cuba**. La Habana: Pablo Torriente Editorial, 1999.
- MENCÍA, Mario. **A Prisão Fecunda**. La Habana: Política, 1982.
- MISKULIN, Silvia César. **Cultura Ilhada: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)**. São Paulo: Xamã, 2003.
- _____. **A Revolução Cubana: Conquistas e Desafios na História das Américas**. In: BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio (Org.). *As Revoluções Contemporâneas Paradigmáticas*. Maringá: UEM/PPG-História, 2016.
- MORELL OTERO, Grethel. **Absolut Revolution: Revisitando la imagen cubana de los años 60 (1959-1969)**. In: *Discursos Fotográficos, Londrina*, v5, n.7, p. 57-76, jul./dez. 2009.

MOYANO, Miguel de Aguilera et al. **El poder de la comunicación en Cuba**. Análisis crítico de los discursos de Fidel Castro sobre periodismo y comunicación, entre los años 1959-2008. Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación, nº 139, diciembre 2018 - marzo 2019, p. 133-152.

NAVARRO, José Cantón. **Storia di Cuba**. La Sfida tra il Giogo e la Stella. La Habana: Si-Mar, 2003.

OLTUSKI, Enrique. **Vida Clandestina: My Life in the Cuban Revolution**. New Jersey: Willey Publishers, 2002.

PADRÓN, José Luis; BETANCOUR, Luis Adrián. **Batista: últimos días en el poder**. La Habana: Ediciones Unión, 2008.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a História**. São Paulo: Autêntica, 2008.

RAMONET, Ignacio. **Biografía a dos voces**. Barcelona: Random House Mondadori, 2006.

SADER, Emir. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Moderna, 1985.

SILVA, Antônio Ozai da. **Fotografia e Ensino de Sociologia**. Revista Espaço Acadêmico, n. 190, março/2017, p. 41-51.

SILVA, Marcos Antônio da. **Revolução, fotografia e construção narrativa: uma introdução a “Épica Revolucionária Cubana”**. Rebelar: Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos, v. 8, n. 2, 2018, p. 247-270.

SMITH, Earl. **The Fourth Floor: An Account of the Castro Communist Revolution**. New York: Random House, 1962.

SOUSA, Fabio da Silva. **El Machete e A Classe Operária: a imprensa comunista mexicana e brasileira (1920-1940)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.

STABLE, Mariféli Pérez. **La revolución cubana: orígenes, desarrollo y legado**. Lisboa: Colibrí, 1998.

SWEIG, Julia. **Inside the Cuban Revolution: Fidel Castro and the urban underground**. Cambridge: Harvard University Press, 2004.

SZULC, Tad. **Fidel: um retrato crítico**. Rio de Janeiro: Best-Seller, 1987.

TEIXEIRA, Rafael Saddi. **O ascetismo revolucionário do Movimento 26 de Julho: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana (1952 a 1958)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

THOMAS, Hugh. **Cuba: la lucha por la libertad, 1762-1970**. Ciudad de México: Grijalbo, 1974.

VILCHES, Lorenzo. **La lectura de la imagen: prensa, cine, televisión**. Barcelona: Paidós, 1997.

VILLAÇA, Mariana Martins. **Cinema Cubano: Revolução e Política Cultural**. São Paulo: Alameda, 2010.

YOUSSEF, A. E. **Haitianismo em perspectiva comparativa: Brasil e Cuba (sécs. XVIII-XIX)**. In: Anais do IV Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Curitiba: UFPR, 2009.